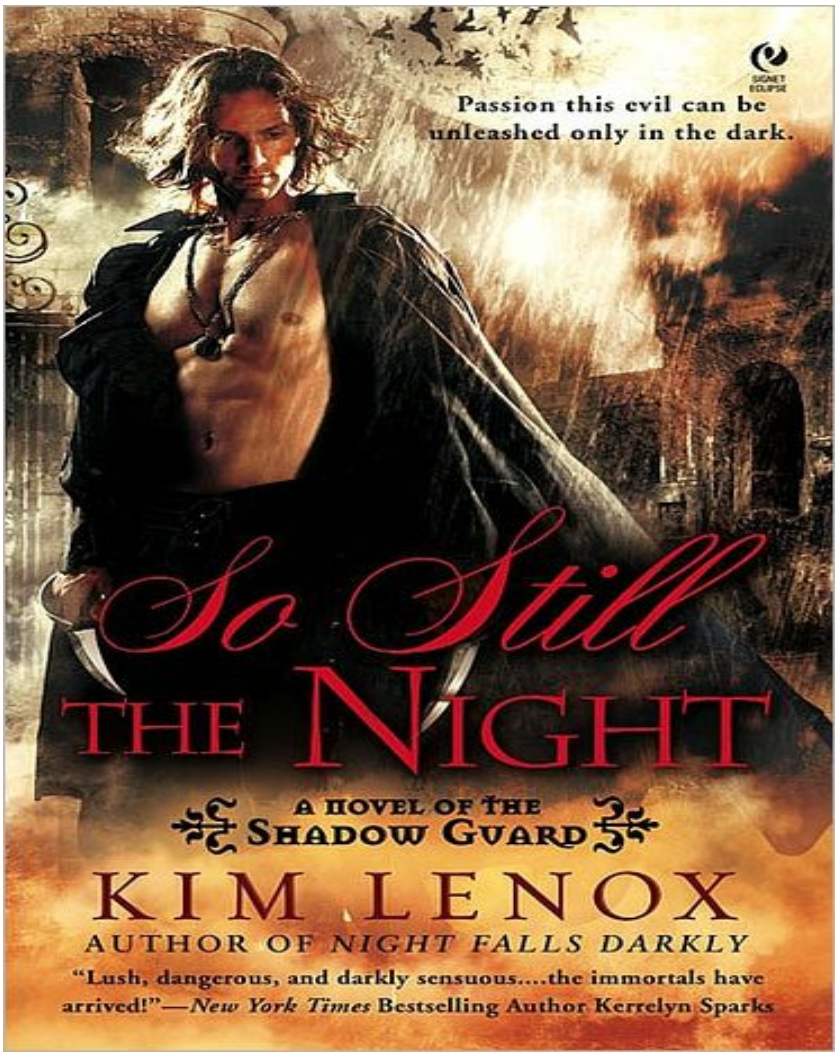
Kim Lenox - Shadow Guard - 02

Esperando a noite



Envio e Tradução: Soryu

Equipe de Revisão Inicial: Soo Jeong, Lukita, Beth M, Suely, Gey

Revisão Final: Virginia

Leitura Final: Silvia Helena

Formatação: Gabriela R.

Resumo:

Marcus Helios era um Guardião das Sombras até que um ato imprudente mudou tudo, levando-o à beira da loucura. Sua esperança de salvação está em um pergaminho que ele acredita estar em posse de uma beleza enigmática chamada Mina. E ela não está disposta a entregá-lo para um total estranho.

Porém mais alguém tem planos sobre o mistério dos manuscritos e sobre Marcus. Ela é a noiva abandonada de Jack, o Estripador, cujo os segredos obscuros vão desafiar os poderes de todos em seu alcance.



Informações Sobre a Série:

1 - A Noite Chega Perigosamente – Distribuído

2 – Esperando a noite – Distribuído

3 - Darker Than Night - Traduzindo

Prólogo

- Encontraram-nos. - O professor Limpett entrou na barraca. Cristais gelados brilhavam em sua barba grisalha. Neve se espalhava pelas fendas de seu traje de lã e nos ombros de sua capa grossa.

Mina levantou os olhos do livro, onde à luz de uma lanterna de azeite, registrava as coordenadas de seu acampamento, como sempre a instruía o tenente Maskelyne, o guia britânico. As luvas que usava dificultavam segurar à pena enquanto a pequena cozinha próxima a ela irradiava uma quantidade agradável de calor, estava tão fortemente abrigada em camadas de roupas de lã que mal conseguia dobrar um cotovelo. O vento maltratava a tenda por todos os lados. As paredes de lona haviam arrebentado e as cordas rangiam.

- Temos visitas? - Perguntou ela. Possivelmente um dos chefes locais estava se aproximando do acampamento. Tal coisa era um fato muito comum na expedição enquanto viajavam pela Índia e do Tibete para o Himalaia. - Devo preparar chá? - Umas quantas folhas de chá e a metade de uma lata de bolacha congelada era tudo o que tinham para oferecer como forma de hospitalidade.

Duas noites antes, na mesma noite em que haviam deixado o templo localizado ao lado da montanha, um dos sherpas[1] contratados havia desaparecido do acampamento, só para ser descoberto na manhã seguinte, ensanguentado, espancado e morto na parte inferior de uma greta. O evento levou o acampamento ao caos.

[1] Etnia da região mais montanhosa do Nepal, no Himalaia. Na língua xerpa, shyar significa 'leste' e pa significa 'povo' shyarpa ou xerpa. Tradicionalmente, vivem nas zonas montanhosas situadas na zona oriental do Nepal e ganham a vida não só como guias e carregadores, mas também como comerciantes fazendeiros e agricultores.

Medo da névoa e de sombras sussurrantes que se moviam, havia percorrido as fileiras do grupo de carregadores bengalis[2].

Mas o pior chegou nessa manhã, quando os viajantes ingleses despertaram para a realidade de um motim. Mais da metade dos bengalis desapareceram durante a noite, junto com a maioria das provisões do acampamento e dos animais de carga. O tenente Maskelyne enviou imediatamente um pedido a Yangpoong por fornecimentos substitutos. Por não poderem continuar a viagem de volta a Calcutá até que os suprimentos necessários chegassem, a expedição não poderia fazer nada mais do que esperar, com um número reduzido de pessoas nervosas, devido aos acontecimentos dos dias anteriores. Apesar de Mina não dizer em voz alta suas suspeitas, era quase como se uma maldição tivesse descido sobre a expedição depois que seus membros tomaram posse dos antigos rolos de marfim dos monges tibetanos. O som de gongos do templo ainda ressoava na cabeça de Mina. Em vez de responder à sua pergunta, seu pai segurou a cortina que separava seus quartos e a colocou de lado. Inclinou-se sobre sua cama de madeira e pôs a mão debaixo do travesseiro.

- Eu a coloquei em um perigo terrível ao permitir que viesse a esta viagem comigo.

Mina lentamente pôs o livro de lado e se obrigou a manter um leve tom de voz.

- Não, não, pai. Essas coisas acontecem. Lembra o momento em que em Gangtok nossos cavalos foram roubados e ficamos parados durante quase uma semana? - Ela esfregou as mãos enluvadas. - Nossos fornecimentos chegarão amanhã ou talvez um dia depois, e continuaremos nossa descida como estava previsto.

[2] Grupo étnico de Bengala (território entre a Índia e Bangladesh), no subcontinente indiano.

- Não estou falando de suprimentos. - Quando se virou, sustentava uma pistola. - Quero dizer que nos encontraram.

Seu olhar se fixou na arma. Um calafrio que nada tinha haver com a temperatura percorreu sua espinha. - Pai, me diga quem. Quem nos encontrou?

O professor vinha se comportando estranhamente durante meses, desde que foi acusado pelo Museu Britânico de inapropriadamente se apossar de umas peças do museu. Seus superiores o obrigaram a renunciar ao seu cargo como acadêmico de idiomas, e ela se perguntou novamente se a tensão dos acontecimentos o empurrou a uma crise emocional, já que desde aquela época suas palavras e ações se viram marcadas pela paranóia. Confiando que ela manteria sigilo, contou sobre uma sociedade secreta de homens que, como ele, queriam descobrir os segredos da imortalidade, mas para fins escusos e maus. Ele percebeu que os homens fariam qualquer coisa para ter o controle dos dois antigos pergaminhos acadianos, dos rolos que atualmente mantinha em um estojo fechado com chave debaixo da cama, e que somente há poucos dias conseguiu reuni-los com os rolos originais.

Lamentavelmente, Mina não sabia se os homens perigosos eram reais ou se “a sociedade secreta” era uma criação de sua envelhecida e deteriorada mente.

O professor foi até ela, movendo a arma com seu cano apontando para o piso atapetado.

- Prometa-me que carregará isso com você o todo o tempo.

- Papai! - Ela se levantou da cadeira e colocou suas mãos nas costas, negando-se a aceitar a arma.

- Pegue.

- Não.

- Faça o que estou dizendo. - Um tom afiado apareceu em sua voz desesperada.

- Diga-me o que aconteceu - Exigiu ela. - O senhor os viu? Estão aqui no acampamento? Pode me dizer quem são eles?

Seus lábios se apertaram firmemente e suas fossas nasais se abriram, enganchando os dedos em seu cinto e encaixando a arma dentro da correia de couro larga. Respirando forte, ele pegou seu rosto entre as mãos nuas e emocionado, beijou-a na bochecha.

Retrocedendo, sussurrou.

- Você tem que voltar para Calcutá.

Seu alarme cresceu.

- E para onde você vai, papai?

Ele apertou seus ombros, mas evitou olhá-la nos olhos.

- Temos que nos separar. É a única maneira.

Ela sacudiu a cabeça.

- Não.

Ele se afastou dela.

- Voltará para a Inglaterra. Para Londres. Seu tio gostará de ficar perto de você por algum tempo. Deve dizer a todos que estou morto.

- Morto? - Ela ficou chocada.

- Sim, que eu morri aqui nessa montanha no Nepal.

Suas palavras soaram em seus ouvidos, e ainda assim, não conseguia acreditar no que realmente ele havia falado.

- Está falando tolices, papai. - Sussurrou. - É uma loucura.

Ele colocou uma mochila nos pés da cama e falou sobre seu ombro.

- Esse pobre Sherpa, querida. . . Sua morte não foi um acidente. Suas feridas eram tão horríveis, que não poderiam ter sido por causa da queda. Mataram-no como uma advertência para mim. Não deixarei que a mesma violência recaia sobre você. - Exalou entrecortadamente. - Enterre-me Willomina, ao lado de sua querida mãe. Certifique-se de que todo mundo saiba. - Retirou um pedaço amassado de papel do bolso de sua calça. - Este é o nome de um homem em Calcutá que a ajudará com os papéis necessários e... Com todo o resto.

Ela olhou o papel como se fosse uma aranha grande e perigosa. Ele chegou junto a ela e o colocou sobre a mesa.

- Este deve ser nosso adeus.

Estava dizendo a verdade? E se o Sherpa foi assassinado por esses homens nunca antes foram vistos ou seu pai tinha perdido a cabeça? No final, não importava realmente.

- Eu não vou - sussurrou ela. - Não o deixarei, e o senhor não me deixará. Ficaremos juntos, aconteça o que acontecer.

Seu pai congelou.

- Papai - implorou ela. – Olhe para mim.

Com os ombros rígidos, ele pegou sua manta de lã dobrada e a colocou na mochila. De joelhos, agarrou a estreita caixa que continha os rolos. Também empurrou para dentro.

- Então, isso é tudo? - Lágrimas ardiam em seus olhos. - Não me dirá mais nada? - Ela retrocedeu para a entrada da tenda. - Então não me deixa outra opção. Tenho que chamar o tenente Maskelyne .

Seu pai alcançou um diário encadernado em couro e uma lata circular de pó dental.

Mina pegou seu casaco do cabide de madeira e o acariciou sentindo o tecido pesado. O frio ar gelado encheu seus pulmões. Um grupo de bengalis de rostos solenes levantaram os olhos de onde estavam agachados, ao redor de uma fogueira ardente esquentando as mãos. Sobre o acampamento, as montanhas se elevavam no crepúsculo cor púrpura, em uma densa camada de nuvens. Mina empurrou seus braços nas mangas do casaco e amarrou o cinto na cintura. Suas botas batiam na lama enquanto caminhava através dos flocos de neve que caiam e do labirinto de tendas de lona. Um peito robusto apareceu na frente dela. Grandes mãos se fecharam em seus braços.

Debaixo de uma boina de pele escura, a mandíbula quadrada do tenente Maskelyne estava baixa.

- Mina, você parece angustiada - Seu fôlego formou uma pequena nuvem, vaporosa. - O que está acontecendo?

- Por favor, tem que falar com ele - ela engoliu as lágrimas e acenou com a cabeça sobre o ombro. O vento embaraçou seu cabelo, movendo uma mecha grossa sobre sua bochecha. -Acredito que perdeu o juízo. Está dizendo todo tipo de loucuras.

- Coisas loucas? - Repetiu ele franzindo o cenho. - Como o quê?

- Que nos seguem e que a morte do sherpa não foi um acidente.

Ele apertou seus ombros e balançou a cabeça.

- Talvez seja uma simples questão de altitude. Às vezes, a altitude faz coisas estranhas com a mente de uma pessoa. Eu vou falar com ele agora mesmo.

Ela assentiu, passou por ele e caminhou em direção ao final do acampamento.

- Aonde vai? - Gritou ele atrás dela.

- Dar um passeio. - Precisava ficar sozinha, necessitava de tempo para pensar.

- Não vá muito longe. - Ele advertiu.

Seu olhar posou em um pequeno ajuntamento de pedras.

- Está bem.

Capítulo 1

- Vou empurrar você, isso é o que eu vou fazer.

Marcus ouviu as palavras através de uma pesada neblina de sono, mas não considerou que a ameaça fosse dirigida a ele. Depois de tudo, era invisível. Invencível.

Uma sombra.

-. . . Malditamente cansado de esperar por você. - A voz, masculina e com um familiar tom de brincadeira, mantinha-se atrás de uma cortina de escuridão, junto com outros sons distantes. Um agradável e excessivo rangido. Água batendo em madeira.

O rio.

Marcus sucumbiu ao abraço de veludo. Foi puxado para baixo, para as imagens fantásticas que momentaneamente deixou para trás. Sentia-se flutuar, seus braços e pernas e todo seu corpo vigoroso envolvido em um tom escarlate quente e sedutor.

Algo cravou em suas costelas. Duro.

A ira ondulou através dele como uma serpente, fazendo com que Marcus se levantasse. . . Apenas para bater em uma parede ardente de sol e som. Sua cabeça explodiu. Ouvia vozes distantes. Sua camisa de linho e calça de lã estavam molhadas e grudadas em sua pele. Cada osso de seu corpo, cada músculo e cada centímetro de pele fervia em aflição, como se despertasse de um sonho de mil anos. Como se despertasse de entre os mortos.

Seu cérebro pulsava, ameaçando estalar dentro de seu crânio. Com um baque surdo ele caiu para trás, na água suja acumulada no

centro da canoa estreita. Seus dentes bateram enquanto a canoa balançava sobre as altas e agitadas ondas.

Marcus se virou de lado, gemendo, e apertou os punhos em seus olhos, muito fraco para se importar com que a água marrom do rio lambesse sua bochecha.

- Inferno - resmungou asperamente. As cordas vocais ardiam e uma dor vinha do fundo do peito.

- Não, senhor Alexander - corrigiu a voz com alegria. - Não é o inferno. É somente Londres.

Através das pálpebras entreabertas, Marcus fulminou o indivíduo que estava prestes a se tornar um desafortunado, pois o forçou a este estado insuportável de consciência. Um cavalheiro grisalho de bigode, usando calça verde, com imaculada camisa branca e um colete negro raiado de verde, sorria de sua posição na proa da canoa de madeira. Uma faixa preta estreita cruzava sua testa, sustentando um tapa-olho negro. O homem riu, levantando um gancho de ferro, e alevantou a ponta para Marcus.

- Cutuque-me com essa coisa de novo, Leeson, e eu o matarei. - Grunhiu ele.

O imortal soltou uma gargalhada e acomodou o gancho em seus joelhos.

- Minhas desculpas, vossa senhoria. Só queria saber se continuava dormindo. Estou esperando um bom tempo para que desperte. Desde Tilbury, pelo menos.

Marcus se levantou em um cotovelo. Plantando os saltos de suas botas contra o centro do casco, arrastou-se alguns centímetros para trás até encostar seus ombros contra um banco de madeira atrás dele. Deus doía-lhe tudo. Através dos olhos vermelhos ardentes viu uma cena

familiar, o cais e os armazéns das docas de Londres, com um enxame de operários e marinheiros, e ao oeste, pontudos contornos da torre do relógio e o Parlamento. Uma barcaça de carga enorme passava pesadamente. A seu passo fez com que os remos do barco fizessem um movimento de balanço outra vez. Marcus agarrou a borda de madeira.

- Como diabos foi que terminei aqui?

- Não posso dizer que conheço a resposta senhor - respondeu Leeson. - A última coisa que soube, é que estava fora do outro lado do mundo em busca desse professor e de seus pergaminhos.

Os Imortais não podiam ler os pensamentos do outro, mas eram capazes de comunicar-se em silêncio. Marcus lembrou a si mesmo não falar de tal maneira silenciosa na companhia de Leeson se não quisesse que ouvisse. Na intimidade de sua mente recém-fechada, tentou reconstruir suas lembranças. A última coisa que conseguia recordar era ter ancorado na baía de Bengala, preparando-se para ir a terra em busca da expedição do professor Limpett, quando uma densa névoa baixa veio do mar.

Mas Londres? Londres era o último lugar em que desejava encontrar-se, se quisesse continuar vivo. Procurou no bolso de sua camisa e retirou os óculos escuros, a armação estava irremediavelmente torcida. Com mãos tremulas, ajustou sobre seu rosto. Felizmente, atenuavam o brilho da luz do dia resplandecente. Deus como estava quente. Suas roupas, o ar, o calor, sufocavam-no.

- O clima devastador de fevereiro. - Murmurou.

- Ah, em fevereiro é realmente quente, senhor - concordou Leeson brandamente. - Mas estamos em maio. Vinte e nove de maio de 1889.

Um choque transpassou Marcus, entorpecendo e causando formigando em seus lábios e ao longo de seu couro cabeludo. Tudo ao seu redor, a temperatura do ar, a luz do sol e a atividade confirmavam

que a afirmação de Leeson era verdadeira. Três meses de tempo perdido. Apesar de manter seus pensamentos íntimos para si mesmo, suas feições revelaram seu choque por haver-se contraído ou mesmo empalidecido, porque o sorriso jovial desapareceu dos lábios de Leeson.

Marcus sussurrou.

– E os Tailandeses?

Leeson inclinou a cabeça e dirigiu seu olhar acima de Marcus.

– A sua tripulação está em algum lugar por aí.

Marcus se moveu, retrocedendo enquanto uma onda de calor rompia ao longo de seus músculos, e se virou para olhar ao redor. Uma generosa extensão de corda deslizava sobre a água, era usada para subir à proa das novecentas toneladas do barco a vapor, que se encontrava à deriva, preocupantemente sem sua tripulação tailandesa. Reunindo as forças, Marcus sentou-se sobre o banco de madeira e pescou a corda da água.

Leeson se moveu, sempre ágil.

- Permita-me fazer isso, vossa senhoria.

Marcus ignorou-o, puxando a corda, diminuindo a distância entre as duas embarcações. Seus músculos rugiram para a vida, despertados pelo uso e pela tensão. Três meses. Três malditos meses. As implicações eram assombrosas. Ele manobrou por baixo da corda pendurada da escada.

Agarrando os lados, enganchou sua encharcada bota no degrau mais baixo.

- Foi Black quem o enviou? - Exigiu.

Atrás dele, a canoa balançou enquanto Leeson se sentava no banquinho.

Respondeu em voz baixa.

- Eu permaneço a seu serviço.

- Mas ele ainda não retornou para este lado?

- Não, senhor... - A voz de Leeson se apagou. Olhou ao longe. - Mas quero pensar que voltará em breve.

Balançando-se contra o casco, Marcus subiu até chegar ao corrimão de madeira polida.

Destrancando a porta, apertou os dentes e subiu ao convés. Depois, Leeson se equilibrou e chegou à escada.

Marcus olhou para baixo.

- Não se preocupe velho.

Em termos práticos, não precisava de Leeson ou de qualquer outra assistência, para navegar com o barco a vapor, embora preferisse manter os tailandeses como tripulantes somente pela aparência.

Leeson estava desqualificado com relação à sua fidelidade. Sua lealdade pertencia a Archer, Lorde Black, o antigo mentor de Marcus dentro da Guarda das Sombras Imortais. Black era também o Recuperador que provavelmente seria enviado pelo Conselho dos Primitivos para matar Marcus.

Ele apontou para Leeson.

- Basta dizer que eu estarei pronto para ele.

Deixando cair o maciço peso da corda no convés, Marcus girou sobre seus calcanhares e despiu a camisa. Fervia de descontentamento. Só Deus sabia onde estaria o professor agora. Poderia retornar diretamente para o mar aberto e começar a caça de novo, mas precisava recuperar seu foco e reabastecer. Fechando os olhos, pensou no leme

do barco. O barco respondeu lentamente alterando seu curso ao longo da linha oeste.

Ele fez uma pausa, com a mão suspensa sobre os botões de sua calça. Através de uma abertura de vidro viu o interior da cabine. Os quadros pendurados nas paredes estavam em ângulos estranhos.

Elegantes cortinas estavam rasgadas em tiras. Os armários foram derrubados e abertos, com seu conteúdo espalhado por toda parte. Tudo o que não estava preso encontrava-se totalmente revirado, como se o barco tivesse navegado através de um tufão. Entretanto, um alívio cauteloso o percorreu. Não havia corpos, nem sangue, nem rastros da tripulação mortal. Orou para que estivessem vivos em alguma parte, e que seus assassinatos por sua mão ou de outra maneira não estivessem ocultos na escuridão profunda de sua mente.

Poderia estar perdendo a sanidade pouco a pouco, mas não era idiota. Ainda não, de qualquer maneira. Estava claro que foi arrastado pelo mar para Londres e nesse tempo para um propósito específico.

Mas por quem? Até recentemente, por ele ser um membro de elite da Guarda das Sombras, cada movimento de Marcus havia sido governado pelo Conselho dos Primitivos.

De sua fortaleza no Reino Interior, que existia em um plano paralelo ao da população mortal da Terra, os três Anciões, Aitha, Hydros e Khaos, enviavam guardas a todos os cantos do planeta com o propósito de proteger os interesses da raça Amaranthine. A mais importante das responsabilidades da Guarda era a de caçar, ou de Recuperar as almas mais perigosas da humanidade, almas tão moralmente corruptas que alcançavam um estado poderoso e sobrenatural conhecido como Transição. Tais almas muito depravadas eram capazes de cruzar para o mundo Interior e causar a destruição e a morte dos seres imortais. Jack, o Estripador havia sido uma dessas almas.

Foi durante a caça a Jack, que não apenas ultrapassou, mas também rapidamente se converteu em uma força incomparável de maldade conhecida como brotoi, depois de ter sido convocado pela escuridão antiga Tântalos, que o destino imortal de Mark tomou um rumo perigoso, embora por sua própria decisão.

Marcus Hélios, o filho imortal de Cleópatra e seu amante do triunvirato romano, Marco Antonio, lutou durante séculos para se libertar da herança trágica da paixão e da morte de seus pais. Decidido a definir a si mesmo por sua história, por suas vitórias, realizou um ato audaz de heroísmo e cruzou o estado de Transição. Seu auto-sacrifício nivelou o campo de jogo da Guarda das Sombras contra Jack, o Estripador e garantiu a Archer fazer a Recuperação do desenfreado e cruel brotoi, a quem Tântalos escolheu como mensageiro na Terra, um que despertaria a um adormecido exército brotoi, e ajudaria na libertação de Tântalos de sua prisão no Tártaro.

Não, ele não foi o primeiro da Guarda das Sombras em oferecer-se a Transcender para assegurar a derrota de um poderoso adversário, mas não queria seguir o mesmo caminho que os outros que o precederam, quer dizer, o desterro da Guarda, a loucura e a eventual morte final com sua captura e execução. Os Primitivos, depois de tudo, não permitiriam tão perigosa ameaça ao Reino Interior, sacrificando-se sem controle, valente ou não.

Marcus só tinha uma pequena janela de tempo para salvar sua existência imortal e recuperar seu lugar entre a Guarda, uma façanha que asseguraria seu nome como uma lenda sem precedentes na história dos Imortais. Essa janela ficava menor com cada pulsação e cada respiração que passava.

Às vezes, vozes sussurrantes o convidavam a sucumbir, mas até agora permanecia forte e se mantinha atrás de uma grossa parede de mutação dentro de sua cabeça.

Ah, mas sua maldita sorte tinha explodido. Havia perdido três meses de tempo precioso. A traiçoeira loucura em seu interior estaria atrasada ou teria se tornado mais poderosa? Mais poderosa que sua força para contê-la? Nos próximos dias saberia.

- Eles estão aqui em Londres, sabe.

A voz de Leeson ecoou em sua cabeça.

- Os que procuram.

Um objeto foi jogado e caiu no chão ao lado de sua bota. Um jornal, enrolado como um cilindro. Marcus se inclinou, pegando o pacote com a mão. Tirando o cordão, desenrolou o papel, que foi dobrado para mostrar a página dos obituários. Um anúncio estava com um círculo de tinta preto.

"*William Demerest Limpett, professor de Antigos Idiomas e História.*

Nascido em: Egremont, Cheshire

Morto: 12 de fevereiro de 1889, Kolkata

"Enterro: Cemitério de Highgate, na quinta-feira, 30 de maio às 18hs."

Marcus voltou para o convés e olhou para baixo. Na sombra da embarcação, a canoa vazia balançava sobre as ondas.

- Não vai me agradecer? - Disse uma voz ao lado ele.

Marcus cerrou os dentes.

- Por que faz isto? Em caso de que tenha esquecido, sou um pária. Um banido. Estou perdendo pouco a pouco minha mente. Maldição. Quem sabe quando estarei babando e arrancarei sua cabeça?

Leeson riu entre os dentes.

- Você vai se recuperar. Já superou tantas coisas antes. - Encolheu os ombros. - Você tomou sua decisão por razões nobres. Para salvar os outros. Para salvar Archer e a senhorita Elena. Estou em dívida com você por isso.

Marcus fez uma careta de dor com o panorama cor de rosa, inexato que ele havia pintado.

- Vamos ser francos um com o outro Leeson, ou é melhor sair agora e não voltar mais. Que instruções você recebeu dos Primitivos, ou de Archer com respeito a mim?

Uma longa pausa dominou o espaço entre eles.

Finalmente Leeson disse.

- Não recebi instruções do Reino Interior. Não no que se refere a você ou a qualquer outra coisa.

Os olhos de Marcus se estreitaram. O propósito da existência de Leeson, como secretário de Lorde Black, era a comunicação. Era o homem com as respostas, que transmitia informação pertinente ao Reino Interior.

- Por que diabos não recebeu as ordens?

A resposta de Leeson saiu.

- Porque os portais estão fechados.

- O que quer dizer com estão fechados? Todos?

Leeson assentiu lentamente.

- Por quanto tempo? - Exigiu Marcus.

O pequeno homem vacilou.

Marcus cuspiu.

- Como eu já disse, ou me diz tudo ou vai embora.

Leeson disparou.

- Desde pouco depois que sua senhoria passou com a senhorita Elena. Recebemos a notícia de que sobreviveu a transição e logo. . . Nada.

Nunca na história da terra as portas permaneceram fechadas por mais de alguns dias.

Talvez tenham uma alma particularmente desagradável Transcendida solta. As portas eram fechadas com a finalidade de proteger o Reino Interior, mas uma vez que a alma deteriorada era Reclamada com êxito e enviada para a prisão eterna junto a Tântalos, os portais voltavam a abrir.

- Por que estão fechados durante tanto tempo?

Seu companheiro falou abertamente.

- Pelos informes que ouvi deste lado, há uma proliferação de almas deterioradas com sintomas particulares de brotoisismo. Parecem que estão se organizando. Nossa Guarda das Sombras, em todos os lugares do mundo têm as mãos cheias.

- Entretanto, a Guarda tem sido capaz de contê-los?

Leeson assentiu.

- Mas suponho que as portas permanecerão seladas até que se determine o que está acontecendo por aqui, embora sejam somente rumores de uma rebelião em grande escala. É um feio canalha, esse Tântalos. Espero que seja aniquilado e lhe recordem quem está no comando. - Apertou os punhos, mas sua atenção retornou rapidamente para Marcus. - Não há mais nada a dizer senhor, sem ordens específicas, estou à deriva.

Marcus sugeriu sombriamente.

- Por que não se une a minha irmã? Ela está sempre em busca de alguém para dar ordens.

Leeson bufou.

- Ela não me informa de suas tarefas ou atividades, e eu não a informo das minhas. - Inflou as bochechas. - Sabia que depois que você nos deixou em outubro, ela comeu toda minha estimada coleção de romances?

Marcus não pôde evitar sorrir.

- Não!

Sua irmã tinha um fetiche estranho de devorar palavras escritas, literalmente. Apesar de ter um gosto refinado para o material comestível, quando estava zangada ou frustrada, comia qualquer coisa a seu alcance.

Leeson prosseguiu.

- Não só está perturbada por sua decisão de Transcender, mas também está furiosa por seu fracasso até o momento em Reclamar a seu assassino do Tâmisa.

O olhar de Marcus percorreu a metrópole. Meses antes, quando todos estavam envolvidos na busca do Estripador, Selene mencionou a dificuldade em caçar um assassino que desmembrava suas vítimas femininas e depositava partes de seus corpos ao redor de Londres.

Selene continuava ali, então, ainda na cidade.

- Por sua própria conta, que é o que me preocupa.

Leeson encolheu os ombros.

- Essa garota sempre foi um pouco nervosa para meu gosto, sem querer lhe ofender ou a qualquer antepassado ilustre, senhor.

- Não importa. Mas por que escolheu me ajudar? Não me surpreenderia se os Primitivos o castigassem por isso.

- Sempre fui um jogador, sua senhoria. E independentemente do que se diga, acredito que escolheu esse caminho pelas razões corretas e para salvar os outros. Aposto que vai superar. Estou orgulhoso de estar ao seu lado. . . Até. . . Até. . .- Apoiou um punho contra a cintura, e acrescentou com seriedade.

- Entende que se sua senhoria voltar com a atribuição de assassiná-lo, eu tenho que ajudá-lo.

- Certamente - respondeu Marcus secamente.

*****

Mina perdeu o pai terrivelmente, mas apesar de seus esforços, não conseguia derramar uma lágrima em seu funeral. Por outro lado, o impulso de espirrar brincava no interior de suas fossas nasais com enlouquecedora intensidade, devido ao aroma do incenso picante que nublava a pequena capela Anglicana, e pela grande quantidade de flores brancas dispersando seu perfume. Levou um lenço ao nariz.

- Ele está com Deus. - Consolou a condessa Trafford.

Sua tia Lucinda, bela como o sol, era só um ou dois anos mais velha que ela, e era a segunda esposa do tio viúvo de Mina, o distinto Lorde Trafford. A formosa jovem envolveu um magro braço ao redor dos ombros de Mina.

- Está a salvo aqui conosco agora. Não há necessidade de sentir medo nunca mais.

O perfume profundamente floral de Lucinda a envolveu. Mina assentiu, sentindo náuseas. A capela gótica. Os aromas. O ataúde. O espartilho ridiculamente apertado. Na realidade, era simplesmente demais para Mina. Ela estava se afogando em seda negra.

- Trafford. - disse a condessa, chamando o seu marido. - Traga uma cadeira. Acredito que a senhorita Limpett vai desmaiar.

Tecidos farfalharam. Vozes murmuravam baixas, com lástima. Embora o serviço real houvesse sido concluído momentos antes, Mina deixou que a acomodassem em uma poltrona. Nunca desmaiou em sua vida, nem sequer chegou perto, mas a sensação de ser mimada não era tão terrível. Relutantemente seu olhar voltou para o longo caixão de jacarandá, exibindo um bordado de veludo. A luz do candelabro refletia nas alças de prata. A tampa continuava fechada, é claro, mas os documentos atestavam a morte de seu pai em Kolkata, ocorrida cerca de três meses antes.

Teria irritado ao professor saber que nenhum de seus parceiros britânicos do Museu ou da Universidade foi apresentar seus respeitos finais, mas a verdade era que o haviam abandonado há muito tempo, inclusive antes da alegação de empréstimos indevidos.

Uma fila ordenada de convidados vestidos de negro chegou até Mina, oferecendo suas condolências, todos conhecidos de Lorde e Lady Trafford e estranhos para ela. Não duvidava de que seriam estranhos para seu pai. Depois de mais alguns momentos, seu tio a olhou, com seu nariz estreito, em forma de gancho, e ofereceu seu braço. - Você está bem, querida?

Mina assentiu e se levantou, aceitando sua companhia. Ele a levou para perto da Lucinda e de suas duas filhas, Astrid, loira e

resplandecente, inclusive em seu detestável traje de luto, abraçando a sua meiga irmã, Evangeline, terrivelmente míope, que tinha uma tendência a entrecerrar os olhos. As duas jovens separadas em idade por menos de um ano, tinham idênticas expressões de aborrecimento. Ela sabia que a responsabilizavam pela morte de seu pai, e não poderia culpá-las realmente. Elas nunca conheceram seu pai, e os procedimentos para o seu funeral interromperam as festas de sua temporada de estreia. Ela esperava que as três pudessem se tornar amigas nos dias posteriores.

Cruzando a soleira, Mina inalou profundamente o ar de final de primavera. O cemitério de Highgate se estendia em todo seu exuberante esplendor contra o lado íngreme da colina. Ao longe, anjos de pedra oravam. Cruzes, algumas cobertas de hera, elevavam-se sobre as lajes de pedra plana. Um repentino som de metal soou por trás, surpreendendo-a. Lucinda exclamou, voltando-se para olhar por cima de seu ombro. Mina fez o mesmo e observou o ataúde de seu pai baixar pouco a pouco a um enorme buraco no chão. Ela fechou os olhos, quase corroída pelo. . .

Alívio.

O caixão uma vez que baixasse ao nível inferior, seria transportado por trabalhadores do cemitério às catacumbas, onde finalmente, o caixão seria colocado atrás de uma porta de ferro com chave.

Para sempre.

Quando abriu os olhos, encontrou a condessa olhando para seu marido.

- Não poderiam ter esperado mais alguns minutos?

- Já é tarde. - Seu tio tocou a aba de sua cartola e olhou para o céu. - Estou certo de que preferem. . . Ah, enterrar o estimado William antes do anoitecer.

O estimado William.

Mina sufocou um sorriso. Se tão somente seu pai pudesse escutar o amável tratamento. Não tinha uma boa relação com o irmão mais velho de sua esposa.

Lorde Trafford tinha acreditado, como o resto da sociedade, que o erudito acadêmico estava longe do prestígio de sua irmã. Mas, por sorte, Lorde e Lady Trafford foram mais que amáveis em aceitá-la. Sem eles, ela não teria outro lugar para ir. Na busca de seu pai com tudo relacionado com a imortalidade, e suas extensas viagens, deixaram a Mina com nada menos que nenhum centavo. Lorde e Lady Trafford expressaram sua intenção de apresentá-la em sua próxima temporada, uma vez que tivesse saído do luto. No presente momento, Mina não conseguia pensar em nada melhor que desfrutar das festas, dos romances, das pilhas de vestidos e em todas as frivolidades das outras mulheres e da permanência em uma cidade, que tinham sido, até agora, negado em sua vida.

Ela assegurou.

- Está tudo bem. Por favor, não fiquem chocados em meu nome.

A capela dos dissidentes estava do outro lado da estrada. Ali também, outro funeral parecia chegar ao fim. As pessoas passavam pela porta, em um aumento repentino de negro.

Astrid ronronou baixo.

- Quem é?

O olhar de Mina pousou em um cavalheiro em particular. Não saiu com os outros enlutados. Ele estava de pé nas sombras ao lado de

uma das janelas da pequena sacada, como se esperasse alguém. Alto e de ombros largos, fechou um jornal que parecia estar lendo. Usava um chapéu alto. Óculos de lentes azuis escondiam seus olhos, mas não fez nada por ocultar sua boca de lábios sensuais ou o conjunto de sua mandíbula tensa.

- Onde? - Exigiu Evangeline, entrecerrando os olhos. - Quem?

Ao dobrar o jornal uma vez mais, ele o apertou sob o braço. Inclusive a essa distância, Mina conseguia sentir a força de seu olhar. Sua atenção parecia estar centrada intensamente. . . Incrivelmente. . . Sobre ela.

- Não é esse o senhor Alexander? - Seu tio refletiu.

- Tenho certeza de que não o conheço. - Respondeu Lucinda em voz baixa.

As bochechas da condessa se encheram de uma cor profunda e rica. É claro, Mina percebeu, o belo cavalheiro não estava olhando para ela com tal intensidade, mas para a formosa Lucinda.

- Não o havia visto em meses. - Refletiu seu tio, rindo entre dentes. - Alguns dos sócios no clube inclusive brincaram...

Ele parou bruscamente. Suas sobrancelhas se levantaram, seu sorriso desvaneceu e ficou imediatamente contrito.

- Sugerindo o que? - Lucinda perguntou, com sua voz em um sussurro estrangulado.

- Querida. - Gracejou. - Chamaram-no de Jack. . . Jack, o Estripador, que. . . Er reduziu suas atividades ao mesmo tempo em que ele desapareceu.

- Trafford. Que humor mais baixo, e em uma ocasião como esta. Deveria pedir desculpas a nossa sobrinha.

De repente, um grande bando de pássaros surgiu dos carvalhos, enchendo o ar com um assobio de folhas e asas. Chapéus e cartolas se voltaram para o barulho, enquanto todos os reunidos viam a massa escura surgir como um fantasma assustado e desaparecer nas copas das árvores. Na sequencia, Mina vagamente registrou que o bonito cavalheiro que estava de pé junto à capela havia saído. Uma decepção inesperada a atravessou.

Lucinda e as garotas se afastaram para as carruagens. Mina e seu tio as seguiram uns passos atrás, até que um senhor de idade deu um passo em seu caminho. Depois de oferecer suas condolências uma vez mais, cortesmente ele pediu para falar com Lorde Trafford sobre um cavalo.

Dispensando a conversa, Mina andou alguns passos, sabendo que esse seria seu ultimo momento de liberdade antes de ser superada uma vez mais por um mar negro e espesso. Viveu durante tanto tempo às margens da boa sociedade, que os meses restantes do respeitável luto pesavam sobre ela, como um véu denso, asfixiante.

Ficou quieta, escutando.

Alguém disse seu nome?

Voltou o rosto para a voz.

Ele, o homem a quem seu tio se referiu como senhor Alexander estava ali, bem a seu lado, alto, elegante e confiante. Seu coração deu um pequeno salto. A tarde declinava e as sombras ficavam mais longas, mas, como não conseguia vê-lo claramente? Um estremecimento sombrio a percorreu, da parte superior de sua faixa de luto como adorno em seu chapéu aos dedos do pé em seu sapato preto quadrado de couro em uma resposta muito inapropriada, dado a situação do momento, mas ninguém precisava saber.

Como seu tio, ele usava um traje sob medida, preciosamente rico, da classe que apenas os mais ricos senhores poderiam encomendar aos alfaiates da famosa Savile Row de Londres. Em algum lugar ao longo do caminho se desfez do jornal.

- Srta. Limpett? - Repetiu, aproximando-se com passos lentos.

Ela teve que impedir-se conscientemente de olhar ao seu redor para ver se havia alguma outra Srta. Limpett nas proximidades.

- Sim?

- Espero que perdoe a minha quebra do protocolo ao renunciar a uma apresentação adequada.

Sua voz era rica e cálida, suas palavras eram elegantes. Habilmente tirou o chapéu para revelar uma cabeleira loira e longa, com raias de um tom mais claro que o da lua.

- Sou...

- O Sr. Alexander. - Sussurrou.

Ela ruborizou, envergonhada, sem ter a intenção de dizer seu nome em voz alta.

Seu sorriso revelou um rastro de vaidade.

- Como sabe?

- Meu tio o reconheceu.

- Ah, sim? - Suas sobrancelhas se elevaram com bom humor. - Isso é bom. . . Ou talvez seja muito ruim. - Riu entre dentes, baixo, com um som masculino. - O tempo dirá, suponho. Entretanto, estou aqui para vê-la. - Sua expressão se voltou solene, uma vez mais. - Vi o anúncio no jornal e sabia que tinha que vir para dar os pêsames.

Ela perguntou com surpresa.

- Conhecia meu pai?

Ele estendeu a mão e tirou os óculos, um gesto que revelou os mais surpreendentes olhos azuis claros. Olheiras escuras se destacavam por cima de suas maçãs do rosto, como se não tivesse dormido o suficiente nos últimos tempos. Todavia continuava atraente.

- Me interesso por idiomas. Um interesse pessoal, de verdade. Nada do nível da experiência de seu pai.

Nesse momento, seu charme adquiriu uma dimensão diferente. - Já entendi.

- Tenho algo comigo, mas gostaria de repassar para a senhorita.

Ele tinha um jeito de falar que era muito pessoal. Íntimo, inclusive. Como se ela fosse à única pessoa no mundo, ao menos no momento. Ela lembrou a reação de Lucinda e imaginou que todas as mulheres sentiriam o mesmo quando fixava o seu olhar penetrante.

- O que é?

Ele tirou um objeto fino e retangular do bolso de sua calça, e deu a ela. Suas mãos enluvadas se tocaram brevemente, e uma onda de calor esquentou suas bochechas. Mina desceu o queixo, com o propósito de esconder-se à sombra de seu chapéu, ao mesmo tempo, observando o estojo de couro. Ela deslizou o polegar enluvado contra o pequeno fecho de ouro, e em seu interior encontrou uma fotografia de dois homens agachados lado a lado, em cima de uma laje imensa de pedra.

Ela ficou sem fôlego. Pela primeira vez desde que o ataúde de seu pai foi selado no Nepal, as lágrimas correram por sua face. A visão ficou nublada com a imagem de seu pai como um homem jovem, com seu chapéu inclinado para um lado, e seu rosto radiante de emoção. Ele

nunca perdeu esse ardor, esse entusiasmo pela aventura. Nem sequer nos momentos finais quando havia dito adeus.

Ele explicou em voz baixa.

- A fotografia foi tirada nas ruínas de...

- Petra. Sim. Reconheço o templo. Quem é esse homem com ele? - Ela questionou, levantando o retrato para dar uma olhada mais de perto. - Seu rosto está desfocado.

- Infelizmente.

- Entretanto se parece com o senhor. É o seu pai, não? - Sua senhoria inclinou a cabeça.

- Obrigada. - Sussurrou Mina. - Viajamos tanto de um lugar para outro. Por necessidade, não acumulávamos muitas coisas. Guardarei esse presente comigo.

- Fico contente. - Ele pressionou os lábios, como se refletisse sobre as palavras que seguiriam. - Srta. Limpett...

- Sim, Lorde Alexander?

- Espero não ultrapassar os limites do decoro com a escolha desse momento para abordar um tema em particular, quando a dor de sua perda ainda deve ser tão recente.

Com essa proximidade, a sua capacidade de atração dourada era quase asfixiante.

- Por favor, fale livremente.

Ele assentiu.

- Soube que os jornais publicaram antes de sua morte que o professor possuía uma extensa coleção pessoal além da que foi entregue ao museu.

Um mal-estar se arrastou até a coluna de Mina. Olhou para a fotografia, admirando os olhos entusiasmados de seu pai.

- Temo que conheça muito pouco a respeito das coleções de meu pai. - Ela fechou o estojo. - Posso fornecer o nome de seus advogados. Por favor, não hesite em contatá-los e fazer sua consulta.

Lorde Alexander continuou como se não a tivesse ouvido.

- Em particular, ele possuía dois dos mais antigos manuscritos, cópias de dois pergaminhos acadianos muito antigos com escrita cuneiforme, que já não existe mais.

Mina apertou os lábios e fechou os olhos. Se tão somente esses dois gestos combinados pudessem fazê-la desaparecer.

Ele brandamente pressionou.

- Conhece os manuscritos a que me refiro?

Seu primeiro instinto foi mentir, fingir indiferença e dizer que não sabia nada dos dois malditos pergaminhos. Nunca foi boa em contar historias.

- Eu. . . Conheço.

- Talvez agora que seu pai morreu, poderia estar disposta a se desfazer deles?

- Temo que não seja possível.

- Estou disposto a pagar generosamente por eles.

Ela tentou um sorriso educado, suave, enquanto sua mente considerava as opções para escapar rapidamente de sua companhia, um fato lamentável, mas necessário, devido a sua linha de questionamento.

- Os rolos não estão disponíveis para venda.

- Talvez já tenha vendido a coleção à outra pessoa? Ao Museu Britânico?

- Não.

Suas sobrancelhas se levantaram.

- Aos Boolak.

Mina negou. Ele se aproximou, tão perto que quase não conseguia respirar pela magnitude de sua presença.

- Ao Museu do Louvre? Deve haver um grande número de pessoas interessadas.

O espinhoso espartilho de Mina apertou incomodamente contra suas costelas, justo abaixo de seus seios. Seu coração pulsava estrondosamente.

Sua voz diminuiu, quase se convertendo em um sussurro. - Se pudesse simplesmente me dar um nome, estaria mais do que feliz em procurá-los eu mesmo.

Seus olhos. . . Eram tão penetrantes, como se vissem diretamente em seu interior. De fato, recebeu muitas ofertas. Também algumas ameaças, por isso levava uma arma enganchada desagradavelmente, na bolsa em seu pulso.

- Não posso dar nenhum nome.

Seus pensamentos ficaram confusos na sua cabeça, sem dúvida era o resultado infeliz de sua consciência atormentada. Ele irradiava um magnetismo peculiar. De repente ela se imaginou beijando-o na boca, com as mãos enredadas em seu cabelo.

Ele sorriu quase como se soubesse.

- Onde estão os manuscritos, senhorita Limpett?

Ela experimentou um desejo irresistível de confessar tudo, de contar tudo o que ele queria.

- Estão com meu pai. - Disse ela abruptamente.

O sorriso desapareceu de seus lábios.

- O que quer dizer. . . Com o seu pai?

Capítulo 2

Mina olhou fixamente para a Rua dos Mortos, onde o caminho de terra desaparecia nas sombras de um corredor de carvalhos. Àquela altura, o ataúde de seu pai tinha sido transportado pelos trabalhadores do cemitério às catacumbas.

Inclusive na penumbra, o rosto de Lorde Alexander parecia um tom mais branco.

- Não pode estar falando sério. Os pergaminhos foram... Enterrados com seu pai?

- Sim, eles foram. - Ela limpou a garganta, e se forçou a falar, embora sentisse uma corda ao redor de seu pescoço. - Eram os seus bens mais preciosos.

- Antigos papiros, que nunca foram traduzidos ou transcritos e a senhorita me diz... - Ele riu e foi um profundo som incrédulo. - Que se perderam para sempre?

Ela retorceu as mãos na alça de veludo de sua bolsa.

- Se passaram três longos meses, caso o senhor não saiba.

- Oh, isso sim é brilhante.

Ela o olhou por baixo da aba do seu chapéu.

- Suponho que gostaria de ter sua foto de volta?

Ele respondeu com um sorriso triste. O sorriso que usava, embora compungido, aparentava ser surpreendentemente genuíno, como se lhe divertisse.

- Não, senhorita Limpett, não desejo a fotografia de volta. - Enquanto dizia as palavras, ele imitou sua cadência e tom, com um

suave flerte que enviou um arrepio de prazer pelo corpo dela - Estou desiludido, é claro, mas quem sou eu para me opor aos últimos desejos de um homem moribundo? Deveria ter previsto. Olhou ao longo do cemitério, golpeando o chapéu sobre a coxa musculosa. - William sempre foi bastante excêntrico. Foi o que me falaram.

Mina assentiu. A excentricidade de seu pai foi à perdição de sua existência.

- Suponho que devo deixá-la agora, senhorita Limpett, e permitir que volte para a sua família. - Ele olhou para o chapéu.

- Obrigada por vir. - Disse ela, sentindo-se dividida entre o alívio e decepção de que seu tempo juntos tivesse terminado. - Sua presença teria significado muito para meu pai.

O canto de seus lábios se elevou, e ela vislumbrou malícia em seus olhos. Colocou o chapéu na cabeça.

- Eu gostaria de pensar que sim.

Mina o olhou enquanto se dirigia à saída, e finalmente desaparecia através do arco, em direção à estrada principal, onde filas de condutores enchiam as calçadas de Swain, à espera de pessoas para transportar do cemitério.

Seu tio se aproximou, segurando sua bengala.

- Sinto muito por abandoná-la.

- Estava desfrutando da paisagem.

Estendeu sua mão e a levou de volta para as duas carruagens alugadas especialmente para esse dia.

- Era Lorde Alexander quem conversava com você, certo?

- Sim, era.

- O que ele estava dizendo?

Seus sapatos rangeram sobre o cascalho cinza. Ao chegar à carruagem o lacaio dos Trafford, de libré preta, abriu a porta e desceu as escadas.

- Aparentemente conhecia meu pai.

- Ele? - Sua senhoria se mostrou confuso. - Jamais imaginei isso. Pergunto-me se ainda poderia alcançá-lo.

- Tenho certeza que sim. - Disse ela levantando a mão. - Acaba de passar pelo arco da entrada.

- Vá para casa com as mulheres. - O povoado de Highgate estava localizado na ladeira norte da cidade de Londres. Lorde Trafford não alugou somente as carruagens, mas também uma casa de campo com todo seu pessoal. Para maior conveniência, a família se alojou aí, perto do cemitério na noite anterior. - Por favor, transmita a sua senhoria que as encontrarei um pouco mais tarde e todos nós poderemos viajar para a cidade juntos.

Seu tio a acompanhou até o transporte e foi rapidamente em busca de Lorde Alexander.

Mina olhou dentro da carruagem. Três caras femininas, emolduradas em peles e plumas, apareceram das sombras no interior.

Entretanto a conversa com Lorde Alexander a tinha deixado inquieta, lhe recordando que havia outros, mais desconfiados e perigosos, que não seriam tão fáceis de aplacar se descobrissem a verdade. Uma repentina brisa roçou sua nuca e ela estremeceu apesar do calor da noite.

De algum jeito não se atrevia a subir as escadas para unir-se às demais. O cemitério a chamava, como um guardião de segredos.

De seus segredos.

Como poderia comer, como poderia dormir, até que fosse seguro?

Cruzando Swain Lane, escondido dentro de um pequeno bosque, Marcus fechou seus olhos com a primeira poderosa corrente, uma onda de calor. Grunhiu no fundo de sua garganta, com a alteração de cada osso, de cada uma de suas células e nervos para desvanecer-se... Para converter-se em nada. Para se tornar invisível.

Transformado em sombra, emergiu, amaldiçoando baixo, através da estrada para virar entre as carruagens, voltando por onde tinha vindo, permitiu-se um prazer ilícito. Ele roçou a senhorita Limpett, enroscando-se nela por trás. Inalou seu delicioso aroma de flor de laranjeira, mas, além disso, ela exalava uma essência singular, distinguindo-a como única ao redor de todas as outras. Ele sorriu satisfeito, quando ela levantou a mão enluvada para tocar a pele nua de seu pescoço em um inconsciente reconhecimento de sua presença.

Ele a tinha visto antes, inclusive conversado com ela, embora ela não soubesse, por que na ocasião ele assumiu um rosto e uma estatura diferente. Portanto, ele já considerava sua beleza cativante e sensual. E a encontrava ainda mais atraente agora. Encantadora, deliciosa. Mas ele não tinha tempo para brincar.

Chegando à capela reduziu-se há algo muito fino como uma navalha de barbear e deslizou por baixo da porta fechada. Vangloriava-se de sua invisibilidade, de sua velocidade extraordinária quando se movia e de sua maior precisão de pensamento. Mal conseguia esperar alguns momentos, quando pudesse finalmente ter em sua posse o conhecimento necessário para reverter à deterioração de sua mente e alma. Na passagem aberta no piso, desceu em espiral através do cadafalso hidráulico que conduziu o ataúde do professor, e facilmente seguiu persistentemente o caminho de dois trabalhadores do cemitério. Seguiu-os pelo túnel escuro sob a Rua Swain para o lado oriental, mas

desviando-se para uma luz pálida, através da desordem densa dos monumentos do cemitério.

Reduziu a velocidade apenas quando chegou ao terreno escuro das catacumbas cortado profundamente na terra debaixo da igreja de San Miguel.

Mina se afastou um pouco da carruagem.

- Por favor, sua senhoria, pode ir sem mim.

- Ir? – Lady Trafford arregalou os olhos azuis. – O que quer dizer, senhorita Limpett?

- Eu... – Mina engoliu. Nunca foi boa atuando. – Só necessito um pouco mais de tempo com meu pai. – A plácida expressão de Lucinda desapareceu, mas rapidamente mascarou sua impaciência com uma inclinação favorável de cabeça e um sorriso.

- É claro. Astrid, Evangelina, podem acompanhar sua prima. – Um coro de negativas petulantes soou de dentro. Mina levantou uma mão.

- Não, por favor. Quero ficar sozinha. Caminharei de volta para casa quando tiver terminado. Não é longe.

- Não seja ridícula, há ciganos acampados do outro lado da estrada. – Sua senhoria olhou para o céu, e tocou com sua mão enluvada o cordão de cetim de seu pescoço. – E está ficando tarde. O cemitério fecha ao anoitecer.

- Se continuarmos aqui por mais tempo, serei eu a próxima a terminar aqui. – Murmurou Astrid em tom severo.

- Estou de acordo. – Disse Evangeline.

- Por favor. – Mina levou seu lenço até o nariz e soprou, colocando em prática as lições de interpretação que tinha aprendido com suas

primas em dias recentes. Sussurrou – Simplesmente não estou pronta para me separar dele ainda.

- Oh, querida não chore. – Declarou sua tia, apertando as mãos enluvadas. – Muito bem. Deixaremos o segundo condutor para que espere por você. Por favor, não demore muito. Lembre-se, retornaremos para a casa em Mayfair essa noite, e em nossa carruagem, já que essas devem voltar para o estábulo local nessa noite. – Tirou um relógio de sua bolsa e suspirou. – Temos muitos compromissos amanhã. Decidiremos sobre a comida e a floricultura para o jardim para a minha festa na próxima semana. Não queremos estar esgotadas pela manhã.

Pouco tempo depois, a carruagem rodava sobre a Rua Swain. Mina seguiu pelo atalho das sombras das árvores. Sabia o caminho porque o percorreu no dia anterior, quando seu tio lhe tinha mostrado onde seria sepultado o ataúde de seu pai. O sol estava brilhando alto no céu e o cemitério estava vivo, cheio de visitantes. Agora, sendo quase noite as sombras penetravam pela terra junto a baixas e crespas mechas de neblina amarela.

Só o som de seus sapatos no sujo caminho e o furtivo barulho das aves e de outras criaturas invisíveis nas árvores rompia o silêncio. Um triste anjo de pedra apareceu à distância com as palmas das mãos abertas. Seu pulso saltou, mas ela o acalmou afirmando que seus medos eram irracionais e que seus temores cessariam, uma vez que estivesse confirmada a segurança do ataúde de seu pai.

Nas portas de ferro abertas da Avenida Egito, Mina vacilou. Enormes colunas e obeliscos se repartiam a cada lado do arco de entrada, como um portal de um templo antigo. Um denso véu de trepadeiras desabava do alto e mais além... Apenas havia sombras.

Seu primeiro instinto foi voltar o mais rápido que seus pés pudessem levá-la até a carruagem, e a toda a parafernália de segurança, normalidade e prudência.

Respirou profundamente e passou pelo caminho de criptas alinhadas, emergindo rapidamente na Avenida Líbano, onde se levantavam duas fileiras de mausoléus talhados em cedro.

Embora os Trafford tivessem um terreno central na cripta onde se enterravam os membros com título, o ataúde de seu pai seria colocado junto ao de sua mãe em um terreno mais afastado e menos nobre das catacumbas. Mina agarrou sua saia e desceu os degraus de pedra.

Uma forte brisa moveu os ramos ao redor, enchendo o círculo com um coro de sussurros ininteligíveis. Ela se virou, examinando em volta, com a certeza de que o som procedia dos murmúrios das árvores. Os murmúrios se acalmaram. E em seu lugar veio um repetitivo e chocante tinido de metal contra metal.

Chink. Chink. Chink.

A suspeita e o medo apertaram sua garganta, e mais profundamente em seu peito, mas ela engoliu. Os sons que escutava eram como os produzidos pelos trabalhadores do cemitério fazendo o último trabalho do dia.

Chink. Chink.

Seus lábios latejaram onde mordeu um pouco a carne. Que tarefa poderia necessitar desses golpes repetitivos e insistentes? Com cautela, aproximou-se das catacumbas, onde o ataúde de seu pai foi depositado. A porta de metal apareceu com uma pequena abertura quadrada marcada com barras de ferro.

Sons de pés que se arrastavam vinham de dentro.

Chink.

O temor de que seu segredo pudesse ser descoberto superava qualquer medo do que poderia estar no interior fazendo aquele barulho. Ela ficou na ponta dos pés e agarrou a porta aberta. Na escuridão,

percebeu a tênue silhueta de numerosos ataúdes, empilhados nas prateleiras e cobertos de pó. As flores que ela arrumou no dia anterior sobre o ataúde de sua mãe estavam esparramadas no chão.

Uma sombra se moveu.

- Você aí. – Chamou ela.

A sombra se fundiu com a escuridão, fazendo-a se perguntar se tinha visto algo ou não foi nada.

Deixou a porta e agarrou a grossa maçaneta de metal. Girou mas foi em vão. A porta estava fechada. Ela viu algo. Escutou algo também. Madeira estilhaçando-se.

Ela se virou, correndo até a entrada, procurando qualquer trabalhador, ou visitante, a quem pudesse gritar sua acusação de profanação. Não viu ninguém. O vento levantou suas saias. Os murmúrios voltaram, enchendo seus ouvidos. Outra vez ela se voltou para a porta, pressionando a ponta de seus dedos contra a boca, suprimindo a urgência de gritar. Sem outro recurso, abriu sua bolsa e tirou sua pistola.

- Eu estou avisando, saia agora mesmo daí. – Desafiou, com sua voz retumbando no silêncio.

A madeira rangeu. Ela colocou o braço entre as barras de metal, pistola na mão. Dispararia como advertência e forçaria a pessoa a sair, pelo menos assim saberia com quem estava lidando.

Uma grande pedra se precipitou na escuridão e bateu na porta ao lado de sua cabeça. Mina olhou fixamente. Uma sombra distinta cresceu, fez-se maior. Olhos cor bronze piscaram... Brilhantes. Ela gritou. A criatura rugiu a toda velocidade na direção dela.

Ela disparou.

Marcus se escondeu na escuridão, silenciando sua raiva.

Fechou os olhos, e respirou profundamente pelo nariz, concentrou-se na ferida, trabalhando em desintegrar a bala e reparar a omoplata quebrada. A intensidade da dor diminuiu, mas não cessou.

Um ruído de sapatos se aproximou, e som de vozes. Ele abriu os olhos. Uma chave girou na fechadura, sua rotação metálica ecoou através da estreita abóbada. A porta gemeu ao ser aberta. Um trabalhador idoso com as mangas arregaçadas, colete de pele aberto e calça cheia de sujeira, levantou uma luminária para iluminar o interior. Seu olhar escrutinador passou diretamente através do Marcus.

- Não há ninguém aqui senhorita.

- Isso não pode ser. – A senhorita Limpett apareceu na porta, com seu rosto luminoso contra o pano de fundo das sombras.

Medo e emoção brilhavam em seus olhos. Era possível que tenha ficado mais bela desde a última vez que a tinha visto? Seus olhos se estreitaram. Talvez fosse o simples fato de ter disparou nele. Sempre admirou as mulheres que usavam armas com confiança, e atiravam bem.

Seu tio apareceu a seu lado. Em sua mão apertava a pistola dela, com o cano apontando para o chão. Ele também olhou para dentro, com sua alta cartola de seda refletindo a luz alaranjada da luminária.

- Tem certeza de que viu alguém? – Perguntou brandamente.

A senhorita Limpett ficou rígida, com seu olhar vidrado se colocou na robusta plataforma de madeira onde estava depositado o ataúde de seu pai. Felizmente para ela, Marcus tinha jogou a tampa de modo que o pesado painel encaixou em seu alinhamento original.

Seu segredo estava a salvo.

O trabalhador se aventurou no interior, agachando-se. A ponta de suas botas surradas pisou em vários dos rebites que Marcus havia

afrouxado. O assobio do metal golpeou a parede de pedra e ecoou através da cripta.

- Que foi isso? – perguntou sua senhoria, em um melhor ângulo para ver, mas não o suficiente para entrar.

O trabalhador desceu a luminária e olhou para o piso. Vendo os rebites, os olhos do velho homem aumentaram. Girou a luz para os ataúdes em seus nichos. O medo se refletiu em suas feições, e seu pomo de adão se moveu.

- Nada, sua senhoria. Nada mesmo. – Recuou como se tivesse medo de dar as costas à escuridão. Apesar de sua dor, Marcus sorriu com prazer perverso.

- Será melhor que sigamos nosso caminho agora. – Sussurrou ele. – Fecharão as portas logo.

- Ele tem razão, Willomina. – Sua senhoria tentou arrastá-la brandamente, mas sua mão enluvada apertou a borda da porta.

- Querida, está transtornada. – Sugeriu. – Sua dor lança truques, por isso vê fantasmas onde não existem.

Ela assentiu, sem deixar de olhar o interior. – Tem razão, é claro, estou... Transtornada.

- Vamos para casa. – Insistiu seu tio. – Poderá descansar um pouco, e logo estaremos longe daqui.

- Um momento... – Ela entrou e se inclinou para recolher um largo e verde ramo trançado com flores brancas. Agarrando o ramo com suas duas mãos, cobriu dois ataúdes, o de seu pai e o que estava ao lado, que ela supunha ser o de sua mãe.

Girando sobre os calcanhares se congelou.

Marcus seguiu sua linha de visão no chão, onde seu olhar estava fixo na pedra que ele jogou contra ela quando ficou furioso.

Ele não pôde resistir à tentação. Estendeu sua mão e, depois se permitiu um ilícito roce de seus dedos na borda de sua anágua, dando à saia externa um puxão forte. A senhorita Limpett gritou.

Marcus se ergueu.

Vozes masculinas exclamaram da porta.

Ela se voltou para olhar um ponto, mas nada.

Olhou-o diretamente nos olhos, nariz com nariz, fôlego com fôlego.

Oh, sim... Era bonita.

A senhorita Limpett era uma bela imagem de pele lustrosa, lábios rosado e cabelos castanho brilhante, perfeitamente trançado em um simples coque na nuca. Inclusive no meio de sua irritação por não encontrar nada mais que rochas e ar viciado no ataúde, percebia sua beleza. Sempre desfrutou das mulheres, especialmente das aventureiras com segredos.

Os saltos de seus estreitos sapatos pretos golpearam o chão enquanto ela retrocedia.

- O que foi isso? – Perguntou seu tio.

- Nada. – Sussurrou ela. – São somente meus nervos.

A porta foi fechada. Uma posterior volta de metal assinalou a mudança na fechadura. Através da pequena abertura, a luz da luminária minguou a nada. Seus passos desvaneceram. Ele ficou de pé, rodeado de pó e escuridão, e com o aroma de madeira mofada, carne e ossos. Rapidamente seu estado de ânimo voltou a desaparecer.

Malditos ataúdes cheios de pedra. Mina Limpett o enganou, e a todos os outros. Era curioso como não tinha percebido suas mentiras. Deveria confrontá-la? Esfregou o ombro. A dor aliviou até quase desaparecer.

A única evidência externa do disparo era o persistente aroma de pólvora, e a manga destruída de sua camisa, que sua mente inclusive agora trabalhava em reparar. Como desprezava costurar.

- Estão com o pai dela.

Estão com o pai.

A compreensão se espalhou por ele. Não havia sentido suas mentiras porque não havia mentido. Na realidade não. Mina falou a verdade, e com alguns ajustes, ele se permitiu fazer suas próprias hipóteses. Os rolos estavam com seu pai.

O professor não estava morto, mas é claro, ele e sua filha elaboraram um plano para fazer com que todos acreditassem que estivesse morto. Três meses antes, Marcus esteve muito perto. Havia rastreado por terra e por mar com todo sigilo, seguro de que eles não tinham conhecimento de sua busca.

Seu sangue golpeou em sua cabeça como um relógio marcando o tempo. Não havia tempo para intrigas. O fato que resistiu à deterioração da Transição todo esse tempo, era um testemunho de sua fortaleza como guerreiro imortal e os séculos de estrito treinamento mental como Guarda. Mas, quanto tempo resistiria?

Pior ainda, a maneira em que a senhorita Limpett manuseou a arma, revelava que tinha antecipado o perigo, expondo a questão em sua mente...

Quem mais queria os manuscritos? Aparentemente tinha competição, o que não era surpresa, dado o forte interesse da sociedade

pelos temas metafísicos, pela vida além da morte, da imortalidade. Havia todo tipo de seitas tolas e sociedades secretas com normas desprezíveis, trajes engraçados e cerimônias pomposas, todas tentando desvendar a vida além da vida.

Algumas não eram muito agradáveis e tinham fins obscuros. Talvez uma dessas organizações buscasse a posse dos manuscritos.

Uma coisa era certa, ele não terminou com a espinhosa senhorita Limpett. Seis meses atrás, enquanto trabalhava na Reclamação de Jack o Estripador, foi até a pequena e lamentável casa do pai dela em Manchester, com seu rosto transformado no senhor Matthews, o vice-diretor do Museu Britânico. Tinha-a interrogado sobre o paradeiro de seu pai e o desaparecimento de uma antiga tabuleta cuneiforme dos arquivos subterrâneos. O Conselho Amaranthine havia gravado na tabuleta a mais negra história sobre as profecias dos Tantalytes, seguidores cruéis de um antigo culto no qual o imortal e atroz Tântalos era adorado; seus sacerdotes eram chamados brotoi. A Guarda das Sombras encerrou Tântalos no reino do Tártaro.

Sem a tabuleta, Marcus Hélios, sua irmã gêmea, Selene e Lorde Black, viram-se obrigados a conformar-se com uma pobre cópia, um manuscrito muito fragmentado. Marcus, um perito em línguas antigas foi o encarregado da tradução da relíquia.

O manuscrito preservava a história e profecias do culto a Tântalos. Os papiros também continham uma séria de números coordenados, que quando traduzidos coincidiam com todo tipo de terríveis acontecimentos através do tempo, que conduziam até o presente. Assassinatos, pragas, desastres naturais. O mais recente, a violenta erupção de um vulcão na Indonésia, o Krakatoa em 1883.

Através desses sucessivos acontecimentos, Tântalos transmitia uma corrente de energia invisível, como forma de comunicação desde sua interminável prisão no submundo, em um esforço para despertar

seu exército adormecido de seguidores brotoi. Mediante observação, o Conselho identificou que os brotoi eram quase idênticos às almas malignas, que eram almas deterioradas, que já estavam além da recuperação. Entretanto, diferente das almas comuns que procuravam Transcender com suas más ações, os brotoi mostravam uma lamentável inclinação a juntar suas forças e organizar-se para o último desaparecimento da civilização, não somente a civilização mortal, mas também a dos Amaranthines e seu protegido paraíso, o Mundo Interior.

Porém, o mais importante para Marcus agora era que no final, o manuscrito mencionava a existência de dois rolos sequenciais que continham detalhes sobre a localização e uso de um poderoso condutor à imortalidade. O condutor não identificado era sua única esperança de reverter o sombrio estado de Transição presente dentro de sua mente.

Quanto mais cedo persuadisse a senhorita Limpett a revelar o paradeiro de seu pai e dos rolos, mais cedo recuperaria seu descarrilado destino e seu lugar de honra na Guarda das Sombras Amaranthine. Recordando seus olhos e lábios, e suas formas apaixonantes mesmo em seu luto, lamentou não ter tempo para uma suave sedução.

Uma cálida brisa soprou através da janela aberta da carruagem, enviando as cortinas para trás, revoando como as asas de uma mariposa noturna. O escuro e suntuoso interior, combinado com a vibração das rodas sobre o meio-fio, e os meses de esgotamento...

A cabeça de Evangeline pendia sobre o ombro de Mina. Um tênue ronco escapava de seus lábios. Mina desejou poder fazer o mesmo. Estava altamente cansada. Supostamente o funeral poria fim às viagens, a dissimulação e ao medo. Esperava que no final dessa noite, pudesse dormir em paz.

Astrid estava sentada ao lado de Evangeline. Na frente delas, Lady Trafford franzia o cenho parecendo enredada em seus próprios pensamentos. No final do banco onde estava sua esposa, Trafford

olhava solitário pela janela aberta. Mina agradeceu quando ele abriu a janela, dispersando o enjoativo perfume acumulado no interior. Ela, por sua vez, estava sentada rígida em seu assento tentando racionalizar tudo o que viu e ouviu na cripta. Aconteceu como Trafford sugeriu. Ela estava traumatizada e tinha imaginado coisas.

Os olhos brilhantes pertenciam certamente a um rato do cemitério monstruosamente grande. A pedra que tinha golpeado a porta, obviamente, era um pedaço do teto da cripta que caiu devido ao envelhecimento. Os estranhos ruídos e rugidos eram provavelmente devido à atividade do rato e a uma inexplicável anomalia do vento produzindo o eco. Ela piscou na escuridão... Quase acreditando. Lorde Alexander. Recordou seus olhos azuis, tão pouco comuns, e a forma em que se concentrou tão intensamente nela. Seria um deles? Os homens que tinha chegado a temer? Sua imaginação mudou de rumo bruscamente, transformando seus olhos azuis em um impenetrável bronze.

Os homens não tinham olhos de uma brilhante cor bronze, mas ela se negava a qualquer explicação sobrenatural. Seu pai certamente acreditava em todas essas bobagens, mas ela se mantinha firmemente apoiada na realidade.

Todos aqueles que eram alguém no mundo das línguas antigas sabiam que seu pai possuía os dois rolos acadianos. Os rolos em si mesmos não eram acadianos, é claro, mas eram igualmente antigos e uma cópia exata das tabuletas cuneiformes acadianas, que foram destruídas há muito tempo ou se transformaram em pó. Ela mesma esteve presente no momento de sua compra em uma loja nômade no deserto sombrio, dezoito meses antes. As barras haviam desaparecido, mas os manuscritos estavam muito bem preservados.

No final da expedição, como fazia costumeiramente, ela organizou as notas de seu pai e fez um relatório acadêmico e apenas mencionou a

aquisição entre parênteses. Nesse momento nem sequer estavam seguros da autenticidade dos artefatos. Ela mencionou o documento em nome de seu pai a Real Sociedade Geográfica. Entretanto com a publicação desse documento, seu mundo enlouqueceu.

Na frente dela, Lorde Trafford ficou rígido em seu assento, moveu-se, com sua visão fixa em algo ao lado da estrada. Ergueu sua bengala pela janela aberta, golpeando contra o teto da carruagem. O condutor gritou, e em meio de um tinido de arnês, a carruagem sacudiu e parou.

Lucinda piscou.

- O que acontece, Trafford?

Evangeline voltou para a posição vertical. Murmurou sonolenta

- Por que paramos?

Trafford se agachou abrindo a porta. Sem esperar pelo lacaio desceu as escadas, com a bengala na mão.

- Pensei que fosse você. – Riu entre dentes, falando cordialmente na escuridão. – Teve problemas com seu cavalo?

As luminárias laterais da carruagem iluminaram um amplo círculo de cascalho e grama, cheio de lixo. As carruagens sacudiam fortemente, o caminho para Londres estava igualmente ocupado nesse momento como durante o dia.

Uma figura emergiu das sombras, a metade de seu rosto estava escurecida pela borda do chapéu. Um casaco preto comprido descia até muito abaixo do joelho e ondulava ao vento. Segurava atrás as rédeas de um reluzente e negro cavalo, com os lábios não identificados do cavalheiro apertados em um triste sorriso. Os olhos de Mina aumentaram e os batimentos de seu coração trovejaram em seus ouvidos. Reconheceu os lábios. Reconheceu o contorno masculino de seus ombros, sua altura imponente e sua postura confiante.

Lorde Alexander tirou o chapéu e o bateu bruscamente contra sua coxa, enviando uma tênue nuvem de pó da estrada. Lucinda se endireitou em seu assento, com seus ombros muito erguidos, com a face pálida na escuridão. As meninas se jogaram para as janelas, passando sobre Mina para ver melhor.

- Infelizmente sim. – Disse sua senhoria elevando uma ferradura. – Procurei na grama até que a encontrei. Teria um kit de ferreiro para me emprestar?

- Muito melhor. – Trafford apontou com sua bengala em direção à carruagem. – Temos um ferreiro.

Pouco tempo depois, um criado, um dos dois que seguiam a cavalo se aproximou. Estendeu a mão enluvada para a ferradura.

- Por que não volta para casa com a minha família? O senhor McAlister trará seu animal uma vez que a reparação tenha sido feita.

Lorde Alexander levantou sua mão enluvada.

- Obrigado, Trafford, mas suspeito que sua família e em particular sua sobrinha, devem estar esgotados e desejando privacidade. – Através das sombras, ele captou o olhar de Mina. Ela correu a cortina e se afundou nas sombras.

Lorde Trafford replicou.

- Minha querida sobrinha me disse que conheceu o pai dela. Não posso imaginar que ela gostaria que um amigo da família fosse abandonado na estrada. Não é verdade senhorita Limpett? – Ela escutou o rangido dos sapatos do seu tio no cascalho, justo fora da janela. Evangelina cravou seu cotovelo na lateral do corpo de Mina.

Cada músculo de seu corpo diminuiu pelo menos uma polegada. Mina gritou atrás da cortina.

- Por favor... Viaje com nossa família, Lorde Alexander.

Capítulo 3

Um momento depois, e ele estava instalado entre eles. Elegante e de ombros largos, ocupava o canto oposto a Mina, com seu chapéu no colo. A carruagem balançou, e logo retornou para a estrada, prosseguindo com sua velocidade habitual. As luminárias a gás brilhavam com sua característica luz intermitente. O vento fez cair uma mecha de seu cabelo sobre um olho, um olho, que como o resto dele, tirava-a de sua paz mental.

Trafford se sentou junto a sua senhoria.

- Vi-o no cemitério, mas não consegui falar com o senhor a tempo. Antes, havia comentado que não o encontrava no clube há bastante tempo.

Lorde Alexander acomodou suas pernas, deslizando seus pés juntos, no pequeno espaço próximo a Mina. Não a tocando, mas quase.

- Estive no estrangeiro vários meses, e só voltei para Londres ontem.

- Onde esteve? – Sussurrou Lucinda.

- Perdão? – Alexander se inclinou algumas polegadas para frente para olhar atentamente à condessa do outro lado de Trafford.

- Quando deixou Londres. – Sua voz soou mais forte. – Foi a algum lugar longínquo? A algum lugar mais... Excitante e exótico?

Mina ouvia em silêncio. Era a única que percebia que Lucinda e Lorde Alexander compartilhavam algum tipo de passado?

Em um canto da carruagem, Astrid se esticou como uma gatinha mimada e interrompeu a conversa.

- Eu adoro viajar.

Lord Alexander sorriu facilmente.

- Passei um tempo em Rangún, antes de ir a Mandalay.

Mina mordeu o lábio inferior. Duas localizações não muito longe de Bengala e do Tibete.

Astrid deixou sair sua voz entrecortada

- Eu adoro a Índia.

Evangelina sussurrou

- Burma.

- Burr-ma. – Astrid ronronou, sorrindo coquetemente para lorde Alexander. – Não é assim que se diz?

A diversão iluminou os olhos do visitante. Parecia o tipo de cavalheiro que estava acostumado a ser lisonjeado. Com uma ligeira inclinação de seu rosto com o queixo quadrado, encontrou o observador olhar de Mina. Como um disparo de morfina, o sentimento de intimidade que compartilharam no cemitério retornou para enjoá-la, esquentando-a até a medula. Ele era atraente. Misterioso. Sedutor.

Se tão somente Trafford houvesse devolvido sua arma, teria sacado e disparado agora. Não conseguia evitar, sentia que ele era muito perigoso para ela, em mais de um sentido. Lorde Trafford girou sua bengala contra o piso da carruagem. As facetas de vidro do pomo brilharam na escuridão.

- Fixou sua residência em algum lugar?

- Estou atualmente ainda sobre o rio, amarrado no passeio Cheyne.

- Ouvi falar de sua Thais. – Trafford sorriu. – Foi durante uma conversa no clube.

- Alguém que lhe tem carinho. – Lucinda cravou.

- Quem? – perguntou Lorde Alexander.

- Quem é Thais? – Perguntou a condessa.

- Thais era... Amante de Alexandre Magno. – Ele respondeu.

As meninas riram bobamente atrás de suas mãos enluvadas, olhando-o meio escandalizadas.

Sua senhoria voltou significativamente sua atenção a Trafford.

- Está convidado para passear uma tarde.

- Uma ideia espetacular. – Trafford esteve de acordo.

- Eu adoro navegar. – Astrid disse efusivamente.

- Como eu também. – Soou suavemente Evangeline.

Lorde Alexander olhou para elas.

- Será certamente bem-vinda Mina. – Todas serão... Muito bem-vindas se vierem.

Trafford se moveu em seu assento e cruzou uma perna sobre a outra.

- Agora que sei onde se aloja, devo insistir em que aceite um convite para passar a noite conosco.

Marcus sacudiu a cabeça.

- Não poderia me impor.

- Tolice. – Trafford declarou. – É tarde e temos quartos vazios rogando por convidados.

Evangeline e Astrid assentiram de acordo. Lady Lucinda esboçou um alegre sorriso. Mina rezou para que declinasse.

- Temo não poder aceitar. Tenho a manhã cheia de reuniões, e todos os documentos que preciso estão no barco.

Astrid e Evangeline deixaram escapar um suspiro de decepção. Lorde Alexander sorriu, e como um jovem encantador, apareceu uma covinha em sua bochecha esquerda que derretia o coração. Mina se perguntou quantas mulheres teria seduzido esgrimindo essa arma. Nesse momento, a carruagem rodou por Mayfair.

- Vamos abrir as janelas para olhar para fora. – Exclamou Astrid com seu rosto iluminado pela excitação. Empurrou a persiana abrindo-a. Mina fez o mesmo covardemente concentrando sua atenção na paisagem, em lugar de devolver o interesse do homem que estava diante dela.

O cheiro do campo ficou para trás. Ali, tudo cheirava a poeira e a cavalo. Carruagens bem equipadas lotavam as estradas. Abajures de gás iluminavam a noite refletindo-se nas fachadas das grandes casas, a maioria das quais se iluminavam como grandes fogueiras. Toques de cores poderiam ser vistos através das janelas, seda e flores, junto com rostos e cristais brilhantes. Inclusive da rua, as risadas e o som da música podiam ser escutados. Depois de meia hora de lento e cambaleante tráfico, a carruagem parou na frente da Casa Trafford. Apesar de serem tão impressionantes como a de seus vizinhos, as janelas eram solenes e escuras. Lacaios se apressaram em ajudar as damas a descerem da carruagem, as guiando entre duas linhas de abajures, para uma porta negra laqueada. Momentos depois todos estavam reunidos no hall, uma impressionante estrutura de madeira resplandecente e com ornamentações de gesso. Ao lado da escada

central, vários bustos de notáveis figuras históricas estavam no alto de colunas coríntias. Um solitário candelabro iluminava a abóbada, deixando a periferia da sala nas sombras.

- Alexander, acabo de adquirir uma caixa de charutos. Quer um charuto puro até que chegue sua montaria?

- Certamente. – O rosto de Lorde Alexander se virou. – Boa noite...

Mina olhou longe antes que seus olhos coincidissem.

- Senhoras. – Sua voz sustentava uma entonação claramente de diversão.

Ele e Trafford desapareceram através do arco da porta.

Lucinda já estava na metade da escada.

- Vamos, meninas, foi uma tarde cansativa, e amanhã teremos um dia cheio de compromissos. – Suas saias farfalhavam enquanto subiam as escadas. Evangelina e Astrid olharam com desejo para o estúdio de seu pai, e com um duplo suspiro, lentamente seguiram sua madrasta.

Quando chegaram ao primeiro andar, Lucinda pausadamente perguntou.

- Senhorita Limpett, vem?

Mina respondeu.

- Não tenho certeza, não acredito que consiga dormir agora. Acho que ficarei na biblioteca e encontrarei algo para ler.

Lucinda apertou a testa com a mão, e depois de um longo momento de silêncio, desceu as escadas e ficou de pé diante dela.

- Fui imperdoavelmente sem consideração esta tarde, permiti que a preocupação com a tola festa de quinta-feira no jardim me distraísse quando hoje deveria fazer tudo por você devido a essa terrível tragédia que aconteceu com seu pai. – Pegou as mãos de Mina e a olhou fixamente nos olhos. Para surpresa de Mina, viu o brilho de lágrimas nas pestanas da jovem. – Por favor, me perdoe.

Mina suspeitava que as emoções da Lucinda não tivessem nenhuma relação com sua tola festa no jardim ou a morte de seu pai, um perfeito exemplo de por que deveria evitar lorde Alexander. – Não há nada para perdoar.

- É uma adorável garota, e estamos muito contentes que seja parte de nossa família. – Sua senhoria abraçou Mina forte e brevemente, antes de voltar a subir as escadas e desaparecer com as moças ao redor da balaustrada.

Mina olhou para os bustos mais próximos. Lorde Nelson a olhou fixamente, com olhos acerados e decididos.

- Tive um dia interessante. – Ele não perguntou os detalhes.

Movendo-se em direção oposta a que os cavalheiros haviam tomado, Mina seguiu por um corredor escuro onde de ambos os lados havia quadros. Finalmente passou por duas enormes portas de madeira para uma sala iluminada calorosamente. Na semana que viveu com a família, a biblioteca se converteu em seu grande refúgio e nem sempre um lugar ocupado da casa. Dois enormes medalhões de gesso, pintados com um branco gelo, estendiam-se sobre ela no teto. Bustos dos grandes mestres da literatura apareciam com seus narizes com idêntica forma ao redor do canto superior da sala como decoração. Caminhou ao longo das prateleiras cheias de livros até o teto. Já havia olhado alguns e feito uma pequena seleção quando seus olhos se fixaram no livro sobre a nobreza de Debrett. Uma repentina curiosidade veio a sua mente.

Segurando pesado volume se dirigiu ao outro lado da sala, sentando-se em uma mesa situada ao lado de uma grande janela com cortinas e se inclinou. Um pequeno abajur proporcionava toda a iluminação que requeria, parou somente um momento para abrir sua bolsa e tirar o pequeno estojo com a fotografia. Manteve-o aberto e em posição vertical ao lado dela. Olhando a seu pai e ao senhor indefinido que o acompanhava, que assumia poder identificar em alguma pintura ou desenho de Debrett.

Um ascendente de Alexander.

Lançou um olhar aos títulos aristocráticos e encontrou o lugar...

Fez um gesto com a boca, depois do nome Alex não havia nada mais que uma mancha imprecisa e ilegível, meia página estava entre imprecisa e nada. Seguiu pelo resto das páginas e todas estavam em perfeito estado. Justo para sua sorte a página que desejava ler tinha sofrido algum percalço de publicação. Mina fechou o livro e o jogou a um longínquo canto da mesa, mais decepcionada do que deveria estar.

- Acredito que lhe devo algo ao redor de quarenta e quatro libras por nossa última partida de cartas. – Trafford estava sentado em uma poltrona atrás de uma mesa de mogno. A fumaça subia em grandes aspirais cinzas do charuto que tinha aprisionado entre os dedos. Abriu uma gaveta. – Vejamos o que temos aqui.

- Não, não. – Disse Marcus, saboreando a doce essência de madeira de seu charuto.

- Permitiu-me ser um intruso em sua família e me deu de presente este excelente charuto.

Trafford sorriu.

- Não é realmente uma aposta se alguém não perder. Tenho toda a intenção de ganhar na próxima vez.

- Não quero seu dinheiro Trafford.

- Que tal uma filha então? – O conde apontou com a última cinza do charuto para Marcus. – Tenho duas, se por acaso não percebeu, ambas debutarão nesta temporada. Assim se tiver ânimo de se casar...

Marcus engasgou com a fumaça do charuto e tossiu.

- São duas moças preciosas. Estou certo que atrairão possíveis pretendentes como moscas.

Trafford riu entre dentes.

- Acredito que a lista delas de possíveis pretendentes saiu pela janela quando o viram.

- Eu estou... Lisonjeado. Mas na atualidade, casamento não é uma de minhas prioridades.

- A vida de solteiro. Lembro com carinho.

Marcus sentiu não obstante que o homem não tinha nenhum conhecimento das paqueras menores que aconteceram entre ele e Lucinda durante sua temporada de estreia, fazia apenas um ano. Eles haviam paquerado e se beijado. Suas mãos tinham vagado um pouco, devido ao estímulo da ocasião, mas isso foi tudo. Em retrospectiva, lamentava que as coisas tivessem ido tão longe como foram. Isso fazia com que sua presença na casa Trafford fosse um maldito desconforto.

Marcus assentiu, inclinando-se em sua cadeira. Estendeu suas mãos sobre a ampla mesa.

- É correto. Você celebrou suas bodas recentemente. Tenho que felicitá-lo. – Apertaram as mãos, em um firme intercâmbio.

Trafford sorriu amplamente.

- Lucinda e eu nos casamos em dezembro na capela da família em Lancanshire.

- É um homem de sorte.

- Sou, com efeito, ela tem feito maravilhas com as meninas.

Do nada, uma pontada de dor irradiou através da têmpora de Marcus. Pressionou seus dedos sobre ela, e o mal-estar desvaneceu. Seu estado de ânimo mudou. Às vezes uma sensação parecida lhe advertia que se aproximava um feitiço e em particular chegou a chamar de incômoda loucura, que até agora se revelava como um estado de ânimo negro e um temperamento irracional e impulsivo e até o momento conseguia conter. Não sabia como perdeu três meses e sua volta a Londres, o lugar de sua Transição original, poderia afetar sua frequência ou intensidade. Essa era a razão pela qual rejeitou o convite do conde para passar a noite. Apesar de seu desejo de ganhar imediatamente os favores da senhorita Limpett, pensou que era melhor agir com cautela, pelo menos até que estivesse seguro de sua conduta mental.

- Infelizmente, Trafford. – Ele disse. – É hora de ir.

Justo nesse momento o relógio dourado que estava no suporte da chaminé tocou as onze badaladas. Trafford entrecerrou os olhos ao relógio.

- Estou de acordo, foi um dia terrivelmente longo. – Sua senhoria levantou da cadeira. Segurou uma bandeja de prata e deixou lá seu charuto sobre a superfície brilhante e a ofereceu a Marcus para que fizesse o mesmo. Deixando sobre a mesa, levantou uma mão indicando a porta.

- Vejamos seu cavalo.

O mordomo esperava na base da escada e se inclinou com deferência ante ambos os homens.

Trafford descansou sua mão no corrimão.

- Os arreios de Lorde Alexander foram entregues?

O mordomo respondeu.

- O cavalariço levou o cavalo para beber água. Pedirei que o traga.

- Muito bem.

- E sua senhoria? – O mordomo se virou para frente, com as mãos nas costas – É possível falar com o senhor um assunto doméstico antes que se retire?

- É claro senhor George. – Trafford levantou a mão. – Somente me deixe acompanhar sua senhoria.

Marcus acenou.

- Não se preocupe, estou certo que meu cavalo já está pronto, obrigado. Esperarei aqui.

Trafford adicionou.

- Lucinda planeja uma festa no jardim na quinta-feira. Enviaremos um convite.

A oportunidade perfeita para voltar e sim, poderia seduzir a senhorita Limpett.

- Não poderia perder tal evento.

Deixando Marcus sozinho ele se dirigiu para a porta com seu chapéu nas costas.

Olhou pela janela à rua escura cheia de gente. Graças a Deus estava com seu cavalo do contrário levaria mais de uma hora para sair desse tráfego lento. Seu sangue acelerou quando a sentiu. Um sorriso apareceu em seus lábios, leves passos soaram contra o mármore. Ele se virou.

A Senhorita Limpett emergiu de um corredor, com clara intenção de dirigir-se às escadas. Seu chapéu pendurado em seu cotovelo, suspenso por uma fita. Também levava sua bolsa e alguns livros. Quando percebeu sua presença, congelou, deixando seu passo pela metade. Suas bochechas ruborizaram, mas não sorriu. Endireitou seus ombros, como se um aço passasse por eles, mas no processo, lançou lhe uma tentadora visão completa de seus altos seios e de sua figura esguia. Sua mente analisou o espaço ao redor dela. Havia suspeita. Adorava a sedução que se retorcia e era intrigante, mas percebeu, que nesse caso, ele não podia mover-se muito rápido ou ela fugiria.

- Senhorita Limpett.

- Lorde Alexander. – Respondeu ela com toda cordialidade, mas a separação emocional que se instalou entre eles surgiu como um robusto muro de pedra de quatro metros. Ela resistia em desfazê-lo. Apesar da urgência do tempo que não podia desperdiçar, ele estava encantado com a provocação.

- Vejo que está bem, depois de tudo.

- Sim. – Moveu a mão, e parou na sua frente. – Tinha a esperança de poder vê-la novamente antes de ir embora. Poderíamos ter uma palavra?

- Sim, é claro. – Seu olhar caiu em sua gravata, em seu queixo. Em tudo menos em seus olhos.

- Queria perguntar... – Sorriu com seu mais galante sorriso. – Se pode me conceder a permissão de visitá-la uma tarde, aqui na casa?

Seus olhos aumentaram e suas negras pestanas se fixaram diretamente nele.

- Me visitar?

- Eu gostaria de vê-la novamente. – Esclareceu ele brandamente.

- Entendi. – Mina trocou a pequena pilha de livros de um braço para outro, que mantinha sobre seu peito, sobre seu coração, como um escudo contra ele. – Como já disse no cemitério, não sei nenhum detalhe sobre a coleção de meu pai.

- Meu pedido para visitá-la não tem nada haver com seu pai ou com sua coleção.

Suas negras sobrancelhas se elevaram em uma elegante pergunta.

- Não?

- Não, eu gostaria de vê-la, passar um tempo com a senhorita. – Fez um movimento com o chapéu em direção ao resto da casa. – Nem sequer com todos eles... Somente com a senhorita.

Uma escala de cores deslizou por suas bochechas. Ela molhou os lábios.

- Acho que entendi.

- Entende? – Sorriu-lhe gentilmente, tentando não parecer muito confiante nessa tentativa por estranho que parecesse. Apesar de um inegável arrepio de tensão existir entre eles, ele sentia que não havia garantia do momento em que a senhorita Limpett lhe concederia seus favores.

- Acredito que sim.

A porta rangeu no interior, e o lacaio apareceu, trazendo consigo os sons do estalo continuado dos cascos no pavimento.

- Seu cavalo, sua senhoria.

- Devo perguntar, então? – Marcus a pressionou gentilmente, sustentando seu chapéu.

Seu olhar obscureceu.

- Sinto-me lisonjeada com seu pedido, mas... Não acredito que esteja pronta para visitas. E não acredito que o estarei em um futuro próximo.

Surpresa e desgosto nublaram sua mente, mas facilmente sorriu.

- Devo respeitar seus desejos, é claro. – Lentamente colocou o chapéu na cabeça. – Então, boa noite senhorita Limpett.

Ele saiu pela porta sustentada pelo lacaio. Na rua aceitou as rédeas de seu cavalo. Subindo à cela, olhou através da polida janela para ver que ela ainda estava nas escadas, com sua silhueta sedutora, olhando-o enquanto ele a observava.

Seu sangue esquentou mais e mais, e cada músculo de seu corpo se voltou terrível, mas deliciosamente tenso. Tocou a aba de seu chapéu, e girou seu cavalo em um amplo círculo, saindo em direção ao Tâmisa. Uma hora depois, descia pelos degraus que rangiam no estábulo público e caminhava para o leste pela King Street. As fachadas das lojas eram de dois ou três andares e as casas eram raras naquela rua. O vapor flutuava no calor, como ar estagnado, formando halos ao redor dos abajures de gás que revestiam a avenida. Ali em Chelsea, o verde, o aroma podre do rio permeava tudo. Seus pensamentos se concentraram na senhorita Limpett, Mina, um enigma intrigante. Um delicioso adiamento, quando era sempre ele quem fazia isso. Inclusive agora, a deliciosa demora de sua partida se sustentava. Deliciosa era a relutância que tinha em confiar nele, que não lhe permitia aproximar-se de forma rápida e fácil como desejava, conseguindo aumentar mais ainda seu interesse, um interesse que não tinha nada haver com seu pai ou com os rolos, e tudo haver com os movimentos sensuais de uma chama cada vez maior.

Uma repentina vibração no profundo de seus ossos, dentro de sua medula imortal, alertou-o de que não estava sozinho na rua. Um carro de aluguel passou com um pequeno grupo de homens e mulheres que se inclinaram nas sombras. Havia algo pior. Ele passou por um beco e com o canto do olho divisou uma sombra que se movia contra as sombras. Não alterou seu ritmo, mas mentalmente enviou uma penetrante onda de energia, que se revelou como uma explosão de luz branca atingindo tudo a seu redor independentemente das paredes de tijolo, madeira ou estuque. Um peixeiro empurrava seu carrinho na parte traseira do beco. Três ratos estavam dando um festim no lixo. Um enxame de baratas corria no porão de um açougue a nas ruas. E alguém ou algo o seguia justo ao borde de sua consciência, era com um movimento muito rápido e errático para identificá-lo corretamente. Seria seu assassino ou algum outro inimigo? Um sorriso de antecipação saiu de sua boca pelo iminente combate. As palmas de suas mãos arderam de desejo de sustentar uma adaga ou uma espada de prata Amaranthine, mas esse privilegio foi negado desde sua Transição, então o faria somente com as mãos.

Um bar ocupava um lado longínquo da estrada. Uma alegre melodia saía de um piano, soando através da porta de olmo. Talvez tomasse uma bebida antes do confronto.

Desfrutava de seus vícios, do tabaco e do álcool, e devido a sua constituição imortal, felizmente, não sofria os efeitos prejudiciais de seu consumo. Entrou e abriu caminho entre uma confusão de cadeiras e mesas para o bar, onde parou, em vez de sentar-se em uma mesa. O aroma agridoce de cerveja derramada na madeira poluía o ar. Dois marinheiros, com rosto de meninos, estavam sobre o piano ombro a ombro. Cantavam uma melodia arrastada, balançando suas jarras de cerveja ao ritmo da música. “Seis pequenas putas, felizes por estarem vivas, e o astuto Jack, acabou deixando três. Três putas rimam corretamente, assim há três e eu, vou pôr a cidade em chamas.”

Jack, o Estripador. O bastardo não merecia uma canção. Era muito peculiar como os mortais glorificam as coisas que mais temiam. Mais homens vestidos de militares estavam sentados nas mesas, provavelmente dos quartéis de Chelsea, a somente poucas ruas de distância.

- Boa tarde. – Disse um calvo taberneiro aproximando-se limpando o balcão de madeira polida com um trapo. – Posso lhe oferecer algo um pouco mais confortável. – Disse com uma risadinha tola. – Mas alguém já está ali.

Marcus olhou para a janela, viu uma parede a fim de oferecer anonimato e privacidade a seus ocupantes, mas que dava uma completa visão da sala.

- Não demorarei muito tempo. – Apontou a uma garrafa de uísque.

O homem ergueu a garrafa. – Parece que está quase no fim. Eu não gostaria de lhe dar lixo. Volto em seguida.

Marcus assentiu. Logo o homem voltou com a garrafa cheia na mão. Com uma faca, fez um corte na cortiça e verteu o líquido cor âmbar em um maltratado e trincado copo de vidro. Marcus deslizou sua mão dentro do bolso buscando o necessário para pagar, mas o homem bateu no balcão.

- Não é necessário, está pago.

Marcus perguntou.

- Por quem?

- Pelo cavalheiro ali. – O taberneiro fez um gesto com a cabeça em direção ao lugar mais escuro.

Uma mão enluvada levantou um copo a modo de saudação. Lentamente... Marcus fez o mesmo.

Abaixando o copo ao balcão, sorriu. Seu pulso disparou. Deus, apesar do perigo, era bom estar de volta a Londres. Ao se virar no balcão, andou até os estreitos degraus e empurrou a porta abrindo-a. A pequena sala estava vazia, salvo por um banco de madeira. Sentindo-a, ele deu a volta.

Uma figura se lançou como um borrão com um chapéu de aba larga e uma capa, plantando uma bota alta que ia até o joelho, no centro de seu peito. O impacto o enviou para o interior. Suas costas bateram deslizando pelo banco. Já havia identificado o seu perseguidor, e a modo de saudação, com bom humor permitiu sua violência.

Seu peso caiu sobre o peito de Marcus, esmagando a risada de seus pulmões. Deu uma joelhada nas costelas. Umas mãos pegaram a cabeça pelo pescoço. Selene olhou para baixo, com seus olhos totalmente negros.

Ele sussurrou.

- Senti saudades.

- Deveria matá-lo agora, irmão.

- Olhe no espelho, o espelho na parede. – Com um reflexo rígido de seus músculos ela lançou a seu irmão gêmeo contra a parede. Ele caiu. O gesso choveu sobre eles. Ela caiu, com um emaranhado de calça e vestido sobre o chão. – Depois de tudo, é igual a sua mãe.

- Não fale dela. – Sussurrou entre dentes, saltando sobre seus pés, deslizando-se para perto. – Não tem o direito. Você se despreza pelo que fez tanto quanto eu. Soberba, Marcus. Afastou-se de tudo por um momento de vaidade. E não duvide, mandei uma carta ao Conselho Primitivo, rogando para que me deixassem ser a única caçadora.

- Selene... – Advertiu ele.

- Sua assassina. – A gêmea furiosa, ajustou uma grande pluma púrpura que tremia em seu cinto. – Estou esperando a ordem.

Ante seus olhos, ela se retorceu, com seu rosto paralisado em um nada, dentro das sombras. Com isso, ela se foi.

Marcus sabia que com a violência de sua mudança, causou uma mudança na cor de seus olhos e rapidamente empurrou seus óculos para ocultar o resplendor bronze, justo quando o taberneiro subia correndo as escadas.

- O que foi isso? – Gritou.

- Assuntos de família. – Marcus grunhiu.

- Aonde ele foi?

Marcus não respondeu. Ao menos agora sabia quem o estava perseguindo pela rua.

Endireitando sua gravata e o chapéu na sua cabeça, desceu as escadas. Não esperava encontrar Selene no salão e ela não estava ali, nem sequer nas sombras.

Os outros clientes o evitaram afastando-se, maldição, alguém pegou sua bebida. Captou o olhar do homem.

- Outro. – Grunhiu.

Marcus se sentou em um banco e olhou o grande espelho que abrangia toda a parede atrás do balcão, e tomou um gole de uísque. Seus óculos brilhavam na brumosa escuridão. A fina camada de prata sob o cristal estava deteriorada, deixando o reflexo manchado e incompleto, mas dando um retrato dele muito mais preciso do que ele teria gostado de admitir.

Selene estava claramente furiosa pela decisão dele de se submeter à Transição, fato acontecido há seis meses. Entendia a causa

subjacente de sua ira ao seu medo de ficar sozinha. Durante séculos, apoiavam-se mutuamente, ninguém no mundo entendia realmente a emoção e a história atrás de seus solitários e mercenários caminhos. Que ela desejasse ser a sua assassina... Bem, não poderia esperar nada menos dela.

Ao mesmo tempo, sua falta de confiança o magoou. Ela compartilhava sua ambição, e o desejo de fazer um nome por si mesmo. Certamente percebia que se ele retornasse da Transição, seria uma lenda sem precedentes entre a Guarda e entre todos os da raça Amaranthine. Uma vez que encontrasse os rolos e identificasse o condutor que prometiam, ela poderia estar certa que ele se apresentaria e exigiria um pedido de desculpas.

Alguém deslizou no banco ao seu lado. O espelho mostrou um cabelo escuro, olhos escuros e estreitos, era uma das várias prostitutas que circulavam pelo bar em busca de clientes. Sua blusa desabotoada mostrava uma profusão de rendas em mal estado e o seio avantajado. Ela se inclinou, pressionando o seio contra o braço dele.

- Quer que Annie desafogue sua frustração? – Um sorriso audacioso curvou seus lábios.

Nunca se interessou pelas prostitutas de ruas. A realidade de suas vidas o desanimava. Estavam sujas, desesperadas e doentes. Embora, se fechasse os olhos, essa garota em particular poderia ser algo assim como a... Senhorita Limpett.

- Tomar.

- Usar.

- Devorar.

Uma dor atravessou a têmpora de Marcus. Pressionou os dedos contra a dor latejante. A ordem ecoou em sua cabeça. Olhando para o

espelho, em seus próprios olhos, recordou-se que a voz não pertencia a ele. Não era a primeira vez que ouviu o sussurro e a ordem em segredo. Às vezes a voz pertencia a um homem. Às vezes eram várias. Nessa noite... A voz era distintivamente feminina. Suave e aveludada, não só oferecia sugestões sombrias, mas pintava imagens chocantes e pedia-lhe que fizesse coisas horríveis. Suspeitava fortemente que sua breve indulgência pela violência momentos antes despertaria ao predador em seu interior, embora fosse uma pequena fração do monstro que poderia chegar a ser. Com essa leve mudança, sua mente poderia sucumbir à loucura interna, o melhor era voltar para o barco e rápido. Nesse momento, outra mulher chamou sua atenção, possivelmente devido à forma em que a luz se refletia em seu brilhante cabelo loiro avermelhado. Jovem e certamente além de seu vigésimo ano, estava parada na porta aberta, observando a multidão. A fadiga pintada como raias escuras debaixo de seus olhos. A capa impermeável pendurada em seus ombros era muito grande para seu corpo. Uma saia marrom aparecia por baixo, com pedaços de grama agarrando-se como se tivesse passado o dia e talvez a noite anterior nos ásperos bancos nas margens do Tâmisa.

- O que diz? – Sussurrou a mulher, justo ao lado de sua orelha. Seu hálito quente banhou seu pescoço. Um forte pulso agitou sua virilha.

- *Devorar. Devorar. Devorar.*

- Quer dar uma chance a Annie? Não se arrependerá. – A moça de cabelo brilhante deu uma volta na sala com um sorriso forçado em seus lábios sem cor, aproximou-se de um marinheiro e apoiou a mão em seu braço. A mão de Annie, entretanto, deslizou por baixo do balcão e capturou a parte superior de sua coxa. Sua visão ficou imprecisa, e imaginou que estava em outro lugar, com outra pessoa. A ideia de perder-se mesmo na falsa Mina Limpett, e esquecer seus problemas

atuais, mesmo por um quarto de hora, sustentava uma miserável atração.

- Disse que não. – A voz de um homem gritou. Toda conversa na sala cessou. O marinheiro olhou para a mulher. – Ninguém está interessado. Há algo que não entende sobre isso?

Marcus focou na garota. Suas bochechas estavam vermelhas como maçãs e seus olhos nublados com lágrimas. Lentamente, ela se retirou pela porta e desapareceu na noite.

A intensidade do desespero de Annie azedou a excitação de Marcus. Ele agarrou o braço de Annie e a afastou. A quem tentava enganar? A mulher a seu lado requeria um travesseiro sobre seu rosto, mas nem assim, remotamente seria a senhorita Limpett. Ele deixou cair várias moedas sobre o balcão e se levantou. A prostituta o amaldiçoou.

A sala brilhou alaranjada, como se iluminada por uma bola de fogo invisível. Sua mão protegeu os olhos. Calor, mais que um sol do deserto, chamuscou-lhe a pele e a roupa ardeu.

- Esqueletos. Todos no bar... São esqueletos.

Marcus olhou especulativamente em volta, tentando encontrar sentido no momento. Na realidade não eram esqueletos. No entanto, a peculiar luz alaranjada fazia a pele e os músculos transparentes. Tudo ao redor dele era uma caricatura da normalidade. Os ossos falavam e riam. Estavam parados com seus chapéus nas cabeças, e com seus uniformes ou vestidos ou o que fosse de vestimenta se sustentavam sobre suas formas de corpos. Ele sentiu um puxão na manga de sua jaqueta. A prostituta parada atrás dele. Suas mãos com garras se apoiavam nos ossos de asas de mariposa de sua pélvis. Olhos fundos e dentes amarelos ressonaram.

- Mudou de opinião, querido?

O garçom jogou o crânio para trás e riu.

Marcus precipitou-se para a porta. Inclinou-se, com as mãos sobre os joelhos e ofegou por ar. A confusão enchia seus pensamentos como se um milhão de cabeças de vermes comessem seu crânio. Olhou pela janela dentro da taberna, e viu que todos estavam... Como antes.

Nenhum esqueleto, nenhuma risada delirante. Sua pele estava úmida... Com frio e calor ao mesmo tempo. Duas portas mais à frente, dois velhos sem sapatos e em farrapos, residentes locais, provavelmente do armazém, olharam-no de um ponto escuro. Parecia que se perderam na noite quando fecharam a porta e foram forçados a passar a noite nas ruas. Como eles, parecia que o tempo havia acabado. Estendeu a mão para a parede de tijolos porque uma vertigem ameaçou derrubá-lo. Rigidamente continuou avançando para o sul tão rápido quanto permitia a vertigem persistente em sua cabeça.

Além dos trilhos do trem, o Tâmisa brilhava como uma serpente negra coberta por uma manta de névoa vaporosa. Os grandes terraços das casas davam para o rio. Luzes distantes flutuavam sobre a água, lanternas de um invisível casco de navio e das barcaças. Uma vez que retornou ao Thais, liberou o barco de suas amarras e o levou a águas abertas, onde jogou a âncora para a noite. Assegurando a si mesmo de tal maneira que estaria consciente se alguém se aproximasse, e ficaria isolado consigo mesmo até que sua mente voltasse ao normal.

Àquela distância, a ponte Albert iluminava a noite com seus brilhantes abajures a gás e sua rede de cabos de suspensão. O cais Cadogan ficava um pouco mais à frente. Ele sentiu certo alívio.

Uma densa onda de desespero o golpeou, enquanto olhava em direção à ponte. No corrimão estava a moça da taberna. Estava inclinada para frente longe da precária segurança, olhando para a negra água abaixo.

Capítulo 4

O coração do Marcus acelerou quando percebeu o que ela pretendia, mas anos de exaustiva existência apenas o manteve fixo no lugar.

A garota sussurrou para si mesma e subiu na barra de proteção da ponte, com a perna balançando ao levantar suas saias. Os Guardiões das Sombras, por regra rígida, eram proibidos de interferir nos assuntos de vida ou de morte dos mortais comuns. Mas agora, banido da Guarda, supunha que vivia por suas próprias regras.

Para desafiar essa afirmação, a voz em sua cabeça ordenou.

- Tome-a.

- Reclame-a.

- Devore-a.

Um eco de seu processo anterior. Sua fortaleza mental vacilou, e por um tempo devastador. . . O mal se converteu em bem. Afundou seus dedos no cabelo, desejando poder romper a voz em seu cérebro. Ignorando a voz, e de todas as coisas que ordenava fazer, avançou para a garota. Alheia a sua presença, ela se virou, esticou os braços e o casaco, se estendeu como as asas de um pássaro.

Ele desvaneceu. . . E girou completamente transformado.

Um momento depois, descia na ponte.

A voz muito alta em sua cabeça insistia brandindo em desafio. Com um toque de sua mão na sua bochecha, aturdiu a garota apagando a lembrança da pessoa dele, retirando também algumas

lembranças recentes e pensamentos mais sofridos. Ela o olhou com olhos muito abertos e incrédulos. Seus lábios se separaram, mas as palavras não brotaram.

- Você está tendo uma noite muito difícil. – Disse ele.

Através de seus lábios brancos, ela ofegou, obviamente perplexa pelo local onde se encontrava e pela repentina presença do estranho a seu lado.

- Ele a enganou. E agora foi embora. Está sem ninguém para ajudá-la. Foi obrigada a viver nas ruas.

Ela piscou e sussurrou.

- Sim.

- E não tem família que possa lhe ajudar.

Ela balançou a cabeça, e uma lágrima caiu por seu rosto.

- Minha mãe está no asilo. Meu pai... Nunca me perdoará por tudo o que fiz.

Marcus colocou a mão no bolso de sua jaqueta.

- As coisas vão melhorar.

Colocou uma carteira de couro fino na mão dela.

- Tem o suficiente para que fique bem acomodada em uma hospedaria respeitável por um mês, até se recuperar.

A moça franziu seu cenho.

- O que quer de mim?

A voz enumerou uma série de sugestões cruéis.

- Quero que vá agora. – Pressionou.

Alheia a sua tortura, ela examinou dentro da carteira.

- Oh, senhor.

Caiu outra lágrima.

- É meu anjo da guarda, não é? Enviado do céu?

A voz riu, claramente se divertindo. Ela zombou dele, dizendo que ainda havia tempo para sequestrar a garota. Sem que ninguém visse.

- Vá... Já. – Inclusive aos próprios ouvidos, sua voz soou estranha. Vazia.

Ela pareceu sentir o perigo nele. Retrocedendo, agarrou a carteira contra o peito e correu pela ponte. Justo antes de desaparecer nas sombras, voltou-se para olhar para trás. Levantou a mão em despedida. Com isso se foi.

Ele prosseguiu caminhando pela ponte, mas na direção oeste, bem próximo das grades. Não pôde deixar de sentir uma satisfação sombria. Ao ter salvado a vida da garota, desafiou à voz e demonstrou que ainda se mantinha no comando, que algum sentido de humanidade ainda existia nele. Ainda não estava completamente consumido pela Transição.

Do Tâmisa uma rajada de vento frio o golpeou, causado por uma mudança brusca de temperatura.

A dor atravessou suas têmporas.

Cambaleou.

Mina despertou na escuridão. Paralisada, com muito medo de se mover, e de emitir qualquer barulho e não conseguia ver nada. Então viu uma fraca luminosidade, parecia muito distante. Arrastou-se para a luz, agarrando-se desesperadamente através da névoa.

Não, graças a Deus. . . .

Quase soluçou de alívio.

Não era névoa. Eram as cortinas da cama, com listas verdes e douradas. Ela passou seus dedos no tecido frio e as puxou para o lado, exalando seu medo e inalando os aromas reconfortantes de azeite de limão e sabão de flor de laranjeira. Sobreviveu mais uma noite. Três noites após o misterioso evento no cemitério. Três meses desde que seu pai a deixou para seguir seu caminho sozinho. Ela se jogou de novo nos lençóis suaves, delicados e macios envoltos em sua pele.

Um momento depois estava de pé. Na janela, abriu as pesadas cortinas e não parou até que as afastou completamente, expondo cada polegada do elegante quarto à luz solar. Parou atrás da janela, com sua quase nudez oculta de qualquer jardineiro ou transeunte, e se consolou com a vista de Hyde Park, que se estendia mais à frente do pátio. Suspeitou ter dormido até tarde, porque o sol estava alto e a fome rugia seu estômago. Por uma campainha chamou à cozinha pedindo o café da manhã.

Na noite anterior ficou deitada na cama até que a luminária se apagou por falta de azeite. Permaneceu assim um pouco mais, escutando cada rangido e movimento na casa, esperando que um par de olhos de bronze aparecesse. Em algum momento, adormeceu. Um olhar à luz do sol pela janela, e às touceiras de açafrão branco, amarelo e arroxeado que alegremente salpicavam os canteiros de flores, e se sentiu segura de que logo se esqueceria de seus medos e poderia aceitar plenamente essa nova vida.

Inclusive agora, seu pulso vibrava como uma sinfonia melodramática de uma orquestra de teatro cada vez que recordava o momento, das belas palavras do Lord Alexander ao querer visitá-la. Dois dias se passaram sem vê-lo. Ela rezou, apesar do seu coração feminino, que a houvesse esquecido. Sua atenção a deixava nervosa. Ele

era muito, muito dourado, muito audaz, e ela tinha muitas suspeitas, muitas reservas. E compreendeu a importância dos manuscritos. Ele era exatamente o tipo de homem em quem não poderia se permitir confiar.

Escutou uma suave batida na porta. À sua resposta, uma criada entrou com uma bandeja de prata e com alguns cartões de visita. O único que reconheceu foi do senhor Matthews, do Museu Britânico. O senhor Matthews foi um amigo próximo de seu pai, mas há seis meses, ele acusou o professor de roubo. Ela não estava pronta para recebê-lo.

Durante meia hora, a criada ajudou Mina com suas anáguas e espartilhos, e, finalmente com um de seus três vestidos negros. Também escovou o cabelo de Mina antes de encher uma xícara de chá e deixá-la sozinha outra vez. A ajuda de uma criada era algo que Mina nunca teve a oportunidade de desfrutar. Levou algum tempo para se acostumar com a experiência. Ela sempre viajou muito com seu pai, e esse luxo jamais lhe foi concedido, sempre supriu suas próprias necessidades. Desde que chegou para ficar com a sua família, não podia deixar de se sentir mimada. Para sua surpresa, estava gostando.

Tirou a trava da janela mais próxima e a abriu. Lá fora, os pássaros cantavam nas árvores, e as carroças rodavam passando. Quando se voltou para sua xícara de chá, seu olhar concentrou-se na bolsa de couro no canto, cheia dos cadernos e papéis de seu pai. O sorriso desapareceu de seus lábios. Tinha-os levado com ela todo o caminho pelo Nepal, sem deixar que saíssem de sua vista. Inclusive dormiu com eles na viagem de navio. No dia anterior os examinou e começou a organizar e transcrever suas notas. Com o tempo, como sempre planejou desde que sua mãe morreu, apresentaria um documento à Sociedade Geográfica Real, sob o nome de seu pai, a título póstumo, é claro, mas não estava pronta para enfrentá-la ainda.

Em troca, desfrutou de um pão torrado com geleia e uma segunda xícara de chá antes que algum serviçal viesse recolher a bandeja. Envolvendo duas salsichas em um guardanapo, saiu no corredor e se dirigiu escada abaixo. A casa estava em silêncio, apenas com os criados trabalhando.

Provavelmente Lucinda e as garotas foram dar seu passeio diário pelo parque.

Há dois dias, enquanto lia no jardim de inverno, viu três pares de olhos verdes nos arbustos ao longo da parede do fundo do jardim. Pouco tempo depois, Mina agachou, recolhendo sua saia entre as pernas para que o ruído não assustasse os gatinhos ariscos.

- Vamos, queridos. – Ela desdobrou o guardanapo e o deixou sobre a calçada. – Tudo bem. Eu trouxe o café da manhã, mas shh, não digam nada. Não acredito que a cozinheira gostaria de ver isso.

Rapidamente, os olhos verdes piscaram nas sombras. Com o tempo, um pequeno felino, de cor negra brilhante saiu dos arbustos. Com a graça de uma rainha, deu as costas a Mina e se sentou, ignorando as salsichas.

Outro ficou ao redor de suas saias, enquanto um terceiro deu uma tapa e cheirou as salsichas, finalmente, atacaram e afundaram seus dentes na salsicha. Mina passou os braços ao redor de seus joelhos. Não tentou acariciar os animais. Eram selvagens e ainda estavam aprendendo a confiar.

Sempre amou os animais, inclusive ao baboso iaque que montou nas montanhas nos últimos dias da expedição com seu pai. Entretanto, suas constantes viagens impossibilitavam que tivesse algum animal de estimação. Os animais requeriam constância. Permanência. Algo que depois da morte de sua mãe, e da sucessão de internatos decadentes e de um sem-fim de viagens, havia desejado intensamente.

Uma sombra escureceu as pedras.

- Não deixe que Lucinda a pegue fazendo isso.

Os gatos saíram disparados para os arbustos. Mina se virou e viu Astrid nas escadas atrás dela, ficou de pé enquanto sua prima se sentava no degrau.

- No pensamento da minha querida madrasta, os gatos e os cães não são melhores que os roedores.

Mina recuperou o guardanapo vazio e o amassou com a mão.

- Está linda hoje, Lady Astrid.

A jovem sorriu, como uma diva da moda e da graça. Seu cabelo loiro estava preso à perfeição, e usava um elegante vestido de dia cor ameixa, com acabamentos na cor púrpura. Diferente de Mina, a família havia guardado tão somente uma semana de luto, que foi a semana do funeral. Três meses já se haviam passado, e com todas as regras aceitas de etiqueta, não se esperava que devessem continuar a prática por causa de uma pessoa que não viam a cerca de duas décadas.

- Lucinda quer saber se você gostaria de ir a Hurlingham esta manhã. Temos um musical para assistir no clube.

Mina concordou.

- Isso seria encantador. Vou pegar minhas coisas.

Talvez. . . Apenas talvez, Lorde Alexander estivesse lá.

Voltou para seu quarto, amarrou o chapéu, pegou as luvas e a bolsa.

Da sua mesa de cabeceira, pegou o livro que havia começado a ler na noite anterior e se voltou para a porta. Seu olhar caiu sobre a bolsa de couro que continha os escritos de seu pai.

Estranho. Teria jurado que mais cedo, quando estava tomando seu café da manhã, a alça do cadeado de bronze estava voltada para o quarto, em vez de voltada para a parede.

Aproximou-se da bolsa. Ajoelhou-se, um movimento que a deixou sem fôlego devido a seu espartilho, e pegou a bolsa. O cadeado continuava pendurado ali. Deu um puxão no cadeado e pareceu seguro. Certamente estava enganada. Embora tenha feito ela mesma a cama, a bandeja do café da manhã continuava na mesa, por isso a criada não havia nem sequer arrumado o quarto.

Ninguém esteve em seu quarto.

- Meu senhor.

Marcus despertou, com a voz e seu canto sedutor de palavras ininteligíveis ainda ecoando em sua mente. Uma luz azul pálido fluía através de uma porta para banhar sua pele. Amanhecer ou crepúsculo? Não sabia. Estava deitado sem camisa, com calça, com seus membros enrodilhados em lençóis azuis escuros. Uma figura imprecisa se aproximou, entrando no foco. Distinguiu um rosto e uma capa preta.

- Isto está se tornando um hábito infeliz. – Grunhiu ele, esfregando os olhos.

- Bom dia para o senhor também. – Leeson segurava um copo de água e também uma xícara, uma melhoria com respeito à escolha anterior de um artigo pontudo de tortura. Ele tomou a água e deixou a xícara fumegante ao lado da cama.

Marcus se levantou e foi até a porta.

Chelsea. Conjunto de casas. Todas pintadas na mesma cor azul clara. . . E todas à distância. Árvores. Sentiu o movimento da embarcação à deriva em direção as amarras sob o comando de Leeson.

Suspirou forte, aliviado de encontrar-se ao menos, nas águas familiares do Tâmisa e não na costa de São Francisco ou Samoa.

A garota na ponte. Devia ter feito como estava previsto, e ancorado o barco ao longe da costa. Mas por que não conseguia se recordar?

Voltando-se para Leeson, franziu o cenho.

- Não me diga que é janeiro.

- Oh, não. Não, senhor. É terça-feira pela manhã. Os lábios do ancião se pressionaram. – Desapareceu durante três dias.

A frustração destroçou sua calma. Mais tempo perdido. O que significava?

- Não estive aqui, no cais todo esse tempo?

- Não posso afirmar. Leeson encolheu os ombros. – Vi a embarcação à deriva nessa manhã. Tive que trazer um carpinteiro no sábado para terminar os consertos na cozinha. Será malditamente difícil que ele volte de novo, algum dia.

A ideia de que esteve caminhando sonâmbulo por Londres durante três dias sem recordar nada de suas atividades não lhe caiu nada bem. Marcus se lembrou da voz e de tudo o que o encorajou a fazer.

Não. . . Não gostava nada da ideia.

Só então registrou as palavras de Leeson. Marcus percebeu a mudança a sua volta. As cortinas, os móveis... Tudo foi devolvido a sua ordem anterior. Leeson se retirou para a mesa onde havia uma pequena pilha de papéis.

- Tenho outro jornal para você. Vários, na realidade. – O interesse de Leeson em todas as coisas mortais era uma particularidade

conhecida. O secretário de Lorde Black vorazmente lia jornais, livros e revistas, algo que lhe transmitisse conhecimentos sobre a humanidade. Mantinha uma meticulosa coleção.

- É claro que tem. – Marcus colocou os dedos no cabelo, apoiou a testa nas mãos, e fechou os olhos. – Não quero ler. Só me diga o que aconteceu.

Leeson deu a volta, com uma expressão sombria.

- Pois bem. . . – Olhou o jornal em suas mãos. – Sinto compartilhar que há três dias um evento horrível aconteceu nos Estados Unidos. Na Pensilvânia, para ser mais específico. O evento começou com chuvas torrenciais e inundações, e em questão de dias, o excesso de água levou a uma catastrófica ruptura na represa.

Marcus assentiu, olhando para o chão.

- Adiante.

- O dilúvio arrasou aldeias inteiras a distância. Inclusive uma cidade. Muitos morreram, homens, mulheres e crianças.

- Trágica notícia. – Assentiu solenemente Marcus. – O que isso tem haver comigo?

Desastres naturais ocorrem de vez em quando. Como imortal, foi testemunha de centenas deles através dos séculos, e de um distanciamento necessário, viu como o sofrimento deixava sérias consequências. Não havia nada que ele ou qualquer outro Amaranthine pudesse fazer para evitar.

O olhar de Leeson tinha um significado não dito.

- Pensei que deveria tomar conhecimento.

Marcus se sentou em silêncio e rígido ao lado da cama, não querendo reconhecer que sua mente também corria pelo mesmo longo e

perigoso caminho. Marcus se levantou, com sua calça sem cinto deslizando por seus quadris. Ele resmungou – Onde está o resto das minhas roupas?

- Separadas na lavandeira, senhor. Há uma seleção de roupas limpas no armário.

Marcus tirou a calça que estava vestindo. Usando apenas roupa de baixo, abriu o armário. Leeson avançou e pegou a roupa descartada no chão. O secretário se retirou para o outro lado do quarto próximo a mesa, claramente oferecendo privacidade a Marcus para lavar-se e vestir-se. Marcus jogou água na bacia, e em uns instantes, colocou calça de linho limpa.

Leeson disse em voz baixa.

- Agora que Jack o Estripador se foi. . . Não há perigo, não é? O Mensageiro Tantalyte foi silenciado. Estou certo de que é só uma. . . Coincidência desagradável que sofresse um de seus feitiços enquanto esse colapso da barragem acontecia.

- Senhorita Limpett, espero que não se importe se resolvermos alguns assuntos durante o caminho – disse Lucinda, olhando pela janela.

- Não, absolutamente – respondeu Mina.

A carruagem corria ao longo da Bond Street. Lojas elegantes, com janelas polidas seduziam por todos os lados. O meio-fio estava cheio de carruagens, as calçadas com as damas esplendidamente vestidas e com seus lacaios as acompanhando. Mina não pôde evitar sentir-se um pouco invisível comparando sua roupa simples e escura.

- Em primeiro lugar, tenho que parar na papelaria. – A condessa ajustou a costura de sua luva e se dirigiu às primas de Mina. – Evangeline e Astrid, a senhorita Gerard fica a apenas duas lojas mais a

frente, por isso podem entrar e perguntar a respeito das roupas de montaria. Devem estar prontas hoje.

Sorrindo para Mina disse.

- As jovens damas devem ir a Paris para seu enxoval e para a alta costura, mas saiba que as roupas de montaria mais refinadas se encontram em Londres. Não deixe que ninguém a convença do contrário.

Mina assentiu. Ela não tinha roupas de montaria, ou algo que pudesse ser considerado remotamente como de alta costura. Quanto a um enxoval de noiva, não acreditava que necessitasse um em um futuro próximo.

- Chegamos. – Anunciou Lucinda.

A carruagem terminou seu percurso na frente de uma série de lojas elegantes, todas com letras douradas pintadas nas janelas, identificando as mercadorias que estavam à venda. O lacaio abriu a porta e as garotas desceram. Mina as seguiu, e finalmente desceu Lucinda. Reuniram-se na calçada, com o lacaio flutuando perto para oferecer qualquer assistência que pudesse ser solicitada.

- Senhorita Limpett, por que não me acompanha? Percebo que não tivemos a oportunidade de pedir seus artigos de luto.

Mina concordou.

Lucinda segurou a mão das irmãs dando as últimas instruções.

- Meninas, nos encontraremos aqui, assim que tivermos terminado. Perguntem se os chapéus com novos estilos chegaram de Paris. – Astrid e Evangeline foram em direção a uma loja bem decorada, duas portas mais abaixo da calçada. Lucinda as observou até que desapareceram no interior.

- Eu gosto de ter certeza que chegarão ao seu destino. Astrid pode ser um pouco travessa.

Juntas, seguiram para a loja de papelaria. Para surpresa de Mina, um homem as esperava ali, com uma grande câmara Kodak. Lucinda parou e virou a cabeça para um lado e ligeiramente para baixo, mostrando o perfil de seu chapéu de palha, a copa imitava uma tela artística com flores artificiais, frutos dourados e fitas de organza. Sorriu com recato.

Mina se afastou rapidamente, para não prejudicar a imagem. Click.

O fotógrafo fez um gesto de agradecimento para as duas, e logo seguiu pela calçada.

Como se nada tivesse acontecido, Lucinda entrou na loja. Mina a acompanhou.

O comerciante se levantou atrás de um pequeno balcão.

- Lady Trafford. – Saudou.

- Bom dia, senhor Abbott. Minha sobrinha, a senhorita Limpett gostaria de ver amostras de papeis timbrados para ela, que está de luto.

- Agora mesmo, minha senhora, e atenderei seu pedido também.

Uma vez que voltou, demorou apenas alguns minutos a Mina para fazer uma seleção, porque não tinha verdadeiramente muitas alternativas. Havia cartões brancos com grossas bordas pretas, cartões de cor branca com bordas pretas finas, e de todas as espessuras de margens entre eles. Ela escolheu algo intermediário.

O senhor Abbott preencheu o formulário correspondente.

- Me deixem ver se temos esse cartão em particular aqui na loja, ou se terei de encomendar. – Ele desapareceu na parte traseira da loja.

No balcão ao lado dela, Lucinda abriu a tampa de uma caixa pequena. Tirou um cartão de visitas e leu o texto. Um suspiro escapou de seus lábios.

- Temo que estejam todos incorretos, e é a segunda vez. – Franziu o cenho, evidentemente exasperada. – Parece que não iremos embora tão cedo.

Uma mulher alta, vestida na moda entrou na loja. Ela e Lucinda se saudaram alegremente.

Mina aproveitou uma pausa na conversa.

- Senhora, gostaria de ir ao encontro de Astrid e Evangeline.

Ela sabia muito pouco a respeito da moda atual, e queria ver os chapéus de Paris também.

- Muito bem, querida. Diga ao lacaio que a acompanhe – instruiu Lucinda. – Estarei com vocês assim que puder.

Mina pegou sua bolsa no balcão, e logo foi para a calçada. A carruagem Trafford já não esperava junto à porta, depois de ter sido aparentemente empurrada mais para frente para dar lugar a outras. Ela não fez nenhum esforço para ganhar a atenção do lacaio, que estava envolvido em uma conversa com o seu colega condutor. Era a mesma distância para a carruagem ou para a loja, já que estava na direção oposta à loja da costureira, Mina se sentiria como uma tola por solicitar uma escolta para uma caminhada tão curta. Já lidou com os mercados, com as barracas de campanha e com aldeãos curiosos em vários lugares exóticos, por que não em Bond Street? Na verdade, algumas das regras que agora tinha que cumprir eram tolas.

Ela passou em um estreito beco em seu caminho. A vitrine seguinte mostrava uma encantadora coleção de caixas musicais de porcelana. Ela fez uma pausa. Havia muitas delas, as mais belas em

forma de flor. Seu olhar passou de uma a outra, e se maravilhou com os detalhes e a mão de obra. Quando se virou para continuar, congelou.

Uma pessoa com uma máscara de teatro preta cambaleou para ela, vestida com um manto negro em forma de capa que descia até seus joelhos. Suas pernas estavam vestidas com meias brancas e terminavam em sapatos pretos de fivela. Pelo menos assumia que o ator das ruas era um homem. Pela roupa era difícil de dizer.

Uma governanta e vários meninos que passavam, seguiam na mesma direção de Mina. O ator girou em um círculo, e do nada tirou uma rosa formada por pétalas da cor vermelha e branca. Inclinou-se galantemente e a ofereceu ao menino. A criança riu e aceitou o presente. Ele e a governanta continuaram caminhando. Mina também, encaminhando-se para a costureira. Ela sorriu cortesmente.

Ele saltou na frente dela e balançou seus braços freneticamente. Talvez seu desempenho estivesse destinado ao divertimento, mas o resultado era desconcertante. Incapaz de ver seus olhos pela forma e a profundidade da máscara, considerou o efeito quase macabro.

Ela riu, um pouco nervosa.

- Sim, posso ver que é. . . Muito ágil.

Ela se desviou, e outra vez ele pulou na frente dela, então fez uma acrobacia espetacular e desfilou frente a ela com os braços rígidos como um soldado.

Aliviada, e um pouco nervosa, ela se moveu para frente, só para sentir um golpe duro contra seu ombro.

Capítulo 5

- Senhor! – exclamou exasperada.

Uma mão enluvada saiu de dentro do manto, agarrando seu braço. O mundo girou. Ele a jogou no beco. Um grito veio da direção dos carros.

Ele agarrou os seus cabelos. A dor rasgou a sua têmpora.

- Ai! – Gritou ela.

O metal brilhou. Uma faca. Passos soou na calçada. Algo a golpeou no centro do peito, e caiu no chão. O agressor fugiu para o beco.

Mina ofegava. A seus pés jazia uma rosa como a que ele tinha dado ao menino.

O lacaio dos Trafford surgiu na esquina, com uma expressão feroz.

- Está bem, senhorita?

- Sim. – Ela pressionou uma mão no centro de seu peito, tentando acalmar o ritmo desenfreado do seu coração.

O condutor chegou logo depois, ofegando e com o rosto vermelho.

- Sinto muito, senhorita. Fugiu. Nem sequer posso dizer em que direção ele fugiu.

Um número de espectadores se agrupou ao redor, atraídos pela emoção. Um agente de polícia metropolitano soou um apito e dispensou a todos. Depois de uma investigação rápida, acompanhou Mina à papelaria. Ali, em meio de exclamações de horror feminino de Lucinda e de sua conhecida, a senhora Avermarle, Mina se encontrou instalada

em uma cadeira de veludo. As garotas, aparentemente, ouviram sobre o incidente na loja da costureira, e correram para a papelaria.

Uma mecha de cabelo balançava sobre a bochecha de Mina, cortada bruscamente na metade do seu comprimento. Supunha-se que deveria estar agradecida com seu agressor por não ter cortado mais.

Evangeline tirou um grampo de seu próprio cabelo castanho e rapidamente arrumou a mecha em seu lugar.

Astrid tocou o ombro de Mina, estava mais traumatizada do que Mina se sentia.

– Tem certeza de que está bem, senhorita Limpett?

Mina assentiu, incapaz de se livrar da lembrança da máscara.

- Estou bem. Apenas assustada. Sua senhoria estava certa, suponho. Deveria ter pedido uma escolta. Simplesmente não acreditei que fosse necessário.

- Aonde chegará esta cidade? – Queixou-se Lucinda, apertando os ombros de Mina. – Está claro que necessitamos mais policiais dando voltas pela cidade.

Um policial anotou os detalhes em um pequeno bloco de notas.

- Fazemos todo o possível, minha senhora para manter longe os enganadores das ruas mais ricas, mas às vezes acontece. Geralmente, são somente charlatões. Suspeito, entretanto, que este homem era um criminoso comum na forma de um ator da rua. A audácia de seu crime é chocante, mas não é o primeiro ladrão que vimos.

Lucinda se inclinou para Mina.

- Vamos para casa.

Os rostos das garotas caíram em decepção. Mina não pôde deixar de compadecer-se. Elas renunciaram a uma semana de sua temporada

de estreia pelo luto de seu pai, um estranho, e depois passaram vários dias trancadas em casa, enquanto os preparativos para a festa no jardim estão sendo finalizados.

E na verdade, tudo o que Mina queria era esquecer o incidente.

Mina assegurou a Lucinda.

- Preferia que fôssemos a Hurlingham como estava planejado.

****

Leeson se dirigiu à mesa.

- Falando de perigo, sua caixa de mensagens continha uma série de correspondências, que em sua essência, são de várias damas. Há uma série de cartões de visitas e convites também. - Ele havia organizado em uma pilha.

Mina. Com somente a lembrança dela, algo dentro dele se tornou menos forte, menos zangado. Uma coisa era permitir que Leeson estivesse a seu serviço, mas talvez... Maldição. Esqueletos? Luz acesa de cor laranja? Talvez as coisas estivessem muito perigosas. Talvez ele tenha se tornado muito perigoso.

Apesar de suas próprias ilusões, teria se equivocado com o que ela disse? Desconcertado, aproximou-se da mesa.

Quando ele havia se preocupado com alguém além de si mesmo? Negava-se a começar agora.

Leeson organizou três cartões, todos em uma fila. Marcus franziu o cenho. Reconheceu a escritura em uma, e a deixou para o final. Quando abriu outra, o aroma da lavanda se derramou.

No interior encontrou uma nota breve, escrita com um estilo espetacular.

- Hurlingham. Terça-feira, ao meio dia. Na sede do clube.

- A.

A segunda nota cheirava a violetas e continha informação idêntica. A autora tinha assinado simplesmente,

- E.

A terceira, é claro, tinha de ser,

- L.

E por sorte não continha nenhum aroma, entretanto, as palavras Por favor, foram adicionadas e sublinhadas.

- Há uma de todas as mulheres da casa, mas não da garota Limpett.

- Estou vendo.

- Como ela está? Que informação pôde extrair dela no funeral?

Marcus hesitou. Leeson não sabia sobre a falsa morte do professor. Em circunstâncias normais, uma coisa assim seria facilmente verificável pelo secretário imortal, mas se as portas estavam fecharam, efetivamente estava isolado de informação que todos tinham desfrutado antes.

Estava considerando se deveria compartilhar algo do seu conhecimento, mas no final, decidiu que não tinha mais jeito evitar confiar nele ao menos nisso.

- O professor não está morto.

- O que? - Seu emplastro no olho subiu em seu rosto com a elevação de suas sobrancelhas.

- Ele e sua filha encenaram sua morte. Estou certo de que era para enganar alguém que os perseguia.

- Alguém que não era você? - Leeson franziu o cenho com curiosidade.

Marcus assentiu.

- Há alguém aí fora que quer os rolos. Caso se trate de um indivíduo ou de uma espécie de culto à imortalidade, não sei ainda. Só sei que tenho concorrência.

Leeson se aproximou. Suas sobrancelhas se juntaram devido aos seus pensamentos.

- Percebo que são objetos de valor, mas acredita que seu verdadeiro conteúdo seja confiável?

- Diabos, nem sequer posso pretender conhecer seu verdadeiro valor. Tudo o que sei é que o primeiro pergaminho dá uma ideia da informação contida no segundo e no terceiro, certamente, dá detalhes de como conseguir a renovação da imortalidade, que poderia reparar a um imortal afetado pela Transição. - Respondeu Marcus. - Tenho que acreditar que o professor se encontra ainda com a posse dos rolos, ou ao menos sabe onde estão.

- Então, qual é seu plano para seduzir à moça?

Marcus encolheu os ombros. Eram seus métodos tão previsíveis? Tão clichês?

O ancião pressionou.

- Vamos. Não somos dois patifes contando nossas histórias. Essa é a estratégia. Já conseguiu levá-la para a cama?

- Leeson!

- Não seja tímido, menino, dançou a polca horizontal ou não?

- Meu Deus! - Exclamou Marcus. - Só nos conhecemos faz três dias e estive... Não sei onde, mas acredito que estou a salvo assumindo que não estive com ela, por isso não. Nós apenas conversamos.

- Conversaram. - Leeson mastigou a unha de seu polegar pensando. - Não estou seguro de que esse método seja muito eficaz ou conveniente, como requer os fatos. Para sorte sua, uma mulher mortal se converte em massa maleável nas mãos de um mestre amante imortal. Você e eu sabemos disso. - Ele piscou seu único olho. - Leve-a para sua cama e ela dirá tudo o que você quer saber.

Marcus disse com firmeza.

- Não tomei nenhuma decisão sobre como, exatamente, procederei com a senhorita Limpett.

- Sua única alternativa que eu vejo, é cortar seus dedos um por um até que ela fale. - Fez um movimento de tesoura.

Marcus cerrou os dentes.

- Essa não é uma opção.

- Estou inclinado a concordar. - Leeson assentiu. - Eu a vi pessoalmente. Tem os dedos formosos, portanto a sedução é o plano de ação desejado. Tudo o que você precisa fazer é trabalhar a magia de Marco Antônio nela e ela dirá o paradeiro do professor.

Marcus compartilhou sua mais profunda dúvida. Uma que se negou a abordar, inclusive consigo mesmo.

- Maldição. E se ela não sabe onde está o pai? O que acontece se estou perdendo o meu tempo?

- Oh, aposto que ela sabe onde ele está. Se tivesse uma filha como ela, a deixaria no sujo e velho mundo e se esqueceria dela? Não. Pode estar em busca de aventuras, mas tem o olho paternal nela de algum jeito. Tem que confiar em seus contatos aqui em Londres, que lhe

transmitiriam qualquer motivo de alarme. E se alguém é motivo de alarme, esse é você.

- Levarei isto em consideração.

- Como deveria. Mas neste caso, acredito que é necessário ir mais longe quanto à garota em questão. Tem que agir com grande estilo. Não há tempo a perder.

- O que sugere? - perguntou Marcus com ironia.

Era evidente que o homem não entendeu o sarcasmo.

Leeson cruzou os braços pensando, seu olhar voltado para o teto.

- Estamos experimentando o mais estranho verão, ou está torrando ou está frio, mas não com chuva à vista. Por isso vamos excluir uma orquestrada "sedução de presos em uma cabana de jardineiro em um dia de chuva". - Sorriu. - Sempre é meu cenário favorito. A roupa de todos fica molhada e pegajosa.

Marcus negou.

- Não farei isso. Não seduzirei a senhorita Limpett. Ela não está acostumada a...

- Como todas as demais? - Sorriu Leeson. - Então temos que pensar em algo grande. Algo realmente espetacular.

Marcus se serviu de um copo de água da jarra sobre a mesa.

- Se não entendeu o que acabo de dizer, permita-me traduzir: Mantenha-se afastado dos meus assuntos, no que se refere à senhorita Limpett. - Tomou o líquido frio de um só gole.

Leeson encolheu os ombros, mas seus olhos brilharam ainda muito maliciosos.

- Faça como quiser. Eu estou, afinal, a seu serviço. - Voltou-se para olhar o embarcadouro. - Estamos nos aproximando do cais. Antes de chegar, há mais uma coisa que precisa ver. Algo que tenho. . . Ah, protelado em mostrar já que... Não acredito que ficará muito contente.

- O que é agora? - Marcus perguntou com desconfiança, e largou o copo.

- Acredito que é melhor que saia e dê uma olhada. - Algo no rosto de Lesson, o aperto em seus lábios, o endurecimento de sua mandíbula, disse a Marcus para não fazer perguntas, simplesmente fizesse o que ele pedia. Abriu a porta de madeira laqueada e saiu para o ar fresco da manhã.

Pétalas de rosas brancas atapetavam a soleira. Pouco a pouco, ele seguiu as pétalas até chegar à proa do Thais.

Pétalas de rosas. As desagradáveis lembranças surgiram em sua cabeça. Jack teria preferido rosas vermelhas.

Estas eram brancas.

Bom, em sua maioria.

Algumas das pétalas apresentavam manchas de sangue.

Leeson se juntou a ele, com um rodo e balde na mão.

- Veja por você mesmo a totalidade, senhor. Limparei essa bagunça. Vá a Hurlingham e veja se consegue obter o nome do responsável por isso, e junto a Srta. Limpett a localização do professor, tudo isso envolvido com os trapos das intrigas.

Hurlingham, situava-se no extremo privado dos jardins de Ranelagh, não estava longe de Cheyne Walk. De fato, os jardins do clube privado estavam tão perto que Marcus optou por ir caminhando. Queria usar o tempo a sós para pensar, e pensar era o que mais fazia ultimamente.

Pensava em sucumbir à luz laranja da transformação.

Em esqueletos.

Na maldita voz em sua cabeça.

E agora, além de tudo, havia pétalas de rosas brancas manchadas de sangue. Pelo menos, claramente, as pegadas não pertenciam a ele. Eram menores e mais estreitas. Deviam pertencer a uma mulher ou a um homem de menor estatura, ele se encontrava incapaz de discernir.

Sua mente voltou para o mesmo pensamento. Como Leeson sugeriu, por que deveria surpreender-se que ele, um imortal na Transcendência fosse também suscetível às mesmas ondas de mensagens destinadas às almas deterioradas, como Jack o Estripador e o resto dos diabólicos brotoi tentando povoar a terra? A admissão não era feliz. Só servia para destacar o pouco tempo que tinha para salvar a si mesmo.

Marcus esperou nas sombras do clube Hurlingham. A enorme estrutura de colunas coloniais oferecia uma grande saudação aos navios que navegavam pelo Tâmisa. Visível de onde se encontrava, o rio corria ao longo da fronteira sul da propriedade. Com sua atual avalanche de sorte, provavelmente encontraria Lucinda, Astrid, Evangeline, ou Deus, por favor, não, as três de uma vez e seria informado que Mina ficou em casa. Orou para que uma caminhada no meio da semana pelos jardins fosse um passeio desejável para uma moça de luto. Se tão somente pudesse encontrá-la a sós.

Sua querida mãe escreveu o livro sobre sedução estratégica, e supunha que a maçã não tinha caído longe da árvore.

Marcus se dirigiu à frente do clube, por baixo da encosta. Enviou milhares de ondas mentais em todas as direções, em um esforço por captar seu rastro. A música vibrante de um quarteto de cordas era ouvida pelas janelas abertas, acrescentando uma pontuação quase

cômica em sua busca. No ano passado, seu time ganhou no longínquo campo de polo, com o aplauso da tribuna cheia de expectadores. O clube também organizava partidas de tênis, partidas de cricket, e tiro ao alvo somente para membros masculinos. Provavelmente a senhorita Limpett não praticasse nenhum desses esportes. Ele completou o percurso por um bosque de árvores grossas, o que o levou a uma pequena clareira. Ah, ali. Perto. . . Sim, ela estava perto.

Entretanto, seu olhar parou em um homem com chapéu de palha e com roupas de algodão branco, um homem familiar que não tinha por que estar em Hurlingham. Marcus pensava frequentemente se Lesson seria meio duende, por sua capacidade de se mover tão rapidamente.

Uma grande lona branca cobria toda a clareira. No centro, se destacava um grande cesto de vime e mais à frente, um balão de gás inflado pela metade. Marcus identificou a fonte do som, um compressor metálico cilíndrico de gás comprimido, inflando o balão através de um grande tubo. Leeson gritava ordens a quatro lacaios do clube, que estavam alinhados colaborando no enchimento do balão inflável.

Marcus se aproximou por trás, e grunhiu.

- O que está fazendo aqui?

Leeson o olhou pelo canto do olho.

- Acredito que é óbvio senhor. Estou inflando meu balão. Meu grande, e espetacular balão. Não se preocupe. Não interferirei com seus planos. Percebo que não precisa de mim ou de minhas ideias tolas de velho. Assim ficarei aqui me distraindo com minha própria emocionante diversão. Talvez possa convencer a uma bela dama aventureira a subir comigo. Por certo, a sua se encontra sentada entre as árvores.

Marcus estreitou os olhos em alerta e se afastou.

Mina continuava com o livro aberto, mas só via aquela máscara. Piscou afastando a imagem, e olhou para além da grama. Os casais passeavam de mãos dadas. As crianças corriam uma atrás das outras através das árvores. Babás empurravam os bebês em carrinhos brilhantes. Tudo a seu redor parecia tão normal. Tudo estava normal. Nessa manhã, fora da loja, foi vítima de um crime comum. Se a intenção do agressor fosse machucá-la, teria feito, mas tudo o que ele queria era uma mecha de seu cabelo. De acordo com a polícia, a pessoa sofria de um fetiche de cabelo, e tinham visto o crime antes.

Então por que sua mente insistia em pintar o mundo com sombras de perigo e de morte iminente? E em inventar ligações nebulosas onde não deveria haver nenhuma?

Trafford encontrou-as inesperadamente no clube. Por desgraça, havia esquecido seu ingresso, por isso Mina insistiu em lhe entregar o seu. Era compreensível que se preocupasse com a notícia de seu ataque, e embora expressasse sua preocupação, não conseguia evitar sentir como se estivesse marcada como uma donzela em constantes apuros. Primeiro, a arma que havia empunhado com pânico no cemitério, e agora isto. Com o propósito rápido de provar que o evento não a incomodou, calmamente afirmou que fossem ao recital particular, insistindo que ficaria melhor lendo seu livro nos jardins.

O fôlego de Mina sumiu quando divisou uma figura alta, usando calça cinza e um casaco azul escuro. Ombros largos e com confiança Lorde Alexander caminhava em sua direção. Ela mordeu o lábio, rezando para que não a visse, e também para que se aproximasse.

Seus calmos olhos azuis percorreram a grama, deslizando sobre tudo, de forma desinteressada. . . Até que pousou nela. Seu ritmo ficou mais lento. Sua boca mostrou um sorriso. O sorriso. Encantadoramente inocente, com um olhar sagaz de canalha. O prazer se concentrou em seu ventre, e esquentou sua garganta e rosto.

Sua megera interior, a que sempre imaginava como mal-humorada como uma versão de si mesma, aconselhou que permanecesse em guarda. Ele era muito bonito e muito tentador, inclusive para uma jovem forte, com visão de futuro como ela, que sob as circunstâncias adequadas, evitaria qualquer romance. Mas, como não ficaria animada com a presença de um homem tão notável?

- Bom dia, senhorita Limpett. - Cumprimentou ele enquanto se aproximava. - Certamente não estamos aqui sozinhos, não é?

- Não, absolutamente. - Ela colocou o marcador entre as páginas, e fechou o livro. - Minha família recebeu entradas para o recital musical no clube, e em vez de ficar enclausurada em casa, vim com eles.

- Que sorte a minha. - Sua sombra se inclinou sobre ela.

Ela o olhou sob a aba de seu chapéu, e perguntou amavelmente.

- O que o traz a Hurlingham?

- Um convite de alguns amigos. - Respondeu ele vagamente.

Sim. Aparentemente ele teria muitos amigos. Tinha a sorte de possuir um magnetismo que atraía todo tipo de personalidades, com admiração e favor. Era atrativo e agradável, mas por baixo de tudo isso, um pouco misterioso também.

Ele acrescentou.

- Devem estar atrasados, mas estou muito contente de encontrá-la aqui. Posso me sentar?

Seria melhor evitar essa tentadora situação. Apesar de ser um tipo diferente de perigo, ela já correu riscos mais que suficiente por um dia. Não queria arriscar-se à possibilidade de que ele tentasse ressuscitar o tema dos rolos. Ela abriu sua bolsa e olhou seu relógio sem sequer notar a hora.

- Na realidade, supõe-se que devo encontrar meus familiares. Quer caminhar comigo até o clube?

Seu sorriso se desvaneceu visivelmente.

- É claro.

Ela deslizou o livro em sua bolsa e se levantou, depois de retirar umas poucas partes de grama de sua saia, se juntou a ele. Caminharam lado a lado pela vereda estreita, com ele elevando-se sobre ela. Furtivamente, ela o estudou por baixo da aba de seu chapéu. Acaso imaginava o ar denso de tensão entre eles, ou ele o sentiria também? Ela curvou os dedos enluvados de ambas as mãos ao redor da alça de ébano de sua bolsa.

- Esteve bem nestes últimos dias? - Perguntou ele, com os olhos cravados em seu rosto.

Não, ela não imaginou a tensão. Recordou que os homens como eram tensos com qualquer pessoa, e utilizavam esse talento como uma arma. Aparentemente experimentava algum tipo de tensão com sua tia, e possivelmente continuaria sentindo. Seu espírito de individualidade rejeitou a ideia de converter-se em uma de suas admiradoras, em uma competidora por sua atenção.

Ela assentiu.

- Sempre há algo acontecendo em casa. As garotas estiveram muito ocupadas é claro, com suas atividades sociais, e Lady Lucinda esteve ocupada com os preparativos de uma festa no jardim para a próxima quinta-feira. Tem um gosto maravilhoso. Estou segura de que o evento será o assunto da temporada.

- Mas e quanto a você? - Pressionou ele, obrigando-a a uma intimidade que ela evitava.

Ela encolheu os ombros.

- Leio. Caminho. Leio e caminho um pouco mais.

Ele riu entre dentes do fundo de seu peito, o bom humor se mesclou com seu poder masculino. Gostava muito do som também. Em sua mente, ela quase se atreveu a perguntar sobre os pergaminhos para que houvesse uma boa razão para se afastar, mas não o fez.

- Há outras coisas para ocupar seu tempo, tenho certeza. - Disse ele.

- Tenho alguns documentos de meu pai. Suas anotações. - Atreveu-se a olhá-lo agora, o que foi bastante imprudente. - Não há nada de real importância neles, mas acredito que serão úteis para vários trabalhos acadêmicos. Os apresentarei à Sociedade Real Geográfica, e veremos se os publicam.

- Sob o nome de seu pai?

- Sim. - Respondeu ela, enfatizando. - A título póstumo, é claro.

- Sempre escreveu os artigos de seu pai, não? - Perguntou.

Ela encolheu os ombros.

- Mais ou menos. Minha mãe acostumava fazer isso por ele. Sempre foi muito boa em fazer traduções, observações e medições, mas por alguma razão, organizar seus pensamentos no papel nunca foi fácil para mim.

- Li todos, sabe. - Ele inclinou a cabeça, jogando a sombra de sua cartola nas suas saias. - São excepcionalmente bem feitos, e tenho certeza que você, como inglesa, escreveu alguns registros sobre a exploração territorial e expedição às montanhas com ótimas instruções. Deveria publicá-los em seu nome, ou pelo menos em conjunto.

- Obrigada. - Sua admiração e incentivo foram como uma carícia física.

- Talvez em algum momento pudesse - encolheu os ombros com elegância – Ajudar-me a organizar meus próprios registros das expedições.

- Talvez.

Seu olhar posou em seus lábios.

- Suspeito que temos muitos interesses em comum.

Ela se sentia quase certa de que suas palavras tinham um significado oculto, e possivelmente inclusive um convite que não tinha nada a ver com o registro, os documentos ou com a expedição estrangeira. Para sua consternação, notou um avanço na intimidade entre eles. Queria lhe fazer perguntas sobre sua família, sobre seus interesses em vários idiomas e artefatos. Por muito que quisesse um lar e uma família e fincar raízes, supunha que uma necessidade de aventura também prosperava em seu sangue.

Dobraram em um afloramento de espessas árvores. Para surpresa de Mina, na frente deles havia um balão flutuando e alternando riscas verticais de seda escarlate e ouro. Um cesto estreito flutuava sobre a terra.

- Que emocionante. Alguém trouxe um balão. - Disse ela.

Sem sequer olhar para o balão. Seus olhos permaneceram desconcertantemente nela.

- Alguma vez. . . Esteve em um?

- Não, mas sempre desejei.

Voar sempre a intrigou. Não podia imaginar quão emocionante seria olhar para a terra, sob o ponto de vista de um pássaro.

Ficou rígida quando Lorde Alexander colocou sua mão no centro de suas costas e a levou para o balão.

- Vamos dar uma olhada, então?

Tão firme. Tão seguro. Tão agradável. À medida que se aproximavam, sua maravilhosa mão se afastou, e ele se adiantou para falar com a pessoa que parecia ser o responsável. O cavalheiro, um homem alegre e pequeno com o cabelo distintamente grisalho, um tapa-olho e um bigode encaracolado nas pontas, assentiu com entusiasmo.

Lorde Alexander se dirigiu a ela, com seu olhar escuro acolhedor, e fez gestos com a mão.

Mina se posicionou a seu lado.

O homem de cabelos grisalhos anunciou.

- Meus honorários são vinte libras.

Os olhos de sua senhoria se concentraram no homem.

- É claro. Deveria ter uma cota, verdade?

Sua senhoria retirou a carteira e selecionou as libras necessárias.

O coração de Mina deu um pulo.

- Vai embarcar?

- Não, você e eu subiremos.

- Oh. - Ela apertou os lábios fechando-os. - Não sei. . . Supunha-se que deveria encontrar minha família no clube.

- Falta um quarto de hora - respondeu ele. - Estou certo de que o recital se estenderá até as onze.

Ela olhou ao redor, talvez procurando por uma saída. Suas bochechas se acenderam. Duas mãos apareceram entre ela e seu cavalheiro, apresentando uma longa folha de papel cheia de palavras escritas, e a outra, com uma caneta tinteiro de prata.

O homem do balão anunciou.

- Antes de subir, tenho que pedir aos dois que, por favor, assinem na linha inferior que indica que são responsáveis por todos os danos que possam causar a sua própria vida e a seus corpos, a terceiros no solo abaixo e ao balão e / ou seus acessórios.

- Oh, meu Deus! - Ela riu em voz baixa. Com ansiedade. Parece que realizaria seu primeiro vôo de balão. Talvez isso fosse o que necessitava, literalmente, elevar permanentemente seu espírito acima dos acontecimentos dos meses anteriores.

Desafiando a cautela, Mina rabiscou seu nome. Lorde Alexander fez o mesmo. O operador abriu a porta e com uma dramática inclinação, ajudou-a a entrar na cesta. O canto onde se empilhavam uns sacos estreitos de areia, cambaleou muito ligeiramente sob seus pés, e ela se agarrou a borda da cesta de vime procurando se equilibrar. Um pequeno grupo se reuniu para assistir. Lorde Alexander subiu a seu lado. A porta se fechou.

- Pensei que o operador viria.

- Não precisamos de auxílio adicional. - A travessura brilhava em seus olhos.

O cavalheiro de cabelo grisalho se afastou do balão, assinalando para cima. Gritou aos lacaios.

- Devagar, devagar. . . Lento, senhores.

Mina ficou sem fôlego. Muito tarde. Muito tarde para voltar. Não sabia se estava desesperada pelo fato de estar no balão a sós com lorde Alexander, ou pelo fato de estar ali sem o operador.

Empurrando sua bolsa até o cotovelo, agarrou com as duas mãos enluvadas todas as grossas cordas de ambos os lado dela.

- Meu estômago está dando cambalhotas. - Levantou os olhos para o cavernoso centro do balão. - Não posso acreditar que eu esteja fazendo isto.

Seu acompanhante, alto e robusto, analisou sua situação, segurando com seus longos braços as cordas, sorriu.

- Segure-se.

De repente, o balão saiu disparado como uma bala para cima em direção ao céu. As pessoas, a grama e as árvores desapareceram como um borrão. Uma rajada cruzou o ar achatando a aba de seu chapéu contra sua bochecha, e uma alegria selvagem, delicada se cravou nela, como se seu estômago se precipitasse para seus pés. O chapéu do cavalheiro saiu voando, caindo em espiral em um nada. Ele começou a rir, um som profundo e maravilhoso. Ela deixou escapar um pequeno grito, mas para seu assombro, percebeu que seus lábios sorriam.

Tão de repente como o balão se elevou, oscilou no alto. A cesta balançou, violentamente.

Apesar de estar se segurando, ela tombou em Lorde Alexander.

- Oh!

Com uma mão na borda da cesta, ele colocou a outra ao redor de sua cintura, observando que as cordas continuavam firmes em seu lugar. O piso nivelou e deixou de fazer seus movimentos agitados. Seu coração retumbou contra suas costelas ao perceber que agora balançava suspensa sobre a terra em uma cesta pequena, mas mais ainda pela sensação prazerosa do braço dele flexionado com tanta força ao redor de sua cintura.

Sob sua roupa cara, seu peito parecia formado de pedra, mais parecido ao de um antigo guerreiro que ao de um erudito cavalheiro de Londres. E cheirava bem.

Divino. Como especiarias, couro e homem.

Ela afastou seus ombros e deu um passo atrás, dois passos muito pequenos, mas isso foi tudo o que a pequena área da cesta permitiu. Suas saias se esmagaram contra o vime.

- Era para acontecer isso? - Ofegou ela.

Agarrou a cesta com ambas as mãos. Seu olhar se desviou do rosto formoso, divertido, para ver embaixo. A sombra do balão derivou sobre o tecido, na direção da grama. Uma corda guia estava pendurada por todo o caminho. A multidão os saudou com a mão e aplaudiram. Mina levantou sua mão o suficiente para saudar.

- Pensei que íamos ficar amarrados e muito mais próximos da terra.

- Deve ter acontecido alguma. . . Falta de comunicação. - Revelou com ênfase na palavra final, com seu sorriso, revelando tudo.

Compreendendo, ela alfinetou.

- É um homem malvado. Sabia que a subida seria assim, não?

O vento suave e ligeiro levou seu cabelo contra sua bochecha. Ele fez uma careta, com um semblante peralta como se tivesse sido pego em um truque muito bem planejado.

- Não nego.

Nem sequer conseguia ficar zangada. O momento era perfeito. Ele era perfeito. Ela se derreteu por dentro. Por que tinha que gostar tanto dele?

Logo sentiu o toque do vento. O balão avançou em direção ao clube. Ela olhava ao redor deles, os telhados, campanários, ruas e becos. Maravilhou-se ao ver o Tâmisa ondulante como uma escura

serpente contra a fronteira sul dos terrenos do clube, com o reservatório de água salpicando em sua superfície.

- Como sabia que estaria de acordo em vir? - Perguntou ela.

- Porque como eu - respondeu ele. - É aventureira.

A música fluía do clube.

Roçando as palmas sobre a borda, ele deu um passo para ela. A cesta se inclinou, e Mina ficou sem fôlego, com os ombros encostados contra as cordas. Com o salto de sua bota, seu cavalheiro habilmente colocou um saco de areia no extremo oposto. A cesta se nivelou.

- Nossa viagem é uma grande aventura - ofereceu sua mão. - Alguma vez você dançou nas nuvens?

Seu pulso subiu para a garganta. Mina olhou para ele. Elegante e estável, ela estava ao inverso disso, com seus dedos trêmulos. Algo aconteceu no fundo de seu peito, era o espírito aventureiro a que ele se referia, despertando.

Como ele poderia saber a respeito da jovem que havia sido, antes que a vida a deixasse com medo? Medo. Odiava a palavra, de fato, toda a ideia de viver amedrontada. Estava muito perto de ser tímida, e nunca antes havia sido. Seu coração aventureiro pulsou mais rápido, pegou a sua mão.

Com um suave puxão ele a fez aproximar-se do centro da cesta. A música ecoava, ampla e luminosa como o céu a seu redor. Seu braço a rodeou. Sua mão pousou contra o centro de suas costas, atraindo-a para mais perto, mais perto do que seria aceitável, para seu peito, tão perto que só uma polegada de espaço os separava. Seu corpo despertou, sua boca, mamilos, coxas, doeram para fechar o espaço. Mina lambeu o lábio inferior.

Juntos se moveram, muito lentamente, mudando o peso e girando com a música.

Uma repentina rajada de vento balançou o balão. A cesta se inclinou o suficiente para lançá-la contra seu peito. A mão em suas costas a apertou, aumentando assim a pressão de tê-la ali.

Em uma fração de segundo, ela tomou a decisão de permitir a familiaridade. Estavam de pé, sem dançar, a não ser abraçando-se e escutando a música.

- Srta. Limpett...

Ele se inclinou. Ela fechou os olhos, sentindo sua intenção.

Uma pressão suave levantou seu queixo.

- Lorde Alexander... - Advertiu ela em voz baixa.

- Marcus. Meu nome é Marcus.

Ele apertou a boca na sua.

Com esse beijo, Marcus perdeu a razão. Ou melhor, encontrou-a. A revelação disso o aturdiu, como o peso de um muro de pedra caindo sobre ele, desejava-a mais do que queria alguma coisa em um longo tempo, por razões distintas de estratégia, ou de salvar sua própria pele.

Inocentes, os perfeitos lábios estavam colados aos seus. Esquentando lentamente sua virilha.

- Marcus... - Ela virou o rosto para que sua bochecha pressionasse contra o oco de sua mandíbula.

- Sim?

Ela escapou bruscamente.

- Não deveria ter feito isso. - Seus olhos castanhos, que estavam brilhantes e emocionados, imediatamente se nublaram.

Ele se sentiu inseguro também.

- Por que não?

- Não sou do tipo que gosta desse tipo de aventuras.

Ela plantou a mão no centro de seu peito e pressionou até que ele retornasse para o seu lado da cesta. O que podia dizer? Se tentasse convencê-la do contrário, a estaria chamando de tola. Dessa distância, mantinha o espaço de um braço, apenas podendo admirar e amaldiçoar-se por ter avaliado mal o nível de atração entre eles.

- Eu a ofendi. - O impulso de beijá-la havia surgido naturalmente. - Não quis lhe faltar com o respeito.

Ela franziu o cenho e olhou para o céu, e novamente para ele.

- Não é que não tenha gostado do beijo, o que temo é que tenha gostado muito. Espero que entenda o que quero dizer com isso.

Nenhuma relação ilícita. Sem intimidade. Isso era o que quis dizer. Sem esperar uma resposta dele, ela se voltou de novo para a borda e fixou seu olhar na paisagem abaixo.

- Estou assumindo que sabe como aterrissar esta coisa.

- Sim, eu sei.

- Então acredito que seria melhor descermos antes de nos afastarmos da terra. Não sei se alguma vez tentou nadar com anáguas, asseguro que não é fácil.

Marcus sabia que ela tinha razão, mas, maldição, esperava um resultado diferente de seu tempo juntos. Nunca fez amor em um balão de gás, e estaria mentindo se dissesse que a ideia não havia passado por sua cabeça. Contudo, pelo menos tinha esperado que se formasse uma conexão mais sólida entre eles.

Puxou a corda da válvula para liberar a quantidade certa de gás. O balão desceu sobre o clube onde parecia que o recital de musica estava terminando. Dedos apontaram para eles. Vozes gritaram. Os rostos de todos estavam para cima. Ele reconheceu Lucinda e Trafford sobre as escadas, assim como as meninas. Quatro bocas abertas ao mesmo tempo.

- Olá! - gritou Mina, saudando-os.

Marcus puxou a corda da válvula de novo.

A terra chegava um pouco mais rápido do que pretendia, um resultado provável de sua distração com a inesperada rejeição da senhorita Limpett.

- Estamos descendo muito rápido. - Disse ela. Suas bochechas estavam rosadas, radiantes.

Não parecia assustada, apenas emocionada.

- Será que vamos bater?

Ele riu e deixou cair um saco de areia, e logo outro como precaução. A descida suavizou um pouco, e se moveram horizontalmente através da grama, passando ao longo de uma fileira de árvores. Mais lento. Mais lento. O balão se inclinou atrás deles, como uma esteira ondulante de seda.

No final da alameda a cesta bateu na grama e se inclinou.

O balão aterrissou, e eles caíram dentro da cesta.

Marcus rodou, colocando-se de costas, com a senhorita Limpett por cima dele.

Movendo-se rapidamente, ele girou, e a colocou debaixo dele. Ficou olhando-a nos olhos.

- Eu gostei muito de nosso passeio. - Murmurou.

Emoldurando seu rosto com as mãos, beijou-a com força, com seus lábios, língua e dentes, tão completamente, tão prazerosamente, que seus próprios pés se enroscaram em suas botas. Escutando a aproximação de passos sobre a grama, rapidamente se levantou.

A senhorita Limpett se sentou, com suas bochechas brilhantes e cor de rosa, com o cabelo solto e seu chapéu torto.

Olhando em sua direção, sussurrou.

- Retiro minha decisão anterior, Lorde Alexander. Pode me chamar para passear novamente.

Um sorriso surgiu nos lábios de Marcus.

Capítulo 6

Marcus sentou-se com Mina e Lucinda em cima de uma manta de listras vermelhas e brancas à sombra de uma árvore de grande porte, desfrutando de um almoço frio. Um criado os havia assistido, servindo três grandes cestas. Havia pães crocantes, ovos cozidos, carne assada e frango, queijo, frutas e até champanhe.

Para não mencionar os olhares secretos, fugazes entre ele e Mina. Cada um com uma pontada de antecipação, pelo que viria. Os pergaminhos. Mina. Mina. Os pergaminhos. A manhã saiu melhor do que ele previra.

No passado ele foi criticado por seus companheiros Amaranthines por seus flertes com os mortais. Entretanto, havia algo a respeito das mulheres mortais na flor da vida que nunca deixava de emocioná-lo. Eram como flores exóticas que floresciam uma só vez. A senhorita Limpett era como uma flor. Cada vez que ele a via, era como se uma capa de invisibilidade se levantasse longe dela, revelando a jóia incomparável abaixo.

Trafford foi se encontrar com o professor de tiro. Marcus evitou o contato visual direto com Evangeline e Astrid tempo suficiente para que elas finalmente se dessem por vencidas e concordassem com um jogo de petecas, com dois jovens cavalheiros bem vestidos. Uma peteca de penas brilhante ia e vinha entre os casais em um jogo suave.

Lucinda pressionou sua mão sobre Mina.

- Senhorita Limpett, tem certeza que se recuperou de seu enjôo? Você parece um pouco febril.

O olhar da condessa se desviou em um tom de recriminação para Marcus.

- Estou apenas com um pouco de calor. - Mina levantou sua xícara de porcelana branca e bebeu um gole de limonada. - Fora isso, estou muito bem. Não ficou nenhum hematoma. Lorde Alexander é um excelente aeronauta. Eu recomendo as suas habilidades de pilotagem a qualquer um.

Astrid se aproximou, balançando sua raquete.

- Srta. Limpett, acabamos de perder o senhor Kilmartin para um compromisso à tarde e precisamos de um substituto. Talvez gostaria de jogar?

As feições de Mina se esquentaram com óbvia surpresa.

- Sim, é claro.

Seu olhar se dirigiu a Marcus enquanto ficava de pé e se unia a sua prima na grama. Juntas percorreram a curta distância até a rede, que estava pendurada entre dois postes de bambu. Ela se inclinou para escolher uma raquete na grama.

O criado recolheu o restante dos pratos. Levando-os para a última cesta aberta, ele organizou tudo para levá-las até a carruagem.

- Vossa senhoria. - Disse a condessa.

- Lady Trafford.

- Marcus.

- Lucinda.

A condessa girou sua sombrinha em espirais diretos, entrecortados.

- Cresceu muito a nossa afeição por nossa sobrinha.

Ele sabia que uma discussão viria. Ele suspirou.

- Eu posso ver por que. Ela é uma jovem notável.

Suas sobrancelhas se levantaram, e seus lábios torceram para baixo como se com esse leve elogio sobre outra mulher, tivesse-a machucado.

- Eu não gosto deste jogo.

- Que jogo, Lucinda? - Perguntou em voz baixa. - O único jogo que eu estou ciente está ali sobre a grama.

Inclusive agora, no meio dessa ridícula conversa ele não conseguia tirar os olhos de Mina. Nem da curva encantadora de seu rosto ou de seu belo pescoço. Nem do estreitamento de sua cintura, ou da influência sedutora de sua agitação. Seu beijo apenas tinha inflamado seu interesse. Sua mente fervilhava ao lembrar-se de seu sabor. Sim, ele desejava encontrar o professor devido aos pergaminhos. Entretanto, não podia negar que ele também desejava a Mina Limpett. Ele a teria também. Durante o tempo que quisesse.

- Está muito claro o que está tentando fazer. - Disse Lucinda.

- E o que seria?

- Deixar-me com ciúmes de minha sobrinha. - Ela girou a sombrinha mais rápido. - A ideia é absurda.

- Especialmente ridícula quando eu não estou absolutamente tentando fazer ciúmes.

- Então, o que foi tudo isso? O passeio de balão? Voando pouco acima de nossas cabeças, e logo à deriva onde não poderíamos vê-lo? Uma provocação evidente.

- Não tenho controle sobre as forças da natureza. - Uma declaração verdadeira, para sua consternação, embora tivesse que admitir que manipulou a cesta.

Ela disse entre dentes:

- Você é um libertino.

Ele respondeu com calma.

- Não vejo nada de errado em tentar animar a senhorita Limpett. Ela passou três meses muito sombrios, rodeada de todos os detalhes da morte de seu pai. Conheci seu pai através de suas atividades acadêmicas. Que mal há em minha oferta de meia hora de diversão completamente honrosa?

- Seu cabelo estava revolto quando nos deparamos com vocês lá no gramado. Ela estava sorrindo, com aquele pequeno sorriso misterioso como só as mulheres fazem. Tem certeza de que voar foi a única diversão que tiveram naquele balão?

Suas palavras inesperadamente o irritaram. Elas foram as mesmas pronunciadas por Leeson pela manhã. Lorde Alexander, o sedutor sem consciência? Teria ele se tornado a caricatura de um homem? Nesse momento, percebeu que sim. Sua acusação, no fundo, era verdade. Ele tinha a intenção de seduzir à senhorita Limpett, em qualquer grau possível, no balão.

Inclusive agora, planejava como poderia tê-la. Mantê-la. Por quanto tempo fosse necessário e lhe agradasse.

- Asseguro-lhe que minhas intenções com a Srta. Limpett são honradas e sinceras.

Ele prometia que isso seria verdade, ao menos até o máximo de sua capacidade. Também prometia que, terrivelmente ele manipularia Mina em direção ao objetivo final de salvar sua própria mente e alma, mas a compensaria dez vezes, inclusive se isso significasse a construção de um palácio para ela mais opulento do que o da Rainha. Milhares de mulheres dariam qualquer coisa por tal honra.

- Mas suas intenções não foram sinceras ou honrosas comigo, certo Marcus? - Ela acusou.

- Nunca a enganei.

- Não. - Ela moveu sua sombrinha e a apoiou contra o tronco da árvore. - Está claro que eu me enganei.

- Foi um flerte, Lucinda.

Ela enrijeceu.

- Não só foi isso. Você e eu nos beijamos.

Ela olhou para longe, movendo a cabeça e sorrindo amargamente. - Graças a Deus salvei-me com Trafford. Ele é a grande paixão da minha vida.

Ele viu a mentira em seus olhos, e por um momento, sentiu pena dela. Ela fez o que todas as jovens damas de sua posição e classe social tinham sido treinadas para fazer. Encantou a um rico cavalheiro com um título e teve seu casamento na grande sociedade. Agora se encontrava casada com um homem a quem ela não conhecia bem, um homem mais velho que para ela não apresentava nenhum atrativo em particular. Mas seu casamento não era do seu interesse.

- É maravilhoso. Desejo apenas o melhor para você, Lucinda.

- Você se aborrecerá com ela rapidamente - ela murmurou com rancor. - Ela é um pequeno camundongo marrom, Marcus, justamente o contrário do tipo de mulher que você necessita.

Havia algo cruel em seus lábios, e no brilho de seus olhos, algo que ele nunca percebeu antes. O ciúme podia fazer coisas terríveis a uma pessoa, como ele havia testemunhado. Ele não conseguia se lembrar de alguma experiência em primeira mão com a emoção.

Trafford cruzou o gramado vindo da área de tiro, que se localizava no corredor ao lado das árvores. Ele plantava sua bengala a cada passo que dava.

Um incômodo silêncio pairou no ar enquanto esperavam que ele chegasse.

- Lucinda. - Trafford parou na borda da manta. O sol transformava o prisma de sua bengala em um arco íris em miniatura de cores. - O professor de tiro está de acordo em deixá-la atirar. É claro, eu aceitei pagar pelas plantações dos jardins da ala norte na primavera, mas aparentemente você tem seu desejo atendido. Só por hoje, entretanto.

- Veja, Lorde Alexander, é exatamente como eu estava dizendo. Pontos brilhantes de cores se espalhavam por suas bochechas. - Meu marido me estraga completamente.

Trafford sorriu, claramente satisfeito por seu louvor. Ele ofereceu-lhe a mão e a ajudou a levantar-se da manta.

O conde perguntou.

– Lorde Alexander, gostaria de vir e assistir? Eles instruirão Lucinda em uma sessão com pombos.

- Obrigado, Trafford, mas eu vou ficar aqui. - Respondeu Marcus educadamente. Ele sempre considerou o tiro ao pombo um esporte covarde.

O senhor e a senhora Trafford desapareceram entre as mesmas árvores de onde o conde acabava de chegar. Ele permaneceu na manta, olhando o jogo. Olhando para Mina.

Entretanto, sentindo a distinta intensidade da atenção de alguém sobre ele, examinou os arredores. Através do extenso gramado, uma mulher caminhava lentamente por trás das colunas do clube, olhando

por baixo da aba de um chapéu vermelho extravagante. Era Selene, vestida com toda a sua elegância habitual.

Os sons de tiros ecoaram nas árvores, em uma série de três, direto em fila.

Lucinda estava disparando nos pombos lançados de uma armadilha. Os ecos desvaneceram.

Marcus se sentia um pouco como um daqueles pombos, exceto pelo olhar fixo de sua irmã. Se Selene desejava ser sua assassina, que assim fosse. Mas não havia nenhuma razão para que ela o espreitasse nas sombras, perseguindo-o, permitindo que fosse vista.

Levantou-se da manta. Havia acabado de falar com ela. Certamente ela não foi ali para uma batalha com ele em um campo de críquete.

Movendo-se pelo gramado, olhou uma vez mais para Mina. Ela esperava pela jogada seguinte.

Evangeline com a visão deficiente golpeou a uma peteca que há muito tempo foi disparada.

Seus sentidos gritaram uma advertência.

Algo foi arremessado na direção de Mina através das árvores a uma velocidade perigosa. No segundo seguinte, o tiro inconfundível de uma espingarda rompeu tudo. Esquecendo-se de Selene, ele correu para Mina, com o medo batendo em seu peito.

Ela estremeceu, mas permaneceu em pé, com a raquete pendurada na mão. Ela não se moveu. Em vez disso, ficou paralisada. Um rumor ecoou através das árvores.

- Você foi atingida? - Marcus agarrou-a pelos ombros e a abaixou no gramado. Tocou a seda destruída de sua saia e olhou seu rosto, que

estava completamente em branco. Se ela levou um tiro, não tinha percebido ainda.

Lorde e lady Trafford correram em direção a eles. Lucinda, com rosto pálido, levando a espingarda de cano duplo apontada para a terra.

Marcus levantou a saia de Mina, e suas anáguas uns poucos centímetros. O sangue manchava suas meias.

Ela sussurrou atordoada.

- Estou um pouco cansada de ter dias interessantes.

Cinco minutos depois, ele a levou-a para a calçada onde o transporte de Trafford esperava.

- O que quer dizer, alguém a atacou na rua esta manhã senhorita Limpett?

Ele teve que lutar para evitar a fúria em sua voz.

- Eu não fiquei machucada. - Insistiu Mina, com os braços ao redor de seu pescoço. - E não estou ferida agora. É só um arranhão de uma pequena bala de chumbo.

Se ela não estava ferida, por que estava tão pálida? Por que tremia em seus braços?

Quando se aproximavam da porta, ela se contorceu para fora de seu alcance, suas bochechas coradas.

- Obrigada, Lorde Alexander.

Ele não tinha certeza que mensagem seus olhos transmitia, mas sob o escrutínio de sua família, ela subiu rapidamente ao interior do veículo. Ele odiava deixá-la ir.

Lucinda, com o rosto abaixado e escondido sob a aba de seu chapéu, subiu depois, seguida de Evangeline e Astrid.

- Oh, querida menina. Eu sinto muito. - Exclamou a condessa, tomando a Mina em seus braços.

- Não é sua culpa. - Mina assegurou em voz baixa.

No campo Lucinda proclamou chorando a Mina, ser vítima de uma falha no disparo. Ela exigiu para quem quisesse escutá-la que o rifle deveria ser examinado à procura de algum defeito.

- Astrid, levante as pernas de sua prima na almofada.

Mina protestou. - Isso não é necessário.

Trafford tirou o chapéu para Mark, sacudindo a cabeça. Ele murmurou asperamente.

- Maldição, é muita emoção para um dia.

Ele também subiu.

Lucinda, com seus olhos acesos, anunciou em voz baixa.

- Sinto muito, Lorde Alexander. Simplesmente não há espaço para você.

O lacaio fechou a porta e deu a volta de novo para subir. O condutor moveu o chicote contra a parte traseira dos cavalos, e a carruagem partiu.

Marcus exalou. Lentamente, voltou ao clube. Selene não estava à vista. Ele dirigiu-se ao terreno privado, para o sul até o aterro. Olhando a água, ele perguntou-se que diabos haviam acontecido. Ele não conseguia acreditar que Lucinda atirasse em Mina de propósito, mas algo não caía bem. Sentia-se totalmente inseguro, enviando-a naquela carruagem.

Ele chegou ao lado do Jardim Physic, e andou mais devagar. Uma multidão compacta estava reunida na passarela de Cheyne Walk e mais à frente, passando a Albert Bridge. Pedestres se agrupavam no

parapeito da ponte. Uma poderosa onda de emoção, mórbida curiosidade e horror, reverberavam na área. Em retrospectiva, ele supôs que havia sentido a sensação, inclusive ao sair das terras em Ranelagh, mas havia enredado na negatividade com seu alarme por Mina.

Policiais em uniformes azuis e chapéus Bobby[3] estavam espalhados sobre o aterro, e jornalistas agachados atrás de câmeras de tripé. Alguns policiais passeavam ao longo da margem do rio Tâmisa nas proximidades da margem. Mais policiais nadavam na água, vestidos com calças de borracha até o quadril.

Eles cutucavam com varas e tiravam pedaços de lixo com redes. Olhando para o outro lado do rio, Marcus ampliou sua visão e percepção, e percebeu que estavam no mesmo grau de atividade no lado Battersea.

Leeson surgiu da multidão e correu em direção a ele.

- Vossa senhoria!

- O que está acontecendo aqui? - Perguntou Marcus.

- Coisas horríveis. - O imortal diminuiu a voz. - Pelo que entendi, um jovem foi ao rio no meio da amanhã, no lado Battersea e descobriu algo sob a ponte.

Marcus fechou os olhos.

- Fale.

Leeson assentiu.

- Eu mesmo não vi as provas, mas estive escutando cuidadosamente, e ouvi vários dos oficiais aqui se referirem a uma coxa.

[3] Chapéu em forma de capacete.



Marcus piscou com incredulidade. Olhou para o céu para ter certeza de que o sol não ia colidir com a terra, porque esse era o tipo de dia perfeito para isso.

- Como uma parte da perna de uma pessoa?

Leeson assentiu.

- Uma coxa de mulher. Desmembrada.

O Thais flutuava a pouca distância. Pétalas de flores e sangue.

O mesmo estava na mente de Leeson.

- Isso não é tudo. Eles aparentemente encontraram um braço quase na mesma hora nessa manhã por Horslydown.

- Horslydown. Isso é muito rio abaixo.

O bigode grisalho de Leeson brilhou.

- Dizem eles, que ambos foram cuidadosamente amarrados em pedaços de roupas.

Marcus ponderou os detalhes.

- São partes do corpo da mesma pessoa?

- Isto eu não sei, senhor, mas é claro, uma busca enorme está em curso ao longo de ambos os lados do rio.

Marcus olhou para a água. Ele assentiu.

- Este poderia ser o trabalho do assassino de Selene que joga pedaços de mulheres no Tâmisa.

*****

Mina se recostou sobre os travesseiros, sentindo-se como uma criança a quem foi ordenado vestir a camisola e ir para a cama mais cedo. Não eram ainda sete horas, e a luz do dia ainda iluminava no céu fora de sua janela.

-Pronto. - Anunciou Lucinda. Sentando-se aos pés da cama, colocando a bandagem no tornozelo de Mina. - Como se sente? Está muito apertado? Muito frouxo?

- O curativo está perfeito, obrigada. - Mina respondeu calmamente, apesar de seus nervos a flor da pele. - Mas como eu disse durante a tarde toda, o arranhão é tão insignificante, que não poderia qualificar como uma ferida.

- Eu sei, eu sei. - Lucinda acomodou o pé de Mina sobre uma almofada bordada. - Exagerar sobre você me faz sentir melhor. Eu me sinto como se fosse completamente culpada pelo que aconteceu nesse dia terrível com você. Deveria ter insistido para que ficasse na loja de papelaria até que eu pudesse acompanhá-la pela rua, e depois essa coisa horrível com a falha no disparo da arma.

Mina sorriu com simpatia.

- Por favor, não se preocupe mais por minha causa.

Lucinda cobriu as suas pernas.

- Mina, querida, apesar de tudo isto... Espero que você perceba que sempre pode confiar em mim e ter confiança para falar sobre qualquer coisa.

- Obrigada por essa oferta, Lucinda.

Pressionando os lábios, Lucinda pareceu meditar nas palavras que diria a seguir.

Sua expressão era de preocupação.

- Devo dizer. . . Chocou-me bastante vê-la no balão de gás com Lorde Alexander esta tarde. Eu sei que você deve estar acostumada a tomar suas próprias decisões e viver mais. . . Bem, livremente, mas. . . Esta é Londres.

Mina fez uma pausa antes de responder.

- Nosso passeio foi muito breve. Admito, entretanto, que pensei que ficaria preso em um só lugar. Peço desculpas se eu fiz um espetáculo de mim mesma.

Sua tia jogou a cabeça para trás.

- Jovens senhoritas de luto são mantidas em um padrão ainda mais elevado do que aquelas que não estão. Não quererá que pareça que está. . . Insensível ante a recente morte de seu pai.

Mina não disse nada, mas seu rosto queimou ao receber tal reprimenda sobre seu procedimento.

Talvez ela tivesse agido mal ao subir no balão com Marcus. Entretanto, no fundo de seu coração ela não poderia lamentar o tempo que passou com ele. Além do beijo, que tinha despertado uma parte dela que tinha perdido e gostado.

- Se pudesse dar algum conselho, querida Mina, um conselho universal, seria que se mantivesse à margem dos cavalheiros da índole de Lorde Alexander.

Mina engoliu, tentando não parecer chocada. A discussão sobre a etiqueta de luto era uma coisa, mas ela não esperava nenhum conselho desse tipo saindo da boca de sua senhoria. O que quer que tivesse acontecido entre sua tia e lorde Alexander claramente manchou sua opinião sobre ele. Ou será que Lucinda falava por ciúmes?

Lucinda pegou as mãos de Mina e as prendeu entre as suas.

- Ele é todo charme e elegância, mas muito pouca substância. É arrojado, sim, mas seus motivos no sexo feminino em questão raramente são honestos.

Mina pensou que era melhor responder de forma conservadora. Agora provavelmente não era o momento adequado para informar a sua tia que ela deu permissão a sua senhoria para que a cortejasse.

- Lorde Alexander está aparentemente muito interessado em algumas das línguas mais arcaicas nas quais meu pai era especializado, assim como nos artefatos que ele arrecadou. Talvez seu interesse não seja nada mais que isso.

A resposta pareceu agradar a Lucinda. A tensão ao redor das extremidades de sua boca se aliviou, e com um rápido olhar sobre o rosto e cabelo de Mina, concluiu.

- Tenho certeza de que você tem razão.

Mina não estava segura de como deveria responder a isso.

Lucinda acariciou seu rosto.

- Você é muito doce. Tenho certeza de que vai encontrar todos os tipos de cavalheiros maravilhosos quando chegar o momento apropriado. Ninguém pode tomar decisões sensatas quando a mente está nublada pela dor.

Ela sorriu de repente.

- Uma vez que a festa no jardim da quinta-feira tenha passado, eu gostaria de levá-la a minha costureira. Quem sabe você gostaria de fazer algumas encomendas para quando seu luto passasse no ano que vem?

Uma batida soou, e Lucinda deixou Mina para abrir a porta. Voltou segurando uma bandeja.

- Eu pensei que poderia estar com fome. Pedi que trouxessem o jantar para você.

- É muito amável.

Lucinda colocou a bandeja em seu colo.

- Que aroma delicioso. Mas nós temos um jantar para comparecer com os Nevils as nove, e em seguida o baile de lady Winbourne as onze, assim eu não poderia desfrutar. De fato, será melhor eu me vestir e ver se as meninas estão fazendo o mesmo.

Parte de Mina desejou vestir um vestido colorido e ir a uma festa também.

Mas, é claro, ela ficaria de luto por mais nove meses. Não só isso, mas sua perna havia sido meio arrancada, ao menos por conta de todos, exceto a dela. Melancolicamente, questionou se Marcus estaria nos Nevils ou em Lady Winbourne. Quando iria vê-lo novamente?

- Tenha uma noite maravilhosa. - Mina disse, olhando para seu prato.

Havia beterrabas cozidas e. . . Algo que ela não reconhecia. Uma miscelânea saborosa com aroma de carne recheada retalhada e verduras. Vários objetos estreitos como paus apareciam para fora do emaranhado culinário. Ela cutucou um. Um osso? Ela mordeu o lábio inferior.

- Isto cheira muito. . . Bem. - Ela engoliu em seco e levantou o olhar. - Poderia me dizer o que é isto? Não a beterraba, a outra coisa.

Lucinda fez uma pausa com a mão na maçaneta.

- Um de meus pratos favoritos. É torta de pombo, é claro. - Com um sorriso, ela puxou a porta e a fechou atrás dela.

Mina desdobrou o guardanapo e cobriu com o tecido todo o prato. Levantando a bandeja do colo, deslizou até a borda do colchão e abandonou a bandeja intacta no corredor. De volta para dentro, considerou alguns dos livros que pegou na biblioteca, mas sua mente estava muito dispersa para se concentrar em algum deles.

Seu olhar posou sobre a bolsa de papéis de seu pai. Não podia adiar para sempre.

Agora era um momento tão bom como qualquer outro para começar a ordená-los. Retirou a bandagem, e fez uma pausa para descansar a panturrilha. Depositou a faixa estreita de tecido em seu cesto de papéis e pegou a bolsa. Optou por sentar-se em sua cama em vez da mesa.

Escalando sobre os lençóis frescos, ela puxou uma corrente fina de seu pescoço. Girou a pequena chave no cadeado, e levantou a tampa. O cheiro de seu pai flutuou odor de papel, tinta e tabaco.

Ela pôs os cadernos em uma pilha, e pequenas anotações em outra. Havia diagramas e listas, assim como notas e mapas desenhados à mão.

Uma gota caiu para deformar um traço de tinta. Mina a limpou cuidadosamente com a ponta de seu vestido, preservando a palavra em sua totalidade. Ela secou os olhos. Sem lágrimas. Sem mais lágrimas. Tinha deixado de chorar pelo homem há muito tempo.

Levantando a página seguinte, ela fez uma pausa. Algo se interpunha entre as duas partes do papel, algo que ela não conhecia. Ela levantou a rosa pela haste. Plana e seca, que parecia como se tivesse sido pressionada entre dois livros pesados por algum tempo, como uma lembrança. Embora a cor tivesse desvanecido, era fácil ver que as pétalas tinham listras. . . Vermelhas e brancas.

Um alarme disparou em sua cabeça, tão alto e ressonante como um gongo de um templo. Três meses atrás ela guardou cada pedaço de papel que encontrou na bolsa de couro, embora freneticamente, na tenda de seu pai na encosta de uma montanha tibetana. Ela se sentia mais segura ali, porque não existiam rosas com listras vermelhas e brancas.

Ela rolou sobre os travesseiros e abriu a gaveta de seu criado mudo. Procurou até encontrar o papelzinho dobrado que fazia parte da embalagem do seu sabão de flor de laranja, que falava sobre a linguagem das flores.

Ela abaixou seu dedo sobre o papel no lugar onde as rosas estavam enumeradas.

Vermelhas e brancas. . .

Um amor que não podia ser compartilhado.

Capítulo 7

Um total de dois dias mais tarde, Marcus manobrava através dos corredores da casa dos Trafford. Todos os notáveis da sociedade londrina enchiam os salões e galerias. Havia belas mulheres com trajes Doucet e Worth. A luz das velas e o brilho fragmentado das luzes de cristal iluminavam seus rostos. Os senhores se pavoneavam como perus reais em trajes de noite.

Vários companheiros mais velhos ostentavam faixas vivas e medalhas reluzentes das várias ordens do Império. As notas alegres de uma banda húngara com muitas vozes animavam à multidão.

Grandes ramos de flores caiam de enormes jarros decorativos pendurados em cima das portas em arco. O evento já estava em marcha há várias horas, tendo começado no final da tarde como uma festa de jardim. O convite especificava que também haveria um jantar formal, e mais tarde, dança no terraço, prosseguindo durante toda a noite. Marcus examinou o salão de baile, mas não encontrou dançarinos, nem Mina. Entretanto, os criados coletavam a prata e a porcelana de longas filas de mesas, os restos de uma refeição formal.

Ele não entrou em contato com Mina no dia anterior, apesar de enviar Leeson a observar a casa Trafford. Depois do relato do ataque, aleatório, contra ela, e do disparo, ele não conseguia evitar a sensação de que ela estivesse em perigo. Entretanto, ele, por necessidade, manteve-se no rio, observando a busca contínua das partes do corpo. Apesar de já não ser mais um Guarda das Sombras, os velhos hábitos perduravam. Nessa manhã, o tronco de uma mulher foi descoberto em Copington Wharf, empacotado com pedaços de roupas e amarrado com um barbante. De novo, a curta distancia do Thais. Embora tivesse cruzado com Selene um numero de vezes, ele não conseguia afastar a suspeita de que o assassino zombava dele. Incitando-o.

Tentava atraí-lo para a batalha. Tal intenção indicaria a existência de um poderoso brotoi em Londres, a quem ele, como um Guarda fora da ordem, não tinha autoridade para Reclamar.

Apesar de tudo isso, não conseguia presumir que os pedaços mutilados eram obra do mesmo assassino que fez terríveis depósitos similares na cidade, em meio aos crimes do Estripador, seis meses antes. Um bom número de hospitais estava nas proximidades das margens do Tâmisa. Era completamente possível que as partes do corpo tivessem sido descartadas ilegalmente por um despejado lixo hospitalar. Não seria a primeira vez que se faziam essas descobertas. Morte e incidentes macabros era uma realidade lamentável, mas esperada no rio. Em anos recentes, mais de 500 cadáveres foram descobertos no Tâmisa.

Por fim ele captou a essência de Mina e a seguiu até que a encontrou na sala amarela. Com seu simples vestido negro, estava ajoelhada diante de Evangeline. Com agulha e fio, ela concertava alguma imperfeição na saia da debutante. Astrid estava no extremo da parede, se olhando em um espelho de moldura dourada e beliscando suas bochechas. Ao ver seu reflexo, ela se virou em um torvelinho de organza cor marfim.

- Lorde Alexander! - Exclamou.

Evangeline deu um puxão na saia amarela liberando-a das mãos de Mina. Mina levantou o olhar e se encontrou com o dele. Os músculos do abdômen de Marcus se apertaram, com a evidência de sua atração, mesclada com intenção sensual. Muito dependia dessa noite, e se ele seria capaz de ganhar a confiança dela. Ele revisou as suas notas de tradução do primeiro pergaminho.

As ondas atuais de poder Tantalyte, as que desencadeavam seus feitiços, já não coincidiam com as profecias. Era como se Tântalos soubesse, com a Recuperação do seu mensageiro Jack o Estripador, o jogo havia mudado. Marcus não tinha forma de saber quando a próxima onda poderia viajar através de Londres.

- Estivemos horas e horas esperando-o chegar. - Astrid correu em direção a ele. Ela sussurrou, fora do ouvido das outras duas. - Vai dançar comigo, não vai?

- É claro. - Confirmou. Embora fosse um convite bastante ousado da parte dela, ele seria grosseiro ao declinar. - Srta. Limpett, como se encontra esta noite? Está recuperada de sua lesão?

Mina assentiu cortês e distante como antes de seu beijo.

- Completamente, sua senhoria. - Ela apenas o olhou fugazmente nos olhos. - Agradeço sua preocupação.

Astrid suspirou com impaciência.

Não desejando perder Mina de vista na casa lotada, Marcus estendeu um convite.

- Srta. Limpett... Senhorita Evangeline, será que vocês também nos acompanhariam até o jardim?

- É claro, sua senhoria. - Evangeline vertiginosamente, agarrou suas saias e correu para ele, obscurecendo a sua visão de Mina. Quando a viu outra vez, ela havia virado as costas para recolher a tesoura e fio.

A mensagem lhe doeu. Apesar de desejar agarrar o braço dela, arrastá-la para algum canto escuro da casa e lembrá-la da atração entre eles, saiu sem outra opção para a parte de trás da casa. Com uma debutante em cada braço, ele desempenhou bem sua parte, piscando maliciosamente, plenamente consciente da admiração feminina e da

inveja masculina em seu caminho. Esse conhecimento soou oco. A vaidade já não era satisfatória. O pior de tudo, a mulher que ele tinha ido ver essa noite, aquela que ele imaginava em sua cama durante as horas mais escuras da noite, apenas lhe devotou um olhar.

Ele e seus dois formosos albatrozes passaram por uma galeria cheia de gente. Todas as janelas estavam abertas para a noite. No exterior, abajures orientais pontilhavam as árvores. Um criado nesse momento trabalhava para limpar os cacos e os respingos de uma taça de champanha quebrada.

A próxima hora transcorreu em um borrão miserável de danças e conversas fúteis, Marcus propositadamente proibiu a si mesmo de ir a busca de Mina.

- Você não vai pedir uma dança a sua anfitriã? - Marcus olhou para baixo para encontrar Lucinda junto a ele. Ela usava um vestido cor de rosa, talhado para mostrar seu busto e a cintura fina com muita elegância. Um cacho espesso de diamantes brilhava em seu pescoço. Sua beleza era inegável, mas não provocava a menor reação nele. Encontrou verdadeiramente tentação nela antes?

Sua fachada de gelo derreteu ante seus olhos.

- Sinto muito sobre o que aconteceu em Hurlingham. Eu me comportei como uma idiota. - Ela agarrou o leque fechado com ambas às mãos.

Ele a olhou atentamente e viu um vislumbre da menina feliz, vivaz, que ele recordava.

Ela continuou, com lágrimas brilhando em seus olhos.

- É só que o casamento não é como eu esperava. Não me entenda mal, Trafford é maravilhoso e realiza cada um de meus desejos. - Sua mão enluvada tocou o colar em seu pescoço. - Ainda assim, suponho

que devo confessar ter muita inveja das garotas pelas escolhas que elas ainda podem fazer.

Ele ofereceu o braço, embora não fosse mais que para permanecer em sua boa graça e continuar sendo bem-vindo em seu lar.

- Não é necessário se desculpar.

Ao entrar na valsa, guiou-a em meio dos outros casais. Cadeiras envolviam o perímetro do terraço e estavam dispersas pelo gramado. Seu olhar continuamente vagando, mas Mina não aparecia. Sim, ela estava de luto, mas dado a passagem do tempo desde a morte de seu pai, embora fosse uma falsa morte, ela não seria condenada se sentasse sob as estrelas para desfrutar da música com um copo de chá ou limonada.

Quando a valsa terminou, ele se despediu de Lucinda, deixando-a sem problemas entre um grupo de amigos e rivais.

Ao longo da última meia hora, uma dor de cabeça lancinante se apoderou dele, mas até agora, nenhuma luz estranha ou esqueletos dançantes. Os abajures de papel pendurados ofendiam seus olhos, junto com as conversas frenéticas e o movimento dos convidados. O falatório, e os pensamentos, nublavam sua mente. Ele seguiu um caminho no jardim que levava para as sombras mais profundas longe da casa.

Ele deixou-se cair em um banco e esfregou a ponte do nariz.

Pela primeira vez em dezenove séculos, ele se perguntou secretamente, no mais íntimo de sua mente, como seria a morte.

Mina estava sentada em uma cadeira, com os cotovelos apoiados contra o parapeito escuro. Da sua janela, ela observava a festa e admirava as damas e os cavalheiros com seus melhores ornamentos, dançando, namorando e fazendo politicagem. Ela aprendeu todas as

danças no internato, mas só dançou com outras estudantes, na presença de um professor de dança.

Certamente, seria diferente dançar nos braços de um cavalheiro, especialmente um que ela tivesse sentimentos.

Marcus tinha passado de uma parceira deslumbrante para o outro. Alto, de cabelo dourado e elegante, ele claramente atraía a atenção das damas. Um sorriso tocou seus lábios quando ele tomou uma matrona idosa para um giro mais lento pelo chão. A megera de cabelo prateado continuamente movia sua mão sob o leque a sua parte inferior. Cada vez que ele levantava sua mão, ela descia novamente. A batalha continuou até que a música terminou, e ele cavalheirescamente devolveu a sorridente senhora até sua cadeira. Sua expressão não revelava nada, exceto um rastro de diversão.

Então, Lucinda surgiu. Após uma conversa breve, mas intensa, eles haviam dançado.

Poderia haver algum casal mais harmonioso? Dourado e elegante, eles faziam um gracioso caminho pelo chão. Ela não pôde deixar de notar a maneira como Lucinda se agarrava a seu braço, mais ainda no final da dança, como se ela resistisse a deixá-lo ir.

Mesmo se não houve uma relação entre eles antes do casamento de Lucinda, mesmo se não havia nada agora, Mina de repente se sentiu muito triste por Trafford.

Agora, Marcus estava sentado na escuridão, justo embaixo de sua janela, permanecendo durante os últimos cinco minutos. Ela lutou contra si mesma sobre a possibilidade de deixá-lo saber de sua presença. Ali, fora da luz das lanternas, ele parecia tranquilo, inclusive pensativo. Ele esfregou o nariz, como se estivesse cansado. Finalmente, ela não pôde resistir mais.

- Está desfrutando de sua noite?

Ele olhou para cima.

- Aí está você. O que está fazendo aí em cima?

Aí está você. Falava como se estivesse procurando-a. Cada centímetro de sua pele se esquentou com cauteloso deleite.

- Olhando. Eu tenho um ponto de vista encantador de todos os acontecimentos da noite.

- Me diga algo interessante.

- Bem, se quer saber. - Ela respondeu levemente. – As facções inimigas estão se comportando muito mal.

- Como assim?

- As senhoritas Bonynge acabam de chegar com seu pai, e como resultado, seu arquiinimigo, o Sr. Mackay, saiu levando a sua comitiva com ele. Segundo Astrid, eles têm uma rivalidade de longa data sobre alguma ligeira discordância ou outra.

- Agora isso é interessante.

Mina riu. Ele não.

- Você está bem? - Ela perguntou. - Você não parece o mesmo.

- É meu pescoço. Eu estou quebrando-o para falar com você ai em cima. Por que você não vem aqui e se senta comigo?

Seu pedido enviou uma onda perigosa de excitação através do estômago de Mina. Ela sabia que não deveria... Se Lucinda a visse, haveria outra conferência sobre regras sociais, provavelmente estimuladas pelos sentimentos da condessa por sua senhoria, mas Mina não queria jogar sal nas feridas.

Entretanto, esteve muito isolada nestes últimos dois dias. Sim, esteve constantemente rodeada por pessoas, ajudando com os

preparativos para a festa, mas em grande parte foi deixada sozinha e os seus nervos se rompessem com muitos temores, com as imagens de rosas com listras, entre os pensamentos constantes em Marcus, é obvio.

- Eu vou descer.

Ela fechou as janelas, e as prendeu de forma segura, sempre de forma segura. Descendo a escada de serviço, passou pela cozinha movimentada. De uma bandeja pegou um copo de chá com hortelã, e saiu pela porta de serviço.

Evitando as luzes da festa, ela deslizou ao longo do trajeto do jardim e encontrou Marcus sentado justo no mesmo local.

Mina apareceu como uma ninfa nas sombras das árvores, seu rosto luminoso acima do colarinho escuro de seu vestido. Ele percebeu imediatamente a parede que ela ergueu entre eles, uma construída de precaução. Ele não lançou nenhum olhar ardente ou falou alguma palavra inteligente. Simplesmente abriu espaço para ela sentar no banco.

- Tenho uma coisa para você. - Ele enfiou a mão no bolso interno e entregou o cartão.

- Outra foto? - Seu cenho franziu com confusão. - O que é isto?

- É você. - Respondeu em voz baixa.

Ela examinou a foto.

- Eu lembro. Estava fora da papelaria com Lucinda. Supus que o homem na calçada tirava uma foto dela. Onde conseguiu isto?

Leeson havia retornado ao Thais das lojas do Chelsea nessa tarde com fornecimentos e a foto. Ele recolhia essas novidades para sua coleção de apetrechos mortais.

- Está publicado na metade das vitrines das lojas de Londres, junto às de Jennie Churchill e Lilly Langtry.

Ela empalideceu.

- Não pode falar sério.

- Eu falo. Todos os dias sua foto é vista pelas senhoras de toda a cidade. Na próxima semana, todas estarão usando seu chapéu.

Ela riu.

- Mas é um chapéu feio.

- O chapéu não tem nada haver com isso.

Ela desviou o olhar, como se estivesse satisfeita e desconcertada com a ideia.

- Tem dor de cabeça? Porque continua esfregando a cabeça como se tivesse.

Não, não exatamente uma dor de cabeça. . . Mas não diria à senhorita Limpett que malévolas forças do mal atualmente trabalhavam para dominar sua mente e sua alma para perversos e destrutivos fins, e que inclusive agora uma só voz, em particular, enchia sua cabeça com um chiado de cacofonia com demandas, que ele mal podia formar uma frase.

- Sim. - Assentiu ele. - Uma dor de cabeça.

- Aqui.

Ela entregou o copo que estava segurando. Estava muito frio, refrescante e úmido contra a palma da mão.

- É um pouco de chá com hortelã, peguei enquanto descia, e não tomei nem um gole. Talvez você o ache calmante. Dizem que às vezes a hortelã alivia tais dores.

Ele apertou o frio cristal contra a têmpora. Se só um ramo de hortelã pudesse resolver seus problemas.

Ela levantou os olhos para o céu.

- Talvez sua dor de cabeça seja o resultado de todo este clima peculiar que estamos vivenciando. Acredita que pode fazer calor em um momento, e rajadas de frio no seguinte? E não há chuva. Não recordo nada como isto antes, não na Inglaterra. A grama começou a secar e a ficar marrom.

-Muito desagradável. - Respondeu ele, realmente sem pensar no que ela havia dito, enquanto ela continuasse falando. A voz dela acalmava sua cabeça e parecia silenciar as exigências incessantes.

Ela refletiu.

- Devemos questionar se o clima que também está terrível nos Estados Unidos tem alguma ligação com o nosso. É tão trágico, o dilúvio que aconteceu, e a ruptura das barragens. Passei a manhã toda lendo as notícias. Muitas vidas se perderam. - Ela sacudiu a cabeça. - Lucinda insistiu com o tio Trafford para que contribuísse com uma generosa doação para auxiliar nas reconstruções.

Os acontecimentos estavam relacionados. Será que ela acreditaria se ele explicasse sobre a explosão dos vulcões e as ondulações residuais da fatalidade que, se não fossem interrompidas, acabariam por levar a destruição da humanidade?

Ele quase riu do absurdo de tudo isso. Ele desejava que sua intuição estivesse errada, que a erupção do Krakatoa e as revelações dos meses anteriores nunca tivessem ocorrido, e que tudo isso não tivesse nenhum efeito sobre ele. Ele nunca quis ser mortal, mas o desconhecimento dos acontecimentos reais do mundo tinha seu interesse.

Ela inclinou a cabeça com simpatia.

- Se você se sentia tão mal, por que aventurar-se a sair esta noite, afinal?

- Eu queria ver você.

- Oh. . . - Ela piscou rapidamente e olhou para os arbustos. De repente, levantou.

Maldição, ele a tinha afugentado. Mas não... Ela caminhou ao redor do banco para ficar atrás dele.

- Um monge do templo Bhutanian uma vez mostrou a meu pai um remédio, quando ele sofreu uma dor de cabeça pela altitude. Quer prová-lo?

- Tentaria. . . Qualquer coisa. - Ele teria concordado que ela lhe cortasse um dedo, se continuasse a tocá-lo.

Ela abaixou as pontas de seus dedos contra a coroa de sua cabeça... Vacilantes no inicio, e então deslizaram por seu cabelo. Eles circulavam, arranhando levemente com as unhas. Seu toque deixou um rastro de prazer contra seu couro cabeludo, que disparou um raio quente de prazer diretamente em sua virilha.

Ele fechou os olhos, apertando os dentes para não soltar um assobio.

Ela disse em voz baixa:

- Você tem um cabelo muito bonito.

De repente, ela agarrou seu cabelo e puxou. Firme.

Sua boca se abriu.

- Ai.

Não era o que ele esperava. Mas para sua surpresa, cada puxão sólido, estendido aliviou a dor.

- Melhor? - perguntou ela.

- Sim.

A mão de Marcus circulou seu pulso. Mina parou. Lentamente, ele colocou sua mão sobre o corte alto de suas maçãs do rosto, e mais abaixo. . . Pressionando os lábios contra o centro da palma de sua mão.

Seus joelhos enfraqueceram. Tudo em seu interior derreteu. Ela pousou a outra mão no seu ombro. Essa também foi agarrada, atraindo-a para baixo para sentá-la junto a ele, com seus joelhos e pernas frente as suas no banco. Os seios tocaram seu peito. Ele levou as costas dos seus dedos ao longo de sua face, suavemente ao princípio. Todas as velhas advertências ecoaram em sua cabeça, mas nesta ocasião. . . Neste momento, ela fechou uma porta sólida contra eles.

Ela ansiava seu toque e orou para que ele não parasse. Ele levantou seu queixo e a beijou suavemente.

Um som peculiar saiu da escuridão. . . Um ofego entrecortado.

Os lábios de Marcus congelaram contra os dela.

Outro som. . . Desta vez um gemido masculino. Uma maldição.

Mina sentiu a curva de seus lábios sorrindo. Ele se afastou, com os olhos brilhando no escuro de diversão. As bochechas de Mina ficaram quentes. Ela gostaria de ter fingido ignorância, mas ela tinha passado muitas noites em hotéis miseráveis estrangeiros e tendas de campanha. Ela conhecia os sons de um homem e de uma mulher, sendo íntimos. Os sons provinham do grupo de árvores espessas entre eles e o terraço. Ela e Marcus estavam efetivamente presos.

Ela mordeu o lábio inferior, mortificada. Marcus riu entre dentes.

- Ah. . . É melhor que fique aqui até que eles...

- Terminem.

- Sim.

Sentaram-se um junto ao outro, rígidos. As mãos de Marcus pressionaram levemente os ombros de Mina. Os sons se tornaram mais fervorosos e frequentes.

- Oh... - Sussurrou Mina, levando a mão à boca para abafar uma risada nervosa, mas seus mamilos endureceram contra sua camisa enquanto ela imaginava Lorde Alexander tocando-a de maneira íntima. Ela apertou as coxas contra uma profusão repentina de calor úmido.

Marcus inclinou a cabeça mais perto, murmurando contra sua bochecha.

- Eu não acredito que ela esteja puxando seu cabelo. Ou. . . Talvez sim.

O calor de sua respiração em sua pele só intensificou seu desconforto. Ela virou o rosto de lado com medo de que ele a beijasse.

- Quem você acha eles que são?

Dedos firmes seguraram seu queixo. Olhos azuis escuro olhavam sua boca.

- Quem se importa?

Ele inclinou a cabeça para ela. Sua boca, sua respiração, seus lábios brincaram com ela até que. . . Ela. . . Em um delírio sem sentido de prazer, sucumbiu, e apertou os lábios nos seus.

Ele gemeu baixinho, no fundo de sua garganta. Inclinou a cabeça dela para trás sobre o travesseiro duro de seu braço. Com a língua em sua boca, a mão dele deslizou para baixo do pescoço. Dedos quentes

acariciaram a base de seu pescoço nu, soltando um botão. Dois. Explorou um pouco mais abaixo.

Quando sua mão escorregou entre o corpete e o espartilho, ela se arqueou contra ele.

O céu se rompeu forte. Um raio estreito dividiu a escuridão.

Outro trovão seguiu, e uma ruptura de luz brilhante.

Vozes alarmadas chegaram da direção do terraço. Aturdida, Mina abriu os olhos para o céu.

- Isso foi. . . Um relâmpago?

Boom. Flash. Crack. A terra tremeu. As janelas em cima deles sacudiram.

Marcus se levantou, puxando-a para cima. Ele habilmente abotoou-lhe o corpete.

- Nós não estamos seguros sob as árvores.

Seu rosto empalideceu, e apertou as mãos nas têmporas.

Crash.

- Por aqui. - Mina o levou até a entrada de serviço que ela utilizou pouco tempo antes. Eles entraram permanecendo ocultos pela aglomeração de criados movendo-se pelos corredores traseiros. Entretanto, virando-se, ele a imobilizou contra a parede, com suas mãos nos seus ombros.

- Tenho que ir. - Ele disse.

- Na tormenta? Por que não espera.

- Voltarei amanhã. - Ele parecia torturado.

- Marcus.

- Tenha cuidado, Mina.

Outra explosão soou. O chão se moveu sob os sapatos de Mina. Bandejas de prata e cristais se sacudiram.

-*Tome cuidado Mina*. - O que ele quis dizer com isso? Marcus a soltou, e se afastou desaparecendo pela porta de serviço. Por uma estreita janela, ela o viu passar. Ele cortou através da porta do jardim, e entre duas carruagens em espera. Seu andar elegante se tornou anormalmente rígido e inflexível. Uma lança de relâmpagos cortou o céu. A extensão muscular de seus ombros enrijeceu. Ele cambaleou.

Capítulo 8

O som de botas batendo contra o calçamento ecoava nos vidros das vitrines das lojas pela noite adentro. Sua máscara se desfez ao vento. As ruas estavam desertas, como resultado da demonstração extrema do clima. A luz piscava brilhante e surrealista, iluminando a avenida.

Crash.

Ele passou por uma grande pilha de pedras da calçada arrancados da rua. Um tubo de ferro fundido sobressaía do buraco resultante, uma larga coluna de fogo ondulava e saia da fenda aberta, um cenário fantástico para a noite. Na calçada adjacente uma lanterna oscilava, evidência de que o gás foi interrompido.

A voz tentou transformá-lo em um predador sem seu consentimento. Ele foi obrigado a deixar Mina por temer que de repente se transformasse em um demônio descomunal, com olhos brilhantes e pele etérea, e todos os atributos terríveis que o fizeram um caçador perverso e implacável. Depois de se afastar dela, entregou-se à sua besta interior.

Marcus sentiu um padrão peculiar de movimento na escuridão em cada lado da rua, não conseguia discernir devido à deterioração moral de suas almas, não estavam Transcendidas, mas havia algo estranhamente vazio.

Maldição, sua consciência grunhiu. Não estava particularmente no clima para novas descobertas.

Estavam, entretanto, com estado de ânimo para matar, e como essas almas em particular, que não estavam nem Transcendidas nem eram brotoi, suas vidas seriam presa fácil dos Guardas das Sombras

com sua entristecedora necessidade de caçar. Com os ombros erguidos e o queixo para baixo, passou pelo beco e seguiu. Inclinando a cabeça, divisou uma figura saltando nas sombras mais escuras. O seu eco mental encheu a imagem, revelando uma magra figura que o espreitava. Mais dois seres correram como ratos pelo telhado de cima. O poder escuro de sua fome percorria suas veias como fogo.

- Que venham. - Ele mordeu seu lábio inferior, com ânsia de matar.

Eles se aproximaram. . . .

Marcus se transformou em sombra e saiu pelo lado do armazém. Eles se chocaram como baratas com longas patas finas, contra a parede do beco. Roçando os tijolos, lançou um golpe com uma corrente mental, que enviou cada um deles para o chão.

O som das botas ao aterrissar entre eles ricocheteou nas paredes. O calçamento estava coberto de lixo, os três homens permaneciam deitados gemendo e ofegando. Curiosamente, os olhos em branco em suas orbitas eram um torvelinho constante de agitação. Os três se apressaram em se curvar e abaixar a cabeça em uma desconcertante atitude de submissão.

- Levantem-se. - Disse ele entre dentes. - Olhem para mim à medida que morrem.

Em voz baixa escutou de um.

- Sua senhoria.

- Nosso amo! - Ecoou do outro.

A consternação, escura e viciosa, cortou através de seu peito.

- O que disseram?

O demônio mais próximo se atreveu a levantar o rosto para Marcus. Um sorriso bestial tocou seus lábios.

- Não estamos aqui para desafiá-lo. Fomos enviados para servi-lo.

Marcus plantou sua bota contra o ombro do demônio e o derrubou.

- Para me servir?

As palavras, a ideia em si, o incomodavam.

O som de rodas sobre as pedras reverberou nas paredes. No outro extremo do beco uma enorme carruagem apareceu, dirigido por uma equipe de quatro pessoas. Fios de fumaça branca saíam das rodas e de toda a superfície da cabine, e inclusive das costas dos cavalos. O transporte era como algo que ele tinha visto nas ruas um século antes. Os grandes abajures laterais se fizeram em pedacinhos. As chamas alaranjadas lamberam os fragmentos irregulares de vidro, alto e sem restrição.

O condutor, um tipo muito magro com a condição peculiar de um olho, afundou os saltos no piso e puxou as rédeas.

Os três demônios se levantaram de um salto. Marcus ficou tenso, preparado para acabar com suas vidas, mas só deslizaram até a metade do caminho pelas paredes de tijolo, fazendo um gesto para que ele os seguisse.

Quaisquer que fossem essas pessoas sem dúvida, sabiam como dar uma boa impressão.

O condutor pulou na calçada. Usava uma farda, do tipo toda preta.

A mesma fumaça saía de seus ombros. Seu traje parecia amassado, manchado e úmido, como se tivesse sido arrancado de um cadáver em decomposição. Uma faixa larga preta cruzava do ombro até

o quadril. Sobre ela, bordada com linha vermelha, havia o monograma NE.

- Minha ama roga pelo prazer da sua companhia. - Ele levantou a cartola e a baixou.

- Sua ama. . . - Repetiu Marcus. - Quem é sua ama?

Os demônios saltaram para ficar mais perto, como rãs, e abaixaram sobre seus joelhos. Um trovão soou, e em um instante, eram como esqueletos, banhados por uma luz laranja. Quando o raio desvaneceu, também o efeito passou.

Seus sussurros soaram uníssonos.

- Ela está esperando por você.

- Esperando você.

- Espera unir-se a você.

Marcus grunhiu.

- Que lisonjeiro.

O condutor, que havia permanecido em uma reverência todo esse tempo, abriu os braços e apontou com o chapéu em direção a carruagem.

- Entre, por favor. Iremos levá-lo.

A porta se abriu, batendo contra o lado da cabine. A escada se desdobrou, só para ficar dependurada rapidamente no veículo. Caíram com um estrondo metálico nas pedras. Um punhado de mariposas esvoaçou do interior escuro e partiram para a noite.

Ele entrecerrou os olhos para o condutor.

- Podem me chamar de puritano, mas eu gostaria de saber mais a respeito de uma mulher antes de me comprometer em uma relação. Por que. . . Nem sequer sei seu nome.

Os olhos do condutor se abriram, com suas pupilas girando mais rápido.

- Ela é a Noiva Escura.

Os demônios ecoaram.

- A Noiva Escura.

- Você a conhece.

- Sim, você conhece.

Nesse momento, Marcus percebeu que a conhecia. Um calafrio de antecipação aterrador passou através de seu peito.

Ele deu alguns passos adiante, pisou em um degrau e subiu. O condutor o seguiu. Com um grunhido ele se jogou das escadas para o interior. Deslizou pelo piso para bater contra a outra porta no outro extremo. A porta se fechou. O veículo balançou enquanto o condutor voltava para sua privilegiada posição, e os três demônios subiram na parte de trás.

O carro saiu do beco. Debaixo dele, o assento pulava rangendo, com as molas enferrujadas.

O espesso aroma de fumaça e decadência encheu suas fossas nasais. Uma mariposa bateu contra seu rosto.

Marcus se moveu, com cada músculo em seu interior rígido com a tensão. O veículo viajava para o sul, passando pelo Palácio de Buckingham e pela Plaza Belgrave. O bairro de Chelsea voou passando como um borrão. A escuridão se fechou sobre o transporte convertendo casas e aldeias em extensos campos. Mark perdeu toda a noção de

tempo. Finalmente, as rodas sacudiram, pondo-o alerta com o som característico de cruzar uma ponte. Poucos quilômetros depois, o transporte ficou mais lento.

Ele saltou para a estrada, inclusive antes que a carruagem parasse completamente.

Um portão grande de ferro se levantava da terra. A placa dizia EMPRESAS CHELSEA DE OBRAS HIDRÁULICAS. Sua consciência se estendeu, procurando no silencioso edifício, nas árvores e na escuridão por qualquer rastro da pessoa que o havia convocado. No ar só havia o som da água correndo e do assobio das máquinas a vapor.

O lugar estava deserto, mas ali era realizada a distribuição de água, Marcus começou a se preocupar. A empresa abastecia a dezenas de milhares de cidadãos de Londres com água. Mas também experimentou uma eletrizante onda de esperança. Seus dedos se curvaram em suas palmas das mãos. Nessa noite iria encontrar quem estava tentando assumir o controle de sua deteriorada mente por algum obscuro propósito.

A Noiva Escura.

Os três demônios saltaram de sua posição na parte traseira do transporte e correram como crianças entusiasmadas para a porta. Marcus não viu nenhuma evidência de uma equipe ou vigilante noturno. Uma pesada corrente e um cadeado caíram no chão, desabando suavemente. Lado a lado, empurraram o portão de ferro para dentro. O metal se queixou discordante. Com os braços balançando com entusiasmo, eles o acompanharam ao atravessar o portão.

Dois enormes tanques se estendiam diante dele, um ao lado do outro, separados por uma divisão de concreto. De ambos os lados se

sobressaíam um par de arcos, que ele supôs serviam para filtrar o fluxo de entrada da água do Tâmisa.

De repente, a superfície dos reservatórios brilhou com a aparição do que parecia ser pelo menos uma centena de luzes de papel vermelho, que estavam formando redemoinhos ao redor da corrente, emitindo seu resplendor contra a água dando a surrealista aparência de sangue. Varridas quase imediatamente contra os filtros, alguns caiam e se extinguiam em meio a uma queda de papel enrugado e empapado, enquanto outros giravam desviando para uma morte futura.

Só então ele percebeu que uma figura nas sombras estava situada no extremo longínquo dos reservatórios, na estreita divisão de concreto entre eles. Ele viu a silhueta de uma cabeça, e ombros, e um comprido manto. Os demônios o incentivaram a prosseguir.

- Depressa.

- Depressa, ela o espera. - O outro insistiu.

Marcus os seguiu pelo caminho estreito. À medida que se aproximava, percebeu um aroma estranho no ar, como um cadáver deixado muito tempo no sol, evidência de que a Noiva Escura era, sem dúvida, uma alma Transcendida.

- Você veio! - sussurrou ela.

A voz não era uma que ele reconhecesse. Mas também, ela falou em voz muito baixa...

Ela se afastou, e ele não conseguiu ver seu rosto. O capuz da capa cobria a parte de trás de sua cabeça.

- Esperei tanto tempo!

- Desculpe não corresponder aos seus sentimentos. É difícil quando não tenho nem ideia de quem é você.

Ele esquadrinhou a altura da Noiva Escura e sua forma. Infelizmente, nada se distinguia nela ou a identificava como alguém que conhecesse.

- Sabe quem sou. - Respondeu ela em tom de brincadeira.

- Eu não sei, já disse. - Ele se aproximou.

Os demônios bloquearam o seu caminho, mas se agacharam, com suas cabeças abaixadas. Eles protegiam a sua ama, mas estava claro que não queriam incorrer em sua ira.

- Tenho falado tantas coisas. . . Quase constantemente. . . Mas você, o eleito... - Sua voz sussurrou, em um tom malicioso. - Tem me ignorado.

Essa voz coincidia com de sua cabeça, era uma delas.

- Vire e mostre seu rosto. - Ordenou ele.

Seus ombros relaxaram. Gostava de receber ordens.

Ela se virou com seu manto ao vento em um círculo negro. Das profundezas da capa apareceu um rosto branco, uma máscara de porcelana, da espécie que se poderia ver em um baile veneziano. Os dois buracos para os olhos revelavam escuridão somente... Sem características humanas. Sem nada branco, sem pupilas, e sem piscadas.

- Você gostou dos meus presentes? - Perguntou em seu tom coquete de antes, com sua respiração sibilante contra a porcelana.

- Enviou-me. . . Presentes?

- Sim, querido. - Reprovou ela, soando como qualquer outra garota normal, exasperada.

- Entreguei todos os presentes acima e abaixo do rio para que não houvesse maneira de que pudesse perdê-los.

- Matou a uma mulher e a cortou.

- Não, homem tolo. Eu não a cortei. Isso seria tão. . . Desordenado. Tenho aduladores para isso.

- Aduladores?

Ela agitou suas mãos em direção aos demônios escondidos. Eles sorriram e assentiram como cães felizes aos pés de seu amo.

- Por que fez isso?

- Você sabe por quê. Pense querido, pense. Está tudo aí, em sua bonita cabeça imortal.

- Pode falar.

- Fiz tudo por você. - Cantou ela em voz baixa. - Por nós.

As palavras em sua cabeça, falaram com tal ardor perverso, sensual. . .

A apresentação dramática da carruagem e dos assistentes aduladores. . .

As luzes refletindo na água.

A Noiva Escura armou o cenário para uma sedução. Os braços e pernas cortadas, e todos os outros pedaços, não foram jogados no rio para zombar dele ou atraí-lo para uma batalha.

A cadela estava tentando conquistá-lo.

*****

Mina acordou com um sobressalto. Algo a despertou. Um som.

Ela enrijeceu e ficou atenta, escutando. Ao não ouvir nada, olhou através do quarto para o seu relógio. Apesar de que quase não conseguia ver os ponteiros do relógio, parecia ser quase três horas da manhã.

Ela estava na cama há somente uma hora. Levou esse tempo para que a casa se acalmasse depois da festa, que tinha continuado dentro da casa durante a tempestade.

Depois que Marcus saiu, tropeçando pela rua, ela se retirou para seu quarto, pensativa e preocupada. Inclusive agora, perguntava-se onde ele estaria.

Ela continuava suspeitando dele e de seu interesse pelos rolos. Isso a entristecia. Desejava muito confiar nele. Tudo nela gritava para que ele pudesse estar em um lugar seguro.

O cansaço a arrastou de novo para o sono, um alívio, porque sem ele ali, ela não queria permanecer acordada na escuridão.

O som se repetiu, um arranhão ou algo deslizando contra a porta, como se alguém caminhasse passando e arrastando as unhas ao longo da madeira.

Ela ficou muito quieta, com o estômago pouco a pouco se convertendo em nós.

Ela se sentou, afastando os lençóis. Antes de dormir, ouviu vários grupos de vozes e passos no corredor. Todos os quartos estavam ocupados por convidados para passar a noite. Talvez alguém estivesse doente e necessitasse de ajuda. Ela preferia olhar e saber o que se passava a esperar e imaginar o que o som poderia significar. Levantou e pegou seu robe.

Na porta, olhou para fora. Na metade do corredor, um pequeno abajur sobre a mesa estava aceso e dava um pouco de luz. Não viu

ninguém. Uma fumaça branca diferente se enroscava em direção as escadas. Seu coração deu um pulo. Fumaça? Poderia haver um incêndio dentro de casa?

Ela saiu correndo pela porta. Mais perto das escadas, a fumaça estava mais espessa. . . Mas não cheirava a fumaça. Parecia mais. . . Névoa.

Não se incomodava com névoa.

Viu uma névoa similar com seu pai na montanha que durou uma noite. É claro que naquela altitude, a montanha estava próxima das nuvens. Mas por que haveria névoa no interior da casa? O pânico se apertou em seu peito.

Lentamente, desceu as escadas, segurando fortemente no corrimão. Uma porta se fechou atrás dela.

A sua porta?

Ela se virou, pensando em voltar. . . Mas uma densa parede branca se fechou por trás dela.

Sua mente acelerou. Isso não poderia estar acontecendo. Nada disso fazia sentido. Ela deu a volta em um círculo cuidadoso pelas escadas, rodeada tão densamente pela névoa que não podia ver além de seu braço estendido.

É só um sonho, pensou um sonho surrealista, absurdo. A qualquer momento despertaria.

Desorientada pela surpreendente brancura tentou voltar para as escadas. Passou as mãos sobre a parede e iniciou o caminho para seu quarto. Todo tempo esperava que mãos esqueléticas, com garras a alcançasse e a agarrasse.

Passou a mão pelo cabelo e mordeu o lábio inferior. Alguma coisa tinha fechado a sua porta.

Cuidadosamente, girou a maçaneta. Dentro, só havia escuridão. Lascas de luz do luar fluíam através das cortinas. Não havia névoa. Olhou por cima do ombro.

A névoa no corredor havia desaparecido.

Voltando-se, fechou a porta rapidamente e girou a chave na fechadura. Acendeu o abajur. Tremendo, envolveu os braços ao redor de si mesma e parou olhando ao redor.

A bolsa de seu pai estava no centro da sua cama. Tudo ao redor, na cama, no chão, em sua mesa, continham os restos triturados de seus papéis e cadernos. Ela colocou a mão na garganta, mas só encontrou sua pele nua. Encontrou a chave no meio da destruição em sua cama.

*****

- Tire a máscara, e me deixe ver seu rosto. - Ordenou Marcus.

O buraco negro o olhou fixamente, sem pestanejar e sem fundo.

- Ainda não.

- Se não confia em mim, por que estou aqui? O que a faz pensar que sou de alguma utilidade?

- É o brotoi mais poderoso de todos. O Mensageiro.

- O Mensageiro. - cantaram os aduladores, flutuando entre eles, rastejando.

O desgosto o percorreu. O Mensageiro? Ele não era o Mensageiro. Jack o Estripador havia sido o Mensageiro, e quando Archer o matou, esse foi o final das coisas, mas aparentemente, não era assim.

Ele mostrou raiva em sua voz.

- Havia outro mensageiro antes de mim?

Sob o manto, os ombros encolheram.

- Nunca nos demos muito bem. Enviei vários presentes que ele nunca reconheceu. Inclusive um enterrado profundamente no coração de seu inimigo, um sacrifício para frustrar seus esforços contra ele. Você acha que os apreciou? Não, acredite-me gosto muito mais de você.

Em meio à caça de Jack, o assassino que Selene procurava, depositou um desmembrado cadáver feminino sem cabeça, dentro de um vestido, debaixo da base da Nova Scotland Yard.

- Você serve. . . A Tântalos. - Só em dizer o nome sentia um sabor amargo na boca.

Debaixo da capa os ombros se endireitaram.

- Você e eu juntos o serviremos. Cada sacrifício prepara o rio para sua chegada.

O sangue de Marcus congelou. A chegada do Tântalos.

- Mas deve haver mais sacrifícios. Muitos mais. Preciso de você, meu amor. Nossos aduladores e eu não podemos fazer tudo sozinhos. - Sua voz esfriou. - Entretanto, posso sentir sua recusa em se unir a mim. Na realidade, amor, força minha mão.

Marcus odiou perguntar.

- De que maneira?

De dentro do seu manto, retirou um globo branco, do tamanho de um crânio, cheio de líquido da cor marrom-amarelada.

Ela virou e se afastou para longe dele, passando da divisão central de concreto. Os aduladores caíram para trás. Marcus a seguiu entre os dois depósitos de água.

- Noiva Escura. - Realmente, como mais se supunha que iria chamá-la? - O que é isso em sua mão?

- Sabe como funcionam esses depósitos?

- Não. - Respondeu, e simplesmente a seguiu. Escutando. Olhando. Ela se movia com rapidez.

Voltando-se ela caminhou para trás, perfeitamente equilibrada no estreito caminho.

- A água do Tâmisa entra nos depósitos e corre através de uma série de filtros. - Levantou uma mão e falou em um tom agradável, de conversação como de guia de museu. - No primeiro depósito, há cascalho. A água afunda através do cascalho, e é levada por tubos a esta segunda piscina que a filtra através de cascalhos menores e por mais tubos.

Entraram no terceiro e último depósito de água.

- E, por último, na terceira piscina, há um filtro de areia.

- Fascinante. - Marcus olhou para o globo.

- Uma vez que a água suja do rio é filtrada através desses três processos, a água potável é levada através de aquedutos para a cidade, e a todos os encantadores cidadãos de Londres.

Marcus não sabia o que estava em seu maldito globo, mas tinha certeza de que não precisava ir para a água. Ele foi despojado da possibilidade de Recuperar sua alma, mas ficou tenso, preparado para agir.

- Mas não acredito que os filtros funcionem com isto. - Ela lançou o globo no ar sobre o tanque.

Marcus deu um salto.

Outro braço esticou, empunhando uma pistola de cano longo.

Crack. O líquido explodiu. Chocado, ele se fundiu nas sombras. Estendeu-se através dos tanques verdes, profundos, tentando tomar o letal veneno, enquanto caía...

Mas não havia veneno. Só havia. . . Cerveja de gengibre.

Ele surgiu na superfície. Com a raiva gritando dentro dele, e murmurando maldições com os dentes cerrados. Nadou para um lado. A Noiva Escura o olhava a poucos passos.

- Oh,querido, deixou-me sem fôlego. A forma em que saltou para salvar os cidadãos de Londres. De verdade acredita que mataria a toda essa gente? Eu não faria isso. Depois de tudo, se estiverem mortos, quem se converterá em meus aduladores? Tenho grandes planos para esta cidade. E para você também. Mas obviamente, não está preparado ainda.

Marcus saiu, ensopado, na borda de concreto. Esfregou os olhos lacrimejantes.

Quando os abriu de novo. . .

Ela e os aduladores haviam desaparecido.

Capítulo 9

Marcus ficou olhando para a fachada da casa Trafford. Alguns poucos carros passavam pela rua, assim como escassos transeuntes madrugadores andavam apressados, mas Mayfair, há essa hora, ainda parecia estar esfregando os olhos com sono. Olhou novamente para o seu relógio de bolso.

Oito e meia, era cedo. Muito cedo para uma decisão correta, mas que não poderia esperar mais. Pensava que só havia uma forma de acelerar uma relação mais estreita entre ele e a senhorita Limpett, e chegar mais perto da posse dos manuscritos. Convencia-se agora, depois de tudo o que aconteceu na noite anterior, que não seduziria a senhorita Limpett para salvar sua própria pele. Iria seduzi-la para salvar Londres. Ou a Inglaterra. Era muito provável que até mesmo o mundo.

Um poderoso demônio brotoi estava preparando o maldito rio Tâmisa, com sacrifícios humanos, para a chegada do senhor das trevas do submundo, Tântalos. Nunca foi por uma causa tão honrada, por uma razão tão nobre, que iria seduzir a uma linda virgem inglesa. Sim, o mundo dependia disso.

E sou apenas o homem que fará o trabalho. Suas mãos suavam e seu coração saltava a cada batida, uma indicação de que suas emoções não estavam de acordo com a sua decisão. Bateu na porta.

Com o cartão do Marcus na mão, o criado desapareceu dentro da casa. Um momento depois foi levado para o gabinete de sua senhoria.

Sua senhoria chegou logo em seguida, com um roupão de seda por cima da calça.

- Levantou cedo nessa manhã.

Marcus se levantou, e os dois homens apertaram as mãos.

- Divertiu-se ontem à noite? - Perguntou Trafford.

Em lugar de sentar atrás da mesa, o conde sentou no sofá ao lado do Marcus.

- Sim. - Respondeu Marcus com cortesia.

- Que tempestade repentina, não foi? Tivemos sorte por não haver mortes. Todos aqueles trovões e raios e nenhuma gota de chuva.

- Acredito que a tormenta apenas serviu para fazer a noite mais memorável. - A noite foi sem dúvida memorável para ele. - Espero que Lucinda esteja bem.

- Sim. - Respondeu sua senhoria, com os lábios apertados em um sorriso. – Ela... Deve estar.

Marcus começou.

- Bom... Eu...Eh. - Engoliu em seco. Não era próprio dele gaguejar.

- Sim? – o conde arqueou as sobrancelhas.

- Há uma razão pela qual eu vim nessa manhã para falar com sua senhoria. Ansiosamente e tão terrivelmente cedo, que devo pedir desculpas. - Marcus tirou um lenço do bolso e secou a testa.

Meu Deus, ele nunca suava.

- Não são necessárias as desculpas. Sou um madrugador e parece que você faz parte dessa mesma categoria - Trafford assentiu e cruzou as pernas. A sapatilha de couro pendurada nos dedos de seu pé. - Conte-me sobre o motivo da sua visita.

Acuado. Mal conseguia respirar.

- Tenho uma questão importante para discutir com o senhor. Uma. . . Proposta.

- Uma proposta. Que interessante eleição de palavras. - Trafford se inclinou para pegar dois charutos da caixa de madeira sobre a sua mesa. Pegou também uma pequena e reluzente tesoura de prata, com a qual cortou os extremos.

- Encontro-me muito interessado em uma jovem de sua casa.

- Ah, sim? - O prazer apareceu no rosto de Trafford. De fato, parecia completamente atordoado.

- Astrid ficará fora de si. Os dois, ontem à noite na pista de dança. Perfeitos. Todo mundo comentou.

Marcus sorriu ante o desconforto da situação.

- Sinto muito, embora Astrid seja uma garota encantadora.

- Evangeline. - Os olhos de Trafford se abriram mais. - Melhor ainda. É uma notável conversadora. Uma garota inteligente e firme.

- Na realidade, sua senhoria, eu gostaria da sua permissão para pedir a mão da senhorita Limpett em casamento.

Os charutos caíram da mão de sua senhoria.

****

Mina não conseguiu mais dormir pelo resto da noite. Permaneceu sentada em sua mesa, completamente vestida, olhando a bolsa. Resolveu não descartar as centenas de pedaços de folhas de papel. Em vez disso, juntou-os todos e os guardou. Primeiro apareceu a rosa, descoberta dentro da bolsa fechada, e agora isto. Visões fragmentadas formavam redemoinhos ao redor de sua cabeça. Os olhos brilhantes na cripta. O ator mascarado na rua, oferecendo a mesma rosa. Seria um plano para deixá-la louca? Alguém estava muito habilmente tentando

assustá-la. E muito. Mas, quem? Um serviçal ou alguém de fora da casa? Ou poderia ser um membro de sua própria família?

Não conseguia pensar com clareza. A lembrança da névoa a fazia questionar tudo. Quem estava organizando esses eventos seriam somente humanos. . . Certo?

Olhou a bandeja com seu café da manhã intocado. Como havia se tornado um hábito matutino, colocou alguns pedaços de carne no guardanapo e saiu do quarto. Necessitava ar. Necessitava da luz do sol. Tinha que pensar com clareza e decidir o que fazer.

No jardim, um criado estava no topo da escada, tirando as lanternas das árvores. Aqui e ali havia pedaços de flores esmagadas, mas sem muitos danos. Mesas e cadeiras ainda se encontravam nos lugares, a tempestade fez as condições ficarem perigosa para guardá-las ontem à noite. Ela andou até o extremo do jardim, até onde os arbustos se alinhavam na parede. Abriu o guardanapo no chão, e se sentou aguardando.

Os gatos não apareceram. Talvez estivessem um pouco nervosos depois da festa e da tormenta.

Esperaria um pouco mais.

Cansada, apoiou o rosto entre as mãos. Talvez devesse falar com Trafford e contar tudo. Simplesmente não sabia, e não havia ninguém para ajudá-la a decidir. Talvez. . .

Talvez Marcus? Desejava confiar nele.

- Eles se foram, você sabe.

Mina levantou a vista e descobriu Evangeline atrás dela, vestida com uma bata rosa com listras brancas.

- Quem se foi? - Ela se levantou.

- Os gatos. Lucinda fez os jardineiros prepararem armadilhas. Não os queria perturbando os convidados em sua festa.

- Armadilhas?

Evangeline murmurou.

- Sinto muito se você não gostou. Os jardineiros. . . Bem, asseguraram-se de que os gatos não voltariam. Eles foram mortos.

A dor atravessou Mina, uma punhalada contundente de dor. Seu estômago deu um tombo. Seus pequenos três gatos, mortos. Por uma festa no jardim? A miséria, agravada por seus medos anteriores, combinou para lhe roubar o fôlego. O céu, as flores, a grande casa. . . Tudo ficou cinza.

Talvez devesse ir a algum lugar longe, inclusive aos Estados Unidos. Em algum lugar onde não a conhecessem. Poderia arrumar um trabalho como governanta ou babá. Não tinha muito dinheiro, apenas o da venda da pequena casa de seu pai em Manchester.

Entretanto, Marcus. . .

- Enviaram-me para procurá-la. - Evangeline disse. - Meu pai quer falar com você.

Mina assentiu. Os braços pendurados de lado enquanto retornavam para casa juntas.

Fora do gabinete, Evangeline adicionou.

- Acredito que há alguém com ele, mas não sei quem é.

Mina chamou e recebeu permissão para entrar.

Marcus se levantou de uma cadeira, sustentando seu chapéu e suas luvas, com expressão solene. Vê-lo a paralisou. Não porque não queria vê-lo, mas sim porque tudo o que queria fazer era correr para ele

e jogar-se em seus braços e chorar em sua camisa por seus três pequenos gatos tolos e um montão de notas feitas migalhas.

- Bom dia, Lorde Trafford. – Disse. - Lorde Alexander.

- Venha, Willomina. Por favor, sente-se. - Convidou seu tio. Ele se moveu para ficar ao lado da lareira.

Mina fez o que ele pediu. Com as pernas trêmulas sentou-se no sofá ao lado de Marcus. Ele também se sentou. Um medo repentino a atingiu, de que estivessem ali para confrontá-la sobre seu pai. Seu rosto. . . Seu couro cabeludo se intumesceu. Era a pior coisa que poderia imaginar, que Lorde Alexander, o homem que a tinha beijado com tanta doçura, com tanta paixão, pensasse nela como uma mentirosa, como uma impostora.

A expressão de Trafford não revelava nada.

- Sua senhoria chegou com um pedido especial esta manhã.

- Ah, sim? - Respondeu ela com voz débil. - Qual?

Marcus a olhou fixamente. Seu tio parecia estar chegando a uma conclusão. Na borda do sofá, ela esperava, com as mãos apertadas em punhos.

- Lorde Alexander. - Seus lábios se abriram em um sorriso lento, e seus olhos brilharam. - Solicitou e recebeu minha permissão para pedir a sua mão em casamento.

- Ele. . . Fez isso? - Foram todas as palavras que conseguiu dizer. Sua boca, seu cérebro não desejavam funcionar.

Olhou para Marcus. Seu rosto estava tenso. Ofereceu-lhe uma esperança torcida de sorriso.

- Sim, eu fiz isso. - Confirmou.

Isto não era absolutamente o que ela esperava. Seus pulmões paralisaram. Não conseguia respirar.

- Eu... Eu não sei. - Sentia como se sua língua e seus lábios estivessem inchados, sentindo o choque. - Na realidade não conhecemos um ao outro.

Marcus assentiu. Olhando para Trafford disse.

- Talvez pudesse falar a sós com a senhorita Limpett.

- É claro. - Trafford se dirigiu para a porta. - Retornarei dentro de pouco tempo.

Fechou a porta atrás de si com firmeza.

- Sei que minha proposta é repentina. Sei que é totalmente inesperada. - Marcus lhe agarrou a mão. - Mas tenho que sair daqui. Fora da Inglaterra, e quero que venha comigo.

Mina sorriu, e seus olhos ficaram úmidos.

- Quer se casar comigo.

- Sim, eu sei - uma expressão de desconcerto alcançou seu rosto. - Posso dizer honestamente que não há nada que eu queira mais.

- Por quê? - Exigiu em voz baixa, piscando para ele através de suas lágrimas.

- Por quê?

- Por que tudo isso, por que quer casar comigo? Por que tem que sair da Inglaterra? Por que agora?

- Porque eu quero você. Preciso de você. É simples. E temos muito em comum, Mina. Compartilhamos o amor pelos lugares mais autênticos do mundo, e a descoberta de coisas antigas. Sei que esta cidade não a faz feliz, como a mim. Há muitas regras, e intrigas. É um

lugar sem alma, e... Desejo partir e voltar para o que sempre foi real para mim. Vem comigo?

- Nem sequer me conhece - ela sacudiu a cabeça. - Sou uma tremenda confusão.

- Não, não é. - Assegurou em voz baixa e persuasiva. - E mesmo que você seja então deve gostar muito de mim. Pois sou uma tremenda confusão também.

- Há muitas coisas. . . - Ela ficou com mãos entrelaçadas. - Coisas que deveria te contar, coisas de mim que não posso...

- Você acha que eu não tenho segredos? Surpreendentes, e terríveis secretos? - Ele sorriu com tristeza. - Estou certo que os meus superariam em muito os seus. Compartilharemos, quando o tempo certo chegar.

- E você? Não sei nada sobre você, nem sequer as coisas mais simples. Tem família?

- Minha mãe e meu pai morreram quando era criança. - Respondeu. - Em questão de horas um do outro. Tudo foi muito trágico e dramático.

Agora ela entendia a escuridão subjacente que sentia sob a sua natureza.

- Isso é muito triste. Não há ninguém mais? Não tem irmãos?

- Tenho uma irmã gêmea. Estamos separados agora. - Fez uma pausa, apertando a sua mão. - Então você percebe, nós dois estamos muito sozinhos nesta vida. Vamos nos unir e nos conhecer ao longo do caminho - Ele disse.

Saindo do sofá, ficou de joelhos, com suas pernas roçando nas saias dela. Pegou suas mãos. As mãos de Marcus eram cálidas, grandes e fortes. Um lugar seguro.

- Apenas diga que sim.

- Para onde vamos?

- A Europa, a Índia, ao Tibete, a qualquer lugar que desejar.

Talvez pudesse ter a aventura e seu lugar seguro. Sim, seu coração sussurrou, talvez. . . Talvez ao Tibete.

Mina olhou em seus olhos. Suas mãos se aproximaram de seu queixo, uma em cada lado.

Dobrando-se, ele apertou os lábios em seu rosto. . . Em suas pálpebras fechadas. Com beijos ardentes conseguiu banir suas lágrimas.

- Diga que sim. - Sussurrou ele. - Mina, por favor.

Beijou-a na boca. Todos os seus medos e tristezas dela desapareceram.

- Sim. - Mina respondeu. - Sim.

- Obrigado. - Murmurou entre beijos quentes e suaves. - Obrigado, Mina.

Ele não declarou seu amor por ela, e ela não o necessitava. Ainda não, por agora, isso era suficiente.

- Quando? - Murmurou ele contra sua bochecha. - Na semana que vem?

Mina segurou em seus braços, bêbada por sua proximidade.

- Logo que seja possível.

Uma batida na porta.

Marcus rapidamente ficou de pé, mas deixou uma mão apoiada no ombro dela. Depois de uma piscada rápida de olhos, ela também se virou. Trafford apareceu, com um sorriso vacilante.

- Temos um compromisso? - Perguntou em voz baixa.

Com um aperto em seu ombro, Marcus respondeu.

- Sim.

Trafford sorriu, seu olhar caiu sobre Mina, como se procurasse sua confirmação. Ela assentiu e sorriu. Seu tio abriu mais a porta, expondo mais três faces. Todas furiosas. Todas sem sorrir.

Lucinda empurrou e passou por Trafford, entrando no gabinete.

- Trafford, não posso acreditar que esteja apoiando isto. - Escarneceu, com voz grossa. - Mal se conhecem.

Mina piscou, com sua alegria evaporando totalmente.

O conde levantou as mãos.

- Qual a importância de se conhecerem a pouco tempo?

- Senhorita Limpett estou muito decepcionada com você. - Replicou a condessa. - Acaba de enterrar o seu pai, esteve de luto apenas três meses. O que se supõe que dirão as pessoas?

Marcus levantou Mina da cadeira. O firme apoio de sua mão chegou a suas costas.

- Não dirão nada. Teremos uma cerimônia tranquila e privada com uma licença especial.

- Essas são as piores. - Seu olhar se dividia entre eles. Cachos loiros balançaram em ambos os lados de seu rosto. - Todo mundo vai falar sobre o escândalo.

- Não me importo com o escândalo. - Disse Marcus, olhando para Mina. - Você se importa com o escândalo?

- Não. - Sussurrou ela. Clareou a garganta e repetiu com maior firmeza - Não.

Os olhos de Lucinda se arregalaram em incredulidade. Seus seios subiam e desciam debaixo do corpete apertado de seu vestido azul.

- Estão pensando só em si mesmos. O escândalo não só afetará a vocês, mas também a todos nós.

Trafford intercedeu.

- Lucinda, está exagerando as coisas.

Marcus acrescentou.

- Qualquer falatório morrerá rapidamente. E, além disso, sairemos diretamente para nossa lua de mel, em meu barco.

- Pois bem, acredito que está decidido, não? - Lucinda olhou ao seu redor para todos. Para Marcus e Mina, para Trafford e as garotas que estavam terrivelmente pálidas. Em uma voz mais suave, entrecortada disse - Tenho que ir me deitar. Estou com dor de cabeça.

Correu pela porta aberta, passando por Astrid e Evangeline, que flutuavam no canto. Não falaram, mas seus olhares varreram condenadamente a Mina. Ao mesmo tempo, também saíram da sala.

Trafford balançou nos calcanhares, com os braços cruzados nas costas. Para Marcus, disse com cumplicidade.

- Quão rápido você pode conseguir a licença?

- Hoje é sexta-feira. Acredito que a conseguirei para terça-feira.

Seu tio fez uma careta.

- Ela ficará bem até lá.

Marcus odiava abandonar Mina em uma casa em tumulto, mas como se casariam na terça-feira, tinha muito que fazer... Além de conseguir a licença especial. Orou para que Lucinda, em sua ausência, não fizesse nada drástico para obrigar Mina a mudar de opinião. Na noite anterior, quando a condessa se desculpou por seu comportamento em Hurlingham, ele realmente acreditou que ela estava arrependida. Teria sido sempre tão extravagante com seu humor e comportamento?

Um relógio mostrava que o seu tempo estava rapidamente se esgotando em sua cabeça. Orou para não sofrer outro feitiço antes do casamento, porque sentia que em cada assalto a sua mente, tornava-se menos capaz de defender-se da influência malévola da Noiva Escura. Sua voz estava notavelmente em silencio desde a noite anterior no abastecimento de água, mas ele temia que quando retornasse, fizesse-o com uma vingança.

Seu plano era duplo, em primeiro lugar, tinha certeza de que uma vez que estivessem casados, poderia ganhar a confiança de Mina e persuadi-la a confessar tudo, especialmente os detalhes do lugar onde seu pai se encontrava. Em segundo lugar, suspeitava que a distância silenciasse a voz da Noiva Escura, pelo menos tempo suficiente para que ele tivesse os rolos, traduzisse-os e alcançasse a cura. Restaurando seus poderes Amaranthine completamente, voltaria para Londres, pediria ao Conselho Primitivo seu restabelecimento e poria fim à Noiva Escura.

Mas, é claro a viagem não seria somente pela sua sanidade mental. Planejava fazer amor com sua nova formosa mulher pelo menos mil vezes ao longo do caminho. Fechou os olhos, recordando a forte atração entre eles, como havia sentido na noite anterior e ainda mais, esta manhã. Tinha vivido e amado durante séculos. Alguns amores se destacavam entre os demais.

Uma carruagem passou junto à calçada onde caminhava. Seus olhos se estreitaram com suspeita, e olhou para os lados. Felizmente, não havia nenhum condutor com olhos servis levando as rédeas. Em seu lugar, Leeson apareceu na cabine aberta da carruagem.

- Sua senhoria. - Parou o transporte. - Entre.

Marcus se aproximou do veículo e subiu.

- Como foi sua proposta? Teve êxito com sua noiva?

O condutor fez uma curva.

- Está tudo acertado. Tem notícias, não é?

- Tenho novidades. - Leeson pegou um jornal e leu em voz alta algumas anotações.

- Hoje descobriram ao longo do rio um pé unido a uma parte da perna. Esse achado se deu... - Ele ajeitou o monóculo redondo sobre o nariz. - Na ponte Wandsworth. E logo depois uma perna esquerda foi encontrada em Limehouse.

- Ao longo do percurso para a Índia?

- Isso mesmo. Os pedaços estavam envolvidos cuidadosamente em vários pedaços de linho, e amarrados com uma corrente.

Marcus assentiu.

- Conseguiu localizar Selene?

- Não, senhor. Seja qual for o lugar que esteja residindo, não quer ser encontrada.

Marcus assentiu.

- Que mais tem para mim?

- Haverá uma análise pós-morte das partes do corpo encontradas até o momento, programada para esta tarde no necrotério de Battersea com o médico da polícia o Dr. Félix Kempster. O Dr. Kempster trabalhou no caso dos mortos desmembrados em Rainham em 1887. Muito competente. Muito inteligente. Será um prazer trabalhar com ele outra vez. . . Ah, inclusive se ele ainda não percebeu que estamos trabalhando juntos.

Marcus tirou seu relógio do bolso e calculou o tempo. Como tudo o que tinha que fazer, ainda teria tempo para assistir a autópsia. Certamente, encontraria a Selene ali. Queria lhe dizer tudo o que tinha averiguado a respeito da Noiva Escura. Entretanto, não podia esquecer que ele já não era um Guarda das Sombras. O mistério dos desmembramentos do Tâmisa, desde o começo, era dever oficial de Selena, confiado a ela pelo Conselho Primitivo. Qualquer ação que ele empreendesse contra a Noiva Escura quando retornasse a Londres teria que ser feito em cooperação com sua irmã.

Olhou pela janela, avaliando sua localização.

- Obrigado, Leeson. Se houvermos finalizado, me deixe sair na próxima esquina.

- Na realidade, não terminamos ainda. - O homem pôs seu caderno de notas de lado e esfregou as mãos juntas. - Tenho uma surpresa para você.

- Tenho uma tarde ocupada.

- Deve achar tempo para isto. Já combinei com o condutor para nos levar.

- Sabe que eu não gosto de surpresas, então me diga logo.

- Encontrei uma casa para você. Um lugar que acredito que será um refúgio, e... Talvez o possa proteger de certa forma desses feitiços.

Dessa voz em sua cabeça. Sei que a Transição não pode ser interrompida, mas talvez este refúgio possa diminuir os efeitos quando se encontrar em seu estado mais vulnerável.

A descrição de Leeson despertou seu interesse. Entretanto, se sua viagem corresse como estava planejando, não necessitaria nenhum santuário.

- Isso é muito interessante, mas estarei saindo de Londres na terça-feira e não necessito uma casa.

- Apenas dê uma olhada. - Sugeriu Leeson, ajustando a correia de seu tapa-olho. - Isso é tudo o que eu peço. Seria bom ter um lugar preparado para seu retorno com a Sra. Alexander.

Marcus supôs que ele estava certo. Nunca teve um verdadeiro lar, uma base permanente de operações.

Tinha preferido moradias temporárias nos barcos ou em elegantes hotéis. A ideia de formar um lar com Mina tinha seu encanto, satisfazendo seu desejo.

Entretanto, Archer, Lorde Black, detinha o monopólio do melhor endereço da cidade, uma enorme mansão foi construída quase um século antes, somente para que um portal para o Reino Interior existisse em Londres.

A carruagem virou em uma estrada secundária, transportando-os a um pequeno bairro ao sul de Mayfair, não muito longe do rio. Da janela, Marcus viu que passavam ao longo de algumas ervas daninhas densas mente cobertas pelo mato, uma vez em uma rua larga, as casas, em sua maioria, sucumbiram à ruína.

A carruagem parou diante de uma grande mansão. Leeson o levou a uma curta distância até uma imensa porta preta. Muitas das janelas

haviam desaparecido. O mato e a erva daninha despontavam da terra até o joelho.

Leeson colocou a mão no bolso e tirou uma grande chave, de forma caprichosa.

- Tudo que peço é que veja tudo antes de tomar sua decisão.

Marcus hesitou em cruzar a soleira.

- Quando você disse que encontrou um lugar onde poderia estar seguro, um lugar de amparo, não foi exatamente isso o que eu imaginei. Não sou um vampiro, Leeson. Não é meu estilo ficar escondido ao redor de correntes de ar em velhas mansões.

- Venha. - Insistiu o homenzinho laconicamente.

Marcus o seguiu a contra gosto enquanto Leeson o levava de uma sala a outra. Havia dois salões, uma biblioteca, um gabinete e um salão de baile, todos magnificamente realçados com cores esvaídas, com o papel cansado e com o telhado arruinado. Era evidente que algum tipo de animal grande passou pelo menos alguns dias vivendo na cozinha. E recentemente.

- Detestei. - Anunciou ele, tampando o nariz com um lenço.

Nunca poderia esperar que Mina vivesse ali. Não apenas a casa estava em muito mal estado, mas também todas as propriedades dos arredores estavam também. Para não dizer que vagabundos criminosos seriam seus vizinhos.

- Vamos conhecer o primeiro andar. - Leeson foi para as escadas. Seu pé afundou.

Testou o degrau seguinte.

- Espere até ver o quarto principal. Uma vez que tiremos as andorinhas.

Marcus tirou o casaco. Estava começando a suar.

- Vou embora, com ou sem você. - Leeson revirou os olhos. - Bem, iremos direto ao fundo da questão, vamos.

Seu humor estava cada vez mais pesado, seguiu ao ancião imortal para a parte de trás da casa. Leeson disparou, mostrando um caminho através da escada. Leeson apontou para o jardim, onde havia mato e muito material descartado, inclusive um sofá e uma cadeira.

- Vamos. Caminhe. - Leeson chegou a um muro baixo de pedra, olhando para uma grande piscina. Cheia de água limpa, resplandecente, a piscina aparentemente, era abastecida por um manancial saudável.

Marcus esfregou a coroa do nariz.

- Tem razão. Essa é uma piscina muito bonita, mas não é suficiente para compensar o resto da casa.

Leeson olhou através de seu único olho por cima do ombro.

- Disse-lhe que viesse.

Marcus obedeceu, apesar de que estava muito cansado de seguir o homem, um homem que afirmava estar ao seu serviço.

Leeson tirou uma moeda do bolso.

- Faça um desejo e jogue a moeda.

- Não sou mais criança. - Marcus respondeu.

- Está arruinando o momento. - Reclamou Leeson. - Poderia, por favor, só fazer o que estou pedindo?

A paciência de Marcus acabou e seu temperamento esquentou.

- Que assim seja.

Pegou a moeda. Com um movimento de seu dedo polegar, o pequeno disco foi ao ar, girando sobre si mesmo. O metal brilhava sob o sol.

- Fez um pedido?

- Deixe-me ver... - O belo rosto de Mina passou por sua mente.

- Agora observe. - Instruiu Leeson em silêncio, falando em sua mente. - Olhe.

A moeda desceu nas escuras profundezas verdes, com sua brilhante luz piscando em cada volta. . . Cada vez mais fraca e tênue, enquanto afundava em um emaranhado de supostas imagens.

Marcus viu algo.

Abaixou a cabeça e entrecerrou os olhos.

- Oh! - Sua respiração falhou. - Eu estou vendo.

Capítulo 10

Depois de sair da corte eclesiástica, onde fez os trâmites necessários para a licença especial, Marcus deu instruções ao condutor da carruagem para cruzar o Tâmisa e levá-lo ao necrotério em Battersea.

Ele deixou Leeson na casa, esperando para se encontrar com o atual proprietário. De fato, ele deu autoridade a Leeson para negociar a compra de todas as casas da rua. Valia a pena, ao menos no mercado imobiliário, jamais poderia aproximar-se do valor da piscina.

Quando Marcus revertesse o seu estado de Transição e recuperasse o seu status entre a Guarda das Sombras, ele voltaria para Londres com Mina e supervisionaria a reforma, tomando as medidas necessárias para as atribuições da Reclamação, é claro. Ele estava prevendo que em dois anos, o endereço seria o mais exclusivo do distrito, o que daria um lucro positivo.

O que eram estes pensamentos em sua cabeça? Pensamentos otimistas de um futuro com Mina?

A cidade passava pela janela, e ele sorriu para si mesmo. Não sabia quanto tempo esse futuro poderia durar, mas ele se comprometeu a fazê-lo bom.

Depois de uma viagem de meia hora, chegou ao necrotério. Pagou ao condutor e passou sob o arco central. Lá, à sombra na tênue luz, ele transformou-se em sombra.

A partir daí ele seguiu o cheiro da morte até que chegou à sala mortuária.

O Dr. Kempster estava com dois cavalheiros de terno escuro. Marcus os observou, conseguindo seus nomes, eram os detetives Regam

e Tunbridge. Movendo-se mais para dentro, ele topou diretamente com a sombra de Selene. Sentindo o fio de sua fúria, ele assumiu uma posição no lado oposto da sala.

- Obrigado por virem, senhores. - Disse Kempster, olhando um senhor com bigode de aparência distinta. - Suponho que deveríamos continuar com nossa análise macabra.

Ele se moveu ao centro da sala, onde uma série de bandejas de metal ocupava uma mesa larga.

- Preparem-se. - Advertiu. - Nós mantivemos as partes recuperadas em formol para suspender a decomposição.

A sala já não tinha um delicioso aroma em primeiro lugar, então ambos os detetives tiraram lenços do bolso para cobrir seus narizes e bocas. Quando todos estavam prontos, o médico da polícia levantou a tampa do primeiro recipiente. O forte mau cheiro de formol, ressaltado pela putrefação, atravessou a sala.

O Detetive Tunbridge tossiu.

O Dr. Kempster não parecia afetado absolutamente. Marcus sabia que não era a primeira vez que via uma obra tão bárbara.

- Aproximem-se para que possam ver.

Os detetives se aproximaram e olharam o líquido turvo. Marcus já estava ali.

Sua irmã o tirou dessa posição. Tendo em conta que o assassino que cortava suas vítimas em pedaços, o assassino que ele sabia que se chamava A Noiva Escura, era atribuição da Selene, ele cedeu seu espaço e de novo se moveu para o outro lado da mesa.

- O que é isso? - Perguntou um dos detetives.

O médico apontou com o dedo.

- A coxa descoberta em Battersea. Esta é a parte superior e esta é a inferior. Vê aqui? Há quatro feridas que parecem ter sido feitas por dedos apertados na pele. Eu acredito que isto ocorreu enquanto a vítima ainda estava viva.

O médico guiou os detetives através do resto das partes do corpo recuperado, abrindo e fechando cada tampa enquanto que se moviam em frente. Um tronco. . . Uma seção de perna direita com o pé unido. . . E, finalmente, a perna esquerda.

- Não há cabeça?

- Não.

- Igual ao torso, que foi descoberto em New Scotland Yard no ano passado, e também no aterro do Tâmisa no ano 1887?

- Isso é correto.

- Podem ver aqui. . . Os hematomas. Ela usava um anel no dedo.

- Deve ter sido tirado pouco antes, ou inclusive depois que ela morreu.

- Suas mãos. Suas unhas foram quebradas rapidamente, mas não há calos. Elas não foram maltratadas com trabalho duro. Está claro que ela não era uma trabalhadora braçal.

Apesar de que Marcus já conhecia a identidade do assassino, ao menos no que se refere à Noiva Escura, ele sentia que devia à mulher, seu respeito e sua atenção.

Afinal, seu corpo tinha sido jogado ao longo do rio, em um ato bizarro de homenagem a ele.

O médico voltou a tampar a ultima bandeja.

- Acredito que vocês estarão muito interessados em ver a roupa que ela usava. Acredito que os pedaços nos ajudarão a identificá-la. Na realidade, há um nome bordado em uma peça em particular. Sigam-me.

Os dois detetives, seguidos pela sombra dos dois imortais invisíveis, seguiram até a próxima mesa. Ali, grandes pedaços de tecido, peças cortadas de roupas, estendidas para análise dos mesmos, todas com manchas débeis de sangue diluído pela água do rio.

Marcus fechou os olhos, em seguida rangeu os dentes. Duas das peças, cortadas de um casaco comprido de inverno, e a outra um quadrado marrom, coincidiam com a roupa usada naquela noite pala garota da ponte.

- Viram as iniciais gravadas na cintura desta peça de linho? - Disse o médico.

- L. E. Fisher. - Disse o detetive Regan.

Tunbridge escreveu o nome em seu relatório.

Entretanto, Marcus sabia outra coisa. O nome da garota era Elizabeth.

Elizabeth Jackson.

Provavelmente, após uma investigação, eles descobririam que sua roupa foi comprada de segunda mão e permaneceu com o nome de sua proprietária anterior. Marcus não queria olhar para ela.

Sim, ele passou dois séculos como Guarda das Sombras, e durante esse tempo havia visto cadáveres, muitos deles, nas piores das condições. Mas ele olhou nos olhos desta jovem mulher. Deu-lhe esperanças. . . E ela lhe tinha dado o mesmo. Que ela tenha sido reduzida a peças de um quebra-cabeça por um monstro, o enchia de raiva.

Deixando a Selene com as autoridades, Marcus correu através do corredor. Parando no corredor vazio só o suficiente para voltar a sua forma humana, logo se dirigiu à rua. Ali, com a palma de sua mão plantada contra uma coluna de tijolo, ele inalou o aroma da cidade, substituindo o aroma da morte em seu nariz e pulmões. Ainda assim, o fedor permanecia em suas roupas e pele, tão forte quanto à lembrança da jovem em sua mente. Ela era uma moça singela, mas não merecia uma morte tão horrível. Estaria seu sangue em suas mãos?

Ele ajudou a garota com arrogância, como uma forma de mostrar à Noiva Escura que ele estava no controle. Ao fazer isso, ele teria marcado Elizabeth para a morte? Sim, ela tinha a intenção de se matar, mas sem dúvida a Noiva Escura saberia que ele identificaria a vítima. Poderia ela enviar uma mensagem mais clara que era ela quem estava com a vantagem em suas mãos?

- Não faça isso novamente.

Marcus se voltou. Selene o olhava do degrau mais alto.

Ela usava um rico vestido marrom de seda, e um chapéu de palha de verão, luxuosamente adornado com flores laranja e verde e várias fitas. Como sempre, sua irmã gêmea parecia uma rainha, inclusive no mais macabro dos lugares. Quem mais poderia usar algo assim para ver um cadáver?

- Conhecia essa garota. - Replicou ele sombriamente. - Agora tenho um interesse pessoal nisso também.

- Você não tem nada com isso. - Ela disse com os dentes cerrados. - Nunca mais volte a pôr um pé em meu território outra vez. Nem sequer é mais um Guarda, por isso não tem direito algum.

- Não estou tentando roubar o seu trabalho.

- Não poderia mesmo se tentasse. - Ela estremeceu ao encará-lo e saiu.

Ele a alcançou, caminhando ao lado dela.

- Tem ideia de quem a assassinou?

Ela lançou lhe um olhar sombrio.

Marcus disse.

- Eu a conheci recentemente.

Ela se virou para enfrentá-lo. A bolsa de prata no braço dela brilhou.

- Você encontrou-se com seus tolos, pequenos aduladores de olhos arregalados também?

Erguendo o braço, ela moveu o dedo indicador para seus olhos.

- A Noiva Escura. Ela quer conhecê-lo melhor. - Zombou.

Selene sempre foi boa em pressionar.

Marcus se endireitou, decepcionado.

- Vejo que você já a conheceu.

- Fugazmente, e em várias ocasiões. Ela apenas está atrás de você por que... - Selene levou a mão à boca, como se compartilhasse um segredo. - Ela não gosta de garotas, se você entende o que quero dizer. Ah, e você também está perdendo sua mente imortal, o que faz de você um homem extremamente privilegiado a seus olhos. Tenho certeza de que sua boa aparência e linhagem familiar não parecem desencorajá-la.

- O que sabe de sua verdadeira identidade?

Selene respondeu bruscamente.

- Não é mais seu assunto. - Com o dedo, ela espetou seu peito. - Ela é meu alvo. Meu. Não o seu. Você, de todos. . . Bem, excomungado Guarda das Sombras, deve entender que os limites devem ser respeitados, a menos que já tenha ido muito longe para recordar.

- Eu não enlouqueci ainda. - Replicou. - E me lembro de tudo.

Jack o Estripador foi originalmente sua missão. Depois de um pedido pessoal de sua Alteza, a Rainha Vitória, Archer, seu favorito de longa data, tinha interferido na caça. O seu território de caça foi invadido e ele foi menosprezado.

Selene piscou os olhos, e olhou para o outro lado da rua.

- Suponho que isso é tudo o que temos para dizer um ao outro, então.

- Não é bem assim. - Ele se esgueirou ao redor, ficando cara a cara com ela. - Você está certa. A caça pertence a você. E eu vou embora. Sairei da Inglaterra. Quando eu retornar, estarei como novo. Plenamente reincorporado a Guarda. Se você ainda não a tiver Reclamado até então. . . Eu o farei. É uma advertência justa, Selene.

Ela bufou.

- Tenha uma agradável deterioração mental. Espero que só me veja de novo quando eu tiver recebido ordens firmes para o seu assassinato.

Nesse momento, uma enorme carruagem preta, puxada por quatro cavalos monstruosos, rodou até a calçada ao lado deles. Um escudo polido brilhava na porta, com um corvo negro no centro.

No interior sombreado, Marcus percebeu a silhueta de um homem alto de ombros largos.

- É hora de ir. - Disse Selene, afastando-se dele em direção ao veículo.

Marcus fez uma careta de desagrado.

- Um dos Ravens, Selene?

Os Ravens era um regimento especializado dentro da Ordem dos Guardiões das Sombras. Constavam de oito guerreiros imortais que, no ano 1066, fizeram um juramento de proteger o reino da Inglaterra da destruição e da anarquia, e a seu monarca governante de qualquer dano. Através dos séculos posteriores, os Ravens haviam continuamente colidido de frente com seus companheiros da Guarda das Sombras por território, favor e prestígio.

- Adeus, Marcus. - Ela respondeu com firmeza.

*****

- Tem certeza, Lucinda, que você quer que eu use o seu vestido de noiva? - Mina sentou-se na beirada da cama, olhando para a caixa grande e brilhante. Aninhado em papel de seda rosa pálido, estava o vestido mais bonito que ela já tinha visto.

- Insisto nisso. - Disse Lucinda satisfeita.

Embora ainda não muito alegre pela cerimônia planejada para essa manhã, Lucinda suavizou consideravelmente, e se dedicou à tarefa de fazer com que o dia do casamento de Mina fosse especial.

- Obrigada, vossa senhoria.

- Foi feito por Jacques Doucet. - A condessa anunciou orgulhosamente, levantando o vestido pelos ombros.

Ela colocou o vestido sobre o cetim de seda da colcha.

- Os diamantes e as pérolas são de fato autênticos.

Astrid e Evangeline se aproximaram para admirar o vestido também.

Tiveram apenas dois dias para comprar o enxoval de Mina. Ela não havia, é claro, ido a Paris, mas a dona de uma elegante loja, assegurou a Lucinda que tinha no estoque espartilhos, camisas, capas, saias e vestidos de dia e vestidos de noite. Tudo que elas compraram, levava uma etiqueta comprovando a origem parisiense.

- Está na hora. - Disse Lucinda, apontando para o relógio. - Vamos ajudá-la a se vestir.

Mina tirou o roupão e levantou-se enquanto Lucinda, com a ajuda de Astrid e Evangeline, descia-lhe as saias e o corpete por cima de sua roupa intima bege. Lucinda meticulosamente alinhou os botões, e o vestido tomou a forma pretendida.

Lucinda olhou por cima do ombro da Mina, no espelho.

- Ele se encaixa perfeitamente. Bem, quase. - Ela ficou de joelhos e ajustou a saia. - Se tivéssemos mais tempo, eu faria a costureira tirar uma meia polegada.

Ela dobrou a bainha para fora e parou.

- Mina, o que é isso? Não me diga que é sua velha anágua. - Ela puxou um pouco a renda.

Mina olhou para baixo.

- É meu algo velho. Além disso, eu gosto. Eu acho o desenho da renda lindo.

Lucinda se levantou.

- Suponho que todas nós temos nossas próprias superstições. É muito tarde para você trocar de qualquer maneira. Tudo, exceto seu traje de viagem foi embalado nas malas. Agora se sente. Ela apontou para a penteadeira.

Lá, Lucinda colocou um véu de renda de Bruxelas sobre o cabelo de Mina. A condessa abaixou-se para olhar no espelho ao lado de seu rosto.

- Você é uma bela noiva. - Elogiou. Entretanto, ela não sorriu.

Um soluço soou atrás delas, e Astrid saiu correndo do quarto.

Evangeline a seguiu, parando na porta.

- Ela é uma terrível invejosa. Chorou a noite toda, dizendo repetidamente que era a nossa temporada de estreia e que deveria ser uma de nós a se casar hoje.

Ela seguiu a irmã.

- Oh meu Deus. - Disse Mina com o cenho franzido. - Eu não havia percebido.

Lucinda tocou seu rosto.

- Não deixe Astrid com seus olhos vermelhos e chorosos estragar esse dia tão especial. - Ela encontrou de novo os olhos de Mina no reflexo. - Permita-me fazer isso em seu lugar.

Mina devolveu o olhar, estupefata.

- Por que você diz algo assim?

Os olhos de Lucinda ficaram brilhantes e cruéis.

- Acredito que você sabe a verdade, Mina. Você é uma moça perspicaz.

Mina não falou.

A condessa reparou uma falha inexistente no penteado de Mina.

- Seu atraente futuro marido. . . Bem, tivemos uma relação muito apaixonada. Mas me casei com Trafford em seu lugar. Marcus está

usando você, para me punir por minha escolha. Eu quero que você se lembre disso hoje quando você estiver de pé ao lado dele, dizendo seus votos.

A condessa recuou. Na cama, ela dobrou o papel de seda e levantou a caixa da colcha.

Mina lembrou-se de Marcus e seu breve tempo juntos no escritório depois de sua proposta.

Ela se lembrou de seus beijos apaixonados e de suas palavras profundamente sinceras.

Lucinda parou na porta, seu rosto uma máscara de fria satisfação.

- Vou deixar que você se recupere por alguns momentos.

- Não, eu estou preparada agora. - respondeu Mina de maneira firme. Ficou de pé e endireitou os ombros. Ela passou ao lado da condessa, com o queixo erguido. - Pronta e recuperada.

Marcus subiu as escadas da casa Trafford. Atrás dele, Leeson desceu da carruagem contratada na cidade e o seguiu em um ritmo mais lento. O criado abriu a porta. Mina estava no topo da escada. Seu peito se oprimiu, ainda doía um pouco com a visão de sua beleza brilhante. Ela sorriu, parecendo igualmente feliz em vê-lo, e voou escada abaixo a seu encontro.

Considerando a rapidez de suas núpcias, ele não esperava que ela usasse um vestido de casamento. O vestido já feito, emprestado ou comprado, tinha um acetinado grosso que se agarrava a seus seios, a sua cintura fina e quadris, como se tivesse sido desenhado especialmente para ela. Isso foi até que ele tomou a mão dela e percebeu que Lucinda, com a face rígida e pálida, seguia atrás dela, levando um buquê de rosas brancas.

- Você já tem flores. - Disse ele. - Eu não sabia, então eu trouxe um buquê de flores também.

Ele indicou Leeson, que sustentava um enorme ramo de orquídeas brancas e lírios do vale, enfeitado com rendas.

Ela sorriu.

- Eu gosto mais do seu.

Ele também parou no escritório de seu banqueiro e retirou o anel de sua mãe do cofre. A caixa atualmente queimava em seu bolso. Ele esperava que a aliança de ouro, que mostrava uma flor de lótus aberta com uma grande pedra turquesa em seu centro, coubesse no magro dedo de Mina.

Leeson apresentou as flores a Mina com um floreio ao longo de seu antebraço.

Marcus disse

- Este é o Sr. Leeson. Ele será minha testemunha oficial.

- Obrigada por vir, Sr. Leeson. - Disse ela.

Enquanto Marcus a escoltava em direção ao salão, ela sussurrou.

- Ele me parece familiar.

A cerimônia foi concluída em uma hora e todos os documentos necessários assinados e testemunhados. Também desfrutaram de um pequeno, mas elegante almoço. Ele e Mina desfrutaram da comida, enquanto Lucinda, Astrid e Evangeline permaneciam rígidas em suas cadeiras, beliscando sua comida. Trafford parecia visivelmente constrangido. Marcus abriu seus sentidos imortais e captou todo tipo de pensamentos invejosos e rancorosos, a maioria dirigidos a Mina, mas Mina, por sua parte, parecia felizmente alheia a tudo ao redor. Melhor ainda, ela não conseguia deixar de olhar para sua mão com o anel.

O desprezo das damas por Mina inspirou um brilho agudo de ira em seu peito, mas tudo o que importava a ele nesse dia era que ela estava feliz, e que deveriam chegar ao píer o suficientemente cedo para iniciarem a viajem pelo Tâmisa antes do anoitecer. Se eles conseguirem sair da casa sem qualquer confronto, ou qualquer alimento jogado, ele diria que seu casamento tinha sido um sucesso.

Ele não conseguia evitar olhar cautelosamente pela janela a todo o momento antes deles partirem.

Havia muitas coisas que poderiam dar errado. Se ele sofresse um feitiço, isso poderia atrasar sua partida. Leeson, iria acompanhá-los em sua viagem, recebeu instruções para interferir de forma discreta e não chamar atenção para qualquer comportamento anormal por parte de Marcus.

No momento, Marcus andava na base da escada, esperando Mina descer. Trafford esperava com ele, tentando puxar conversa. Os servos já haviam descido com as suas malas e Leeson estava fiscalizando o carregamento delas na carruagem. Finalmente, ela apareceu no topo da escada, vestida com um traje negro de viagem.

Ninguém nunca esteve mais formosa de negro, mas ele mal podia esperar para enchê-la com todos os vestidos, jóias e enfeites femininos que sua beleza merecia.

Depois de uma rodada de despedidas cordiais, Marcus foi com Mina para a carruagem que ele alugou para a tarde. Leeson subiu à banqueta ao lado do condutor. Uma vez que a porta se fechou e eles ficaram sozinhos, Marcus puxou Mina para mais perto dele. Todo o dia ele esperou por esse momento. Os músculos ao longo de seu estômago se esticaram em uma tomada de consciência que se estendeu até sua virilha.

- Lady Alexander. - Ele pressionou seus lábios em sua têmpora. - Eu mal posso esperar até que estejamos sozinhos essa noite, em nosso camarote, quando eu poderei tirar todos esses grampos de seus cabelos magníficos.

Seus olhos escuros se voltaram límpidos.

- Marcus. . .

Ele ergueu o queixo dela e se inclinou.

Ela se afastou bruscamente, com uma distância em seus olhos que não estava ali antes.

- O que está acontecendo? - Perguntou ele.

- Preciso falar com você sobre algo.

- Vá em frente. - Ele levantou a cabeça, mas a manteve perto, dentro da curva do seu possessivo abraço.

- Momentos antes da cerimônia. . .

- Sim?

Ela engoliu em seco.

- A condessa me informou que você estava se casando comigo apenas para castigá-la.

- Ela disse isso para você? - A ira irrompeu em seu rosto, e as narinas dele inflaram. - Nesta manhã? Justo antes de nos casarmos? - Ele nunca suspeitou que Lucinda fosse tão mal-intencionada.

- É verdade? - Ela perguntou solenemente. - Eu não vou chorar ou o amaldiçoar nem atacar você. Eu só preciso saber.

- Não. Não é verdade. A verdade é que ela e eu compartilhamos um flerte em uma temporada passada, antes de se comprometer em casamento com Trafford. Beijamo-nos, mas isso é tudo.

Ela examinou seu rosto.

- E isso é tudo o que realmente aconteceu?

- Eu juro.

Mina estendeu a mão e tocou com a ponta de seus dedos o centro de seu peito. Seus olhos eram sensuais. Agarrando sua gravata, ela o puxou para perto e beijou-o na boca, com seus exuberantes lábios reclamando os dele.

Virando o rosto ligeiramente de lado, ela sussurrou.

- O que você estava dizendo a respeito dessa noite?

Muito depressa eles chegaram ao Píer Cadogan. O barco de Marcus, Thais, brilhava na luz do sol, com seu casco recém raspado e pintado, e com todos os acessórios de latão e níquel polidos até um brilho radiante. A tripulação contratada recentemente estava preparada no convés. Marcus levou Mina ao longo da ponte, orgulhoso da forma como ela andou facilmente pela prancha estreita, como se ela tivesse feito isso milhares de vezes antes. O novo capitão e dez tripulantes, vestidos com elegantes uniformes brancos, os aguardavam. Fizeram as apresentações ao longo da fileira.

Enquanto as malas de Mina estavam sendo levadas a bordo, Marcus a levou a uma breve turnê pelo barco. Eles Iniciaram no salão principal, uma sala ampla com paredes verde esmeralda, com grandes espelhos, obras de arte e molduras.

- Quantos camarotes há? - Ela perguntou.

- Além do alojamento da tripulação, há seis individuais e quatro duplos. O suficiente para acomodar quinze a vinte pessoas.

- É maravilhoso. - Respirou Mina. - Não posso acreditar que esteja aqui.

Por uma escada interna, ele a levou para baixo do convés para a cabine principal.

- Este pode ser o seu camarote. - Nas cores dourado e branco, o quarto, além do aspecto íntimo, cheirava a conforto e elegância. Duas vigias ofereciam uma visão da paisagem ribeirinha. - Ou pode ser. . . Nosso camarote.

Seus olhos castanhos brilhavam com o claro convite.

- Nosso camarote, Marcus. Não me casei para ter quartos separados.

Ele a apoiou contra a parede, deslizando seus dedos no cabelo grosso ao longo de sua nuca e se inclinou para beijá-la. Quando ela correspondeu, ele abaixou mais o rosto, aprofundando a intimidade. Sua outra mão deslizou até seu torso para acariciar os seios. Ela suspirou e soltou um pequeno gemido.

Sem dúvida, a qualquer momento, eles seriam interrompidos por um membro da tripulação entregando as malas.

Ele se afastou, colocando mais um beijo em sua boca. Ele passou o polegar por cima de seu úmido lábio inferior.

- Me disseram que lá em cima há champanhe para desfrutar quando nós fizermos nosso passeio.

No convés, eles olhavam enquanto o Thais se afastava do píer. Ao longo da área costeira a polícia supervisionava a dragagem do rio Tâmisa.

Mina franziu o cenho.

- Estão procurando os restos daquela pobre garota, não?

Marcus assentiu. No domingo, dois dias antes, outra das coxas de Elizabeth foi encontrada dentro dos portões decorados da propriedade

privada de Sir Percy Florence Shelley, filho de Mary Wollstonecraft Godwin Shelley, um autor cujo legado incluía uma peça lúgubre de ficção sobre uma criatura formada por partes de corpos roubados de cadáveres. A Noiva Escura claramente tinha um senso de humor mórbido.

Durante as duas horas seguintes, eles viram os edifícios do Parlamento e o Big Ben passar, assim como a Torre e todos os monumentos famosos de Londres. Atrás deles, uma mesa pequena foi colocada entre duas cadeiras de espaldar alto. O cabineiro levou duas taças de cristal e verteu pela metade o líquido espumante dourado antes de entregá-las para Marcus.

Marcus deu uma para Mina, e levantou a sua em brinde.

- Por nossa aventura juntos.

Seus olhos castanhos brilharam com antecipação.

- Aonde nós vamos primeiro?

- Eu disse que a decisão era sua.

- Você tem mapas? - Ela olhou por cima da água. - Vou decidir no momento em que deixarmos o Tâmisa.

-*Volte para mim.* - A voz gritou no interior do crânio de Marcus, e com ela, rompeu uma explosão de dor. O ar saiu de seus pulmões.

O convés se inclinou. Ele agarrou o corrimão.

Mina levantou os olhos. O sorriso desapareceu de seus lábios.

- Marcus, o que há de errado?

Ele balançou a cabeça.

- Nada.

- *Nada?* - gritou a voz.

Sua taça de champanha caiu no convés e despedaçou. A dor atravessou seu cérebro e desceu por sua coluna, como se o veneno em sua cabeça tentasse invadir o resto de seu corpo. Suas pernas enfraqueceram, e ele lutou com todas suas forças para ficar em pé.

- Está tudo bem. Se apoie em mim. - Agarrando seu braço, levou-o até uma cadeira. Leeson apareceu e se apressou em ajudá-la. Mina se ajoelhou ao lado dele, pressionando a palma de sua mão em seu rosto. Ao cabineiro, ela disse.

- Você pode, por favor, trazer para sua senhoria um pouco de água?

Quando o homem saiu correndo, ela perguntou.

- Isto já aconteceu antes, não é? Naquela noite na festa. Você está doente. É algo que contraiu em suas viagens? É malária?

Marcus fechou os olhos, incapaz de responder, nem sequer assentir. A próxima rodada de agonia já estava esfolando suas entranhas.

- Você está muito pálido. - Disse Mina com preocupação. A aflição revestia sua testa. - Eu vou cuidar de você.

Leeson pairava atrás dela, profundamente consternado.

Marcus se agarrou de novo à cadeira, rangendo os dentes contra a dor.

- *Você me pertence*. - A voz martelava.

- É cada vez pior, não é? - Perguntou Leeson, mas suas palavras se desvaneceram.

Marcus viu Mina dizer seu nome, mas já não pôde escutar sua voz pelo grito dentro de sua cabeça.

De repente, o barco balançou e vibrou. Ele sentiu o gemido dos motores, através das solas de seus pés. Os motores pararam e o barco desacelerou.

Uma nuvem negra de fumaça subia ao lado do barco.

Capítulo 11

Na luz fraca de um solitário abajur, Mina se movimentava pelo quarto na casa Trafford. Ela colocou a bolsa de couro que continha o pente de Mark e seus artigos de barbear sobre a penteadeira. A verdade era que ela tinha fantasiado a respeito dele ali em sua cama, mas não nestas circunstâncias, não acometido com alguma enfermidade não identificada.

Felizmente, Trafford e Lucinda acompanharam as meninas em uma festa, assim não houve perguntas curiosas.

Ele estava deitado na cama, com a mão pressionada sobre os olhos. Ela começou a pendurar seu casaco no armário. No momento que o Thais foi rebocado para as docas, já era muito tarde. Simplesmente Mina deu instruções ao condutor para levá-los ali. Não havia necessidade de submeter Marcus à provação de um lobby de hotel e olhares curiosos.

- Pare de se ocupar tanto. - Disse ele sob o dossel. Ele estava nas sombras, observando-a, apoiado em um cotovelo. - Ficaremos apenas uma noite. Não é como se tivéssemos que arrumar a casa.

- Pensei que estivesse dormido. - Ela respondeu.

- Não.

Ele era tão bonito, com seu cabelo loiro e desordenado para trás de sua orelha. Ela sempre considerou sua cama excessivamente grande, mas ele estava deitado na diagonal atravessado no colchão e suas botas se projetavam para fora da extremidade.

Mina se sentou na borda do colchão ao lado dele.

- Está se sentindo melhor?

- Isso é constrangedor. - Ele fez uma careta. Claramente, estava de mau humor. Mina sabia que ele estava frustrado com o aparecimento de sua doença, e com o atraso da viagem. Talvez o seu estado de saúde fosse um dos sombrios segredos profundos que ao quais ele tinha se referido no gabinete de Trafford. Mas como ela disse, iria cuidar dele. Ele era seu marido agora.

Ela sorriu.

- Eu, por minha parte, estou contente de que o motor tenha explodido. Sei que custará um bom dinheiro para repará-lo, mas é importante que você consulte um médico sobre essas dores de cabeça antes que viajemos para uma área isolada onde não haja qualquer atendimento médico.

Ele não respondeu. Fez uma careta como um menino emburrado.

- Marcus.

- Está bem. Verei um médico se isso lhe agradar.

- Sim, isto me agradará. E depois, retornaremos a bordo do Thais para ter nossa bela viagem. Mas agora já é tarde. - Ela soltou e desamarrou a gravata dele, sentindo-se muito feminina. - Eu sei que você está esgotado. Vamos para a cama.

Ela desabotoou o primeiro botão, que cobria sua garganta, e revelou um triangulo de uma pele firme e dourada. Ela mordeu o lábio inferior, e continuou com o segundo botão. Abruptamente Marcus arrancou seu vestido, soltando o botão no centro de seus seios. Ela olhou para baixo. O tecido se abriu, revelando uma visão de seu espartilho e por baixo, rendas e linho.

- O que você está fazendo? - Ela riu baixinho. Mas, é claro... Ela sabia.

- Precisa vir para a cama também, não é? - Alguma coisa maliciosa passou nos olhos dele.

Ela soltou o terceiro botão. Marcus arrancou outro dela. Sua seriedade diminuiu e a atenção dele em seus seios cresceu muito. Outra rajada de botões arrancados e as vestes dos dois estavam abertas até a cintura.

A respiração de Mina ficou mais rápida. Marcus nem sequer a havia tocado, mas a intensidade da atenção, seus olhos quentes fixos nela, despertou seu corpo ainda totalmente vestido para várias sensações... O atrito delicioso de sua camisa contra seus mamilos e a liga de cetim de suas meias, amarrada ao redor de cada coxa. Largos dedos e unhas quadradas deslizaram por baixo da alça de sua camisa para acariciar as marcas criadas pelo espartilho apertado. Mina se balançou para ele, inebriada por um calor febril.

Marcus sabia que Mina seria ainda mais formosa sem suas roupas do que com elas. Ela se sentou ao lado dele, um presente misterioso, envolto em várias camadas de perfumada embalagem feminina. Ele mal podia esperar para desfazer-se de cada peça de roupa. Cada nervo em seu corpo vivo rugia na expectativa de fazer amor com ela, quase afogando a assombrosa realidade de que ele estava preso na cidade, um potencial prisioneiro da Noiva Escura.

Com uma intensidade feroz, desejava nada mais que perder-se no sensual esquecimento do corpo de Mina. Enganchando dois dedos na mais bela amostra de decote que jamais viu, ele a puxou pelo espartilho, para um beijo.

Sua boca era suave, aberta e ansiosa. Inclinando sua cabeça, ele aprofundou o beijo, com uma fome voraz e que o consumia todo.

- Eu te desejei... Desta forma... Desde o começo. – Desde o cemitério. Demônios, desde que a viu naquela sala pequena em

Manchester, seis meses antes. Eles deveriam ficar juntos, sentia algo como se fosse obra do destino.

Pegando-a por baixo dos braços, ele deixou-se cair sobre os travesseiros, puxando-a para cima dele. Deus, ela era suave e exuberante, uma atraente beleza de olhos nebulosos pintados de negro. Com avidez, ele enfiou seus dedos nos cabelos frios e suaves de sua nuca, e a atraiu para baixo. Ele saqueou sua boca, mordiscou suavemente seu lábio inferior, mais determinado que nunca em uni-la a ele, para alcançar algum progresso para seu objetivo final.

- Marcus... - Ela sussurrou contra seus lábios.

Seus dedos se curvaram na frente de seu espartilho. Ele puxou o tecido rígido para baixo. Livres dos limites, seus seios derramaram. Ele fez uma pausa em seu beijo e com audácia olhou para baixo. Os seios se sobressaíram plenos e juvenis, emoldurados pela restrição de sua roupa intima entreaberta. Mamilos rosa framboesa roçavam sua camisa.

- Você sabe como é linda, Mina?

Agarrando-a pelo torso, ele levantou-a e tomou um seio em sua boca. Sugou-o acariciando o rígido pico com três golpes precisos de sua língua. Ela gemeu e passou seus dedos por seu cabelo.

- Marcus. - Ela sussurrou perto de sua orelha. - Tem certeza de que esta bem?

Ele rolou, prendendo-a embaixo dele, deleitando-se com o contato de seus seios, tão suaves, contra a dureza de seu peito. Apoiado em um braço, ele tirou um grampo de seu cabelo.

- Eu quero...

Ele puxou outro.

- Minha maldita...

E outro.

- Noite de núpcias.

Ele se abaixou para outro beijo.

- Espera. - Ela ficou rígida em seus braços.

- Não. - Ele murmurou, beijando seu pescoço, saboreando sua pele com seus lábios e língua. - Chega de esperar.

Ela pressionou as palmas de suas mãos contra o peito dele. Ela forçou o olhar dele a encontrar o dela. Seus olhos estavam brilhantes, seu sorriso, aturdido.

- Tenho uma camisola especial, só para esta noite.

- Isso não é importante. - Ele estava tão duro e tão pronto, que provavelmente poderia penetrá-la através de sua maldita calça.

- É importante para mim. - Respondeu ela com suavidade, deslizando por baixo dele. - Eu quero que tudo seja perfeito. Eu acho que você não vai se decepcionar.

Ela puxou o espartilho para cobrir os seios, mas seu corpo ainda se afundava sedutoramente. Ele quis atacar.

Ele franziu o cenho, consciente de que devia ser uma amante gentil... Ao menos nessa noite.

- Muito bem.

- Retornarei.

- Depressa.

Com olhos brilhantes, ela desapareceu dentro das profundezas escuras do quarto de vestir. Marcus arrancou a camisa de seus ombros e jogou-a na cadeira. Com os dedos do pé, tirou uma bota, e logo a outra.

Desmoronando de costas na cama, ele fechou os olhos e lutou contra os pensamentos da sua realidade mórbida, escolhendo em vez disso imaginar como seria, a partir de agora, estar profundamente dentro de sua suave e acolhedora esposa.

Quanto tempo tinha passado, ele não tinha certeza, mas... Algo flutuava para baixo contra a sua pele nua. Essências de rosas perfumou o ar.

Os olhos de Marcus se abriram de repente, só para serem cobertos por uma faixa fria... Escura... Sedosa. Sua gravata. A faixa se apertou como se mãos invisíveis amarrassem as pontas por trás de sua cabeça. Ela montou nele.

- Mina...

- Shhhhhh. - Um dedo frio pressionou contra seus lábios, silenciando-o.

Ele não sondou na escuridão, não queria vê-la com sua mente. Ao contrário ele se rendeu à sensualidade de seu toque. As mãos arrancaram os botões de sua calça.

Excitado com seu entusiasmo, ele a ajudou. Lábios e mãos se pressionaram contra seu torso nu. Sua língua foi para baixo ao longo do centro de seu peito, sobre seu estômago.

Descendo... Descendo...

Marcus gemeu e enterrou as mãos nos cabelos dela.

****

Mina passou a escova uma vez mais nos cabelos soltos. Apagou o abajur e abriu a porta, pensando em encontrar Marcus na cama justo onde o havia deixado, com seus lindos olhos ardentes e esperando retomar de onde pararam. Mas o quarto estava escuro, exceto por um raio de luar que entrava pelas janelas abertas.

Muito romântico. Depois dos acontecimentos perturbadores dos dias anteriores, ela foi muito exigente em fechar as janelas, mas se sentia completamente segura com Marcus. A ideia de fazer amor com ele em uma cama coberta pela luz da lua era uma entrega definitiva. Ela cheirou, detectando uma fragrância de rosas. De onde vieram essas rosas?

Um som veio da cama, um gemido.

- Marcus? – Ela sussurrou.

Ele não respondeu. Ouviu apenas um som de movimento... Batendo contra os lençóis.

O medo atingiu seu coração. E se ele estivesse doente outra vez? Ela se aproximou, com os olhos adaptando-se à escuridão. A colcha escura estava fora do colchão, caindo amontoada no chão.

Em seu lugar havia lençóis brancos. Alguém estava em cima deles, movendo-se... Contorcendo-se... E não era somente uma pessoa, mais duas.

- Mina. Querida. Sim.

O choque sacudiu Mina completamente.

Poderia haver uma impostora em sua cama?

Na mesinha de cabeceira, ela lutou com o abajur, as mãos tremiam. Finalmente, a luz fluiu. Mina olhou para a cama. Uma mulher loira, vestida apenas com uma camisola fina, estava inclinada sobre seu marido.

- Marcus! – Gritou Mina.

Lucinda jogou a cabeça para trás, lançando seu cabelo em um arco brilhante. O som de sua risada gutural encheu o quarto. Marcus

tirou a gravata dos seus olhos. Seus olhos se arregalaram, e suas narinas arderam. Empurrou-a para fora. – Lucinda!

A condessa virou o rosto para Mina e sorriu.

- Eu disse que ele era meu.

Como algo saído de um pesadelo, seus olhos giraram erraticamente em suas órbitas. Antes que Mina pudesse reagir ante a impossibilidade de tal coisa. Lucinda saltou a toda velocidade, e se chocou contra ela. Mina foi para trás. Sua cabeça bateu no tapete.

Ela se retorceu, rodou e chutou, mas ainda assim, sua atacante subiu em cima dela, escarranchada em seus ombros, sujeitando-a com uma força extraordinária. Como se mãos de arame prendessem ao redor da garganta de Mina, só para ser arrancada.

Marcus arrastou Lucinda pelos pulsos. Mina afastou-se, recuando para o canto.

- Não toque na minha esposa. – Marcus fervia, no seu rosto uma máscara de fúria.

- Há! Sua esposa. – Lucinda se retorceu e se enroscou como uma serpente, com suas pernas e pés arrastando-se e dando pontapés. – Não por muito tempo, eu vou cortá-la, cortá-la em pedacinhos.

Com uma maldição, Marcus a arremessou contra a parede. Uma tela a óleo caiu no chão.

Lucinda caiu, mas imediatamente voltou à vida, bizarramente subindo na parede com as mãos e joelhos, metade arrastando-se, metade deslizando-se para fora da janela. Marcus saltou para a janela, olhando para fora. Os músculos de seus ombros nus e costas se juntaram com a tensão, e nesse momento Mina esperava que ele fosse pular para perseguir Lucinda.

Em vez disso, aproximou-se dela.

- Mina. – Ele se agachou. – Você está ferida?

Mina pressionou suas costas contra o canto, retrocedendo de seu contato.

- Ela te machucou? – Exigiu Mark.

- Não, não me toque. Por favor. – Mina empurrou sua mão.

Ela se refugiou contra o canto, tanto quanto pôde. Na incursão, a alça fina de sua camisola de cetim branco caiu. Ela agarrou a roupa em sob a curva de seus seios. Cabelos escuros caíram sobre seus ombros nus. Deus, ele ardia de vontade tocá-la, mas... O horror brilhava em seus olhos arregalados, como se ele fosse um grande aracnídeo com oito patas articuladas. Ou pior ainda, como se ele não fosse diferente de um dos demônios de olhos selvagens da Noiva Escura.

Claro... Seus olhos. Brilhavam como bronze e de sua pele fluía calor, um efeito de sua mudança, provocado pela briga com Lucinda. Ele também era maior agora, mais alto e musculoso. Ele tentou mais uma vez tocá-la para acalmar seu medo, mas ela levantou as mãos e os braços defensivamente... Com temor... Dele.

- Eu disse para não me tocar.

Ele retrocedeu, com as mãos na altura de seus ombros. Seu peito oprimido ao perceber o terror e a incredulidade que ela devia estar experimentando. Não era desse jeito que ele queria que ela soubesse a verdade sobre ele.

- Não vou machucar você Mina, jamais a machucaria.

Seus pensamentos gritavam. Traição. Medo. Perda.

- O que é você? – exigiu ela com os olhos cheios de lagrimas.

Ele não era mais o Marcus para ela. Ele tornou-se, o que, e não quem. Ele se afastou dela, querendo negar a repulsa de seus olhos. Ela

o via como um monstro, que é claro, apesar de toda sua arrogância, riqueza e poder, era exatamente o que ele era. Ele permaneceu olhando a mancha negra da janela.

Ele considerou correr para ela e forçar seu toque. Muito tempo tinha se passado, assim o poder de fazê-la se esquecer, seria impossível. Cruel consigo mesmo, persistia em permanecer de pé e aceitando seu julgamento, sem importar as consequências. Sua duplicidade foi revelada, ele não merecia menos que seu desprezo.

- Você é um deles, não é? – A pergunta foi sussurrada do canto. – Um dos seres que meu pai tentou provar? Um imortal?

Ele fechou os olhos.

- Sim.

De algum jeito, no meio de toda a confusão e a miséria do momento, ele encontrou alívio na confissão.

- O que é Lucinda?

Como os aduladores, Lucinda estava vazia. Ela não emitiu nenhuma energia, escura ou clara. Absolutamente... Nada. Ela seria a Noiva Escura? Ele não sabia. Ele afastou-se da janela.

- Algo pior. Eu tenho que ir atrás dela, caso contrario ela voltará.

Uma lágrima rolou por seu rosto.

- Vá. – Assentiu ela, como se estivesse removendo lixo. – Vá.

****

Mina despertou sobressaltada. Com ardor nos olhos e seu coração doente. Marcus...

Por um momento de esperança, disse a si mesma que tudo foi um pesadelo. É claro que foi. Não havia tal coisa como os imortais e Lucinda não era...

Seus olhos focaram a cadeira que ela havia encaixado debaixo da maçaneta da porta. Lentamente, ela levantou o cobertor e descobriu que sim, ela dormiu não com uma de suas camisolas, a não ser com duas, abotoadas fortemente ao redor de seu pescoço. E ainda calçava botas. Ouvindo um ruído atrás de si, ficou imóvel. Um baixo, ronco masculino. Virando-se com cuidado para não sacudir a cama, ela olhou por cima do ombro. Marcus estava deitado a seu lado, de bruços... Nu. Um punho enrolado no emaranhado do cabelo dela.

Ela não pôde evitar perguntar-se se o contato teria sido intencional ou uma simples coincidência por compartilharem a mesma cama. Como ele conseguiu voltar para dentro do quarto? Ela não sabia. Sua cabeça trovejou com as lembranças da noite anterior. Havia tantas coisas que ela não sabia nem entendia.

A tênue luz revelou seus ombros, suas costas, nádegas e pernas esculpidas. Havia também traços suaves ao redor da parte superior de seus braços, seus pulsos e tornozelos, cicatrizes antigas. Apenas poucas horas antes ele era uma besta de olhos brilhantes, mas agora... Agora ele parecia um anjo guerreiro adormecido. Qual seria a verdade? Ambas, ela suspeitava. Seu pai contou a respeito das lendas antigas. Na época, ela não acreditou. Deveria ficar surpresa e fora de si de alegria por estar na companhia de um imortal. Algo que sua mente ainda declarava como totalmente impossível. Mas não conseguia encontrar prazer com seu coração partido. Apenas podia lamentar a perda do homem que ela acreditava ser seu marido. Seu casamento, um lugar seguro, resultou ser a opção mais perigosa de todas, ao menos para seu coração.

- Você está me olhando. - Marcus rosnou sonolento, seus olhos azuis ardentes se estreitaram.

Seu braço foi ao redor de sua cintura. A roupa deslizou sob suas nádegas e seus ombros enquanto ele a arrastava pelo lençol, debaixo dele, enjaulando-a dentro da prisão de seus braços e pernas. Ela empurrou suas mãos sobre a pele nua de seu peito. O calor e o aroma masculino a envolveram. Deus a guardasse, mas ela sentia cada músculo... Especialmente o músculo, longo e duro contra seu estômago. Seu corpo ardeu em chamas. Seu rosto sério pairava sobre ela, tão perto que o cabelo roçava sua bochecha.

- Mina... - Ele passou as costas de seus dedos contra seu rosto... Sua garganta.

Ela queria fundir-se, permitir seu toque, seus beijos, sua posse. Mas ela não podia. Ele procurava controlá-la através do desejo. Certamente, ele tinha muita prática com outras mulheres e inclusive com outras esposas ao longo de sua existência. Seu coração pulsou com mais força, ela o empurrou liberando-se, mas ela sabia que só conseguiu porque ele o tinha permitido, deslizou sobre a colcha ficando de pé com as pernas tremendo ao lado da cama. Sua mente lhe ordenou controle.

- Assumi que não voltaria.

- E por que não? - Ele enrolou o lençol em volta do quadril e rolou para o lado dela. Ágil e musculoso, ele parecia um imperador, sensual e exigente em sua cama. Seus olhos azuis brilhavam com calor. - Você não permitirá que uma coisa tão pequena como a imortalidade se interponha entre nós, não é? Estamos casados, Mina.

- Não diga isso. - Declarou ela entre dentes, com seus olhos arregalados. - Não estamos casados. Na realidade não.

Suas narinas dilataram, ele levantou uma mão. Os músculos de seu abdômen se alargaram e dobraram.

- Sim estamos.

Sua boca ficou seca como papel. Ela apertou fortemente o cinto sobre as camisolas.

- Você se casou comigo sob uma identidade falsa.

- Qual identidade falsa?

- Fez-me acreditar que eu estava me casando com um homem. - Replicou ela.

- Eu sou um homem. - O perigo espreitava nas profundezas de seus olhos. - Eu posso provar isso também... Se você voltar para a cama.

Tudo a respeito dele a hipnotizava. A maneira em que a olhava, a maneira como pronunciava seu nome. Deus a ajudasse, ela ardia por ele.

- Você fique aqui. - Ordenou ela.

Ela tinha que retirar-se e fortalecer suas defesas. Ela escapou para o quarto de vestir, e em silêncio, freneticamente, dedicou-se a colocar as roupas. A lembrança de seu apaixonado prelúdio para fazer amor na noite anterior fez seu sangue ferver e subir para seu rosto. Ela não era mais que uma estratégia para ele, a estratégia para chegar a seu pai e aos pergaminhos. Ela nem sequer conhecia o homem do outro lado da porta. Ele era um estranho. Ela supunha que deveria estar tremendo, chorando, destruída e temerosa. Mas os três meses passados, a preparou para qualquer coisa. Até mesmo para isto, parecia. Uma vez vestida, levou um momento para endurecer-se, antes de girar a maçaneta.

Saindo, encontrou-o sentado sobre o colchão, com os braços cruzados sobre os joelhos dobrados. A colcha descia ao redor de seus quadris nus. Como ela supunha que iria pensar com ele desse jeito?

- Por que não se vestiu? - Exigiu ela secamente.

- Você disse para ficar aqui.

Ela indicou o quarto de vestir.

- Entre ali, por favor.

- Alguém está na porta. - Ele inclinou a cabeça indiferente.

- Não ouvi ninguém bater.

Uma batida soou na porta.

Aparentemente ele parecia ver através da madeira... E, provavelmente, através de sua roupa também.

Ela cruzou os braços sobre os seios.

- É alguém que eu deveria ficar preocupada?

Uma imagem bizarra veio a sua mente, uma de Lucinda esperando do outro lado com os olhos girando e o cabelo revolto. Tendo em conta os acontecimentos da noite anterior, ela não podia descartar essa possibilidade.

Um sorriso irônico torceu o lábio dele.

- Acredito que é o café. Enquanto você estava lá, chamei à cozinha pelo tubo acústico. Muito conveniente.

Mina tirou a cadeira de baixo da maçaneta e abriu lentamente a porta. Justo como Marcus havia predito, a criada sustentava uma bandeja de prata, coroada por um serviço de café completo. Também havia um prato pequeno de torradas, bacon e salsichas, que nessa

manhã só servia para ofender o estômago de Mina. A criada fez uma reverência.

- Bom dia e parabéns pelo casamento, lady Alexander. O Lorde pediu café. - Disse a jovem. - Vejo que já se vestiu. Precisará de minha ajuda com o cabelo? Provavelmente o lorde gostaria que preparasse o banho?

- Não, mas obrigada, Jane. - Tomando a bandeja de suas mãos. Mina fechou a porta com a ponta do sapato. Ela deixou a bandeja sobre a escrivaninha.

- Você está com fome? - Ela perguntou com suavidade. Apesar de evitar olhar para ele, sentia que seus olhos acompanhavam cada movimento seu como dois raios de calor.

- Não.

Talvez, ele já tivesse comido. Talvez tivesse comido Lucinda.

- Mina... Você está bem?

- Estou bem.

Ele murmurou uma maldição e se levantou da cama, levando o lençol em seu quadril.

- Mina.

- O que? - Respondeu ela muito forte.

Ele diminuiu a distância entre eles. A tênue luz que entrava pelas janelas revelava cada corte muscular e estrias ao longo de seus braços, peito e estômago. Certamente, ele percebia seu efeito. Mina se manteve firme, negando-se a recuar.

- Continuo sendo eu. Ainda sou o Marcus.

Seu coração ameaçava explodir com toda a emoção que ela tentava conter. Finalmente, ela encontrou seus olhos.

- Sabe que eu nunca acreditei em meu pai? Como todos os outros, eu pensei que ele era um tolo em busca de um sonho tolo. - Ela soltou uma risada triste. - Mas, meu Deus, ele estava certo em acreditar na possibilidade da imortalidade. Basta olhar para você. Você está aqui. Você me encontrou... Você se casou comigo... Porque você quer esses malditos pergaminhos.

- Sim. - Disse ele simplesmente.

- Por quê?

- Minha vida depende deles.

- Sua vida? Sua vida imortal?

- Sim, Mina. - Ele assentiu. - Durante séculos fui membro de uma ordem de imortais conhecida como a Guarda das Sombras. Seis meses atrás, ainda era, enquanto participava da busca de Jack, o Estripador.

- Jack, o estripador? - Exclamou Mina cobrindo a boca com a mão.

- Sim. - Respondeu Marcus. - Para poder enfrentá-lo no mesmo nível, entrei em um estado de deterioração chamado Transição. É uma enfermidade lenta e progressiva da mente, uma condição que normalmente sofrem uma pequena população de mortais.

- Mortais como Jack o estripador?

- É isso mesmo.

- Oh, meu Deus.

- Os Guardas caçam esse tipo de almas, pondo fim a sua vida mortal e enviando-as a uma prisão subterrânea segura. Eu não sou um perigo para você, Mina. Eu juro. Mas eu não sei quanto tempo eu tenho

antes que eu me transforme. Antes de me tornar uma dessas almas que eu caçava.

Seu olhar sustentou o dela. Ele apertava os lábios. Sério. Parecia tão sincero. Entretanto, sua confissão a aterrorizava.

- As dores de cabeça... É o resultado de sua deterioração?

- É isso mesmo. - Ele passou uma mão pelo cabelo. - Os Imortais como eu não se recuperam. Mas eu vou, Mina. Eu vou. Os pergaminhos contêm o conhecimento que eu necessito.

Por um instante fugaz, ela viu o desespero cintilar atrás do brilhante azul de seus olhos.

A mente de Mina ficou desfocada com a complexidade de tudo isso, tentando alinhar os conhecimentos prévios e eventos com o presente. Ela tentou sequenciar suas perguntas em categorias ordenadas e sistemáticas, mas uma imagem a perseguia, a de Lucinda, e seus olhos girando.

- Como que Lucinda se envolveu em tudo isto?

- Eu juro que não sei. - Seus olhos azuis examinaram seu rosto. - Nossa relação foi exatamente como eu expliquei para você, nada mais e nada menos. Sua aparição ontem à noite neste quarto foi tanto um choque para mim como foi para você. Suspeito, entretanto, ela foi recrutada por forças das trevas para trabalhar aqui na cidade.

- Recrutada? Por. . . Forças das trevas? - Mina levou uma mão à têmpora, e teve uma sensação de enjôo. - Isso soa louco. - Mas sua mente apresentou todas as peculiaridades dos meses anteriores, e de repente, forças das trevas parecia uma explicação completamente plausível.

Marcus encolheu os ombros.

- Há muito sobre o mundo que você provavelmente não deseja conhecer. Se Lucinda comanda ou simplesmente a fizeram um peão de outra pessoa, ainda não posso dizer, mas acredito que, de uma forma ou de outra, ela foi selecionada por causa de sua proximidade com você. Foi escolhida para observar. Para investigar o que você sabia a respeito das pesquisas de seu pai, e dos pergaminhos.

Mina pressionou a mão na têmpora.

- Então foi ela que me deu rosas e destruiu os papéis de meu pai.

Seu rosto ficou tenso.

- Rosas? Documentos destruídos? Mina, quando ocorreu isso?

Mina apertou os lábios. Não estava preparada para responder suas perguntas. Não. Ele é quem deveria responder às suas perguntas.

- O que aconteceu com ela, foi. . . Minha culpa? Ela teria sido deixada em paz e... Não recrutada, se eu não tivesse vindo viver com a sua família? Será que eu causei a sua transformação com minha presença aqui?

- Não sei. - Respondeu Marcus. - Independentemente disso, não pode se culpar pelo mal que os outros fazem.

Mina estremeceu, recordando o ódio feroz de Lucinda.

- Você a encontrou ontem à noite, depois que saiu?

- Essas coisas com os olhos girando são. . . Vazias por dentro. Não emitem nenhuma emoção ou pensamento, o que os torna difíceis de detectar. - Sacudiu a cabeça, franzindo a testa. - Eu a perdi na cidade.

Um calafrio atingiu a Mina.

- E se ela estiver lá embaixo, inclusive agora, bebendo chá e comendo torrada com geleia e sorrindo enquanto come, nos esperando

descer? - O estômago de Mina revirou. Ela pressionou uma mão sobre os lábios. - O que nós devemos fazer? Eu só quero sair desta casa.

Marcus era muito mais alto que ela.

- Vamos, então. Eu juro Mina, não sou seu inimigo nem de seu pai. Diga-me onde ele está. Eu imploro a você, como seu marido.

- Pare de dizer isso. - Ela recuou. - Você não é meu marido, e eu não posso falar.

- Por que não?

- Meu pai está morto. - Insistiu ela.

A frustração se mostrou no brilho dos seus olhos e a estreiteza de sua boca.

- Havia apenas pedras no ataúde.

Seus olhos se arregalaram.

- Você esteve na cripta? Você levantou minha saia.

- Eu gostaria de voltar a levantar agora. - Ele segurou seu antebraço. - E ele não está morto.

Ela se soltou.

- Bem, ele está morto para mim.

- Por quê?

- Ele disse que voltasse para Londres. - Desabafou. - Para dizer a todos que tinha morrido na montanha. Eu disse que não. Qualquer que fosse o perigo que ele corresse nós precisávamos permanecer juntos. Mas ele me abandonou, Marcus. Ele me deixou sozinha naquela montanha e naquela maldita e sussurrante névoa, e eu não sei para onde ele foi.

Alguém gritou. Mina congelou.

Mais gritos. . . Duas vozes agora. A estridência do som emitido enviou arrepios pela nuca e braços de Mina.

- Está vindo de fora. - Disse Marcus.

Ela correu para a janela e puxou a cortina bem a tempo de ver Evangeline e Astrid correndo em direção a casa. Ambas olhavam por cima de seus ombros em direção à fonte do jardim.

A fonte.

Os olhos de Mina se cravaram nela. Água cor de rosa se derramava, e algo flutuava na superfície.

O corpo sem cabeça de uma mulher, vestida apenas com roupa fina.

Ela sentiu Marcus a seu lado, sentiu seu poder e seu calor.

- Infernos. - Disse ele. - É Lucinda.

Capítulo 12

Marcus seguiu Mina através de um grupo de policiais uniformizados, com o braço estendido junto a ela para evitar que a empurrassem. Mais ao fundo do corredor, o gabinete de Trafford estava fechado tão hermeticamente como uma cripta.

- Por aqui minha senhora, por favor. - O comissário assistente Anderson da Polícia Metropolitana apontou com a mão para a sala amarela. Depois que entraram, ele os seguiu e fechou as portas polidas. Durante a noite, as paredes amarelas e as cortinas e móveis estofados pareciam ter adquirido um tom berrante.

Anderson os guiou, indicando um conjunto de cadeiras perto das janelas. Olhando em direção à rua, Marcus vislumbrou a fileira de transporte da polícia, e uma calçada cheia de cartolas negras flutuando e muitos outros transeuntes, um conjunto curioso.

- Lorde e lady Alexander, obrigado pela paciência. Era, é claro, importante que falássemos primeiro com Lady Astrid e Lady Evangeline, que descobriram primeiro o corpo, além do desafortunado Lorde Trafford.

Marcus levantou uma mão assegurando.

- Está tudo bem.

O que era uma mentira. Uma maldita mentira. Marcus não estava nada bem. Desde o momento em que o corpo sem cabeça de Lucinda foi encontrado na fonte, a casa entrou em um estado de histeria. Mina oscilava entre duas garotas incoerentes, chorando, tremendo e o pálido rosto de Lorde Trafford, que havia acabado de retornar de um passeio matinal de Row quando o corpo de sua esposa foi descoberto.

Marcus, por sua vez, foi lá fora com um lençol e cobriu o cadáver da condessa sem cabeça, afastando os olhos curiosos dos criados boquiabertos nas janelas do andar superior. Curiosamente, seu corpo parecia, e cheirava, como se ela tivesse morrido há semanas.

Em seguida ele chamou as autoridades, porque, maldição, ele não tinha outra opção dada à disposição bizarra do corpo. Em meio ha essa loucura, ele não teve tempo de falar com Mina a sós.

Assim não foi com grande confiança que ele compareceu a essa entrevista com o comissário assistente da maldita CPDI, sabendo que sua esposa poderia muito bem apontá-lo como um assassino sangrento. Desde que tinham deixado o quarto, para irem ao jardim, ela nem uma vez encontrou seu olhar, e seus pensamentos permaneceram contundentemente fechados, como se ela tivesse medo de confiar em alguém, especialmente nele.

Anderson os instruiu gentilmente.

- Por favor, por favor, sentem-se. Eu sei que tudo isto deve ser extremamente angustiante sobre tudo para sua senhoria.

Mina assentiu suas bochechas desprovidas de sua cor vibrante habitual.

- Obrigada.

Ela se sentou em uma poltrona. Suas mãos retorceram um lenço de linho em seu colo.

Marcus ficou atrás dela, com suas mãos descansando sobre a parte superior do respaldo da cadeira.

- Eu prefiro ficar de pé, se estiver de acordo.

O comissário assentiu. Ele também permaneceu de pé.

- Como já me apresentei anteriormente no corredor, sou Robert Anderson, comissário assistente da Corte Penal do Departamento de Investigação da Scotland Yard. Embora não esteja acostumado a participar do dia a dia das investigações atuais da policia, mas devido ao alto perfil desta trágica e perturbadora morte, sinto a necessidade de me envolver a um nível mais pessoal. Como vocês provavelmente sabem pelos jornais, houve uma série de desagradáveis achados ao longo do Tâmisa durante a semana passada. Devido à violência pouco comum na morte de lady Trafford, devemos estar absolutamente certos que os incidentes não estejam relacionados.

Não era uma surpresa que Anderson tivesse um interesse especial no assassinato de Lucinda. Seu antecessor, Sir Charles Warren, foi obrigado a renunciar seu posto depois de perder a confiança do publico da cidade por sua atuação durante a investigação sobre os assassinatos de Jack o Estripador. Certamente Anderson não desejava ter um assassino similar rondando desenfreado durante o seu mandato.

O comissário assistente estendeu suas mãos graciosamente.

- Dito isto, espero que entendam que esta entrevista não implica absolutamente que estejam sob suspeita. De fato, neste momento nem sequer estamos seguros que estejamos lidando com um homicídio, e eu irei explicar esse comentário posteriormente. Mas para ter uma investigação bem fundamentada, devemos falar com todos os presentes ontem à noite nas dependências da casa. Anderson cruzou os braços. - É do meu conhecimento que vocês dois se casaram ontem.

Mina assentiu.

- Sim, senhor comissário, isso é verdade.

O olhar de Marcus posou no alto da brilhante e escura cabeça de Mina. Em algum momento da noite ela tirou o anel de sua mãe, algo que o feriu mais profundamente do que ele poderia ter esperado.

Anderson continuou.

- Por favor, aceite minhas felicitações pelo casamento, mas também minhas simpatias porque uma ocasião tão feliz tenha sido obscurecida pela terrível descoberta dessa manhã.

- Obrigada. - Mina respondeu brandamente.

Anderson tinha um jeito polido, de maneiras tranquilas, mas os olhos profundamente observadores. Não havia dúvida que o comissário tomaria nota de cada expressão facial e gestos reveladores.

Ele percebia até a mínima inflexão de voz, e procuraria convertê-la em alguma pista, sem importar quão leve fosse para tentar descobrir a verdade por trás da morte de Lucinda.

- Agora, se vocês pudessem, por favor, compartilhar comigo... - A voz do comissário se suavizou. - Quando foi à última vez que viram sua senhoria viva?

Marcus respondeu.

- Ontem, no nosso casamento. Foi uma pequena reunião privada, apenas para a família aqui na casa.

Mina assentiu.

- Tivemos um almoço depois da cerimônia, e logo partimos para nossa... A nossa lua de mel. - Sua voz era rouca ao pronunciar a última frase. Marcus estremeceu por dentro. Ele não poderia e nem queria mudar a forma desumana em que havia perseguido Lucinda, mas lamentava a dor que ele estava causando a Mina.

- Tudo parecia estar bem com Lady Trafford, então?

- Sim. - Respondeu Marcus.

Mina assentiu.

- Não havia problemas entre ela e o conde?

- Não absolutamente. - Ela respondeu.

Os olhos de Anderson se estreitaram.

- Nenhum de vocês ouviu algum rumor de... Dívidas de jogo?

- Não.

- Infidelidades?

- Não senhor. - Responderam em uníssono.

O comissionado Anderson recolheu suas notas de cima da mesa de mogno e rapidamente as revisou.

- Eu entendo que, como acabamos de compartilhar, vocês dois partiram para sua viagem de lua de mel ontem a bordo do barco de Lorde Alexander, na realidade, eu sei que é verdade porque as fotos da partida estão nos jornais dessa manhã.

Debaixo do seu caderno de notas ele tirou um jornal, dobrado para marcar várias fotos. Anderson entregou a Mina uma página. Marcus olhou por cima de seu ombro.

O fotógrafo tinha capturado seu rosto em sua forma mais formosa e otimista. A sombra de seu chapéu obscurecia sua face.

Anderson continuou.

- Obviamente, à medida que marchavam, algum tipo de percalço os obrigou a abandonar seus planos e voltar aqui para a casa.

Marcus ofereceu.

- Um dos motores do barco explodiu.

Anderson riscou algumas linhas.

- A que hora vocês chegaram?

- Já era muito tarde até que o barco finalmente fosse rebocado até as docas - respondeu Marcus. - Nós não retornamos a casa até possivelmente... A uma da manhã?

- Aproximadamente. - Confirmou Mina tranquilamente. - Embora não posso especificamente dizer que tomei nota da hora.

- Uma vez que retornaram, vocês estiveram com lorde Trafford ou a sua senhoria? Ou qualquer uma de suas filhas?

- Eles ainda não haviam retornado para casa de seus compromissos da noite. - Marcus apoiou sua mão no encosto da cadeira. - Fomos recebidos apenas pelos servos. Minha esposa e eu nos retiramos diretamente para o quarto.

- Disseram-me que sua janela tem vista para o pátio. Algum de vocês ouviu algum ruído peculiar na noite que pudesse ter indicado violência ou a eliminação de um corpo?

Negaram.

O comissário coçou o queixo.

- E algum dos dois saiu do quarto em algum momento da noite? Para pegar uma garrafa de vinho para celebrar? Uma viagem noturna à cozinha? Alguma coisa?

- Senhor, eu posso dizer uma coisa? - Disse Mina.

Marcus ficou tenso, preparando-se para o que ela pudesse dizer.

O comissário Anderson assentiu.

- É claro senhora. Por favor, fale livremente.

A expressão de Mina, embora solene, parecia totalmente tranquila. Seu olhar não vacilou ao encarar o comissário.

- Ontem à noite foi a nossa noite de núpcias. Tenho certeza que entenderá, quando eu digo mais enfaticamente, que o meu marido e eu estivemos juntos toda a noite, e, por razões que com certeza deve entender, nós não tomamos conhecimento de nada que acontecia fora de nosso quarto, nem saímos até esta manhã quando ouvimos os sons claros do distúrbio lá fora.

Será que Marcus imaginou coisas, ou Anderson realmente ruborizou? Infernos, ele sentiu um calor semelhante em suas próprias faces, mas inspirado pelo prazer da esperança. Talvez as coisas com Mina não fossem tão irreparável.

Anderson inclinou a cabeça e levantou as sobrancelhas para Marcus felicitando-o em silêncio. Ele emitiu um sorriso rouco.

- Nesse caso, acredito que a entrevista está concluída. Têm alguma pergunta?

Curioso Marcus perguntou.

- Você mencionou a pouco que não estava certo de que a morte da condessa foi um assassinato. Vi o corpo pouco depois de que foi encontrado. O que quis dizer com isso?

Anderson apertou seus lábios.

- Este é um caso peculiar. - Ele olhou atenciosamente para Mina.

- Por favor, fale com franqueza. - Ela incentivou discretamente.

- Bem... - Anderson enrugou o cenho. - Pela condição do corpo, parece que ela estava morta há bastante tempo.

Mina informou.

- Bom nós todos a vimos ontem. Ela era a imagem da saúde.

Ele assentiu.

- Dr. Bond, o médico da polícia, terá que examinar o corpo, é claro, mas devo dizer... Dada à falta de explicação ou motivo do assassinato e a condição de decomposição do corpo de sua senhoria, estou começando a acreditar que o que temos em mãos aqui é algum tipo de enfermidade pouco frequente de deformação. É quase como se o osso e a carne do pescoço... Houvesse apodrecido.

Mina tossiu sobre seu lenço.

Marcus arregalou os olhos.

- Você acredita que... Uma doença fez cair sua cabeça?

Anderson assentiu.

- Você já viu galinhas ou gansos quando sofrem da doença do pescoço mole? - Ele girou o dedo indicador em direção ao próprio pescoço. - Talvez isso seja alguma extrema mutação humana de natureza similar. - Ele cruzou os braços e coçou o queixo. - É uma possibilidade terrível, mas certamente não é contagiosa, senão teríamos ouvido falar de outros casos de morte similar.

Marcus sinalizou para que Mina se levantasse da cadeira.

- Minha esposa e eu tínhamos planejado deixar a casa Trafford hoje. Isso seria possível?

Anderson tirou um cartão do bolso de seu colete e o estendeu a Marcus.

- Quanto menos civis transitem, menos chances teremos para prejudicar as evidências. Pedimos a lorde Trafford para reter apenas o mínimo de pessoal até este momento. Basta avisar a meu departamento uma vez que tenham se instalado em outro lugar, no caso que precisemos entrar em contato para um interrogatório adicional.

Não haveria evidencias na casa. Nem rastro. Apenas uma fedorenta, sem cabeça Lucinda.

Ela foi decapitada em outro lugar por uma lâmina de prata Amarathine, e seu deteriorado corpo depositado propositadamente na fonte. Sem dúvida, era um trabalho hábil de sua irmã gêmea.

Mina se levantou da cadeira.

- Obrigada, comissário.

Uma hora mais tarde, depois que Mina se despediu da família, dois oficiais empurraram para trás uma aglomeração de curiosos que se reuniram para bisbilhotar na calçada em frente da casa.

- Afastem-se. - Gritou um deles. - Dêem espaço, dêem espaço.

De repente, Mina parou nos degraus e olhou para a multidão. Marcus se inclinou levando seu braço protetoramente ao redor de seu ombro.

- O que foi?

O ligeiro toque em seu cotovelo concedeu a Marcus a visão de um homem, um belo homem de cabelo negro com furiosos olhos verdes.

Os ombros de Mina se juntaram em uma leve rejeição a seu toque, e ela entrou na carruagem. Marcus olhou por cima da multidão para ver um homem alto, de ombros largos em um traje preto e cartola caminhando para longe. Ele levou um momento para dominar seu ciúme doentio, experimentando uma sensação fria nas veias. Incomodado, ele a seguiu até o transporte e se sentou no assento oposto a ela. Apesar de tentado a exigir que ela identificasse o homem e sua relação com ele, Marcus evitou o papel de amante ciumento e falou a segunda coisa mais importante em sua mente.

- Por que você disse ao comissário que estivemos juntos durante toda a noite?

Ela olhava pela janela. Logo a carruagem balançava com o movimento, e a enxurrada de rostos desapareceu.

- Você não matou Lucinda. Disse-me que a perdeu na cidade. A menos que tenha mentido para mim.

- Não, eu não menti.

- Quem a matou?

- Tenho minhas suspeitas.

- Há mais como você lá fora, não há? Mais... Imortais?

- Sim.

- Quantos?

Ele encolheu os ombros.

- Não tanto quanto antes. A maioria permanece dentro dos limites protegidos do Reino Interior.

- Reino Interior... - Ela sussurrou.

- Outra dimensão da existência, aqui na Terra. É um lindo lugar.

Olhando-o cansada, ela apertou os dedos enluvados em sua têmpora.

- Mas você está aqui, nesta dimensão, para... Caçar almas? Como você chamou antes?

- Para Transcender almas. Sim. Almas perversas. Almas débeis. Mortais e perigosas que merecem nada menos que uma morte eterna.

Ela lançou a ele um olhar no mesmo nível.

- E se você não encontrar os pergaminhos...

- É isso mesmo. - Ele assentiu. - Eu irei eventualmente me tornar um deles. Mas isso não vai acontecer, por que...

- Você vai ter o que deseja. - Ela interrompeu em voz baixa.

- E que desejo é esse? - Seu desejo, nesse momento, era que ela o olhasse do mesmo jeito de antes. Não da maneira fria e distante em que atualmente o considerava. Sua roupa escura, recatada zombava dele, escondendo a combinação precisa de pele pálida e curvas femininas que ele tinha chegado a desejar. Na cabine estreita, sua fragrância delicada brincava com seu nariz, provocando-o a apenas olhar, mas não tocar.

Ela levantou a mão e ajeitou o chapéu.

- Eu não tenho nenhuma ideia de onde meu pai esteja, mas... Estou certa de que você é um grande incentivo, e ele finalmente aparecerá. Estou pendurada com os dedos de meus pés sobre um poço de fogo? Não. - Ela riu baixo em sua garganta, embora o humor não chegasse a seus olhos castanhos. - Mas você, sim. Não tenha medo. Tenho certeza que é só questão de tempo.

- E depois? Uma vez que o encontrarmos?

Ela cruzou as mãos sobre o colo.

- Vocês dois poderão ir e fazer o que quiserem. Ler os pergaminhos. Recuperar mais artefatos. Salvar o mundo através de seu conhecimento compartilhado. Admirando-se mutuamente um ao outro. Eu não me importo. Somente vocês dois...

- Mina.

Ela sacudiu a cabeça, indicando que ela não queria escutar nada do ele tinha a dizer.

- Só quero que ambos me deixem em paz.

Ele ficou rígido e fechou os olhos.

- Não é possível.

- Eu tive aventura suficiente para uma vida, obrigada, e terminei com elas. Não pedi isso. Não desejo isso. Eu só quero... Sim, uma vida. Uma monótona e pequena vida feliz.

- Eu não vou deixar você sozinha. - Afirmou ele com dureza. – Casei-me com você ontem.

Uma súbita umidade iluminou seus olhos.

- Não diga isso.

Marcus apenas pôde sentir alívio ao ver as lágrimas dela, alívio de que ela sentia algo por ele, inclusive se esse algo fosse desprezo. Com um gesto irritado, ela piscou e passou um dedo enluvado no canto de seu olho.

- Oh, você me fez chorar. Eu não sou do tipo de mulher que chora.

- Então por que você está chorando?

- Basta não olhar para mim.

Marcus se sentou rígido sobre o banco, com seus ombros para trás e o chapéu nas mãos.

- Tem todo o direito de estar zangada, Mina. Eu menti para você.

- Você não entende. - Ela se concentrou no teto da cabine acima de sua cabeça. Mas então o seu olhar encontrou o dele. - Não estou zangada. Como posso estar? Eu disse a minha parte de mentiras, assim como eu posso emitir um julgamento sobre você por fazer o mesmo? Eu sei que você não teria feito todo esse estranho esforço para se aproximar de mim, a menos que os pergaminhos não fossem tão importantes para você.

- Então por que não me deixa me aproximar de você?

Ela suspirou e respirou fundo várias vezes.

- Por favor, entenda que embora eu esteja muito... Impressionada com você - ela ofereceu um miserável, sofrido sorriso. - Deslumbrada mesmo... Mas...

- Mas o que Mina?

Uma solitária lágrima escorreu sobre sua bochecha.

- Eu perdi meu marido ontem à noite.

- Não, isso não aconteceu. - Ele se lançou através da cabine para sentar-se a seu lado, tão perto que sua coxa firme esmagou a dela, através da seda e das anáguas. Seu chapéu esquecido caiu ao chão. Ele levantou sua mão para secar a lágrima, fazendo-a desaparecer.

- Não, pare. - Ela sacudiu o rosto, e com um impulso de seus braços delgados, fugiu para o outro lado, sentando no espaço que ele tinha acabado de abandonar. Sua saia negra estava enrolada como uma negra cauda de uma sereia ao redor de suas pernas.

Ele poderia fazer o casamento funcionar, fazer com que o tempo deles juntos fosse maravilhoso.

- Eu não nego Mina, queria chegar até seu pai. Mas eu escolhi me casar com você. - Insistiu, irritado que mesmo com essa proximidade, ela escorregava de suas mãos. - Porque eu quero estar casado com você.

- Mas eu não quero estar casada com você. - Teimou, com os olhos arregalados e vidrados. - Não agora, não mais.

A traquéia de Marcus apertou. Séculos de lembranças antigas rasgaram seu peito como garras.

Ela sussurrou.

- Eu quero ter filhos. Eu quero um marido que possa envelhecer comigo. Quero lápides uma ao lado da outra que digam “Amada esposa e amado marido.” Você pode me dar isso Marcus? Você pode ser

imortal, mas você não pode me dar o para sempre. Não do tipo que eu quero.

Ele olhou para ela. Ele poderia lhe dar proteção. Riqueza. Prazer sensual. Mas não... Ele não poderia lhe dar o tipo de 'para sempre' do qual ela falava.

- Portanto sim, Marcus, veja... Eu perdi meu marido ontem à noite. - Seus escuros, e úmidos cílios baixaram contra sua face pálida. - E eu fui deixada com você em seu lugar.

As palavras que ela escolheu o feriram profundamente.

As defesas de Marcus vieram em forma de uma raiva latente na boca de seu estomago. Não era a primeira vez em sua vida que lhe haviam dito que não era importante o suficientemente, que não valia a pena amá-lo. Sua própria mãe havia escolhido morrer para ficar com seu amante sem pensar dele. Não havia nenhuma diferença entre um menino de dez anos do homem que foi seu pai. Ele passou sua existência imortal trabalhando para sufocar a lembrança e a dor. Tinha encontrado satisfação nos braços de um sem fim impreciso de mulheres, rainhas, cortesãs e famosas beldades, mas ele sempre, sempre havia deixado seu coração inteiramente e friamente intacto, para demonstrar que era ele quem tomava a decisão de ir-se. Estaria condenado se permitisse que Willomina Limpett, filha de um professor, o jogasse fora.

Mina observava as mudanças no rosto de Marcus, e pela primeira vez, realmente o temeu. A gentileza tinha deixado suas feições. Suas maçãs do rosto e mandíbula ficaram tensas e rígidas nas extremidades. Seus olhos arrefecidos a um brilhante azul celeste. Tinham suas palavras atingindo-o tão profundamente? Seria possível que ele se importasse mais profundamente do que ela imaginava? Como, quando ela não poderia ser mais que um borrão na passagem do tempo para ele?

A carruagem virou, viajando em um curto meio arco. Seus corpos balançaram com o movimento. Mina piscou a umidade de seus olhos e olhou pela cortina da janela. Ela estava tão focada em seu conflito, que não estava ciente de sua localização exata, mas parecia estar em algum lugar fora de Strand perto das margens do Tâmisa. O veículo rugiu parando em um pátio sombreado de uma estrutura imponente, oculta por andaimes e pesadas cortinas de lona. Pedra cinza aparecia por baixo. Jardins externos e corredores pareciam muito novos, como se tivessem sido recentemente instalados.

- Onde estamos? - Ela perguntou com cautela, imaginando o lugar para ser abandonada. Mas justo então, um porteiro vestido com um terno imaculado preto, chapéu e luvas, se encaminhou para fora a partir da entrada.

- No hotel Savoy. - Respondeu Marcus friamente. - Vamos ficar aqui alguns dias até que a casa esteja preparada.

- Você tem uma casa? - Ela acreditava que o barco era sua única residência.

- Nós temos uma casa.

Seu coração estremeceu, ouvindo a ênfase de suas palavras. Em voz baixa ela reafirmou sua decisão anterior.

- Eu acabei de dizer, Marcus. Não há um *nós*.

A porta se abriu. Marcus pegou seu chapéu do chão e saiu. Sem olhar para ela, ele estendeu a mão enluvada. Ela olhou do interior, e por um momento considerou negar-se a acompanhá-lo.

Ele respirava agitadamente, e seus olhos se estreitaram.

- Você pode andar... Ou eu posso carregá-la para dentro.

Os batimentos do coração de Mina se aceleraram, e sua garganta apertou. Era óbvio que a batalha entre eles estava apenas começando, e

ela não duvidou nem por um segundo que ele faria o que havia dito, a promessa estava em seus olhos. Sem recursos, ela não tinha nenhuma outra opção exceto voltar a casa Trafford, e ela certamente não tinha nenhum desejo de voltar para lá.

Na verdade, ela se sentia segura sob o amparo de Marcus, a salvo de todos menos dele.

Ela agarrou a alça de prata de sua bolsa e desceu na escada, apoiando-se firmemente na mão dele. Inclinando sua cabeça para cima avaliando o edifício, ela perguntou:

- Este hotel não está aberto ainda, não é?

Ajudantes adicionais do hotel apareceram, todos se movendo em direção à carruagem que tinha seus baús. O porteiro dava ordens.

- A inauguração será em breve. - Marcus rosnou. Ajudou-a até que esteve parada a seu lado. Sua sombra a tragou. Ele parecia ter crescido. Maior. Mais perigoso. A ideia de estar em um edifício grande, a sós com ele a deixou nervosa. - Então por que estamos aqui?

Seu brilhante olhar azul varreu sobre ela, desconcertantemente voraz.

- Porque aqui, ninguém ouvirá seus gritos.

Com a mão aberta e firme na parte baixa de suas costas, levou-a pelo caminho. Ela teve que alargar os passos para acompanhá-lo. O calor coloriu suas bochechas.

- Isso não é divertido.

Puxando a estreita porta, ele sustentou a porta com suas costas. Olhando-a como um predador enquanto ela caminhava através dela.

- Eu não estava tentando ser divertido.

Para seu alívio o interior do Savoy não consistia em andaimes ou pilhas de entulho de construção. Juntos, Marcus e Mina passaram sobre lindos azulejos pretos e brancos.

Tudo cheirava a novo e caro. Grossas colunas de madeira suportavam o teto alto, o qual estava esculpido e decorado com cenas clássicas em alguns lugares, e murais pintados em outros. Sombreadas instalações a gás proviam a quantidade ideal de luz ambiente.

O mais interessante, entretanto, era a fila de dez homens com jaquetas tipo sobrecasaca que estavam parados ombro a ombro, com as mãos de lado, obviamente esperando-os. Um cavalheiro barbudo de baixa estatura saiu do grupo e correu para frente com as mãos abertas.

- Lorde Alexander! - Sorriu maliciosamente. - Fiquei muito emocionado quando recebi sua nota.

Marcus assentiu bruscamente, com sua expressão não menos perigosa que antes. Para Mina, ele apresentou.

- Este é o senhor Richard D'Orly Carte, gerente do hotel Savoy e um hoteleiro extraordinário. - Inclinou a cabeça para o altivo cavalheiro e continuou - D'Orly Carte permita-me apresentá-lo à... Minha esposa.

O homem não parecia nada preocupado por Marcus ter grunhido as duas últimas palavras.

Ao contrário, ele sorriu com prazer, e com olhos arregalados e boca aberta, avaliou a Mina com muito entusiasmo, como se ela fossa a Vênus de Milo voltando à vida. Ela se ruborizou ante a intensidade de sua admiração, mas suspeitava que ele fosse bem instruído na arte de cortejar.

- É um prazer conhecê-la, Lady Alexander. - Disse efusivamente D'Orly Carte, fazendo um clique em seus calcanhares e fazendo uma profunda reverência. Ele estendeu a mão e depois que ela pôs a sua em

cima da dele, baixou a cabeça e pressionou um beijo na parte traseira de sua luva. - Que agradável surpresa saber que nosso financiador favorito se casou. Ninguém ficou mais surpreso do que eu ao ver as notícias nos jornais dessa manhã. Ao vê-la, posso certamente entender a decisão de sua senhoria de pôr fim a sua gloriosa carreira de celibatário. A fatalidade do motor do barco falhar, claramente foi à intenção do destino para que passassem sua lua de mel aqui, no Savoy. - Ele sorriu. - Eu, eu mesmo, não posso pensar em um lugar mais grandioso.

Considerando seu comportamento alegre, Mina concluiu que ele ainda não sabia do assassinato que estaria em todos os jornais do dia seguinte. Como compartilhar a notícia de um assassinato? Da cabeça de alguém sendo cortada? Ela decidiu deixar que Marcus comentasse sobre o assunto.

Ele não disse nada.

- Vamos ficar aqui por duas ou três noites somente, até que nossa residência esteja preparada. - Ele franziu a testa ante a fila de homens que continuavam parados a poucos metros de distância, como uma fileira de pinguins congelados e sorridentes. - O que significa isto?

D'Orly Carte olhou para trás. - Nós praticaremos com vocês. Eu tenho o porteiro olhando para você como se você fosse o próprio Príncipe Regente. Ao toque da campainha da realeza todos nos assumimos os nossos lugares. - Sorriu com orgulho. - Não são figuras inteligentes? Devemos estar preparados. É só uma questão de tempo antes que Sua Graça passe por essa porta.

Levando-os para frente, D'Orly Carte apresentou cada membro da equipe por seu nome e cargo, e os despediu para que seguissem adiante com suas tarefas.

Marcus perguntou.

- Temos a Cessar Ritz contratado?

- Ele insiste que não está interessado senhor, mas... - O hoteleiro piscou. - Sua carta parece ter funcionado magicamente. Ele concordou em vir na inauguração.

- Ele ficará. - Marcus dedicou um sorriso apertado. - Tem uma chave para mim?

D'Orly Carter tirou uma chave etiquetada do bolso de sua jaqueta e a entregou. Mina observou a entrega. Marcus apertou a chave na mão.

- Lembra-se de como funciona o elevador, sua senhoria, ou devo chamar um operador?

- Eu me lembro.

Sem mais conversa, Marcus levou Mina para uma larga escada.

Ela lambeu o lábio inferior, sentindo-se uma gazela arrastada para ser atacada por um leão faminto. Ela imaginou que poderia jogar-se na misericórdia de D'Orly Carte, mas dada sua aparente adoração por seu marido, ela imaginou que ele chamaria uma equipe de ajudantes para ajudá-lo em seu sequestro. Ela reconhecia também, no centro da sua preocupação, que ela não confiava em si mesma a sós com Marcus. Seu eu racional entrou em pânico com a ideia de deixar a segurança de outras pessoas, mas a aventureira nela estava inegavelmente curiosa sobre o que viria a seguir.

Um punhado de escadas abaixo, e eles chegaram a um grande hall de entrada. As portas do elevador abertas revelaram a Mina a mais elevada decoração extravagante que jamais viu, adornada de parede a parede com painéis laqueados de cor vermelha e acentuadas por arabescos de ouro. Uma espécie de pânico vertiginoso estalou em seu

pulso. Marcus ficou de um lado, em silêncio, olhando... Esperando que ela entrasse.

- Essa chave é para uma suíte, certo? Eu não vou subir a menos que tenhamos dois quartos. - Declarou em voz baixa. - Quartos de dormir separados.

Inclusive agora, as lembranças de seu corpo nu, estendido nos lençóis brancos, a atormentavam.

Marcus encolheu os ombros.

- Não há falta de quartos.

Mina assentiu. Ela reforçou sua coragem e entrou, ocupando um lugar contra a parede do fundo. Ele também entrou. A porta se fechou suavemente atrás dele, matizando tudo de vermelho.

- Mas eu não me casei com você para dormir em camas separadas.

Capítulo 13

Seus olhos se alargaram.

- Você não escutou. - Insistiu ela com voz firme e forte. - Acabou, Marcus. Esta farsa de casamento terminou.

- Teremos um novo começo, então. - Seus olhos escuros tinham promessas perversas.

O suave assobio da hidráulica soou, e a pressão elevando-se sob seus pés anunciou sua ascensão. Ela ficou presa, presa em quatro iníquas paredes escarlates com o mais belo, e tentador homem que ela já tinha conhecido.

- Venha aqui.

- Não.

Mas ela o desejava. Como uma flor, toda a superfície frontal de seu corpo despertou para ele, como se fosse um sol brilhante e sensual. Ela cambaleou para trás, pressionando seus ombros no painel da parede revestida como se com esse mero esforço, ela pudesse ancorar-se e não jogar-se nos braços dele. Porque, maldição, ela queria sentir a pressão dele contra ela.

Ela queria beijá-lo e vê-lo nu, cada pedaço dele. Ela queria experimentar todo seu espetacular calor, e sua força e ardente desejo.

Ela colocou a sua bolsa no centro do peito.

- Maldição.

Os seus olhos ficaram em branco, e seus lábios apertaram.

Ela apertou as mãos no rosto.

- Por favor. Não faça isto. Está me deixando angustiada.

Seus passos soaram contra o tapete, e então, um escurecimento como se sua sombra caísse sobre ela.

Não... Não... Não...

Mãos grandes, cálidas cobriram as dela... Inclinando seu rosto para cima, quase ásperas em seu movimento.

O cheiro de sua pele encheu suas narinas.

- Não vê? Eu não posso parar. - Ofegou ele.

Entre o marco triangular de suas mãos juntas, seus lábios desceram para ela. Mina manteve os olhos fechados. Era mais fácil dessa forma, fingir por um momento que não era real, que tudo isso era uma sombria e proibida fantasia.

Oh, sim, por favor. Mais.

Seus lábios se separaram com um suspiro. Ele inclinou sua boca e aprofundou o beijo. Sua língua se moveu sobre seus lábios e dentes em uma carícia quente e possessiva. Tudo dentro dela doía, regozijou-se. Como uma chave secreta, suas palavras e seu beijo abriram sua resistência, e seu coração.

Ele a tinha magoado.

Ela se desvencilhou, virou-se e pressionou a testa febril contra o frio painel. Seus braços, seus ombros dobrados ao redor dela, formavam uma asfixiante e perfeita prisão. Beijos ardentes e úmidos desciam sobre seu pescoço. A fricção de sua boca e barba suave da manhã forjava uma sedução em si mesmo, enviando um redemoinho de calor através do seu corpo, a seus seios e a seus mamilos. Sua língua brincava na sua pele, nuca e lóbulos das orelhas. Instintivamente ela pressionou suas nádegas contra sua virilha. Ele deslizou o pênis contra

ela e deixou escapar um grunhido baixo. Os olhos de Mina se fecharam de prazer.

Presa entre Marcus e a parede escarlate, Mina gemeu, odiando e amando seu toque, tudo de uma vez. Seu tamanho e potência a afligia. O aroma de sua pele e respiração encheu seu nariz e boca, embriagando-a. O dolorido ponto entre suas pernas cresceu em calor e umidade.

Ele capturou seus braços e os pressionou em ambos os lados de sua cabeça, contra a parede. Deliciosamente suas mãos se moveram em conjunto, sob seus braços, sobre seus seios em reconhecimento, em uma massagem circular através da seda negra e do espartilho. Sua mão chiou contra a seda. Os sons de suas rápidas e mútuas respirações se mesclaram em uma secreta e elementar canção. Dedos longos deslizaram abrindo os três primeiros botões de seu corpete, e sua mão deslizou habilmente para dentro apertando seu peito inchado e dolorido.

- Eu penso... - Ela grunhiu.

- Você pensa o que? - Ele murmurou contra o pescoço dela.

- Eu penso que o odeio.

Ela queria dizer essas palavras. E é claro, ao mesmo tempo ela não queria de todo.

Uma vez mais, com mãos agarradas, ele a forçou com a pressão de seu corpo, de seu peito e de seu joelho entre suas coxas, fixando-a a parede.

- Eu posso viver com isso. - Suas feições estavam tensas, com pontos vermelhos enchendo sua visão. O resto era uma sensação, o ar frio contra seus tornozelos com meias, sua respiração, cálida e forte contra sua exposta parte superior do peito. Ele enganchou seu quadril

contra ela, ousadamente pressionando sua excitação contra sua coxa. Ela se arqueou, esfregando seu corpo contra o dele, dolorido... Desejoso.

Sua mão segurou o rosto dela.

- Não chore, não chore querida. - Seu polegar tocou as lágrimas que ela não havia percebido que estava derramando. - Quero fazer amor com você. Vai ser bom para nós dois.

Ele se inclinou, passando seus lábios contra os dela em um torturante convite a sua boca aberta. Ela avançou, aceitando. Mina derrubou o chapéu dele, quando seus dedos agarraram o seu cabelo.

Ela não sentiu o elevador parar. Ela apenas ouviu o deslizamento da porta. E então... Seus braços estiveram ao redor dela, levantando-a do chão, contra a rígida parede de seu peito.

O mundo girou em visões fragmentadas de um teto com painéis... Um longo corredor de portas... E fraca iluminação. Ele a carregava como um prêmio de guerra medieval, e oh, ela permitia, até mesmo desfrutava. Ela deveria estar envergonhada por ceder tão facilmente. Mas eles estavam sozinhos ali, e não havia ninguém para ver, ninguém para castigá-la pela mulher maliciosa que se tornou nos braços de um imortal que não era seu marido, não realmente, apesar dos votos, do clero e dos papéis.

Ele abriu a porta, entrando em um grande quarto com aroma de limpeza. Estavam em uma saleta decorada em azul e creme. Ele deixou-a sobre seus pés, e ela deu alguns passos com pernas tremulas, mal conseguindo ficar de pé. A luz de final de tarde se filtrava através da elegante janela vermelha e branca. Ele pôs seus braços ao redor de sua cintura, e habilmente desabotoou os três últimos botões de seu corpete, empurrando-a mais para dentro do quarto. Puxando de seus ombros, ele deslizou a jaqueta dela por suas mangas e deixou cair à roupa no chão. O ar frio beijou seus ombros, mas suas costas

queimavam com a pressão do peitilho da camisa dele. Uma vez mais, a boca dele encontrou esse lugar em seu pescoço, e ela se converteu em cera derretida. Ela estava queimando... Deliciosamente atacada. Um puxão na parte de trás de sua cintura, e sua saia cedeu.

Ele de repente se afastou. Ela ouviu o roçar de tecido contra sua pele. Ela olhou para trás. Ele arrancou a gravata do seu pescoço. Sua expressão era dura, e suas bochechas estavam vermelhas de paixão. Seus olhos, cravados nela, prometiam muito mais do que as intimidades que tinham compartilhado no elevador.

Perdida. Você está perdida, Mina. Uma escrava miserável, a menos que ela o parasse agora.

- Espera... - Sussurrou ela, levantando uma mão e cambaleando para trás.

- Não.

Ele a espreitou, deixando seu casaco cair no chão. Uma hábil manipulação dos botões da parte frontal de sua camisa revelou sua pele firme e branca entre sua camisa aberta. Ela inclinou-se, dentro da saia, suspendendo a roupa para o lugar.

- Quero falar outra coisa primeiro. Podemos conversar? Por favor, Marcus?

- Conversar sempre complica as coisas. - Ele inclinou a cabeça. A extremidade de seus lábios se levantou. - Nunca conversaremos de novo. Começando agora.

Ela riu.

- Um gorjeio agudo e estridente que não soava como ela absolutamente. Marcus era muito gracioso quando queria ser. Divertido, aterrador e bonito.

Sua mente gritou que ela só tinha uma arma ao seu dispor, uma distração digna de afastá-lo de seu atual caminho de sedução, uma que ela sozinha era incapaz de deter.

- Você... Verdadeiramente me deseja? - Ela ofegou entre seus ressecados e ternos lábios.

Soltando o aperto em sua saia, ela empurrou a cintura para baixo ao redor de seus joelhos e saiu do meio do amontoado de seda. De pé com seu espartilho, blusa e anáguas, ela retrocedeu em direção ao centro da sala.

- Oh, sim. - Ele a seguiu. Seu sorriso aumentou lascivo e atraente de uma só vez. - Eu realmente... Realmente quero você.

Ela sorriu.

- Acredito que tenho algo que você poderia desejar mais.

A parte de trás de suas pernas se chocou contra algo. Fora de equilíbrio, ela se virou para dar um passo, mas caiu de bruços em um grande divã retangular. Portanto como uma pequena cama.

Que conveniente.

Ela se arrastou, rastejando sobre suas mãos e joelhos. Uma grande mão se fechou em seu tornozelo e arrastou-a de volta.

- Oh. - Seu estômago e os seios, foram esmagados contra o brocado listrado.

Um ruído surdo. Ele de joelhos atrás dela. Suas mãos deslizaram por suas pernas, por cima de suas panturrilhas e pela parte traseira de suas coxas cobertas de linho. Ele apertou suas nádegas com ambas às mãos.

- Não há nada... Nada que eu deseje mais.

Mina se virou de costas e logo se apoiou em ambos os cotovelos.

- Olhe para as minhas anáguas. - Ela ofegou.

- Oh, sim, querida. - Ele riu maliciosamente, deslizando suas mãos por baixo, até suas meias. - Eu quero olhar em baixo de sua anágua.

- Não, Marcus. - Sussurrou desesperada por fazê-lo entender, antes que ela implorasse para ele não parar todas as coisas maravilhosas que estava fazendo com as mãos. Ela ficou rígida, enquanto a ponta de seus dedos roçava as ligas de suas meias, e mais acima, em toda a carne nua do interior de sua coxa. Suas costas arqueadas na almofada.

- Quero dizer para olhe. Olhe em baixo na minha anágua.

Seus olhos se encontraram com os dela. Ele agarrou a bainha de renda de sua anágua. Como a maioria das damas, ela usava duas. A cabeça dele desapareceu sob o amontoado de linho cru.

- Na parte inferior. - Indicou sem fôlego. - Você vê?

- Sim.

Por um longo momento, ele não se moveu.

Ela sentiu um puxão, e sentiu o arrastar sua calcinha por suas pernas para baixo.

- O que você está fazendo? - Murmurou alarmada.

Mãos se apoderaram da parte superior de suas coxas. Dois polegares se arrastaram pesadamente ao longo de sua úmida feminilidade. Seu corpo explodiu de prazer.

- Acredito que é óbvio. - A resposta veio abafada. A firme pressão convenceu suas coxas a continuarem afastadas, e o vulto de sua cabeça sob a anágua, mergulhou para baixo.

Suas mãos torceram as anáguas em ambos os lados de sua cabeça.

- Mas, mas é acadiano, Marcus. - Sua cabeça caiu para trás com o primeiro golpe audaz de sua língua. - Um erótico e cômico momento ao mesmo tempo. Ela riu tristemente. - Eu... Eu... Copiei um dos... - Ele foi mais profundo. Ela se retorceu. - Oh, meu Deus. Eu copiei um dos pergaminhos em minha anágua. Você não vê?

- Obrigado. - Ele murmurou, com sua respiração cravada contra sua carne mais sensível. - Obrigado, querida, mas é tarde demais. Eu não posso parar. Neste momento eu a desejo mais.

Marcus sentiu sua rendição na flexibilidade repentina de suas coxas. Elas já não apertavam a sua cabeça como um parafuso. Não que ele tivesse se importado, é claro. Porque nesse momento ele percebeu algo maior que o prazer sensual, ele precisava dela. Necessitava estar perto dela, perder-se em seu brilho, só por uma noite, e ninguém mais serviria.

- Não deveríamos ir para o quarto? - Sussurrou ela, sem fôlego. - É tão claro aqui. As janelas estão abertas.

Ele passou a camisa sobre a cabeça, com seu desejo chocando com a aglomeração de renda e um espartilho meio aberto, desfrutando do contato de sua pele macia contra seu peito nu. - Não, aqui é perfeito.

Além disso, ele não queria arriscar a perdê-la em algum lugar entre o divã e a cama. Uma urgência sensual que ele não sentia em séculos, desde que era um homem mortal, ordenou-lhe que se apressasse.

Ele empurrou as anáguas para cima, e tremeu ao observar suas, oh... Tão... Elegantes coxas e nádegas.

Sim, ele pretendia ser mais delicado, mais romântico, mas não conseguia esperar. Seu sexo alongou. Ele gemeu ante a deliciosa onda de sangue. A extremidade, quente e inchada subiu acima de seu cós. Ele desabotoou a calça com uma mão e suspirou de alívio quando a carne inchada caiu pesada na coxa dela.

Seus olhos se arregalaram, e sua língua saiu como flecha para molhar o lábio inferior.

- Sim, Marcus... Antes que eu mude de ideia.

Ele esfregou o polegar ao longo de seu centro rosado, brilhante, úmido.

Esfregando, ele deslizou seu pênis contra ela algumas vezes, acima e abaixo, sem penetrar, mas logo se meteu desesperadamente nela. Ah, Deus, que sensação... Úmida, cálida, fechando-se ao seu redor. Como um erótico primeiro beijo.

- Agora... - Ela pediu em voz baixa, levantando seus quadris. Acariciou lhe o peito e enterrou suas unhas ao longo de seus músculos bem desenhados do seu abdômen. - Vem mais dentro de mim.

Sua voz era como veludo. Seu rosto bonito e cabelo desordenado estavam espalhados contra o pano de fundo de listras azuis. Seus olhos fecharam. Seus quadris empurraram. Ele fez mais pressão entre suas coxas, mas sua vagina estreita só permitiu a entrada até a metade do caminho. Oh, Deus, deliciosa tortura no divã. O bendito, bonito divã... Por que se preocupar com uma cama outra vez? O felpudo divã fornecia o perfeito cenário para apoiar-se nele. Com os dedos dos pés em ângulo contrário ao tapete, ele amaldiçoou. Sussurrou elogios inflamados. Começou a se mover, impulso após impulso, centímetro por centímetro, ele se afundou dentro dela completamente. Quando ela arqueou, ele agarrou-a por baixo de suas anáguas enrugadas. Suas mãos se estenderam sobre suas nádegas nuas apoderando-se delas.

Pressionou o rosto contra seus seios ainda com o espartilho. Ele entrou, uma e outra vez, enquanto ela passava os braços ao redor de seu pescoço. Suas coxas apertaram a cintura dele. Ela deslizou seus frios e magros pés contra suas nádegas.

- Há alguém... Na porta. - Sussurrou ela.

Oh, sim. Alguém bateu na porta. Muito longe.

- Deixemos... Que... Espere.

Ele aproveitou para acelerar e perfurar dentro dela, cada investida frenética levando-a a uma borda brilhante. Paredes estreitas estremeceram contra seu pênis. Ela gemeu, agarrou seus braços... Gritou. Certamente, quem estava do outro lado da porta a ouviu, mas Marcus não se importou. Ele jamais pararia. O divã deslizou alguns centímetros pelo tapete macio, forçando-o a reajustar-se.

A mudança de ângulo criou uma diferente e firme fricção. Atrás de seu olho um prisma de cores explodiu em mil pontos.

- Oh. S-s-sim. Mina, perfeito.

Seu pênis estremeceu, pulsando. Palpitando em seu interior.

Com um gemido, lentamente ele se sentou entre suas pernas. Não havia espaço suficiente para eles no divã. Ele se virou, caindo primeiro ao chão. Arrastou-a para cima dele. O movimento lançou seu cabelo escuro e sedoso sobre seus ombros. Ele gentilmente emoldurando seu rosto com as mãos e a atraiu para baixo para um beijo. Ele levantou a cabeça, gemendo de prazer satisfeito, e encheu a boca dela com sua língua.

Desmoronando de costas, ele olhou para o teto.

- Deus, foi inclusive melhor do que imaginei.

Estendida sobre ele, ela falou com voz entrecortada.

- Eu não... Acredito... Ser capaz... De caminhar... Até a próxima semana.

O sexo foi delirante, alterou sua mente.

Mas ele não era seu primeiro amante. Ela não deveria sentir uma pontada de arrependimento muito profunda dentro de seu peito. Quem? Ele não perguntaria. Talvez, com o tempo, ela diria.

Ficaram deitados por mais um tempo, beijando-se e falando bobagens. Fingindo que o mundo era normal. Ela se sentia perfeita a seu lado, sob seu braço, com sua cabeça apoiada em seu peito. Se pudesse escolher, ele poderia ficar deitado com ela sobre o tapete, junto ao divã, pelo resto de seus dias. Ele sorriu.

Certamente que o pensamento surgiu no calor do sexo, mas... Ele desejou que as coisas fossem diferentes.

Tic-tac, tic-tac. O relógio seguia correndo. Ele virou debaixo dela e se inclinou para beijá-la no ombro. Levantou-se, puxou a calça sobre seus quadris, e deu a mão para ajudá-la a levantar-se.

- Vamos dar uma olhada nessa anágua agora.

As mãos dela foram para o laço de cetim na parte inferior de suas costas. Mina se inclinou e puxou a roupa para baixo e a levantou.

- Você não deveria pegar a minha anágua.

- Agradeço de qualquer maneira. - Ele beijou seu nariz.

Apesar da intimidade que acabaram de compartilhar, ele viu cautela em seus olhos. Ela ainda não confiava nele completamente. Entretanto, entregou-lhe a roupa e foi ao redor do quarto recolhendo a sua. Ele dobrou a anágua em cima de uma cadeira, e foi até a porta, onde olhou para o corredor. O porteiro havia deixado os baús em uma fila contra a parede. Ele sorriu. O chapéu de Mina estava em cima. Pela primeira vez pareceu cômico que seu baú fosse maior que o dela, como

um pavão que necessitasse mais roupa. Mais coisas. Ele queria comprar tudo para ela. Vestes de seda. Brilhantes. Coisas caras. O suficiente para que quando viajasse, ela necessitasse dez baús. Todos maiores que o seu. Ele sabia que roupas e jóias não eram importantes para ela, e supunha que era exatamente por isso que desejava mimá-la com eles.

Ele faria isso, depois de salvar a si mesmo e ao mundo. Ele seria uma lenda então. Ela poderia ser uma com ele.

Marcus levantou o baú dela primeiro e levou o seu para dentro depois. Uma vez que ela encontrou seu roupão, ela se uniu a ele no divã. Foi então que ele contou tudo, como havia perseguido a ela e o seu pai na Índia, mas que despertou três meses depois em Londres. Também contou sobre a morte de Elizabeth Jackson, e a sua confrontação com a Noiva Escura.

- Não quero assustá-la. - Concluiu.

- Não. - Ela murmurou pálida e com olhos arregalados. - Eu quero saber tudo. Estou feliz por me contar.

Ele espalhou a anágua sobre o divã, o mesmo onde eles acabaram de fazer amor. Ele estreitou os olhos.

- Tem um pouco de manchas.

- Eu usei essa peça por três meses, lembre-se.

- Este é apenas um dos pergaminhos?

- O primeiro dos dois que meu pai tem em seu poder. - Ela confirmou. - Ele os marcou com uma etiqueta um e dois. Eu não tive tempo de copiar o segundo. Você está ciente de que o terceiro pergaminho se encontra no Museu Britânico?

Ele assentiu.

- Traduzi esse.

Seus olhos ficaram quentes de admiração. O peito de Marcus inchou. Deus amava uma mulher que achava a tradução de antigos manuscritos atraente.

- Meu pai tinha a esperança de fazer o mesmo. Ele me disse que o papiro estava terrivelmente deteriorado.

- Estava um maldito desastre.

Mina olhou para os pés com chinelos.

- Ele estava tão animado para conseguir a decodificação das antigas línguas do museu e para descobrir o pergaminho final que completava o conjunto de três. Inclusive considerou a doação de sua parte da coleção. Os seus eram extremamente raros. Mais raro até que o pergaminho do museu.

- Porque as tabuletas do qual foram copiados já não existem mais.

- Sim. - Seu sorriso desvaneceu. - Mas as coisas mudaram depois que o museu acusou o meu pai de ter roubado a tabuleta cuneiforme original da qual o primeiro pergaminho foi transcrito.

- Será que ele pegou a tabuleta?

- Tenho que admitir, que neste momento não tenho certeza. Quando ele partiu para seu novo emprego em Londres, eu fiquei em nossa casa em Manchester com a ideia de me reunir com ele na metade do ano. Mas, pouco depois de começar em sua nova posição, ele começou a se comportar estranhamente. Havia segredos. E de repente, com apenas um enigmático telegrama para mim, partiu para Bengala. Quando a acusação do museu chegou, eu viajei todo o caminho para confrontá-lo sobre tudo.

- Sozinha?

Ela encolheu os ombros.

- O capitão do barco era amigo de meu pai, e eu o conhecia de viagens anteriores, e assim me sentia bem viajando sozinha. Conhecendo a cidade, eu encontrei o meu pai com bastante facilidade. Ele ainda estava ali em Kolkata, comprando provisões para uma expedição.

- O que foi que ele falou?

- Ele me garantiu que não roubou nada do museu. Em vez disso, ele me falou de uma sociedade secreta de homens que, como ele, procuravam os segredos da imortalidade. Mas ao contrário do meu pai, eles não desejavam somente descobrir a existência de um imortal, eles queriam se tornar imortais. Ele temia que eles quisessem os pergaminhos para fins nefastos. Isso foi tudo o que ele me contou. Disse-me que era melhor que não soubesse muito.

- Será que ele poderia identificar esses homens?

Ela negou.

- Ele não os conhecia. Só disse que eles o seguiram até Londres, e que entraram em seu quarto na pensão procurando os pergaminhos. Sinto-me muito mal agora, porque eu duvidei dele. - Ela mordeu o lábio inferior. - Na época, eu temi que ele estivesse perdendo o juízo. Ele insistiu que eu fosse embora. Que voltasse para a Inglaterra, mas eu não concordei.

- Por que você foi a Bengala, em primeiro lugar, e o que aconteceu ali? Quando voltou para Londres, trazia uma pistola em sua bolsa.

Um ligeiro sorriso curvou seus lábios.

- Como você sabe sobre isso?

- O que a assustou? - Marcus perguntou baixinho. - E por que decidiu fingir a morte dele?

Os olhos de Mina entristeceram.

- Nós partimos de Bengala. Nossa expedição viajou para o Tibete, a um templo perto de Yang Poong, aos pés do Himalaia. Meu pai solicitou uma audiência com os monges residentes.

Marcus interrompeu.

- O que os monges tibetanos têm a ver com tudo isto? A origem dos pergaminhos é da antiga biblioteca de Alexandria. Eles são cópias de tabuletas acadianas. Esses são artefatos do Egito e da Pérsia. Vocês estavam do lado completamente diferente do mapa.

- Perguntei-me a mesma coisa. - Mina apoiou as mãos sobre os joelhos. - Fui com meu pai ao templo, e ele lhes mostrou os pergaminhos.

- O que aconteceu?

- Bem... - Ela deslizou de seu assento, claramente emocionada com a lembrança. - Em primeiro lugar, eles começaram a tocar imediatamente o gongo. Uma e outra vez. E logo entregaram hastes de rolagem para os rolos.

- Espera um minuto. - Marcus estreitou os olhos. - Hastes para os rolos?

- Sim. Meu pai tinha dois pergaminhos. Dois rolos, mas sem as hastes que os prendia. Deram-lhe quatro hastes de marfim, dois para cada pergaminho. - Ela dobrou os joelhos sobre o divã e os rodeou com seus braços. - E aí, Marcus, foi quando os problemas começaram. Na primeira noite de volta ao acampamento, um nevoeiro pesado caiu sobre a montanha. A névoa é comum no Tibete, é claro, mas esta névoa sussurrava. Os bengalis que tínhamos contratado para transportar nossos pertences na montanha ficaram frenéticos.

- Você não tem que me convencer. - Assegurou-lhe Marcus. - Já vi coisas mais estranhas. Eu acredito em você.

Mina tocou seus lábios com os dedos.

- Na manhã seguinte, encontramos o corpo de um dos nossos bengalis no fundo de uma ravina. Nosso guia inglês, o tenente Maskelyne, disse que ele deve ter vagado na escuridão, mas pelo que meu pai me disse, o corpo do homem foi gravemente mutilado. Muito destroçado para as feridas virem de uma simples queda. Na noite seguinte, nosso guia nativo desapareceu. Se ele nos abandonou por medo ou por um destino pior, duvido que alguma vez saibamos. Na noite seguinte perdemos mais homens.

- E por isso seu pai a deixou?

Ela assentiu com a cabeça.

- Ele disse que nos tinham encontrado. Que não arriscaria minha vida ainda mais, e por isso tínhamos que nos separar. Disse-me que retornasse a Inglaterra e que dissesse a todos que ele havia morrido na montanha. Ele também me disse que eu... Que eu nunca o veria de novo. - As lágrimas se amontoaram em seus cílios.

- Aparentemente ele já havia considerado a ideia de desaparecer sob o disfarce de uma mentira, porque ele me deu o nome de um homem em Kolkata, que iria fornecer todos os documentos falsos que eu necessitaria.

- O que aconteceu depois? - Marcus a tocou delicadamente.

- Eu me recusei. Estava chateada. Saí da tenda. Não fui longe. Não muito longe, contudo. Mas uma nuvem se moveu contra a montanha. - Mina estremeceu. Marcus pegou sua mão e a apertou.

- Eu tentei seguir meus próprios passos de volta ao acampamento, mas não pude ver nada devido a névoa. Eu tive medo de

cair dentro de uma greta e terminar como aqueles homens. Então eu me sentei e esperei. Esperei por horas, quase até de manhã. Por fim, a névoa se dissipou o suficiente para eu ver. Eu estava justo ao lado das tendas. Tão perto que eu poderia ter rastejado alguns metros e tocá-las. Mas ele não estava mais lá. Ele e o tenente Maskelyne haviam partido.

Agora Marcus entendia a mescla de emoções que Mina sentia por seu pai, o amor, enredado com a ira.

Ela continuou.

- E assim fiz meu caminho de volta a Kolkata. Sozinha. Esperei algumas semanas até o meu dinheiro quase acabar. E então, quando eu percebi que ele não voltaria, fiz o que ele me disse para fazer.

- Foi muito valente. - Marcus deslizou sua mão sobre seu ombro, na parte de trás do seu pescoço delicado. Ele atraiu-a mais perto e apoiou sua testa contra a dela. - Você não tinha outra opção.

- Eu não sei. - Ela apertou-lhe a perna. - Eu menti para as pessoas. Para as pessoas que foram amáveis e me aceitaram. Trafford. Lucinda. Ainda não posso acreditar que ela estaria viva hoje se eu não tivesse vindo para sua casa.

- Nós não sabemos ao certo. - Ele beijou sua orelha.

Ela se afastou, piscando, e secou os olhos.

- Descubra para mim, por favor? Esclareça tudo isto.

- Eu o farei. - Ele assegurou.

- Agora olhe minha anágua e me diga o que eu escrevi.

- Eu já traduzi.

Os olhos de Mina se arregalaram.

- O que quer dizer com você já traduziu? Enquanto estávamos sentados aqui conversando?

Ele encolheu os ombros.

- Sou bom nisso. Também ajudou que sua anágua está em condição muito melhor que o maldito primeiro pergaminho.

- O que diz?

- Que eu tenho que pôr minhas mãos em um Olho.

Capítulo 14

Mina agarrou seu braço.

- Meu pai me falou de um Olho. Ele viu o termo nos pergaminhos, mas não entendeu o contexto.

Marcus inclinou a cabeça para a anágua.

- Os rolos falam em termos de profecias. De coisas que ocorrerão nos próximos séculos. Estou quase certo de que o Olho a que se refere o pergaminho é um grande espelho que eventualmente se converteu no Olho de Pharos.

- Pharos... Como o farol de Alexandria? Uma das sete maravilhas do mundo antigo?

- Esse mesmo. - Afirmou ele. - Conta à lenda que um Olho, um espelho grande, poderia ser utilizado como uma lente especial, um condutor, não só para queimar os navios de guerra que se aproximavam, mas também para destruir os exércitos que avançavam.

Seus olhos se abriram.

- É verdade? Esse espelho possuía tal poder?

Marcus esfregou o queixo.

- Não posso afirmar com segurança. Nunca vi realmente o Olho. Evidentemente, o espelho foi roubado do farol, possivelmente no século I D.C., e supostamente se afirma que foi jogado no oceano. Por quem, ou por que, nunca foi contado. Talvez, se seus poderes fossem reais, fez-se isso para mantê-lo fora do alcance das mãos de quem desejava usá-lo para fins malignos.

- Tal como os homens que nos seguiam. Mas, por que desejaria meu pai descobrir o espelho? Não tem nenhum desejo de fazer o mal. É um homem excêntrico, mas pacífico.

- Talvez estivesse tentando detê-los. Para impedir que chegasse às mãos desses homens.

As lágrimas encheram seus olhos.

- Meu pai... Um herói? Deveria ter me contado sobre isso. Mas então... Acho que sabia que eu não acreditaria. - Piscou rapidamente e engoliu. - E você? O Olho pode ajudar você?

Marcus respondeu simplesmente.

- Sim. - Haveria condições, é claro. Teria que tratar com elas quando chegasse o momento.

- Temos que encontrá-lo. - Disse ela.

- Se seu pai já não o encontrou. Tem o outro rolo com todas as instruções sobre onde procurar.

- Mas eu pensava...

Marcus segurou a barra de renda da sua anágua.

- Este é o terceiro rolo, que conta como usar o Olho. Não onde encontrá-lo.

Ela mordeu o lábio inferior.

- Recorda quando disse que meu pai confunde as coisas às vezes?

- Está bem. Será maravilhoso saber onde está o Olho quando chegar o momento. - Marcus ficou de pé, passando os dedos na parte superior de sua cabeça. Foi até a janela e ficou olhando fixamente.

- Sinto muito. - Ela se aproximou e tocou nas suas costas nuas. - Sei que está frustrado.

- Um pouco.

- Marcus...

- Sim?

- Quem é você?

Ele se separou da janela.

- Sou só eu. - Inclinou-se. Beijou-a nos lábios. Acariciou sua cintura.

- Quero dizer, quem realmente é você? Um ser imortal. - Ela fechou os olhos. - Ainda tenho dificuldade em acreditar. De onde veio? Quanto tempo leva existindo na terra?

- Vou responder mais tarde. Conversamos muito no momento.

Bem devagar, ele abaixou o fino tecido do seu roupão. Pressionou um beijo em seu pescoço e deslizou sua boca mais abaixo, lambendo-a, provando a pele quente de seu ombro nu. Mina suspirou e levantou a mão para a parte traseira da sua cabeça. Com um puxão suave, a taça de seu espartilho deixou cair seu seio em sua palma aberta. Chupou-lhe o mamilo, o suficiente para provocar um suspiro. Retorcendo-se, ele admirou o anel rosado que tinha deixado ao redor de sua auréola, e acariciou a carne úmida com o polegar.

- O que diz de testarmos a cama?

Na seguinte manhã, já tarde, Mina despertou com o som de vozes masculinas e uma porta fechando. Jazia nua em cima dos lençóis que estavam espalhados em todas as direções nos cantos e bordas, já não sobre o colchão, como resultada de uma longa noite de amor. Fizeram coisas... Coisas selvagens... Coisas perversas. Cada parte de seu corpo doía como se tivesse travado uma grande batalha. Supunha que se esforçaram. Tinham lutado, enroscando-se e derrubando um ao outro até de manhã.

Supere isso.

Não pense.

Sobre suas mãos e joelhos. Sim. Assim. Oh, foi maravilhoso!

Sorriu, afastando a dor da triste melancolia dentro de seu peito, que dizia que não mudou nada entre eles. Não verdadeiramente. Seu coração permanecia trancado, são e salvo... Mas sacudindo-se em sua jaula, insatisfeito e reclamando. Quando permitiria que a confusão em seu peito se desvanecesse e simplesmente se apaixonasse?

Ainda não. Agora não. Não por ele.

Sons reconfortantes vieram da saleta. O verter de líquidos, e o choque de uma xícara de chá contra um pires. Ela se separou das mantas e colocou uma camisola. Sem se incomodar em olhar para o espelho ou escovar o cabelo, aventurou-se a sair.

Marcus estava de pé perto da janela com vista para o Tâmisa. Ao longe, e visível sobre seu ombro nu, levantava-se o obelisco egípcio, a Agulha de Cleópatra. Usava apenas uma calça listrada. Sua pele dourada se curvava sobre os músculos tensos de seus ombros e braços, e se aperfeiçoava nos esculpidos quadris. Sua boca ficou seca. Sabia perfeitamente a textura dessa pele, quente e suave.

- Bom dia. - Ele se voltou para lhe dar as boas-vindas. Parecia um leão grande, desarrumado, com uma xícara de chá pequena. Tinha uma expressão pensativa, mas seus olhos... Seu olhar se aqueceu quando a viu. - Fiz subir da cozinha o café da manhã. Há chá, se você gostar.

Uma pequena faísca de timidez disparou por suas costas e pernas. As coisas tinham sido tão fáceis entre eles na escuridão. Mas aqui... Agora... Ela não podia negar um sentimento de desconforto.

- Obrigada. - Disse avançando para um carrinho de bronze, próximo a uma mesa cheia de flores. Serviu-se de uma xícara cheia de chá. - De onde vieram todas estas flores?

- Há muitas cartas e telegramas, também ali na mesa. - Marcus se levantou para ficar de pé ao seu lado. Deixou sua xícara vazia na bandeja. - O porteiro disse que algumas vieram da casa Trafford. Não olhei as notas, mas estou completamente seguro de que o ramalhete ridiculamente enorme do canto é do meu banqueiro.

- Pelo menos não há nenhuma rosa listrada de vermelho e branco.

- Admito que pensei o mesmo.

Ela tirou o cartão das flores mais próximas.

- Interessante.

- O que diz?

Suas sobrancelhas se elevaram.

- Somente uma palavra. Idiota. E está sublinhada umas vinte vezes.

Ele sorriu.

- Esse é de minha irmã gêmea.

- Sua gêmea. Como se chama?

- Seu nome é Selene.

- Parece encantadora. - Mina riu entre dentes, devolvendo o cartão ao seu lugar.

- Quando poderei conhecê-la?

- Estou certo de que aparecerá mais cedo do que desejo.

- Sairemos hoje?

- Embora eu preferisse ficar aqui e fazer amor com você durante um bom tempo... Temos que nos pôr em contato com seu pai, e averiguar se está de posse do Olho.

A testa de Mina enrugou.

- Você ouviu a voz da Noiva Escura novamente?

- Não, e é um alívio, sem dúvida. Mas a Transição não desaparece sozinha. Inclusive se Lucinda fosse a Noiva Escura, é só questão de tempo antes que algo tome seu lugar. Só tenho até a próxima onda de energia movimentar Londres, para tentar fazer algum tipo de progresso. Não posso predizer em que classe de condição estarei depois.

Ela assentiu.

- Comecemos na agência de telégrafos. Conheço um punhado de colaboradores muito próximos de meu pai. Contato que precisa utilizar com a muito distante de Londres e de qualquer sociedade duvida que tenham ouvido a notícia de sua suposta morte.

- Bom. - Ele se inclinou para lhe dar um beijo no ombro. - Tenho uma pergunta para você.

- Sim?

Os lábios de Marcus se curvaram. Parecia ligeiramente envergonhado.

- Quem era o homem que estava na frente da casa Trafford?

- Que homem? - Ela se afastou dele e fingiu olhar a seleção de geléias.

- O que estava próximo das escadas, quando estávamos saindo. - Ele segurou uma mecha de cabelo do centro da parte traseira de sua cabeça. - Alto. Cabelo escuro.

Ele puxou, e continuou fazendo uma leve tensão, até que ela inclinou a cabeça para trás. Ele deu um beijo no nariz.

Ela sorriu com tristeza.

- Não posso esconder nada, certo?

- Não. Assim não se incomode.

Ela apertou os lábios.

- É o tenente Philander Maskelyne. Mencionei-o ontem à noite. Lembra? Antes que me dissesse que estava cansado de falar.

- O guia inglês que seu pai contratou para a expedição tibetana.

Ela bebeu um gole de sua xícara e engoliu, lambendo seu lábio inferior. - É um aventureiro. Um montanhista conhecido. Sim. A última vez que o vi... - Ofereceu um sorriso esperançoso. - Estava com meu pai.

Marcus piscou.

- Portanto, há uma possibilidade de que o tenente saiba onde está o professor.

Ela assentiu.

- Ou se separaram, ou meu pai está aqui em Londres, também.

- Muito bem, então. - As narinas do Marcus queimaram. - Onde podemos encontrar o Tenente Maskelyne?

Ela deixou sua xícara na bandeja.

- Esse é o problema - sussurrou, segurando os braços. - Não tenho nem ideia. Estou com muito medo de estragar as coisas. Depois, sua aparição na frente da casa me pegou de surpresa. Não queria que soubesse sobre ele. As coisas eram diferentes entre nós ontem de manhã. Queria encontrá-lo eu mesma e ver o que poderia dizer sobre

meu pai. Então, agora está por aí em alguma parte dessa grande cidade, e eu não tenho nem ideia de onde. Sinto muito, Marcus. Suspeito que tentará entrar em contato comigo, mas não sei quando.

Marcus assentiu.

-Tudo bem. Vamos encontrá-lo.

- Mas que tipo de período de tempo é que estamos trabalhando? Quanto tempo até que... Bom... Até que se torne...?

- Um demônio louco, empenhado em destruir a humanidade?

Ela franziu o cenho, surpreendida.

- Não diga isso.

Marcus escolheu e rompeu o caule grosso de uma rosa e a tirou do ramo.

- Com base na frequência de ondas anteriores do Krakatoa, diria que uma semana até o próximo evento. Talvez duas, se tiver sorte.

- E então?

- Então... Não me verá mais.

- Aonde você vai?

Marcus deslizou a rosa sobre sua orelha.

- Encontrar o meu assassino.

Ela ofegou.

- O seu assassino?

Ele encolheu os ombros, como se sua revelação não fosse nada.

- Assim são as coisas, Mina. A Guarda das Sombras não permitirá que eu me converta em uma verdadeira ameaça para eles. Irão me destruir primeiro. E terei que deixar.

- Oh, Marcus, não.

Ele olhou as flores, e depois para o café.

- Quero que saiba... Que estará protegida. Se as coisas saírem mal, sempre terá uma vantagem no nosso curto casamento. Será a viúva mais rica da Inglaterra e será capaz de tomar todas as suas próprias decisões.

- Eu gosto de tomar minhas próprias decisões, mas não quero ser a viúva mais rica da Inglaterra. Não quero que morra.

- Tudo isto faz parte do risco que assumi quando cruzei para a Transição, Mina. Sabia que isto poderia acontecer. Mas quero que saiba que não tenho a intenção de que tal coisa chegue a acontecer. Terá que me aguentar durante um bom tempo. Vou vencer. - Seus olhos brilharam com ardor. - Apesar de tudo o que aconteceu, nunca estive mais seguro.

Mina franziu o cenho mal humorada, e voltou sua atenção à pilha de telegramas e cartões de visita. Descobriu que eram uma mescla de mensagens de parabéns por seu casamento e notas de condolência pela morte de sua tia. E outra vez, um cartão do Sr. Matthews. Ela parou no próximo cartão da pilha.

Seu coração deu um salto dentro do seu peito.

- Oh, Marcus. Olhe.

- O que acontece?

Ela levantou o cartão.

- É do Tenente Maskelyne. Deve ter vindo ao hotel e o deixado. Na parte de trás deixou o endereço de uma hospedaria.

Marcus pegou o cartão e examinou as palavras rabiscadas.

- Se vista querida.

Uma hora depois, desceram de um carro na frente a uma envelhecida casa de três andares, distinta do restante de outras estruturas da estreita rua por sua pintura verde intensa. Mark pediu ao condutor para que os esperasse na calçada. À medida que entravam em um corredor escuro, Mina observou o papel descascado das paredes.

- O Tenente Maskelyne é muito esnobe. Este lugar não atende absolutamente a seus padrões. Deve estar se escondendo, ou ficou sem recursos.

Marcus examinou as portas.

- Qual é o número do quarto?

Ela deu uma olhada ao cartão.

- C2.

- É esse. - Ele levantou a mão para chamar. Mina o tocou para detê-lo.

- Marcus...

- O que?

Ela o olhou sob a aba do seu chapéu.

- Bem... É só que você poderia ficar zangado.

- Por quê?

Seus lábios se retorceram.

- Por um monte de coisas que ele possa dizer.

- Não me importa nada, contanto que ele nos diga onde está seu pai. - Bateu com os nós dos dedos na madeira. Recuou um pouco para trás da porta, pensando bem, para permitir que o homem visse primeiro um rosto familiar. A maçaneta de bronze girou. A porta rangeu ao abrir.

Uma voz baixa, masculina murmurou:

- Willomina.

Marcus franziu o cenho pelo tom íntimo.

Mina olhou atentamente para dentro, sorriu alegremente.

-Tenente Mask...

Umas mãos a agarraram pelos pulsos e a arrastaram para dentro.

- Philander, espera...

A porta balançou para quase se fechar. Marcus parou o movimento com a palma de sua mão. Com um passo rápido, entrou, atrás de Mina. Ali ficou de pé cara a cara com o homem que tinha visto fora da casa de Trafford. Só que agora, em vez de traje e chapéu, o tipo levava uma calça de linho e uma camiseta branca. Os músculos magros eram como cabos desde seu pescoço até seus ombros e braços. Usava o cabelo escuro curto, estilo militar, um corte que enfatizava a masculina angulosidade de seu crânio. Embora o homem fosse mais alto que a maioria, Marcus lhe passava ao menos cinco centímetros. Ainda assim, tinha que admitir... Que Philander Maskelyne era inquietantemente bonito.

Era preocupante a forma que olhava para Mina.

O olhar de Marcus convergiu para suas mãos, onde continuava segurando sua esposa. Queimando. Queimando. Queimando.

O tenente abriu suas mãos e afastou-se de Mina, logo contemplou suas palmas. Piscou com incredulidade.

Olhou para ele, seus lábios se curvaram em uma careta de desprezo.

- Então é ele? Seu rico marido?

A expressão de Mina ficou em branco. Obviamente, sua pergunta formulada sem rodeios a aturdiu.

- Eu o vi ontem na rua em frente da casa de meu tio. Fiquei muito aliviada ao vê-lo a salvo aqui, na Inglaterra.

- Você tem certeza? - Riu sarcasticamente. - Graças a seu pai, tenho um objetivo em minha cabeça. É só questão de tempo antes que os fanáticos enlouquecidos da imortalidade me encontrem. Não espere que o cubra novamente. Venderei as informações em um segundo. O canalha me roubou novecentas libras.

Havia jornais espalhados sobre a mesa. Dobrado em um retângulo ordenado em cima de todo o resto estava um recorte de seu casamento e sua lua de mel. Havia também duas pistolas e um rifle, polidos até brilhar.

- Sinto muito que esteja em perigo e que meu pai esteja lhe devendo. - Respondeu Mina, apertando as mãos. - Mas me diga... Meu pai está vivo?

- Bastante vivo para pegar tudo e desaparecer no meio da noite.

- Onde o viu pela última vez?

- Em Alexandria.

- Egito? - Interveio Marcus.

Maskelyne assentiu bruscamente, com suas narinas alargando.

- Seja o que for que procurava... Bem, não encontrou ali. Exigi que me pagasse na próxima etapa da viagem. Na manhã seguinte, foi embora.

Mina perguntou.

- Qual era a próxima etapa da viagem?

- Não sei. O canalha não me disse nada.

- Ainda estava com os manuscritos?

- Maldição, sim, estavam com ele. Se tivesse colocado minhas mãos sobre eles, juro que os teria atirado no Nilo. Era uma maldita maldição para nós.

Marcus advertiu.

- Cuidado com a língua diante de minha esposa.

- Sua esposa. - Ele riu entre dentes. Um sorriso lascivo apareceu nos lábios do tenente. - Quer apostar que eu conheço melhor a sua esposa que você?

Marcus se lançou, plantando o punho na cara dele. Sentiu o satisfatório estalo do osso quebrando contra seus dedos.

- Você gosta da palavra 'maldito'? - Grunhiu Marcus. - Dom Juan[4] maldito? Vá olhar no espelho. - Ele levantou seu punho outra vez.

- Marcus, não. - A voz de Mina abriu caminho na neblina densa de sua fúria. Estava sobre ele, uma imagem imprecisa de braços, saias e aroma de flores de laranjeira, e suas duas pequenas mãos agarravam o seu pulso.

- Quebrou meu nariz. - Gritou o tenente. O sangue escorria de seu nariz, sobre seus lábios.

[4] A palavra original é Philanderer, que significa Tenório, Dom Juan, mulherengo, e é um trocadilho com seu nome, Philander.

- Sinto muito. - Mina exclamou. - Por favor, envie a conta do médico ao Hotel Savoy. - Mina puxou o braço de Marcus, e o levou para o corredor. - Terminamos aqui. Vamos.

Com uma maldição gritada, Maskelyne fechou de repente a porta atrás deles.

- Por que fez isso? - Exigiu ela. - Foi culpa da voz? A voz disse que o fizesse?

- A voz? - resmungou ele. - Tem toda a razão, era uma voz. Minha voz. Ele foi o primeiro, não foi?

- O primeiro, no que?

Suas bochechas estavam tensas.

- Sabe do que estou falando.

Mina corou e sua boca se abriu logo a fechou.

- Isso não é assunto seu.

Marcus se lançou para a porta de Maskelyne.

Mina colocou-se entre ele e a madeira. Ele ficou olhando para seu rosto, com a mandíbula rígida e seus olhos refletindo a violenta emoção em seu interior.

Ela agarrou seus ombros.

- Sinto muito, querido. Não percebi que era virgem quando nos casamos. Deveria ter sido mais gentil com você na primeira vez.

Ele sacudiu a cabeça.

- O que disse?

- Eu fui a primeira? - Ela exigiu ironicamente.

- É claro que não.

Ela bateu no seu ombro.

- Então não tenho necessidade de bater em ninguém.

- Ele a seduziu.

- Não, ele não fez isso. - Seu rosto enrugou com impaciência. Ela seguiu para o vestíbulo.

- Seduzimos um ao outro. Eu tinha curiosidade. E para sua informação, estava totalmente disposta. Estúpida, mas complacente.

- Você o amou? - Perguntou atrás dela.

- Não seja ridículo.

Perseguindo-a, agarrou seu braço.

- Você o ama?

Ela se soltou de sua mão e esfregou as têmporas.

- Você que o diga. Pode fazê-lo, certo? Ler minhas emoções? Meus pensamentos. Sim, sim, notei as finas espetadas, sobretudo ontem à noite quando estávamos... Bem, já sabe. De qualquer forma, apodere-se. Sou um livro aberto.

Ele pegou sua mão e a apertou em uma bola.

- Quero que você me diga.

- Não o quero. - Declarou ela. - E para sua informação tampouco o amo.

- Não? - Ele passou a mão na testa.

Ela bateu nele e afastou-se, desceu as escadas, chegando à rua. Com um puxão nas saias, subiu no transporte. Na entrada, falou com o condutor.

Marcus subiu atrás dela, e se deixou cair a seu lado. Seu peso afundou o banco, e Mina subiu no ar.

Ela soltou um suspiro.

- Está com ciúmes. Não gosto disso.

- Não estou com ciúme. - Não sou ciumento. Ele não ficava ciumento.

Oh, Deus. Estava com ciúmes. Sua cabeça fervia de ódio do outro homem, e tudo porque o tipo tinha tido... Ah, seus pensamentos se turvaram com a imagem horrível deles dois juntos em alguma tenda escura em uma encosta, enquanto seu maldito pai roncava, sem inteirar-se do que acontecia na tenda do lado. Como um menino mal comportado, fez beicinho, e agarrou os lados de sua cartola e enterrou a maldita coisa na cabeça e quase se sufocou de inveja. Odiava a fraqueza. Odiava todo o maldito conjunto da ideia dela com alguém mais. Deus, nunca agiu tão estupidamente antes.

Mulheres. Ora. Quem precisa delas?

Ele precisava muito. Maldição, a necessitava.

- Aonde vamos? - Perguntou asperamente. Sua mão deslizou em sua coxa.

Golpeou lhe outra vez.

- Se meu pai ficou sem dinheiro, poderia muito bem voltar para Londres. E se retornou, penso que sei aonde poderia conseguir mais dinheiro.

- Aonde?

- Há um homem em East End. Ele coleciona coisas.

- Coisas? Que tipo de coisas?

- Já verá. Não sei se ele ainda vive. Passou muito tempo.

Ele ficou sentado ao lado dela, rígido e silencioso. Sua mão apertou a manta que estava ao lado no banco. A tensão irradiava dela. Tinha-a feito zangar-se. É claro ele estava também. Zangou-se também. O carro estava no meio do tráfego, e uma neblina densa de pó e calor, os parou ao menos mil vezes antes que por fim o veículo se detivesse diante de um armazém.

- Pode esperar aqui se preferir. - Disse Mina.

- Não a deixarei longe de minha vista.

- Só mantenha as mãos nos bolsos, caso venha. - Instruiu, abrindo a porta e descendo sem esperar ajuda. - Nenhum murro em ninguém.

Ele a seguiu para a parte de trás do armazém, até uma escada que levava ao segundo andar. Ela apertou uma sineta preta. Esperaram em silêncio, mas ninguém respondeu. Ela apertou de novo. Nada.

- Não ouço nada. - Disse ele. - Talvez a sineta não funcione.

Marcus golpeou a madeira com o punho. Isso não atraiu a ninguém tampouco. Girando a maçaneta com as duas mãos, Mina deu um forte empurrão. Um olhar de surpresa iluminou seu rosto quando a porta se abriu.

- Vamos.

-Oh, estou de acordo. - Suas sobrancelhas subiram.

- Eu gosto de conhecer estranhos nos armazéns de East End, onde ninguém abre a porta. Mas o melhor mesmo são as casas abandonadas e as criptas, as quais, de fato visitei muito durante as últimas semanas.

Ela o olhou divertida, e Marcus tomou como um sinal positivo para que o perdoasse por bater em Maskelyne. Agora, se podia evitar golpear a alguém mais, ou perder o juízo devido a Transição, poderia haver mais uma oportunidade de fazer amor de novo nessa noite.

- Oh, sim. - Suspirou Mina. - Esse ainda é o armazém do Sr. Thackeray.

Os olhos de Marcus especularam. Antigas colunas dóricas se apoiavam sobre um cavalo, e cinco delas eram de diferentes épocas e lugares do mundo. Podia dizê-lo por seus tamanhos e texturas. Aparentemente o Sr. Thackeray também tinha interesse por animais exóticos. Quando foram para o centro da sala, Marcus acertou em cheio o peito de um urso polar. Derrubou os dentes amarelados de um puma. Mais animais se encarapitavam nas estantes em todo o armazém. Duas máquinas voadoras estavam, com asas e motores, penduradas no teto. Mina apontou para as sombras, para uma enorme carruagem, branca e dourada.

- Essa foi sempre a minha favorita. Eu costumava fingir ser uma princesa enquanto o Sr. Thackeray e meu pai discutiam qualquer tipo de negócios.

Marcus se inclinou, levantando a tampa de um sarcófago no chão.

Mina continuou.

- Marcus? Você vem?

- Só estava esperando ver se tem alguém que eu conheço.

De repente, um som veio da escuridão... Um gemido baixo, torturado.

Mina ficou gelada.

- Ouviu isso?

- Sim. Ouvi. E não gostei. - Moveu-se silenciosamente passando diante de um barril cheio de ferraduras até chegar ao seu lado.

Ela gritou. - Sr. Thackeray? É o senhor?

Algo voou sobre eles vindo da escuridão, um demônio enorme, com a boca aberta. Marcus pegou Mina e a empurrou para trás dele. Um esqueleto pairou sobre suas cabeças, pedalando em uma bicicleta.

Esqueletos. Cabeças cortadas. Maldição.

O sangue quente derreteu sob sua pele. Eles se olharam.

- Willo-mi-na Lim-pett. - Bramou uma cabeça cortada, no alto da parede. - Seja bem-vinda ao meu fant-as-mago-ricoooooo lugar.

- Espera um minuto. - Mina agarrou seu braço por trás. - Reconheço essa cabeça cortada. É o Sr. Thackeray.

Ela pulou na frente dele, para uma divisória de madeira. Uma lasca suspeita de luz emanava entre os painéis com dobradiças. Marcus a seguiu. Se o Sr. Thackeray era o que falava por uma cabeça cortada, poderia ter que faltar com sua promessa de não bater em ninguém. Mina deslizou silenciosamente atrás de uma caixa formada por grandes espelhos.

- Mina! - Advertiu Marcus.

Mas então os viu. Dois pés calçados sobressaíam, unidos a finos tornozelos, que estavam parcialmente encobertos por curtas meias vermelhas.

- Sr. Thackeray? - Perguntou Mina.

- Alguém poderia ajudar um ancião? - Gritou uma voz.

Marcus apalpou seus bolsos até encontrar seus óculos e rapidamente os deslizou em seu nariz. Passou na frente, e tirou, sim, a um homem de idade avançada de uma caixa acolchoada no chão.

O cabelo do ancião continuava, entretanto uma bandeira grisalha rígida em cima de sua cabeça. O desafortunado efeito da gravidade e muita pomada durante a escovação.

- Você gostou do espetáculo? Comprei todo o estoque de um velho phantasmagorium de Cheshire, e acabo de conseguir que a lanterna mágica funcione. A coisa não vinha com instruções. Infelizmente, tenho que ficar de cabeça para baixo, para que a imagem apareça direito.

- Por favor, permita que o apresente a meu marido, Lorde Alexander.

- Ah, bom Deus. Você se casou. - Thackeray entrecerrou os olhos. - Parabéns. - Deu algumas palmadinhas nas bochechas dela e apertou a mão de Marcus. - Felicidades. Er... O que está mal em seus olhos, jovem?

- Nada sério, só uma... Sensibilidade à luz.

- Oooh . - Seus lábios se esmagaram e pressionou seu dedo indicador contra eles. - Tenho uns óculos especiais que poderiam funcionar melhor que esse. Vem. Venha.

Seguiram o ancião através de pilhas inclinadas de enciclopédias poeirentas. Mina se virou e piscou para Marcus.

- O que está acontecendo? Articulou com a boca, sem som.

Ele deslizou seus óculos para baixo por seu nariz. Respondeu também sem voz.

- Não sei.

Alheio a tudo, o ancião procurava algo.

- Compro um montão de coisas. Muitas coisas interessantes e valiosas. Coisas que as pessoas já não querem. Como o phantasmagorium. Que é tão divertido! Mas os jovens de hoje não ficam

mais impressionados com as invenções antigas. Sempre estão indiferentes, seguindo o brilho das novidades.

Levou-os a um gabinete, as paredes estavam cobertas por caixas e mais caixas. Uma montanha de papéis de todas as formas e cores estava sobre a mesa. Abriu uma gaveta e remexeu.

- Não. Não estão aqui. - Ficando de joelhos, arrastou-se debaixo da mesa. - Ah, aqui estão. Venha cá meu jovem.

Levantou uma caixa de madeira estreita, aberta em ambos os extremos. Aberturas para os olhos foram cortadas na frente, e estavam cobertas por cristal verde e fitas de seda verticais. Ele murmurou.

- Engenhoso. Um invento genial.

Marcus se perguntou se deveria ficar. Recusar. Inclusive fugir. Olhou para Mina, e ela sorriu animada. Pelo visto, ela pensava que era melhor manter o homem contente, e supunha que tinha que confiar nela. O fazia, depois de tudo, desejava agradá-la depois de ter agido de modo tão completamente estúpido na frente de Maskelyne.

A mecha do cabelo grisalho de Thackeray balançou quando subiu nas pontas dos pés e levantou a caixa acima, se esticou... Marcus fechou os olhos e dobrou os joelhos para facilitar a colocação do poeirento artefato em sua cabeça. Rapidamente, tudo se converteu em um suave verde.

- Acredito que se usar esses óculos nas seguintes... Ah... Quatro ou cinco semanas, sua sensibilidade à luz deverá desaparecer. Eu não o tiraria nem sequer para me banhar ou dormir, se estivesse em seu lugar.

Mina cobriu a boca com a mão. Seus olhos brilhavam com... Bem, com algo mais que diversão. Alegria. A tensão de Marcus diminuiu e ele sorriu também.

- Muito obrigada, Sr. Thackeray. - Disse Mina com ternura. Marcus poderia dizer que sentia um verdadeiro afeto por esse homem. Não saberia dizer que estranhos artefatos ela teria sido obrigada a testar no passado.

- Suponho que estará se perguntando por que estamos aqui.

- Bem, não... Na realidade não me perguntava nada. É agradável receber visitas de vez em quando, sem nenhuma razão aparente.

- Realmente temos uma razão. - Sua expressão ficou séria. - Vim para perguntar se tem tido notícias de meu pai.

- Seu... Pai. - Ele arranhou o queixo.

- Sim. - Ela mordeu o lábio inferior. - Perguntava-me se poderia ter vindo aqui tentando vender alguma coisa.

Ele levantou as sobrancelhas.

- Seria difícil, já que está morto, certo?

Uma pesada desilusão caiu no peito de Mina como uma pedra.

- Sim, eu suponho que sim.

O Sr. Thackeray cantarolou uma melodia. Procurou em sua mesa, encontrando um lápis e uma folha de papel. Rabiscou umas palavras. Levantou-as, de modo que ambos pudessem vê-las.

- Sim. Sim. Sim. Vivo e bem. Vendeu coisas. Muitas coisas.

Mina sorriu, movendo-se sobre seus pés. Ela e o Sr. Thackeray jogavam assim desde quando era criança. Ele dizia uma coisa, como pensava que as meninas deveriam ser doces, e logo escrevia instruções silenciosas de onde encontrar um doce. Agora suspeitava que o jogo fosse um método para passar informações burlando qualquer voto secreto que tivesse jurado a seu pai. Ele sorriu para Mina, possivelmente com um ar de culpa.

Desapareceu sob a mesa. Quando se levantou, sustentava uma caixa de madeira, que abriu cerimoniosamente, uma coisa escura, couro curtido, acomodava-se no veludo azul. Mina se inclinou mais perto. A mão de uma múmia.

Do outro lado da mesa, os ombros de Marcus se uniram em uma careta de dor, e esfregou o pulso.

Mina tomou o lápis e rabiscou.

- Onde ele está?

Mais rabiscos.

- Não sei. Londres. Em algum lugar.

- Bem, então, já que não o viu, suponho que deveríamos ir e deixar que possa voltar a pôr em perfeito funcionamento sua demonstração de phantasmagorium.

Voltaram para trás do armazém.

- Voltem logo. - Disse Thackeray, quando chegaram às escadas. - Mostrarei o espetáculo completo.

A porta se fechou.

Marcus a seguiu descendo as escadas.

- Acha que está olhando por uma janela, ou posso tirar essa coisa excêntrica da cabeça?

Mina soltou um suspiro atrás de sua mão enluvada. - Será melhor que cheguemos até o carro. Não quero ferir seus sentimentos.

O condutor o olhou fixamente, com os olhos muito abertos.

- Tudo bem. - Gritou para o homem. - É um invento engenhoso.

Uma vez que subiram no carro, o condutor esporeou os cavalos, e seguiram em marcha. Mina se virou para ele. Levantou a caixa e o olhou fixamente nos olhos. Durante um momento ele pensou que o beijaria, mas... Não o fez.

- Obrigada. - Sussurrou ela.

- Por que agradece?

- Por ser tão doce com ele.

Ele sorriu.

- Não sei você, mas voltarei para ver o espetáculo completo do phantasmagorium. - Seu sorriso desvaneceu. - Se eu durar tanto tempo.

- Por que disse isso? Não perdeu a confiança, não perdeu a esperança.

Mina deu uma tapinha na sua mão. Seus tapinhas o incomodavam. As mães os davam. Também as irmãs e os amigos mais chegados. Os amantes não.

- Vai durar muito tempo. Meu pai está aqui, Marcus, está aqui em Londres com os rolos. Descobriremos tudo o que precisamos saber sobre como renovar a sua imortalidade, e logo conseguiremos curá-lo. Mais certo que a chuva. Só temos que nos mostrar, para que ele possa nos encontrar.

O resto da tarde passaram em West End, no Mayfair, com o triste tio de Mina e com suas primas, que lhes comunicaram que as autoridades desejavam manter o corpo de Lucinda para autópsias adicionais. Considerando que o médico da polícia se inclinava para o resultado final de enfermidade, no interesse da ciência e da saúde pública, Trafford havia concordado.

Devido às circunstâncias, e ao desejo de sua senhora de privacidade, haveria somente um serviço íntimo na capela em memória à condessa, com o apoio da família. Como as moças ainda estavam muito afetadas, Mina ajudou o seu tio a escrever cartas a seus parentes e amigos próximos e longínquos, comunicando a notícia da morte de sua esposa. Trafford também compartilhou seus planos de levar suas filhas para a fazenda em Lancashire durante as três semanas seguintes ao serviço religioso. A cidade, com todo o protocolo em decorrência da morte de sua esposa, era muito para que ele pudesse suportar.

Mina, entretanto, não conseguia afastar a persistente culpa de que foi ela quem levou a miséria sobre a sua família, de que era a culpada pelo recrutamento e morte de Lucinda. Quando a tarde terminou, Marcus e ela voltaram para o Hotel Savoy, onde haviam chegado mais flores e mensagens. Leram-nas rapidamente durante um jantar de frango frio e salada, que fizeram subir da cozinha do hotel.

Mina franziu o cenho aos montões de cartas e envelopes rasgados.

- Aqui não há nada de meu pai.

Marcus fechou o jornal. Não havia nenhuma menção a mais partes de corpos descobertas ao longo do rio Tâmisa.

- Não se preocupe. - Murmurou. - A notícia de nosso casamento saiu no jornal de ontem, e a notícia da morte da Lucinda sairá hoje. Ele verá tudo. Entrará em contato. Que tipo de pai não o faria?

Mina sorriu com esperança.

- Tem razão, certamente. Fiquei muito zangada porque ele me deixou naquela montanha, mas... Só fez o que pensava que deveria fazer para me manter segura. Não acredito que considerasse alguma vez que eles viriam atrás de mim.

- Eu tampouco. - Respondeu Marcus, mas seus pensamentos já estavam no céu escurecendo fora da janela. Seu instinto o obrigava a sair pela cidade, e passar a noite na rua, sondando, procurando o professor, ou examinando todas as coisas ruins que pudesse encontrar. Uma vez que a reforma da casa estivesse concluída, no dia seguinte talvez, poderia deixar Mina sob o amparo de Leeson. Mas por essa noite, sem outras opções mais interessantes para passar seu tempo... Seu relógio interno masculino contava os minutos até que pudesse seduzi-la para ir a sua cama do hotel.

Uma batida soou. Marcus se levantou da mesa e abriu a porta. Um jovem bonito, com uma libré real estava do outro lado.

Marcus se voltou para Mina com um envelope quadrado grande, e um amplo sorriso.

- Entrega do escudeiro real.

- Um escudeiro real, de verdade? - Mina saltou da cadeira para tocar seu braço. - Abra. O que diz?

Marcus abriu o envelope e tirou um grosso cartão de dentro. À medida que lia, um sorriso lento curvou seus lábios.

- O que diz?

Entre dois dedos, girou o cartão para ela.

Seus olhos rapidamente procuraram através do Escudo Real... Ascot[5]... Admissão para o visconde e a viscondessa Alexander.

[5] Cidade onde se localiza a famosa pista inglesa de corrida de cavalo Ascot Racecourse, sendo a Ascot Gold Cup a prova mais importante realizada durante a festa do Royal Ascot.

CAPÍTULO 15

Seus olhos se arregalaram.

- O príncipe de Gales nos convidou para Ascot?

- Não só para Ascot, querida. - Murmurou ele. - Para o camarote real.

Seu rosto se iluminou.

- Conhece o príncipe?

Ele encolheu de ombros.

- Suponho que sim.

- Supõe. - Apertou-lhe o braço.

- É aceitável eu comparecer? Agora estou de duplo luto. Por meu pai, e por Lucinda.

- Eu também. Sou seu marido. Mas as pessoas vão a Ascot de luto. Basta não fazer um espetáculo de si mesmo, querida. - Sorriu.

Ela mordeu o lábio.

- Se você tem certeza. Eu gostaria de ir.

- Não podemos nos fazer mais visíveis que no camarote Real de Ascot. Certamente seremos mencionados nos jornais.

- Tem razão. - Ela tocou o cabelo com as pontas dos dedos. - Mas tenho que conseguir um chapéu bem bonito.

- Comprarei o que você quiser. - Prometeu com voz rouca.

- Amanhã vou às compras. E na realidade... Enviarei uma nota a Astrid e a Evangeline, para convidá-las para ir comigo.

Marcus fez uma careta.

- Por que, quando elas foram tão horríveis com você?

- Elas não são horríveis. São somente muito mimadas. Necessitam roupas de luto antes de partirem para Lancashire. Sou a prima casada e parente do sexo feminino mais próxima. É justo que atente e me ocupe desses detalhes.

- Você é muito gentil. - Ele chegou mais perto e deslizou suas mãos ao longo dos braços dela. - Mas isso é o que a faz tão especial. Isso a faz tão condenadamente bonita.

- Me alegro que pense que sou bonita. - Suas bochechas se iluminaram. Hesitou um pouco. Finalmente, aproximou-se da mesa onde pegou seu livro. - Acho que vou ler um pouco.

Ler? Marcus franziu o cenho, atônito. Quem queria ler quando havia uma cama?

Abrindo o livro, ela disse.

- Marcus, odeio dizer isto.

- O que?

Ela virou o livro para ele.

- Acho que no hotel tem ratos. Comeram a metade das páginas do meu livro.

Ah, maldição. Selene esteve ali farejando. Estavam com sorte por ela só ter decidido se alimentar devido ao seu fetiche por palavras.

Com um passo chegou até ela.

- Falarei com D'Oyly Carte.

- Já que seu livro está arruinado... - Ele acariciou sua bochecha, e logo abaixou a cabeça.

Ela exalou e... Desviou o rosto.

- Mina...

Havia sentido sua relutância. Ele sabia que algo estava errado. Ela negou, e retrocedeu ante ele, até que seus ombros tocaram a parede.

- Não faça isso, Marcus. Não se sentir algum carinho por mim. - Sorriu, mas em seus olhos havia lágrimas.

- Por quê? - A decepção saiu por seus lábios.

- Porque estou muito perto de me apaixonar por você. - Ela sustentou seu polegar e indicador espaçados um centímetro. - Muito perto, você vê? Não digo que ontem à noite foi um erro. Não foi. Tudo foi lindo. Um sonho. Mas não faça eu me apaixonar por você. Doerá muito, muito profundamente quando partir. E me deixará de uma ou outra forma. Se eu o amar... Não acredito que poderei sobreviver. - Marcus ficou de pé rígido entorpecido por suas palavras.

- Boa noite, Marcus.

Ele assentiu. Ela desapareceu no quarto. Ele ficou de pé no centro do tapete e escutou. Torturou-se com o som de seu vestido e roupa intima, com o roce de sua pele contra os lençóis. Finalmente ela ficou em silêncio e quieta.

Marcus cruzou o quarto e abriu a porta da varanda. Ele foi até a borda e agarrou a barra de ferro. Ar, Deus necessitava de ar. As cortinas se moveram para ambos os lados, voando brandamente com o vento. O desejo o comia por dentro, um desejo imensamente mais complexo e aterrador pela necessidade simples de estar perto dela. Dessa mulher. Mina Limpett. Tinha-lhe roubado até a última gota de sua determinação respeitar o seu pedido. Manter-se afastado.

A Agulha de Cleópatra foi construída às margens do rio Tâmisa, a poucos metros. Não podia explicar por que, mas sempre se sentia mais forte perto do objeto, embora o obelisco, um dos trios dessas agulhas, mantinha muito pouca ligação com sua mãe. Feito de granito vermelho tinha uns vinte metros de altura, e haviam existido séculos antes que a rainha egípcia caminhasse sobre a terra. Ela pediu, entretanto, que os retirassem da cidade de Heliópolis, e os transladassem para o Caesareum em Alexandria, um templo que tinha sido construído em honra ao seu pai, Marco Antonio. Alguns séculos mais tarde, a política e os novos poderes mundiais o haviam trazido para Londres. Os outros dois estavam localizados em Paris e em Nova Iorque.

- Alexander.

Ele olhou para a varanda de cima. Seu cabelo comprido e escuro ondulava ao vento.

- Olá Selene.

- O que recebeu do escudeiro real?

- Um convite para Ascot. Para o camarote Real.

Uma maldição desagradável chegou até ele. Marcus riu entre dentes.

- Estive tentando conseguir um convite como esse... Bem, durante o último século. - Queixou-se ela.

- Sinto muito. Talvez no próximo ano.

O silêncio se prolongou.

- Não precisava se casar com a garota para chegar a esses pergaminhos.

- Eu sei disso.

- Ela sabe?

- Que sou um Amaranthine[6]? Sim.

Outro longo silêncio.

- Quer que vá até aí? - Perguntou Marcus.

- Cale a boca. Nem sequer vim pra ver você. Só quis dar uma olhada.

- Eu a amo, Selene.

Uma gota de umidade caiu em sua mão, vindo de acima.

****

Na manhã seguinte, Mina se movimentava no quarto, totalmente vestida. Marcus estava na saleta, deitado atravessado no divã. Só vê-lo, despenteado, sem camisa, com sua calça meio desabotoada, fazia sua boca secar.

- Não tinha por que dormir aqui fora. - Criticou brandamente.

- Sim, tinha. - Ele esfregou o pescoço.

- Está com o pescoço dolorido?

- Meu pescoço não é a única parte dolorida. - Seus olhos ardiam por ela.

Mina ruborizou. Ela mesma dormiu desassossegada.

- Eu não gosto de dormir sem você. - Grunhiu ele.

Ela sorriu. Não muito amplamente, entretanto, porque não queria provocar ou encorajá-lo.

- Quando dormimos juntos por mais de meia hora?

[6] Eternamente indestrutível e belo; imortal.

Ele esfregou os olhos com a palma da mão.

- Diga que não tenho que fazer isso outra vez.

- Só disse que não tinha porque dormir no divã.

- Sabe muito bem o que eu quis dizer. - Uma vez mais, dois fachos de luz azul queimaram seu corpo através de sua roupa. Ela sabia exatamente o que ele queria dizer, mas não queria falar sobre isso.

- As meninas chegarão logo. - Disse ela rapidamente. - Enviei uma nota oferecendo uma carruagem para apanhá-las, mas acredito que queriam ver o hotel e nosso quarto.

Marcus ficou de pé.

- Vou me vestir.

- Não tem por que vir conosco. Só iremos à loja da costureira em Tavistock Street. Pode ir ajudar Leeson com a reforma da casa.

- Não quero que vá sozinha. Não quero que vá a nenhuma parte sozinha, até que tudo isto com seu pai e os pergaminhos, e... e... - Ele fez gestos com a mão.

- E as forças escuras.

Ele concordou.

- Sim, até que tudo isso tenha terminado.

Ele se vestiu e barbeou. Quando saiu do quarto de banho, bateram na porta. Mina atendeu.

Astrid entrou primeiro, vestida dos pés a cabeça de preto, seguida por Evangeline com um traje similar. Seus rostos brilhavam de emoção, mas Mina percebeu a vermelhidão em seus olhos, e sombras escuras em baixo.

- Oh, Willomina, sabe quem nós vimos no vestíbulo lá embaixo? - Disse Astrid animada.

Evangeline exclamou.

- A divina Sarah. A atriz, Sarah Bernhardt. O Sr. D'Oyly Carte nos apresentou. Veio examinar uma suíte.

Astrid riu.

- Dizem que costumava dormir em um caixão, assim entenderia melhor a tragédia para interpretar em seus papéis. Pode imaginar a morbidade de despertar em um caixão?

Evangeline falou suficientemente alto, para que qualquer pessoa a três quadras ao redor da cidade a ouvisse.

- Também dizem que é amante do Príncipe do Gales. Acha que é verdade?

- É uma mulher muito bonita. - Afirmou Astrid.

- Suponho que seja. Para alguém de sua idade.

- Meninas. - Interrompeu Mina, sentindo-se cinquenta anos mais velha que qualquer uma delas, quando na realidade a diferença era de poucos anos.

Seus olhos voaram para Marcus. Ambas ruborizaram.

Astrid murmurou.

- Minhas desculpas, sua senhoria. É só que o hotel é tão bonito, e estivemos confinadas em casa por muitos dias.

- Só um dia. - Sussurrou Evangeline.

- Bem, parece que foram muitos.

Mina mostrou os dois ambientes para as primas. Marcus permaneceu na saleta, de pé e silencioso, com as mãos nos bolsos. Depois, todos desceram. O transporte dos Trafford os levou na breve distancia entre o Savoy e a loja da costureira.

Atrás de uma área de grandes vitrines, uma sala de recepção elegante esperava arrumada com ricos tapetes azuis e cortinas douradas. Mesas de mogno mostravam todo tipo de tecidos, adornos e acessórios. Outros clientes, em sua maioria mulheres, enchiam o espaço. Os assistentes e as funcionárias da loja estavam com elas. Em alguns instantes, apareceu a proprietária procedente das salas de trás, com uma fita métrica sobre os ombros. Levou-as atrás de uma tela para olhar duas mesas cheias de apetrechos de luto, fora de olhares curiosos. Em uma mesa havia bolsas, xales, luvas e véus, e na outra, peças de tecido de seda e diversas bombazines[7] e todo tipo de adornos aceitáveis.

- Venha prima Willomina. - Astrid apertou sua mão e a puxou. - Me dê sua opinião para cada coisa de luto que escolhi. Minha primeira temporada pode estar arruinada, mas, quem disse que até o verão não posso terminar com uma proposta? Depois de tudo, o preto funcionou bem para você.

- Compre algumas coisas. - Marcus ficou atrás dela, alto e protetor. Ela saboreou o timbre profundo de sua voz. - Alguns vestidos. Algo fino para Ascot. - Ele agitou os dedos para a mesa. - Eu gosto desse tecido preto que tem algum reflexo roxo.

A costureira sorriu.

- Uma escolha perfeita. Nossa mais fina seda Paduasoy[8].

[7] Tecido fino de seda e de lã ou algodão, muitas vezes tingido de preto e usado para roupas de luto.

[8] Uma variante do cetim.

Com elegância, ela levantou o tecido, e desdobrou a seda para que Mina a examinasse. Ao mesmo tempo apresentou um livro encadernado com figurinos, enquanto que uma ajudante oferecia um livro similar para que as moças o olhassem. Com Marcus grunhindo sobre seu ombro e fazendo gestos para os desenhos, Mina selecionou três.

- Tenho que tirar as medidas.

- Esperarei bem aqui. - Em sua testa estava escrito claramente que Marcus odiava totalmente estar na loja. Mas como um mastim impaciente, instalou-se na poltrona.

No provador, Mina permitiu que a criada a ajudasse a tirar o vestido.

- Espere só por um momento, minha senhora, a costureira já vem. - Disse a ajudante, pendurando seu vestido e o xale em um cabide.

- Obrigada.

Mina ficou de pé com a roupa intima. Com nada que fazer com seu tempo contemplou-se no espelho. O que ele teria visto nela? Tocou nos cabelo.

Seu perfume encheu suas narinas, especiarias exóticas e pele masculina. Um fôlego quente roçou sua bochecha.

Estava imaginando coisas. Mas... Marcus já havia se tornado invisível na cripta.

Um muro de calor a abraçou por atrás. Mina ofegou. Suas mãos subiram, procurando, mas não tocando nada mais que sua própria pele.

- Marcus? - Sussurrou ela.

- Sim...

Sua voz respondeu dentro da cabeça da Mina. Sua roupa macia foi esmagada contra sua pele enquanto mãos invisíveis e dedos percorriam seus braços, seus ombros. Uma cálida boca se apertou contra seu pescoço.

Ela fechou os olhos. Delicioso. Cada um de seus toques era delicado.

- Marcus, por favor... - Sussurrou ela.

- Por favor, o quê?

A pressão ondulou sobre seus quadris... Cintura... Sobre seu espartilho. Sensual e eletrizante. Uma mão se fechou sobre seu seio. Outra levantou sua combinação e acariciou sua coxa.

Mina olhou o espelho, e não viu nada mais que uma jovem mulher acalorada em roupa íntima, desalinhada e com seios fartos esmagados.

Ela lambeu os lábios. Que maravilhoso! Que erótico. Que ardiloso por parte de Marcus usar esse talento contra ela.

- Por favor, pare.

Repentinamente, ele a soltou. Sua combinação voltou para o lugar. Mina balançou.

A costureira parou ao entrar.

- Senhora? - A mulher se apressou em segurá-la. - Encontra-se doente?

- Não...

- Suas bochechas estão ruborizadas e parece fraca. - Ela insistiu para sua ajudante trazer um copo de água.

Ah, mas estava doente. Doente por mais de Marcus.

- Quando estiver preparada, Mina. Quando estiver preparada, você vira até mim.

Dois dias depois, Mina entrou na sombra de Marcus no meio da enorme multidão. O céu se estendia sobre eles, um dossel interminável de azul. O tempo estava precioso, quente sem fazer calor. Circularam ao longo do Recinto Real, tendo sido escoltados por Lorde Coventry, o professor de Royal Buckhounds, em pessoa. A bancada se alongava sobre a multidão adornada com flores e vegetação. Os espectadores lotavam as janelas e telhados. Bandeiras de todas as cores batiam ao vento.

- Minha mãe costumava falar sobre assistir a Ascot, mas nunca imaginei algo tão impressionante como isto.

Conseguiram conviver amavelmente durante dois dias. Mina permanecia com a mesma decisão de manter o casamento fora do dormitório, e Marcus não a pressionou, mas havia um calafrio de tensão sensual que eletrizava o ar entre eles.

- Realmente é empolgante, não é? - Aproximou-a do seu lado, protegendo-a dos empurrões da multidão. - Fizeram melhorias recentemente, para ampliar o Recinto Real, embora não saberia identificar, pois essa aglomeração é descomedida.

Mina vislumbrou algumas valas brancas, e mais à frente, a grama verde brilhante.

- Há tanta gente, como alguém pode ver a corrida ou os cavalos?

Ele sorriu.

- A maioria não vem aqui para assistir a corrida.

Vários senhores gritavam saudações para Marcus. Certamente estava imaginando coisas, mas parecia um eco ao seu redor, muitos sussurros e murmúrios.

- Você é o grande destaque. - A cabeça de Marcus desceu, com os lábios perto de seus ouvidos. - Todos comentam sobre você, querida.

Mina tirou o chapéu, sentindo-se como uma mancha de tinta perdida em um extenso tecido de linho branco. Ao seu redor, as damas levavam criações diáfanas em sedas, chiffons e rendas em cores vibrantes de verão. Marcus havia pagado taxas adicionais para garantir a entrega apropriada de seus novos vestidos e chapéus, e ela escolheu o melhor para usar hoje. Sentia-se contente pelo ajuste perfeito em seu corpo, e a estreiteza de suas mangas, mas quanto aos enfeites, só havia uma larga fila de botões, que corria do centro de seu peito e um pouco de cetim se vincava em seus punhos e bainha.

Supunha-se que estava tão elegante como poderia em sua vestimenta de luto. O melhor de tudo era que levava um emblema que a proclamava como Viscondessa Alexander. Não sentia nenhum orgulho de ostentar sua condição de casada, mas sabia que sempre recordaria esse dia. Possivelmente anos depois tiraria o emblema de uma caixa especial de tesouros e daria de presente como lembrança a uma neta.

O pensamento causou uma pequena dor no peito, porque Marcus, é claro, seria a peça central de qualquer lembrança. Mina mantinha em segredo o coração inflamado de orgulho por ele. Não apenas era bonito e ousado, mas também inteligente, e completamente capaz de fazer... Bem... Tudo. Sim, ele fazia tudo com perfeição. Censurou-se por essa admiração entusiasta, sabendo que tais sentimentos só agravariam sua dor quando inevitavelmente se separassem. Simplesmente desfrutaria desse dia e o lembraria com muito carinho quando Marcus fosse embora.

As vozes se elevaram ao seu redor, e uma onda de excitação percorreu a multidão. Quase todos se viraram em uníssono em direção a New Mille.

- É a comitiva real. - Marcus a levou para a cerca, onde encontraram espaço suficiente para uma pessoa. Com uma mão em suas costas, colocou-a diante dele. Ele ficou muito perto dela, com suas pernas esmagando suas saias. Ela resistiu à tentação de apoiar-se contra ele.

Em meio aos aplausos da multidão, uma carruagem aberta seguia rodando com o príncipe barbudo e sorridente Albert Edward, e junto a ele, a princesa Alexandra, elegante e serena. Mais quatro carruagem seguiam, cheias de personagens elegantes. A comitiva continuou até o centro do hipódromo.

Com eles fora de vista, a multidão se movia, embora só ligeiramente. Marcus a guiou até o centro da plataforma. Na base de um estreito túnel da escada, um funcionário comprovou os nomes deles em uma lista, e com um sorriso cortês, convidou-os a subir. Quase desmaiou com a cena que se deparou. Em meio a pessoas conhecidas da nobreza, também havia políticos, artistas e atrizes. Uma mesa com comida ocupava a parede traseira, coberta de salmão defumado, queijos e frutas. Uma fonte de prata, rodeada de reluzentes cristais, lançava rios de champanha. Uma rosto conhecido apareceu entre a multidão, a Sra. Avermarle, a mulher da loja de papelaria.

- Sra. Alexander. - A Sra. Avermarle estendeu a mão. Seus amigos a seguiam de perto, com os olhos cheios de interesse. O mesmo sorriso simpático estava em todos os lábios. - Como está seu querido tio? Desconsolado, tenho certeza. Estamos simplesmente atordoados com a notícia da morte da Sra. Trafford. Venha, vamos, tem que me contar tudo.

Capítulo 16

Marcus sustentou seu olhar.

Edward sorriu.

- Sua Majestade envia saudações. Bem. - ele riu. - Sua admoestação. Ela está mal humorada, incapaz de encontrar a esse outro Guarda, Lorde Black.

- Já entendi. - Respondeu Marcus. Hesitou em informar ao príncipe de seu estado atual de banimento da Guarda das Sombras. Imaginou que tal confissão seria a via mais rápida de mandá-los a ele e a sua bonita e nova esposa escada abaixo, e inferno, provavelmente escoltado para fora do país. - Vou transmitir a mensagem a sua Senhoria.

Provavelmente quando Archer chegasse para matá-lo.

Archer sempre foi o favorito de Vitória. A envelhecida rainha continuava recusando a se comunicar com qualquer outro Guarda. Foi ela que insistiu para que Archer substituísse a Marcus na busca do Estripador.

- Como bem sabe, a monarca está ficando... Mais velha. - Eduardo sussurrou a palavra, como se inclusive ali, tão longe de Bamoral, Vitória pudesse ouvi-los. - Cada vez mais os assuntos da Coroa estão caindo sobre mim. - Ele inclinou a cabeça em um ângulo descuidado. - Após o negócio sórdido do último outono, estamos bastante preocupados com essas partes decepadas de corpos femininos que foram recuperados ao longo do Tâmisa. - Seus olhos se elevaram para Marcus. - Não haverá mais, ou sim?

Marcus evitou qualquer resposta direta.

- A Guarda trabalha agora para assegurar-se disso.

Eduardo assentiu e acenou com a mão saudando a multidão que estava abaixo.

- Não queremos a outro desses bro-bro, por Deus, como chama a essas desagradáveis criaturas?

- Brotoi[9].

O príncipe encolheu os ombros.

- Muito perto de Bertie para meu gosto. Não queremos a outro brotoi por aí a solta, causando uma nova onda de pânico.

Marcus cruzou os braços sobre o peito. Verdade seja dita, ele não sabia se havia ainda algum brotoi a solta.

- Entendo sua preocupação.

O príncipe tamborilou as pontas dos dedos contra o corrimão.

- Agora mesmo, estamos autorizando ao comissário para que finalize a causa da morte de Lady Trafforf como devido à enfermidade.

As sobrancelhas de Marcus se elevaram.

- Estou certo que o Conselho Primitivo estará de acordo com essa decisão.

O príncipe lhe deu um tapinha no ombro.

[9] Seres cruéis que sofreram deterioração moral e mental querem governar o mundo com seu mestre Tântalos.

- Estou condenadamente satisfeito de tratar contigo esse assunto. Não me oponho em ter um pouco de sangue novo, e mudar as fileiras atuais.

O príncipe seria de fato um contato valioso no futuro. Só então, os olhos de Edward se fixaram em algo que estava do outro lado da sala. Marcus olhou por cima de seu ombro para perceber que a atenção do príncipe estava concentrada em... Mina, no centro da sociedade da inquisição.

- A jovem de preto. - Murmurou Eduardo. - É sua nova viscondessa, não é assim?

O orgulho se expandiu através do peito de Marcus.

- Casamo-nos na semana passada.

Sua Graça assentiu. Lentamente suas sobrancelhas se levantaram.

- Você... Er... Viaja muito, não é assim?

- Não. - Marcus franziu o cenho ante o notório mulherengo e estreitou os olhos. - Quase nada, não mais.

O príncipe pegou no ombro de Marcus e acompanhou-o em direção às senhoras.

- Gostaria de uma taça de champanhe?

Naquela tarde, após as corridas e todas as festividades associadas terminasse, uma carruagem alugada levou Marcus e a Mina para Londres. Ela adormeceu em seu ombro, exausta pelas atividades do dia. Um buraco no caminho despertou-a com uma sacudida e ela levantou os olhos. Havia uma tensão evidente nos músculos das têmporas e na mandíbula de Marcus.

- Não se sente bem.

- Não.

- Ouve vozes?

- Só uma.

- O que posso fazer? - Murmurou ela.

- Nada, Mina. Não há nada que possa fazer.

Marcus estendeu a mão e agarrou a corda da campainha para fazer um sinal ao condutor. Através do tubo de comunicação, deu ao chofer uma direção que não era familiar a Mina. No momento em que atravessaram Mayfair, a noite escurecia o céu. A carruagem virou em uma avenida curta, alinhada com umas casas imensas. Pilhas aglomeradas de vigas de madeira e lixo se juntavam no pavimento, como se cada casa estivesse sendo reformada. Eventualmente pararam em frente a maior. Havia luz que escapava das janelas frontais.

- Onde estamos? - Perguntou a Marcus enquanto ele a ajudava a descer as escadas.

- Em meu lar. - Deixou-a na calçada pavimentada. - Pelo menos durante a noite.

Seu desconforto foi intensificado, como evidenciavam suas bochechas abatidas e as sombras sob os olhos.

O senhor Leeson, a quem ela não tinha visto desde a véspera de sua partida de Londres, desceu as escadas frontais.

- Estão aqui. Por que não mandou uma mensagem? Não estava esperando.

- Mostre a casa a Mina. - Disse ele asperamente. - E veja se tem tudo o que possa necessitar.

A compreensão apareceu nas feições do homem mais velho.

- Oh, senhor. Sim, é claro.

Marcus se afastou pela grama.

- Aonde vai? - Mina o seguiu, trotando a seu lado para manter seu ritmo. Suas anáguas e sua saia formaram redemoinhos entre suas pernas.

- Dar um passeio.

- Vou com você. Ela o alcançou para lhe tocar o braço.

- Não, não pode.

Ela plantou as solas de seus sapatos na grama, tomou a sua frente e se interpôs no seu caminho.

- Não quero que fique sozinho.

Ele parou, agarrando-a pelos ombros com força suficiente para lhe fazer estremecer.

- Mas estou sozinho nisto. Não importa quanto queira que as coisas sejam diferentes, tenho que fazer isto sozinho. Você tinha razão quando disse que nós éramos muito diferentes, Mina. Eu nunca deveria ter envolvido você nisso. Não da maneira que eu fiz. É que só pensei, com toda minha arrogância, que eu poderia fazer que funcionasse. Por enquanto, eu só quero que esteja a salvo. Quero que entre na casa com Leeson e fique lá até que isso tudo tenha terminado. Ele a protegerá.

- Por que está falando assim, Marcus? - Mina piscou para espantar as lágrimas. - Como se estivéssemos nos despedindo. O que é diferente agora?

Marcus pressionou seu punho contra um lado da cabeça.

- Eu posso escutá-la, cada vez mais alto e mais furiosa que nunca. Posso sentir seu cheiro rançoso em meu nariz.

Suas palavras lhe fizeram mal, torturaram-na. Estava ferido, e ela queria estar com ele.

- Não me despedirei assim de você. Não vou entrar naquela casa, e eu não vou ficar lá, não depois de tudo o que nós vivemos...

Ele se equilibrou, tomando seu rosto entre as mãos, e beijando-a. Suspensa, com os dedos de seus pés apenas tocando a grama. Mina sentiu a intensidade de suas emoções e sua adoração através de seus lábios, de sua garganta e de seu peito. Com um gemido, separou-se dele.

- Fique. - Ele recuou, fazendo um gesto com a palma da mão.

- Marcus... - Seguiu-o.

- Maldição, Mina. - Gritou. - Eu disse que entrasse na casa.

O rugido de suas palavras a horrorizaram, tirando o ar de seus pulmões. Aflita e pálida, ficou em seu lugar, paralisada, enquanto ele se retirava, desvanecendo-se ao dobrar o canto da casa.

- Mais vale que faça o que ele diz minha filha. Consolou-a uma suave voz. Lesson estava a alguns passos atrás dela.

- Foi embora? Para sempre?

- Certamente que não. Não se preocupe.

Suas palavras não a tranquilizaram. Marcus teria perdido a esperança? Intumescida, seguiu o senhor Leeson pelas escadas e dentro da casa. Inclusive naquela hora tardia, os carpinteiros serravam e martelavam. Cortavam molduras de madeira e as fixavam no lugar. Os pintores cobriam as paredes com uma suave demão de pintura branca. Leeson a levou de sala em sala, falando sobre seleção do papel de parede e seleção de tapetes, e de como a casa era uma página em branco, e que ela poderia fazer as mudanças que quisesse. A estrutura inteira foi equipada com iluminação a gás, assim em cada

compartimento ele girava as válvulas, como se quisesse provar que funcionava. Mas sem importar quão corajosamente tentava distraí-la, ela não poderia se importar menos com a casa. Mina apenas conseguia pensar em Marcus.

Leeson insistiu com ela nas escadas centrais.

- Uma vez que tudo esteja bem no mundo outra vez, e que sua mente possa transformar-se em pensamentos satisfatórios, podemos atravessar a cidade até os armazéns de sua senhoria e fazer as aquisições que quiser.

- Tem armazéns?

Seu bigode se inclinou com um sorriso.

- Tem três, cheios com móveis, peças de arte e qualquer coisa deliciosa que possa imaginar. Vasos. Esculturas. Urnas. Velhas e novas. É quase como se tivesse esperando todo este tempo para...

- Esperando para que? - Murmurou Mina.

- Para ter um lar.

As lágrimas se amontoaram nos olhos de Mina. Surgiram nos olhos do senhor Leeson também.

- Oh, querida. Olhe para nós. - Ela gemeu. Ele pegou dois lenços de seu bolso e entregou um a Mina.

- Obrigada. - Ela fungou, fechando os olhos.

Ele limpou o rosto, inclusive levantando o tapa-olho para limpar debaixo.

- Não foi nada, querida.

- É só que não sei como ajudá-lo.

- Tudo vai ficar bem. Você vai ver. Ele é forte.

Mina parou na metade do terceiro andar.

- A casa é encantadora, mas não quero ver mais nada essa noite. Acredito que somente quero ficar sozinha por enquanto. - Havia muitas portas ao longo do corredor. - Há algum lugar onde eu possa descansar um pouco?

- É claro. Por aqui, me acompanhe. - O senhor Leeson a guiou pelo corredor. Havia marcas de linhas horizontais, como evidência dos novos condutores de gás. - É lógico, cobriremos essa desordem com papel de parede, quando estiver preparada para escolher.

Girou a maçaneta e empurrou a porta.

- Deus do céu. - Mina ficou sem fôlego.

Embora o resto da casa pudesse estar incompleto com respeito ao mobiliário e à decoração, o quarto principal foi concluído com perfeição. Os painéis de madeira reluziam. Cortinas de cor azul marinho penduravam nas janelas, e um sólido mobiliário ocupava cada parte do quarto, perfeitamente colocado. O ar cheirava a madeira e a cera para móveis.

- É livre para mudar qualquer coisa que não goste. - Disse ele.

- É perfeito. Não poderia mudar nada. É muito talentoso, senhor Leeson. Espero que alguém o diga pelo menos uma centena de vezes ao dia.

O diminuto homem sorriu orgulhoso.

- Vamos trazer seu baú do Savoy, então?

- Sim, obrigada.

- Vou despachar um transporte agora mesmo. Avisarei assim que retorne.

Quando ele se foi, Mina tirou o chapéu e seu crachá de Ascot e entrou no quarto de vestir. Umas quantas caixas se alinhavam nas estantes. Caixas verdes, do mesmo tipo que se usavam na loja da costureira onde compraram seu vestido de luto. Desfazendo um laço, levantou a tampa da primeira caixa. E logo depois da segunda. E da terceira. Todos eram vestidos. Formosos vestidos, cada um de uma vibrante cor diferente. Azul, vermelho e verde. Na caixa final descobriu uma profusão de vaporosa roupa íntima e um cartão.

Com devoção. M.

Marcus. Apertando o cartão contra seu peito, cruzou o quarto até a janela, e olhou atentamente ao escurecido jardim. Devoção. Oferecia-lhe devoção, inclusive quando ela o manteve a distancia.

Algo deslizou pelo dedo de seu pé.

Mina piscou. Deslizou? Não conseguia pensar em nada que pudesse deslizar dentro das paredes de um quarto.

Ela procurou no tapete. As cores escuras e o padrão de folhas entrelaçadas e flores quase ocultavam a estreita cauda preta enquanto desaparecia sob a poltrona. Mina soltou um suspiro.

Seu pulsou acelerou. Uma serpente. Tinha visto serpentes antes, quase sempre na Índia. Uma inclusive a surpreendeu em seu saco de dormir uma noite. Poderia solicitar a ajuda de Leeson, mas certamente na breve ausência a serpente poderia desaparecer e não conseguiria encontrar à criatura de novo.

Como poderia descansar nessa casa, sabendo que uma serpente, provavelmente uma serpente venenosa, estava solta. De onde viria? Com o coração pulsando fortemente, inclinou-se pela cintura e tirou o sapato. Com os músculos carregados de tensão, envolveu os dedos na ponta do sapato para assim poder utilizar o forte e bicudo salto como porrete.

Avançando para a cadeira, ajoelhou-se e olhou debaixo. A serpente, escura e brilhante, uma áspide, acreditava ela, saiu do lado oposto em direção à cama. Ela saltou e ficando de pé, perseguiu a serpente, levantando seu braço...

- Não, não, nãooo.

Uma voz de mulher. Uma mão agarrou seu pulso, hesitou enquanto puxava seu braço. Um redemoinho de saias negras apagou a visão do objetivo de Mina. Mina escapuliu, com a parte traseira de suas pernas batendo contra a cama. Ela piscou, e arregalou os olhos.

Alta como um homem, e de pé tão orgulhosa como uma rainha, uma mulher estava olhando pra ela. Cabelo escuro, tão brilhante e espesso como vison, caía sobre seus ombros, até sua cintura. Presilhas de marfim sujeitavam seu pesado coque em sua nuca. Usava um vestido da cor canela, feito de rica e pesada seda. Uma granada do tamanho de uma cereja brilhava em seu dedo.

- De onde saiu? Perguntou Mina.

- O que tentava fazer com esse pequeno sapato? - Seus olhos negros refletiam desagrado.

Mina abaixou o sapato, respirando fortemente.

- Bem... Há uma serpente, e está na minha penteadeira. Eu ia esmagá-la. Quem é você?

- Sou Selene. A Condessa Pavlenco. E a serpente é uma fêmea. - Sorveu com o nariz.

Mina pressionou seu peito com uma mão.

- Deve ter escapado de algum jeito, com toda essa confusão.

Só chegava ao nariz da condessa.

- É a irmã de Marcus.

- Bem, é claro que eu sou. - Respondeu com ar de superioridade. Com largas pernadas, apressou-se para a serpente e a recolheu. Sussurrou. - Tudo está bem, senhora Hazelgreaves. Essa pequena malvada não lhe fará mal.

Pequena? Certamente o era, comparada com essa amazona.

- Senhora Hazelgreaves?

Uma sobrancelha escura se levantou.

- Chamada assim por uma amiga.

- A senhora Hazelgreaves é uma áspide. - Mina acusou. - As áspides são venenosas. Está tentando me matar?

- Nãooo. - Selene colocou a serpente em uma bolsa de veludo que tinha atada à cintura. - Só queria alguns gritos e saltos ao redor. Isso é tudo, juro-lhe. - Seus lábios desenharam um amplo sorriso. - Apenas uma boa diversão.

Mina não lhe devolveu o sorriso.

- Desculpa se minha reação a decepcionou. O que faz em meu quarto?

O sorriso evaporou.

- Estou aqui porque ainda não lhe contei.

- Contou o que?

- Quem é ele.

- É Marcus. - Mina endireitou os ombros. - E isso é tudo o que me importa.

- Essa é uma resposta perfeitamente encantadora. - Selene apertou com uma mão de dedos largos e bem cuidados, o seu peito. - Embora você esteja curiosa. Sei que está muito.

A Guardiã das Sombras se deslocou lentamente para o assento perto da janela. Sentou-se e se reclinou contra as almofadas. Camadas de anáguas de renda formaram redemoinhos contra seus tornozelos decididamente femininos e seus lustrosos sapatos pretos. O pesado tecido chiou com seu movimento.

- O verdadeiro nome de Marcus é...

- Não, não me diga nada...

- Alexander Marcus Hélio.

Mina cruzou os braços sobre seu peito e exalou.

- Será melhor você sair.

A condessa somente sorriu e se afundou mais profundamente entre as almofadas.

- Não reconhece o nome, verdade?

Mina titubeou.

- Deveria?

- Cleópatra e Marco Antônio foram nossos pais. - Ela voltou seu queixo contra o ombro.

- Acha-o parecido com algum de nossos pais? Com as representações mais amáveis, é claro. Marcus se parece muito com nosso pai.

Mina engoliu sua incredulidade. Se as revelações de Selene eram certas, isso diria que Marcus tem dezenove séculos de idade.

De todas as maneiras, negou. Simplesmente não estava certo.

- Por favor, pode parar. Acredito que devo escutar tudo isto dele. Quando estiver preparado para confiar.

- Nunca estará preparado. - Selene examinou sua unha.

- Isso ele deve decidir.

- Conhece a história, e sim, estávamos lá. Nossa mãe considerou uma honra que nós fôssemos testemunhas de seu suicídio.

A revelação de Selene a deixou sem ar nos pulmões, e sem palavras em seus lábios.

- Isso... É terrível.

Selene encolheu de ombros. Suas saias de seda refletiam o quente resplendor da iluminação a gás.

- Intriga. Traição. Assassinato político. Eventos assim era a pedra angular de nossa família, se é que se pode dizer assim ao que temos.

Embora a condessa adotasse uma aparente indiferente, seus olhos brilhavam tão negros e duros como o ônix.

- Tínhamos dez anos. Não éramos ainda Amaranthines. Ela tinha o poder, pode acreditar. Poderia haver-se feito imortal. Enquanto Otaviano e seu exército avançavam para Alexandria, o Conselho Primitivo lhe concedeu o poder para fazê-lo. Mas uma vez que se inteirou da morte de Antônio... Ela perdeu a razão. Delirou e gritou. Fez a Marcus e a mim imortais no seu lugar.

- Para salvá-los de Otaviano?

Ela revirou os olhos.

– Certamente não. Íamos ser suas armas, seu cavalo de Tróia depois de sua morte, se você quiser assim. Fez-nos prometer que levaríamos a cabo sua vingança contra Otaviano.

Ela se moveu e ajustou a bolsa de veludo de sua cintura.

- O que aconteceu depois?

Certa quantidade de culpabilidade acompanhou essa pergunta. Não deveria perguntar nada, não deveria ser curiosa. Não com Selene fazendo todas essas revelações.

Selene olhou pelo quarto.

- Tem algum livro?

- Não nessa casa. Sinto muito.

Seu aquilino nariz enrugou com irritação.

- Bem então... Para entender, tem que saber que quando é concedida imortalidade às crianças, elas devem maturar sua idade ao máximo rendimento, até a idade onde são mais fortes mental e fisicamente. Assim, por anos tivemos a imortalidade em nosso sangue, mas nenhum de seus poderes associados. Ninguém nos ajudou, estávamos à mercê de Otaviano. Convertemo-nos em prêmios de guerra, Cleópatra devia saber disso. Otaviano retornou a Roma. - Sua voz ficou mais baixa. - Tinha-nos acorrentado com pesadas correntes de ouro, assim logo que conseguíamos caminhar, nos levava pelas ruas. Os cidadãos zombavam. Lançavam-nos lixo apodrecido e coisas piores.

- Marcus tem cicatrizes...

Selene puxou a manga de sua camisa e mostrou o seu pulso, revelando cicatrizes idênticas às de Marcus.

- Como insulto final, Otaviano nos obrigou a servir a sua irmã, a verdadeira esposa que nosso pai tinha abandonado para ficar com nossa mãe. Pode imaginar o que fez para uma educação satisfatória.

- Sinto muito. - Sussurrou Mina.

Uma sobrancelha escura se elevou.

- Não me tenha compaixão, pequena. E certamente não tenha compaixão por ele. A experiência só nos fez mais fortes. Mais

implacáveis. Mais determinados a abrir um atalho para nossa própria lenda, em vez de nos converter em uma nota de rodapé da história, no caso excessivamente covarde, em minha opinião, do falecimento de nossos pais. É por isso que ganhamos a atenção dos Primitivos, como candidatos apropriados para a ordem de elite dos Guardiões das Sombras. - Seus olhos se estreitaram.

- Olhando para trás, não mudaríamos nada.

- Por que me diz tudo isto?

- Me diga você a resposta.

- Para que o entenda melhor?

- Parem os violinos. - Selene levantou uma mão e começou a gargalhar. - Está equivocada.

Um ardor cobriu as bochechas de Mina. O Senhor teria que ajudá-la se passasse as festas familiares com esta mulher.

- Então por quê? -Inquiriu crispada.

- Para dizer, nos termos mais claros... Que o deixe. Não vale seu sofrimento ou seu legado. Fuja e fuja agora, tão rápido como suas pequenas e mortais pernas permitem. - Selena ficou de pé. - Necessita dinheiro para partir? Tenho muito.

- Não. - Respondeu Mina firmemente. - Não o deixarei. Estamos casados.

Casados. A intensidade de sua convicção a assustou. Estavam casados. Marcus era seu marido, e ela era sua esposa.

- Casados. - Selena zombou. - Muitas pessoas estão casadas. E isso não significa nada. - Selena se aproximou lentamente. - Somente é uma distração para ele agora, na véspera de sua maior batalha.

- Ele deterá a Noiva Escura.

Ela bufou.

- Não estou falando da Noiva Escura. Estou falando de mim. Quando você encontrá-lo novamente, se encontrá-lo, diga que os portais foram abertos o suficiente para que a sua ordem de execução chegasse até mim.

Sua imagem vacilou. Dissolveu-se. Pouco antes de desaparecer... Seu sorriso fraquejou. Então se foi.

Mina deu um grito de frustração. Vociferou ao redor do quarto. Que mulher horrível. Que historia horrível. Marcus. Foi para a janela e olhou para a noite.

Ele estava lá fora. Sozinho. Sim, ela tinha visto a aterradora criatura em que ele poderia se converter. Mas também viu a outra parte dele. Havia algo no meio do gramado, algo que se parecia suspeitosamente com uma cartola. Sua mente trabalhava, zumbindo e fazendo ruído com cada pensamento. Quando Marcus escutou a voz da Noiva Escura, tinha ido ali por uma razão, e certamente não apenas para deixá-la em sua casa inacabada com Leeson.

No momento em que a deixou, gritando que ficasse para trás, não retornou à carruagem. Foi em direção ao jardim. Mina saiu do quarto e desceu pelas escadas de serviço. Ela conseguiu evitar Leeson, e depois foi de aposento em aposento, finalmente encontrou a porta que dava ao jardim lateral da casa. Sim, era o seu chapéu. E pouco mais à frente, sua capa, que tinha descartado ao longo do caminho. Os dois objetos a conduziram a um pequeno nicho de árvores.

Um muro de pedra se levantava, por volta de meio metro ou algo assim, rodeava uma espécie de piscina. Não havia nada mais.

Nenhum atalho ou alguma torre mágica. Ela passou as pernas sobre as pedras e se sentou desiludida.

Uma suave brisa varreu a superfície da água, distorcendo o reflexo da lua cheia. As carpas ornamentais laranja e prata se retorceram sob a superfície, com suas escamas brilhantes à luz da lua.

Seu reflexo apareceu, como um simpático confidente.

- O que vou fazer? - Murmurou ela com o coração angustiado. - Amo-o. Oh, sim, é verdade. E me sinto miserável sem ele.

A imagem refletida lhe sorriu, aparentemente com os dentes expostos. Distraidamente, Mina tocou a parte traseira de sua cabeça e encontrou seu cabelo, embora despenteado do dia, continuava preso no lugar, nada parecido com o comprido e escuro cabelo que formava redemoinhos abaixo.

Uma mão surgiu da água e puxou-a pelo pulso, fazendo-a cair de frente contra a água.

O impacto da água fria forçou a respiração de seus pulmões.

Instintivamente ela inalou. Ar, não água, invadiu sua boca e seu nariz. As mãos em seus pulsos puxavam-na para baixo... Para abaixo... Para baixo. O luar começou a enfraquecer. Mina lutou. Contorceu-se. Chutou para liberar-se.

Um rosto pálido pairava sobre ela. Sentiu uma afiada, e dolorosa pressão de dentes em seu nariz, enquanto contemplava uma onda de cabelo escuro e um vislumbre de escamas prateadas. Duas mãos a seguraram e a empurraram através de um buraco, de um túnel. Seus pés toparam com pedra sólida. Escadas. Com os olhos abertos, percebeu um brilho ondulante de cor laranja.

Mina saiu de repente da água. Caiu ofegante, em uma extensão de chão de mosaico.

Olhou os ladrilhos azuis e brancos. Seu cabelo. Sua pele. Suas roupas. Ela estava completamente seca.

Marcus se agachou sobre ela, sem sorrir.

- O que está fazendo aqui?

Capítulo 17

- Essa coisa mordeu o meu nariz. - Exclamou Mina.

As sobrancelhas de Marcus se ergueram.

- Vejo as marcas dos dentes. - Ele tirou sua mão e passou a ponta acolchoada de seu dedo indicador sobre o doloroso ponto. - Não rompeu a pele, entretanto.

- O que é ela?

- É. . . Uma mulher. - Ele encolheu de ombros, indiferente. - Na água.

Mina procurou sentar-se.

- Espero uma explicação melhor que essa.

Ele ficou de pé.

- Ela é uma Nereida pária, aguardando seu tempo até que possa voltar para casa.

- Uma Nereida. - Repetiu ela com incredulidade.

Mas, é obvio, acreditava.

Ele estendeu a mão e a levantou pelos braços.

- No momento, ela é a encarregada dessa primavera. Supõe-se que não deveria decepcionar ninguém. Você mesma deveria ter gostado.

Uma caverna de blocos de pedra muito juntos se estendia por cima deles. Dois candelabros iluminavam a escuridão. Os ladrilhos sob seus pés formavam um grande polvo, estendendo seus tentáculos em espiral em todas as direções. Contra a parede havia uma plataforma

estreita, coberta de mantas. O aroma mineral de manancial encheu seu nariz.

- Que lugar é esse? - Sua voz ecoou débil.

- É um banho romano, encoberto pela cidade faz muito tempo.

- Pode ouvir a voz da Noiva Escura aqui embaixo?

Marcus sorriu forçadamente.

- Não muito.

Mina abriu a boca, com seu coração crescendo com esperança.

- Então você pode ficar aqui, protegido, até que a onda acabe?

- Algo assim.

Mina não queria falar mais nada de seu pai, do Olho ou da Noiva Escura. Não havia mais nada para discutir. Quando a onda terminasse, ele a caçaria. E como resultado, ele viveria ou morreria.

- Não está zangado comigo por ter vindo aqui? - Perguntou ela.

- Não tão zangado como deveria estar. - A luz das velas se refletia na mandíbula e nas suas bochechas.

Mina se aproximou mais dele e com sua mão tocou o centro de sua camisa.

- Não, Mina. - Ele retrocedeu um passo.

Ela deixou cair os braços de lado.

- Vim procurá-lo por uma razão.

Ele negou.

- Não deveria ter vindo.

- Queria estar com meu marido.

Ele abaixou a cabeça e fechou os olhos.

- Você estava certa quando disse que um dia. . . Que um dia eu teria que ir. - O músculo de seu pescoço se moveu ao engolir. - Não ficarei Mina. Não deveria ter envolvido você. Nunca poderia ser o marido que merece. Mesmo se eu conseguir sair disto, com o tempo teria que partir. Não é justo que a impeça de conseguir todas as coisas que lhe tragam felicidade.

- Felicidade. - Ela sorriu, e sua visão se voltou imprecisa pelas lágrimas. - Este momento. . . Estar com você me faz muito feliz. Isso é suficiente.

Mina retrocedeu um passo. Com dedos trêmulos desabotoou os botões da parte da frente de seu corpete.

- Alexander Marcus Hélio, filho de Cleópatra e Marco Antônio, seja meu marido. Seja meu lugar seguro agora, esta noite, e me deixe ser sua.

Seus lábios se separaram com um sopro.

- Você. . . Sabe.

Ela assentiu.

- Sua irmã perniciosa, a quem eu temo, mas que não tem nenhuma importância visitou-me essa noite e me contou tudo. - Mina desceu o corpete por seus ombros.

- Ela quer que saiba que saiu a ordem para matá-lo.

Marcus não fez mais que piscar. Continuou observando fixamente enquanto ela tirava a blusa e desabotoava a saia.

- Eu vou me preocupar com isso amanhã.

Fixando seu olhar quente, ela quase não sentiu o ar frio da câmara subterrânea.

Com uma suave maldição, ele diminuiu a distância entre eles e a agarrou pela cintura, puxando-a contra ele, levando-a para sua cama. Ela se ajoelhou perto dele, inalando seu aroma e enterrando as mãos em seu cabelo.

Brandamente, ele se ajoelhou e se apoiou no topo das mantas. Ele tirou a camisa pelos ombros.

- Minha esposa. Minha bela esposa. - Apoiando-se em seus braços, ele abaixou-se sobre ela.

- Você é a única. Em toda minha vida, é a única mulher a quem amei. A única mulher com a qual me casei.

*****

- Acorde querida. Já é de manhã. - Marcus estava apoiado no cotovelo, olhando o rubor de Mina, seu rosto de sono.

Nua, ela afundou o rosto em seu pescoço.

- Não podemos ficar aqui?

- Sabe que não podemos. - Ele se inclinou para lhe dar um beijo na têmpora.

Havia chegado o momento para que ele deixasse Mina e saísse da cidade. Vestiram-se em silêncio, cada um ajudando o outro a abotoar os botões. Um momento depois, estavam no topo das escadas. Azulada e escura, a água ondulava e golpeava as pedras.

O nervosismo de Mina era evidente.

- Aqui. - Marcus pôs uma moeda na palma de sua mão. - Ofereça algo brilhante para o caminho. Ela gosta de coisas bonitas.

Com um aperto de mão, levou-a para as escadas.

- Está preparada?

Mina assentiu.

- Um. Dois. Três.

Em conjunto, afundaram sob a superfície. Familiarizado com a estreita dimensão do túnel, ele guiou e puxou-a. Uma vez dentro da coluna do poço, subiram. Cedo pela manhã a luz revelou um esboço rápido da Nereida contra a pedra cinza.

Como uma princesa antiga, unida para sempre a uma torre aquosa, ela os rodeou, agitando a água com sua cauda prateada. No entanto, seus olhos estavam arregalados, e ela evitava olhar para Mina.

Agitada, apontou para cima.

Marcus olhou. As mãos de Mina se fecharam em seus ombros.

Na superfície acima, um rosto olhou para baixo, uma mancha negra claramente visível.

Com uma série de pontapés fortes, Marcus levou Mina para a superfície. Ela agarrou a borda, e ele a ergueu. Leeson estendeu a mão aberta. Marcus pegou a palma de sua mão, e com a pressão de suas botas contra a pedra, subiu. A água escorreu de sua roupa, de sua pele, deixando-o seco.

- Sua senhoria, tem visitas. - Anunciou Leeson.

- Visitas perigosas? - Perguntou Marcus sombriamente. - Ou visitas que eu gostaria que me. . . Visitassem?

- Ambos, eu diria.

A curiosidade despertou em Marcus, pegou a Mina pela mão. Pela primeira vez, levou sua esposa para a casa que ele esperava que pudessem compartilhar como marido e mulher. Uma casa em construção. Uma com muitas melhorias ainda por realizar.

- Onde? - Perguntou Marcus.

- Ele está na biblioteca.

Marcus puxou Mina para o lado. Leeson esperou perto da porta da biblioteca, com o olhar focado no hall de entrada da casa. Ainda era cedo, e os operários não tinham chegado. Os corredores e as salas estavam em silêncio.

Marcus passou a ponta dos dedos ao longo da mandíbula de Mina.

- Obrigado.

Era tudo o que conseguia dizer. Palavras mais ousadas deslizaram até pararem no fundo de sua garganta. Ela assentiu.

Ele se inclinou, beijando-a docemente no canto de sua boca, e depois completamente. Um possível adeus. Ela sentiu também, ele percebeu, porque ela piscou com repentina umidade em seus olhos.

Mina deixou Marcus com relutância. Temia que a qualquer momento se fosse, e ela ficaria apenas com lembranças. No andar superior, lavou-se. Seus baús chegaram do Savoy. Focada em suas tarefas normais, ficou de pé com sua roupa íntima no amplo quarto de vestir e guardou suas coisas. Quando foi pegar um de seus vestidos pretos de luto, parou. Não. Hoje colocaria o vestido azul que Marcus havia comprado para ela. O de cores fortes. Da cor de seus olhos. Uma vez vestida, voltou ao andar inferior.

Da biblioteca vinha uma saraivada de palavrões gritados. Tudo na casa balançava com a intensidade. Algo bateu contra a porta e caiu deixando-a em pedacinhos. Ela estremeceu. Ficaria de pé, simplesmente ali e escutaria? Deveria tentar interceder?

Uma jovem apareceu vinda da cozinha. Vestida com um elegante traje azul escuro de viagem, levava uma bandeja redonda de prata com um serviço de chá. Um sorriso fácil subiu em seus lábios.

- Você deve ser a senhora Alexander.

Um pouco mais baixa em estatura que Mina, a mulher era, simplesmente, formosa. Cabelo claro se retorcia em cachos complexos na base de seu pescoço. Seus cachos brilhavam perfeitamente enrolados, a ambos os lados de seu rosto.

Crash. Mais maldições vociferadas.

Ela nem sequer se alterou. Em lugar disso perguntou alegremente

– Gostaria de uma xícara de chá?

Mina a seguiu até a sala em frente ao hall de entrada da biblioteca de Marcus.

A mulher loira mais baixa colocou a bandeja em uma mesa. Com um toque em seus ombros, saudou Mina de novo.

- Estou muito emocionada de conhecê-la. Marcus, casado? Quem conquistou seu coração não pode ser qualquer mulher.

Mina sorriu. Ela conquistou o coração de Marcus. Depois de sua noite juntos, não tinha nenhuma dúvida disso. Dias depois da cerimônia de casamento, sem dúvida se converteram realmente em marido e mulher. Apesar do perigo iminente, o resplendor do amor surgiu com calor em suas bochechas.

Ela se aproximou da mulher.

- Está claro que sabe quem sou, mas estou um pouco receosa por estar no escuro quanto a sua identidade.

Ela começou a rir. - É claro. Muito descortês da minha parte. Sou Elena, Lady Black. Lorde Black é meu marido.

- Lorde Black. - Mina ficou tensa. Marcus mencionou o antigo Guarda em uma série de ocasiões, sempre com o entendimento de que quando retornasse do Reino Interior, seria para assassiná-lo. Selene já

havia recebido as ordens nesse sentido. Estariam todos ao seu redor agora, como abutres?

- Oh, meu Deus. Posso ver que a desgostei. - O sorriso de Elena se desfez. Ela se sentou no sofá e bateu na almofada ao seu lado. - Por favor, sente-se.

Mina se sentou, mas apenas porque a sala dava voltas freneticamente ao seu redor. Com o cenho franzido, ela olhou nos olhos da outra mulher.

- Por que Lorde Black e você estão aqui?

- Porque me ajudarão. - Disse Marcus da porta.

Outro homem apareceu atrás dele, tão alto como Marcus. Seu cabelo era mais escuro que a noite.

Intensos olhos cinza pousaram em Mina. Um calafrio a atravessou como se por esse simples olhar a avaliasse por completo, por dentro e por fora.

- Boa escolha, Alexander.

Marcus piscou para Mina.

Mina franziu o cenho, perplexa.

- O que quer dizer, com nos ajudarão? Sempre me disse que Archer era para ser temido.

Archer deu uma cotovelada em Marcus.

- Disse-lhe isso? Sinto-me lisonjeado.

Marcus revirou os olhos.

Elena lhe tocou a mão.

- Archer solicitou ao Conselho Primitivo atrasar as ordens de assassinar a Marcus. Eles se negaram e concederam o pedido de Selene.

- Certamente é terrível. - Disse Mina com o cenho franzido - A irmã se ofereceu voluntariamente para assassinar o seu próprio irmão. A seu gêmeo, não menos. Veio até aqui em casa ontem a noite só para me provocar anunciando suas ordens cruéis.

Marcus a interrompeu.

- Mas de nós, como Guarda das Sombras se espera que sejamos cruéis. Temíveis. Desumanos. Entendo o desafio e suporto sua determinação.

Archer assentiu, e levantou uma parte do pergaminho selado com um selo triangular, preto.

- Entretanto, devido a circunstâncias especiais, outorgou a Elena e a mim permissão para oferecer qualquer ajuda que possamos dar a Marcus. - Ele depositou o documento sobre uma mesinha, e se moveu para parar frente à janela.

O olhar de Mina se desviou de seu marido para o sombrio Guarda.

- Circunstâncias especiais?

- Porque seis meses atrás, Marcus se sacrificou transcendendo para salvar a Archer - Revelou Elena em voz baixa. - Não somente a Archer, mas também a sua irmã e a mim, e a toda a cidade de Londres. Ele se sacrificou pelo bem de muitos.

- Está exagerando muito. - Respondeu Marcus. Suas bochechas ruborizaram destacando seu cabelo loiro e masculino.

- Não estou exagerando. - Murmurou Elena. - Se não fosse por seu marido, Archer não estaria aqui hoje e tampouco eu. O Conselho,

apesar de sua cautela, está agradecido. Archer os persuadiu a premiar Marcus com esta última oportunidade.

Marcus se aproximou mais e tocou com sua mão a parte traseira do pescoço de Mina.

– Os períodos de tempo perdido, os feitiços. . . Foram causados pelo Conselho Primitivo. Eles utilizaram ondas centradas de poder Amaranthine para me debilitar durante os momentos em que me encontrava mais vulnerável para a Noiva Escura, impedindo-me de ser utilizado para seus propósitos cruéis. Isso atrasou os efeitos da minha deterioração.

Archer assentiu.

- Porque quero que sobreviva.

- Então por que a ordem para assassiná-lo? - Exclamou Mina zangada.

Ela se levantou e se aproximou da mesa, onde pegou o pergaminho que Archer havia deixado momentos antes. Ela o levantou para ler, mas os símbolos escritos ficaram borrados. . . E desapareceram. Ela piscou e uma fração de segundos depois abriu os olhos, e vislumbrou alguns símbolos pretos outra vez, mas como antes, desvaneceram muito rápido para que ela os examinasse. Fechando o pergaminho, passou os dedos sobre o selo de cera e profundamente pela imagem impressa de três flores de lótus. Voltou-se para os ocupantes da sala.

- Por favor, me digam por quê?

Archer explicou em um tom paciente.

- Porque além de tudo, devemos proteger a integridade do Reino Interior. Eles não podem se arriscar a falhar, neste esforço final para salvar a Marcus.

Selene é consciente de que estamos aqui em nome do Conselho. Ela estará vigiando e esperará até o último momento possível para executar suas ordens.

Mina apertou a mão na testa.

- Eu não gosto dessa mulher.

- É um gosto adquirido. - Assegurou-lhe Elena. - Acredito que em outras circunstâncias, chegará a amá-la como eu. - Seus lábios desenharam um sorriso. - Você chegou a conhecer algum de suas mascotes?

Mina assentiu.

- De fato conheci a senhora Hazelgreaves.

- Querida - Archer interveio. - Não temos tempo para conversar.

Elena apertou os lábios.

- Tem razão. Temos que encontrar seu pai. Todos nossos Amaranthine da inteligência indicam que ele está aqui em Londres, procurando o Olho.

Mina suspirou, aliviada.

- Então, sabem certamente que o Olho está aqui?

Marcus respondeu.

- Sim querida. - Com voz tranquila, adicionou. - Seu pai, infelizmente, foi utilizado.

Do rosto de Mina foi drenado o calor.

- O que quer dizer?

A expressão de Archer se tornou dura.

- Fizemos algumas observações no Reino Interior. Traçando o caminho dos indivíduos através da história, e encontrando padrões perturbadores.

Esse movimento Tantalyte esteve seguindo sigilosamente há bastante tempo.

- Mas meu pai. . . Disse que foi utilizado. Como?

- É como uma partida de xadrez, que se desenrola sobre a superfície da terra. - Respondeu ele. - Mas as peças são as pessoas e os artefatos poderosos.

Elena acrescentou em voz baixa.

- Isso se prolongou durante séculos, sob a observação do Conselho Primitivo.

- É ele. . . - Uma repentina opressão em seu peito a cortou.

- Mau? - Marcus completou.

- Não, absolutamente. Suas intenções são puras. Mas como uma longa linha de outros, foi alvo de ataques por causa de sua forte determinação e interesse, e traiçoeiramente presenteado com informações. Sem saber, agia em nome de Tântalos.

Archer assentiu.

- É um fantoche. Tântalos tem manipulado uma longa sucessão de eventos, colocando mais uma vez, ao longo dos séculos, os pergaminhos em seu caminho. Tântalos necessitava que um mortal os traduzisse e levasse até seus seguidores.

Mina olhou para Marcus. –

Em seu desejo de descobrir a verdade, esteve realmente ajudando a executar alguma estratégia de séculos de antiguidade?

- É isso mesmo. - Respondeu Marcus serenamente. - Neste mundo existem relíquias de extraordinário poder. Relíquias que, se reunidas de maneira exata, podem ser usadas para o bem ou para o mal.

- E o Olho é uma dessas relíquias. - Conjecturou.

- Exatamente. - Marcus confirmou. - Está claro que o espelho não foi feito em Londres, mas de algum jeito, através do tempo, abriu caminho até aqui. Archer disse que os Primitivos ainda estão tentando encontrar a forma como esse fato se deu. Em qualquer caso, não estamos seguros de qual é a intenção final de estar aqui, mas não pode ser boa. Temos que encontrar o seu pai antes deles.

- Então, o que está esperando? - Ela estimulou, movendo suas mãos sobre ele e apertando-o.

- Vá.

Archer sorriu.

- É hora de vasculhar a cidade. Dividiremos os distritos entre nós. Elena, embora não seja um Guarda das Sombras, pode ajudar na busca também.

- Elena não é um Guarda? - Perguntou Mina.

- Sou uma interventora - Elena sorriu - Sou especialista em saúde, e nesse caso, intervenho quando as vidas mortais são injustamente ameaçadas com uma morte prematura.

Archer continuou.

- Com nós três procurando, vamos encontrá-lo. Há menção no Times de Londres de hoje que alguns trabalhadores descobriram uma parte da muralha da cidade velha perto de Ludgate Hill, perto da ponte Little. De origem romana. Quero investigar a parede. Nunca se sabe, o Olho poderia ter sido escondido ali por séculos.

Leeson entrou, carregando duas grandes caixas pretas. Mina observou Marcus olhar para as caixas com um desejo feroz, intenso.

Archer olhou para Marcus.

- Só mais uma coisa. Estou autorizado a transmitir a concessão para as próximas vinte e quatro horas, que o Conselho Primitivo autoriza a posse e o uso da prata Amaranthine. - Sorriu, mas seus olhos e seus lábios eram duros. - Pode caçar completamente armado. Se encontrar a Noiva Escura antes que Selene, ou eu, Reclame-a. Ela fará qualquer coisa para preservar o avanço cada vez maior de Tântalos sobre esta cidade. Ele quer fazer de Londres o seu trono.

- Por que Londres? - Perguntou Mina. Doía-lhe a cabeça com a enormidade de tudo o que tinha ouvido.

Marcus explicou.

- Londres tem, de longe, a maior concentração de pobreza, mas também de excessos e vícios. Acreditamos que o volume da miséria, conjuntamente com a decadência da alma mortal, atraiu-o até aqui. Uma vez que chegue, teria acesso a milhares e milhares de recrutas para seu exército de aduladores.

A testa de Archer se levantou.

- Aduladores?

Marcus assentiu.

- Nunca vi nada igual antes. Eles servem à Noiva Escura. Eles não afloram seu sentido do mal. Não estão mais que vazios.

- Observamos a proliferação de tais servos - revelou Archer. - São humanos que tiveram suas almas subjugadas, enquanto suas defesas morais estavam em um estado débil. Durante um ataque de ira ou um ataque de ciúmes. São condenadamente difíceis de rastrear.

Os lábios de Marcus desceram.

- Mas o que acontece se minha deterioração avançar? Não importa o quanto eu deseje. . . Não devo ter o poder de Reclamar. Não, quando posso ser plenamente consumido, quando poderia voltar o meu poder contra você.

Archer foi até ele, e ficaram cara a cara. Um pequeno sorriso puxou seus lábios.

- Escuta sua voz agora?

- Não no momento.

- Não é porque ela não está falando, e tentando malditamente colocar você contra nós.

Marcus inclinou a cabeça.

- O que está dizendo?

- Esse mesmo poder os Primitivos empregam para debilitar aos que são perseguidos. - Agora está sendo ampliado por toda a cidade para silenciar suas ordens. Mas só têm poder suficiente armazenado, para utilizar nesse grau de intensidade, até manhã. Portanto, essas são as mencionadas vinte e quatro horas de limite.

Marcus sorriu.

- Então comecemos.

Mina pairava pelos cantos da sala pela próxima meia hora. Os três imortais propuseram estratégias, pegaram nas armas e se prepararam para partir. Certa excitação, inclusive otimismo, eletrizava o ambiente.

Finalmente Marcus se aproximou dela.

- Este não é um adeus.

- Sei que não é. - Ela sorriu para ele. - Eu gostaria de ir com você, mas sei que não é possível.

- Fique com Leeson. - Ele se inclinou para pôr um beijo em seus lábios.

Suas mãos deslizaram sobre seus ombros, e se enrolaram na linha do pescoço. Ela o aproximou para um segundo beijo, mais fervente. Nesse, sussurrou.

- Retorne para mim, marido. Estarei esperando você aqui.

Treze horas completas mais tarde, a noite escurecia a terra. Marcus continuava sua busca, examinando metodicamente os distritos ao longo do Tâmisa. A frustração diminuiu seu otimismo anterior. Não encontrou nada. A nenhum professor. A nenhum Olho. A nenhuma Noiva Escura. Nem sequer um adulador. As horas açoitavam passando com muita rapidez. Treze horas. Só onze horas restavam.

O Savoy se levantou diante ele, com sua beleza envolta em cortinas de lona e andaimes.

A Agulha de Cleópatra brilhava luminosa sob o céu nublado. Quatro esfinges de pedras colossais guardavam os cantos. O ar da noite ainda levava o som das rodas das carruagens rodando ruidosamente sobre o pavimento. Os sinos repicavam dos navios longínquos. Mas ali o terreno estava deserto. Seu olhar deslizou até o obelisco de granito. Pela primeira vez pensou no que sua mãe possivelmente sentiu quando os exércitos de Octaviano se aproximavam dela.

- Depressa. Depressa William. Antes que nos encontrem.

Marcus escutou os pensamentos mortais, tão claros como o dia.

Seu pulso acelerou. Com uma estocada, rodeou o monumento. Uma figura escura estava encurvada na sombra mais escura, em uma

das esfinges de pedra. Um alívio, maior de que já tinha conhecido, passou como o sol através de suas veias.

- Professor Limpett.

O homem saltou pra cima de sua posição agachada e se afastou aos tropeções. Tinha um martelo e um cinzel. Sua expressão se voltou intensa pela tensão do medo.

- *É um deles.*

- Não, eu não sou. - Marcus sustentou sua postura e negou.

- Eu me lembro de você. Seu rosto. Conhecemo-nos em. . . -

- *Faz trinta anos, ecoou se em seus pensamentos.*

- Em Petra, sim.

- Mas você é. . . É. . . -

- Sou a quem esteve procurando. - Sorriu Marcus. - E eu estive procurando por você.

A mandíbula do professor caiu.

- Sou um dos imortais que você tenta provar a existência. E os pergaminhos que possui o Olho que busca. . . É imperativo que o encontremos e rapidamente.

- Eles querem machucar as pessoas.

- Por isso os deteremos.

O professor o olhou com receio.

Um grunhido saiu da escuridão. Uma sombra saltou no ar, para o professor.

Com um toque de sua mão, Marcus empunhou sua espada. Sua pele, seus olhos, tinha mudado.

A prata Amaranthine brilhou.

Marcus mergulhou e cortou. O adulador desabou sem cabeça. O fedor de sua repentina deterioração nublou o ar. O professor se agachou sobre o pavimento, ofegando. Olhou para os restos.

- Tenho de convencê-lo de que lado estou?

- Oh, não. - Respondeu o professor. - Isso é mais que suficiente para mim. Tem alguma outra dessas espadas para mim?

- A prata queimaria as suas mãos. A folha é fornida de prata virgem, e de fogo.

- Maravilhoso. - Surpreendeu-se o homem idoso.

- Devo informar que eu me casei com sua filha.

- Você! Soube do casamento pelo anúncio no jornal, mas seu rosto estava desfocado.

- Irei levá-lo até ela mais tarde. - Marcus fez um gesto com a cabeça para as ferramentas que o professor ainda apertava nas mãos. - Por que está aqui? Tem os pergaminhos?

O professor assentiu.

- Entretanto, estão amaldiçoados no momento. Consigamos o Olho.

O Olho.

Marcus dobrou os punhos. Concentrando-se, transmitiu a notícia a Archer.

- Agulha de Cleópatra. Venha agora. O Olho.

Limpett assinalou o martelo.

- Temos que fazer tipo uma alavanca para extrair alguma coisa desses buracos perfurados em cada lado da agulha.

- Buracos perfurados?

Suas sobrancelhas grisalhas se elevaram.

- Verá quando olhar. Faça uma alavanca para extrair. - Ofereceu-lhe um cinzel.

Marcus levantou sua espada.

- Estou coberto.

- Vou para o outro lado.

Com uma pressão da ponta de seus dedos contra a superfície de granito, Marcus descobriu um buraco circular na base da Agulha. Colocou a ponta de sua espada nele. O buraco alargou. Do outro lado, Limpett lutava para avançar em sua obra.

- Retroceda. - Ordenou Marcus. Quando o professor se moveu, ele abriu o buraco com a mesma eficácia.

- E agora o que?

- Apenas olhe. - O professor abriu um lado de sua jaqueta. Ali, presos no bolso, estavam quatro rolos de marfim.

Outro rugido saiu da escuridão, e logo um assobio baixo. Dois aduladores avançaram para eles, enfrentando-os com olhares lascivos, com os braços estendidos. Marcus cobriu o professor e lançou fogo com a sua espada. As cabeças voaram e ricochetearam no concreto antes de rolar na grama.

- Maldição, William. Depressa.

Capítulo 18

Leeson saltou de seu assento.

- Alguém se aproxima da porta.

Mina pôs de lado o jornal que estava lendo.

- Sabe quem é?

Seus olhos se estreitaram.

- É seu tio, o senhor Trafford e suas filhas.

- Oh, meu Deus. - Ela pressionou as mãos nas bochechas. - Passaram dias desde que lhes chamei ou lhes enviei correspondência.

- Não os deixaremos entrar. - Disse ele com firmeza. Aproximou-se da porta da sala e olhou para o hall de entrada.

Bateram na porta.

Mina mordeu o lábio.

- Não podemos permitir que fiquem nas escadas.

- É claro que sim.

- Todas as luzes estão acesas. Sabem que há alguém em casa.

- Fecharei o gás agora mesmo.

- Senhor Leeson!

- Oh, está bem. - Ele estava visivelmente derrotado. - Simplesmente fale com eles através da porta.

- Qual de meus parentes é suspeito do que? - Apesar da tensão do dia, Mina riu entre dentes. - Trafford, ou uma das garotas?

- Na atualidade, todos em Londres são suspeitos. Especialmente com todas essas mutações de almas de novos aduladores à espreita. - Moveu seus ombros e fingiu um calafrio. Sorriu. - Apenas abra a porta. Diga-lhes que está doente. A febre tifóide sempre funciona bem para enviá-los correndo de volta a suas carruagens.

Como se ela fosse cumprir sua ordem, ele deslizou atrás da porta. Abriu com a chave e girou a maçaneta. Com um crack a porta ficou entreaberta.

- Boa noite. - Disse ela. Nunca foi boa para fingir uma enfermidade, tal como uma criança.

A porta se abriu amplamente.

- A casa é linda. - Disse efusivamente Astrid, passando a seu lado.

- Grandiosa. – Acrescentou Evangeline, entreabrindo os olhos para todos os cantos. Seguiu a sua irmã. - Deve nos mostrar tudo.

Por trás da porta aberta, Leeson deixou escapar um gemido de frustração. As garotas, as duas com chapéu preto, correram de aposento em aposento.

Trafford permaneceu timidamente na soleira, com um cartão de visita na mão.

- Sinto muito a intrusão. Iremos ao norte do estado pela manhã, e queríamos dizer adeus. O cavalheiro de Savoy nos deu esse endereço.

- Está tudo bem. - Respondeu Mina. - Mas me sinto um pouco doente com o clima e não queria passar nenhuma surpresa desagradável às garotas.

Ele assentiu.

- Deixe-me pegá-las. Sem Lucinda aqui, tornaram-se muito impulsivas. Oh.. - Ele levantou um dedo, como se recordasse algo.

- Sim?

- Havia outro senhor no hotel fazendo perguntas sobre você. - Ele se virou para olhar sobre o ombro. - Disse-lhe que era minha sobrinha. Espero que esteja tudo bem. Disse que foi amigo do seu pai. Acredito que nos seguiu.

O coração de Mina afundou. Claro como o fogo, o Sr. Matthews, levava um chapéu de feltro negro, e se aproximou caminhando.

Trafford entrou na casa.

- Srta. Limpett. - Um sorridente Sr. Matthews subiu as escadas.

- Senhor Matthews. - Ela forçou um sorriso.

Mais uma vez, de algum lugar atrás da porta, Leeson soltou um grasnido.

- Estou tão contente de finalmente encontrá-la em casa. Estive tentando desesperadamente oferecer meus respeitos. Estou envergonhado de haver perdido o serviço do funeral de seu pai, mas estava fora do país por assuntos do museu.

- Obrigada, senhor. Seus sentimentos são profundamente apreciados.

Recuou corajosamente. Ela olhou para Leeson. Suas bochechas estavam vermelhas, seus lábios planos com desgosto. Mina fechou a porta.

Um grito veio do andar superior, de uma das meninas. Mina mordeu o lábio inferior. Não conseguiu deixar de se lembrar da última vez que ouviu o grito das meninas.

- O que foi isso? - Perguntou o Sr. Matthews, girando sobre os calcanhares.

Trafford saiu correndo do gabinete.

- Acabo de escutar uma das meninas?

- Está tudo bem. - Mina levantou uma mão. - Talvez seja somente um rato ou uma cobra. A casa é velha, e a restauração tem desalojado alguns desses bichos. Vou trazer as meninas.

Com uma mão na saia, Mina subiu as escadas até o andar superior. Encontrou Astrid e Evangeline no primeiro quarto, agarradas uma à outra pelas mãos. O quarto não estava mobiliado ainda. Só havia um tapete, e uma porta aberta que conduzia a um armário escuro.

- Estão bem?

Evangeline soltou um risinho.

- Sinto muito, Willomina. Astrid me assustou, menina má. Disse que viu um rosto na janela e me agarrou, aí eu gritei.

Astrid ficou olhando para a noite escura através da janela.

- Vi um rosto. Um rosto branco. Um que parecia uma máscara.

Um calafrio percorreu as costas de Mina.

De repente, a luz a gás que iluminava a casa ficou mais forte e com um assobio repentino. . . Morreu.

Mina piscou na escuridão. A luz da lua se filtrava pelos cristais da janela, mas fracamente.

- Willomina? O que aconteceu com as luzes? - Perguntou Astrid.

- Por aqui. - Ela disse tão calmamente como seu coração palpitante permitia. - Venham comigo.

Uma figura escura se precipitou na escuridão, nada mais que uma sombra, exceto pela máscara branca que levava no rosto.

Muito tarde, ela viu o brilho de uma longa lâmina de prata.

****

Marcus escutou o grito de Mina em sua cabeça. O pânico rasgou através dele com tanta violência, que quase deixou cair sua espada.

O professor murmurou entre dentes.

- Esses dois não abriram, devem abrir de outro jeito. Você vê, há dois buracos, mas tenho quatro rolos. Tudo é uma questão de encontrar a combinação correta.

- *Archer. Depressa. A Agulha de Cleópatra*.

- *Só um minuto*. - Archer respondeu. - *Atrasado por aduladores*.

- Tenho que ir. - Disse Marcus.

- Ir? - Os olhos de William se abriram com alarme. - O que está acontecendo, há mais dessas coisas?

- É Mina.

Ele ficou pálido.

- Então, vá. Sim, pode ir. Eu terminarei aqui e nos encontraremos na sua casa. Sim, sim, conheço o endereço. Nem sempre fui o pai perfeito, mas amo a minha filha e me mantive informado de seu paradeiro e do seu bem-estar.

- Outro imortal chegará a qualquer momento. Seu nome é Archer.

Com o cenho franzido sombriamente, o professor assentiu encaixando uma barra redonda no estreito buraco.

- Dê-lhe um beijo de seu papai. Diga que explicarei tudo muito em breve.

Marcus se transformou em sombra. Uma luz brilhava intensamente enquanto ele se juntava, torcia e se elevava sobre paralelepípedos, casas e carros. Deteve-se, esticando seu poder mais à frente.

Em três minutos, chegou em casa. O medo apoderou-se dele no fundo do seu coração. As janelas estavam pretas e a porta estava aberta. Com um gemido de agonia, materializou-se e correu para dentro.

- Mina. - Gritou.

- A levaram. - Gritou a voz de Leeson do gabinete. - Malditos bastardos.

Marcus encontrou o corpo decapitado do imortal no centro de um tapete manchado de sangue.

- Aqui. Estou aqui.

Sua cabeça estava atrás do sofá. Marcus se inclinou sobre ele e virou seu queixo para olhar seus olhos.

- Quem a levou?

- Não tenho certeza. - Leeson moveu os lábios manchados de sangue. Um olho vacilou, procurando seu enfoque. O emplastro permaneceu no lugar.

- Ou foi Trafford ou esse tipo Matthews, do museu que me decapitou.

Marcus fervilhava. Suspeitava que o culto à imortalidade começava a tomar forma.

- Aonde? Aonde a levariam?

Uma voz respondeu.

- Há uma nota cravada em seu peito.

Marcus se voltou. Archer se inclinou sobre o corpo de Leeson.

- Oh, meu Deus. - Elena se apressou em pegar a cabeça de Leeson. - Uma decapitação. Uma lesão difícil, mas não se preocupe meu querido pequeno homem. Vamos resolver isso rapidinho.

- Eu disse que você fosse para a Agulha de Cleópatra. - Gritou Marcus para Archer.

- Fizemos isso. - Os olhos de Archer brilharam. - Não encontramos nada, exceto um enorme buraco na base.

- O que aconteceu com o professor?

Archer sacudiu a cabeça.

- Não estava lá.

- Maldito inferno. - Amaldiçoou Marcus. - O que diz a nota?

- É um convite. - Archer o olhou no mesmo nível. - É para você.

Marcus arrebatou o cartão quadrado da mão enluvada do outro imortal. Um aroma familiar ofendeu o seu nariz.

Frenético pelo desaparecimento de Mina, ele leu rapidamente as palavras, que eram do tipo preto brilhante.

“A Noiva Escura solicita sua presença em seu casamento. A Noiva Escura e Jack, o Estripador se casarão à meia-noite na Torre do Relógio de Westminster.” Perturbadoramente, um X grosso e preto riscava o nome, Jack o Estripador. Com letra redonda e infantil, o nome de Marcus havia sido substituído embaixo. No final, ela acrescentou “P S - Venha sozinho.”

- Fica a uma hora daqui.

- Então será melhor elaborarmos as estratégias no caminho.

Fizeram uma pausa apenas para ajudar Elena a acomodar o corpo de Leeson no sofá.

Deixaram-no ali, amaldiçoando e se queixando por ter sido deixado para trás, com o grosso pescoço enfaixado.

Mina despertou-se na escuridão e pelo grito de um homem. Às cegas, apertou as mãos.

Tinham-na trancado em uma espécie de armário, com apenas uma fresta de luz visível debaixo da porta.

Seus lábios estavam secos e ela provou e cheirou de produtos químicos. Alguém se aproximava dela.

- Ei, ei. Pode parar. - Ela se apoderou de uma bota e se preparou para lutar.

- Willomina?

Seu coração deu um salto pela voz familiar.

- Pai?

Ele desmaiou sobre ela, e depois de um momento, encontraram-se um nos braços do outro. Oh, Sim. Ela inalou. Tinta, papel e tabaco. Tocou-lhe o rosto. Bigodes. Seu nariz grande. Ele fez o mesmo com ela.

- Você está machucada? - Ele perguntou.

- Não.

- Sinto muito por afastá-la. Só estava tentando protegê-la.

- Agora eu sei pai.

- Pensei que era muito inteligente, ao evitar entrar em contato com você durante todo este tempo. Mas uma vez que descobri o Olho, eles vieram. São muitos. Tantos que não consegui escapar.

- Encontrou o Olho? - Ela apertou seu braço. - E agora eles o têm? Oh, não. Não, não, não.

- Querem-no para fazer o mal, Mina. Mas não se preocupe. Ele nos encontrará.

- Quem?

- Seu marido imortal.

Ela riu e chorou ao mesmo tempo.

– Conheceu Marcus?

- Sim, nos conhecemos novamente. Conheci-o faz muito tempo, na realidade. Não percebi quem era então, é claro. Não posso dizer que estou certo de que vocês farão que seu casamento funcione, mas não poderia esperar ter um genro mais interessante.

- Oh, pai. - Ela pôs a cabeça no seu peito. As lágrimas picaram seus olhos. - Senti saudades. Estava tão preocupada com o senhor, de que tivessem lhe capturado, e agora olhe para nos. Eles conseguiram os dois.

- Filha, quem a trouxe até aqui?

- Trafford e o Sr. Matthews.

- Seu tio? E Matthews? - Repetiu ele com incredulidade.

- Raptaram-me. Estou certa de que fazem parte do grupo que o esteve perseguindo.

Seu corpo ficou rígido apertando-a em seus braços.

- Deus me perdoe, eu a enviei diretamente ao perigo.

- Não é sua culpa. Como poderia saber? - Queixou-se ela em voz baixa. - O que acontecerá conosco?

E o que aconteceria com Marcus?

Da sombra da Câmara dos Comuns, Marcus olhou para cima à face iluminada do Big Ben.

Sussurrou.

- O que quer dizer com não pode escalar paredes?

Elena interrompeu.

- Deixem de brigar, senhores. Todos estão aqui com o mesmo propósito.

Archer franziu o cenho e logo exalou bruscamente.

- A torre emite algum tipo de energia repelente. Sabe tão bem como eu que, inclusive como sombras não temos a capacidade de simplesmente nos elevar para o céu e entrar pelas janelas. Temos que ter algum tipo de tração ou de agarre. Inclusive a porta está entrincheirada com o mesmo material, não posso nem sequer atravessá-la como sombra. Provavelmente só permitem que você entre.

- Maldição. - Marcus praguejou.

- Suspeito que, assim como os Primitivos estão exercendo seu poder esta noite, em apoio a esta batalha, também Tântalos está fazendo.

- Faltam cinco minutos para a meia-noite. Terei que ir sozinho.

Archer ficou na escuridão.

- Sabe se Leeson ainda tem aquele balão?

- Essa é uma ideia estúpida.

A testa de Archer subiu, como única indicação da ebulição de seu temperamento.

Marcus rapidamente acrescentou.

- Mas é melhor que nenhuma ideia, e não temos tempo para mais estratégias.

- O depósito não está longe.

- Tudo bem. - Assentiu Marcus com a cabeça. - Mas eu vou subir. Tentarei atrasar as coisas tanto como for possível, meia hora na melhor das hipóteses.

- O que acontecerá uma vez que estiver ali em cima? O que é que diz o terceiro rolo?

Marcus massageou o pescoço tentando aliviar a tensão em seus músculos.

- Que qualquer uso do Olho tem que ser um maldito bom disparo. Ou seja, o Olho não pode ser usado em várias ocasiões para que uma pessoa possa transitar entre o estado mortal e imortal.

- Então, qual é seu plano?

Marcus riu sombriamente.

- Não tenho nenhum. Mas tenho que pôr minhas mãos no Olho para reverter minha Transição. Uma vez que consiga, Reclamarei a Noiva Escura antes que tenha alguma oportunidade de transformar-se em um ser imortal. Estou certo de que a cadela está esperando fazê-lo durante a cerimônia.

- Marcus deu alguns passos. Não mencionou o pior cenário, porque não queria admitir essa possibilidade. - Eu preciso de você lá em cima, Archer. Faça o que for preciso para salvar Mina.

- Confie em mim, Marcus. Estarei lá. Há alguma outra coisa que eu precise saber?

- Conhece a ordem das coisas. Se as coisas derem errado. . . Se forem mal, faça o que tem que fazer. Me mate.

Marcus fechou os olhos e pensou em Mina. Por favor, Deus. Permita que esteja viva ainda. Faria qualquer coisa para salvá-la. Daria qualquer coisa.

Archer estendeu sua mão.

- Pois bem, parece como se de fato, tivéssemos um plano.

Marcus concordou, e apertaram as mãos.

- Aconteça o que acontecer comigo nessa noite, tome conta dela.

- Faremos isso. - Respondeu Elena.

Ele os deixou, como duas sombras na escuridão, e correu para a torre. Não havia sentinelas vigiando. Embora ouvisse o ruído das carruagens nas ruas próximas, a torre e os edifícios do Parlamento adjacentes pareciam desertos. Abandonados. Mortos. Ver isso o encheu de maus pressentimentos.

Ele abriu a porta. O calor, o calor sufocante do porão, tocou-lhe a pele. Passou por várias salas, e chegou como uma sombra à porta de entrada para as escadas, e parou para ouvir. Não ouviu nenhum som.

Seria tudo isto uma armadilha? Sem dúvida alguma.

Ele entrou no poço retangular. Na parte superior do primeiro lance de escadas, dobrou no canto para subir ao lance seguinte.

Ficou paralisado. Rostos o encontraram, cinzas e lascivos, com os olhos dando voltas. Havia vendedores, ambulantes, prostitutas, cavalheiros e damas. Saíram às escadas de ambos os lados, os

aduladores da Noiva Escura. Seu coração acelerou. Havia mais do que jamais imaginou.

- Renuncie à espada. - Ordenou o mais próximo.

- Nos dê a espada. - Disse outro.

Deus, seus sussurros. . . O hálito fétido encheu a escadaria. Ele poderia matar a todos, mas a Noiva Escura sem dúvida lançaria a Mina de cima da torre. Não colocaria em perigo sua vida com tão imprudente reação. Sem alternativa, abriu a palma de sua mão. Sua espada lançou um brilho ardente do metal branco. Gritos de admiração ecoaram nas paredes, quase com ardor sensual. Com reverência, ele deixou a arma nas escadas. Um sorriso curvou seus lábios enquanto se afastava no estreito espaço entre a multidão de aduladores.

A horda acenou com a cabeça, sorrindo, aguilhoados e amaldiçoados. Varias mãos se aproximaram para pegar a espada. Enquanto subia, escutava assobios e gritos de dor dos que ousavam tocar a prata Amaranthine. Ele continuou subindo.

Duzentos e noventa e dois malditos degraus no total. Por fim, chegou ao final da escadaria e saiu no campanário. As quatro faces grandes do relógio estavam penduradas como opalas enormes, iluminadas por queimadores de gás, emolduradas e segmentadas com ferro fundido. Um piano foi colocado na base da linha norte. Ali o ar parecia mais pesado. Um aroma fétido nublou seu nariz com enxofre e decomposição, o aroma característico de um brotói.

Um tranquilo tick tack rompeu o silêncio, e se repetia a cada dois segundos. Tick, tack.

- Estou aqui. - Ele gritou. - Vamos começar logo com esse casamento.

Tick, tack.

Dos cantos escuros, cinco homens cobertos dos pés a cabeça apareceram. Ele olhou seus rostos. Matthews. Trafford. E outros que não reconheceu.

E então a viu. . . A Noiva Escura.

Não uma só mulher, mas duas.

Evangeline. Astrid. Sorriam com malícia, com maldade, e tinham impenetráveis véus negros abaixados para cobrir seus rostos. A inquietação arranhou suas costas. Mas havia apenas uma Noiva Escura. Seus passos ecoaram contra o piso de madeira.

- Amado. Marido. Veio, como sabia que o faria. - As duas meninas falavam em uníssono, com suas vozes entrelaçadas em um misterioso tom de dupla harmonia. Uniram suas mãos com luvas pretas e voaram em círculos entre si. O assobio de suas saias escuras encheu a câmara sombreada. Antes que os olhos das duas se combinassem e se mesclassem em uma só.

Marcus viu muitas coisas estranhas. . . Mas isto, seus olhos se abriram com assombro.

É claro. Era por isso que não percebeu sua deterioração em Hurlingham ou na casa do Trafford. Eram brotói apenas quando se uniam.

A Noiva Escura deslizou no banco do piano e passou os dedos sobre as teclas. As notas discordantes ecoaram através do espaço cavernoso.

- Sempre gosta de um pouco de música para definir o tom da noite, certo? - Perguntou.

Mas depois de apenas algumas notas, ela saltou do banquinho e caminhou entre ele e os homens nas mortalhas.

Com uma inclinação de cabeça, ela levantou o véu para trás. Usava a mesma máscara branca de antes, mas havia pintado a máscara, um traço grosso vertical da cor vermelha através da boca, e riscos escuros de Kohl, ao redor dos olhos.

- Vamos para a torre. - Ela apontou para alguns degraus. - A iluminação é melhor lá em cima. Perfeita para um casamento.

Disparou para cima. Seus sapatos ecoavam contra o metal.

- Depressa. - Chamava com uma voz baixa e sedutora. - Não fique muito para trás.

Marcus a seguiu, ansioso para ver Mina, para confirmar que estava viva. Os cinco homens se aproximaram por trás. A escuridão reinava na torre. Se não fosse por sua vista Amaranthine, ele não conseguiria ver sequer o sino colossal no centro. Um dos lados da janela gradeada estava ajustado para proporcionar uma visão clara do Tâmisa. Ali, em um suporte de madeira, estava o Olho como um espelho plano, circular do tamanho de uma tampa de barril. A luz da lua iluminava sua superfície. Marcus viu algo mais. Através da janela, a certa distância, viu a ponta da Agulha de Cleópatra em perfeito alinhamento com o Olho.

Um movimento desfocado chamou sua atenção. No canto oposto, um grupo de aduladores apareceu, arrastando a Mina e empurrando o seu pai.

- Marcus! - Exclamou Mina.

A Noiva Escura sussurrou.

- O sacrifício dela será seu presente de casamento para mim.

Marcus apertou os dentes para evitar dar um grito. Não podia estragar sua oportunidade com o brotói.

Não até que Mina estivesse a salvo.

- Vamos querido. - A máscara pintada, sem expressão se inclinou e considerou. - Não é realmente um sacrifício, a menos que lhe doa agora, não é? Como símbolo do meu compromisso com você, eu sacrificarei a alguém também.

Ela lançou um braço para a fila de homens. Trafford tossiu e emitiu uma série de estrangulados ruídos. Mais aduladores apareceram das sombras para capturá-lo. Ele lutou.

A coberta deslizou de sua cabeça.

- Prometeu-me a imortalidade. - Gritou, enquanto o arrastavam. - Matthews exigiu que eu renunciasse às meninas por sua causa. Tudo isto está fora de controle.

Alguém riu. Matthews. Os aduladores abandonaram a Trafford e partiram.

A Noiva Escura girou ao redor do conde em um círculo. Ele ficou gelado, como paralisado pelo medo. Ela riu, com um som tenebroso, maldoso.

- Eu sou seu pai. - Sussurrou ele.

- Mas, papai! – arrulhou. - Você nos deu a Tântalos para a criação de uma noiva para o seu Mensageiro.

Ele tremeu e envolveu os braços ao redor da cintura.

- Surpresa! - Ela grunhiu. - As meninas não vivem mais aqui.

Ela jogou os braços sobre a cabeça e uma rajada de vento atravessou a torre. Trafford gemeu e se dobrou. Desabou no chão. Um ruído surdo. Mina gritou.

Marcus deu um passo à frente e se inclinou sobre o conde, colocando uma mão em seu pescoço. Sua senhoria estava morto. Percebeu que o ato brutal realizado pela Noiva Escura, que podia matar

com tanta facilidade, o desagradou, pois poderia matar a Mina com a mesma rapidez também.

Um sino soou alto, e depois outro. As badaladas do quarto de hora em cada canto da torre. A familiar canção subiu e os pássaros revoaram na escuridão em cima das vigas do teto. Um minuto de silêncio passou, e logo o martelo enorme do Big Ben se levantou e caiu duro contra o sino, à meia-noite chegou. O vento e o som bateram contra a torre.

- Sigamos adiante, meu amor. É a hora da nossa união. É a hora do nosso casamento. Continuaremos com os sacrifícios depois. - A noiva se aproximou do Olho. - Dê-me sua mão.

Sua intenção de levar a cabo o pior dos cenários se fez evidente. Ela queria uma união, uma verdadeira união, para que sua alma de Brotói e a alma dele em Transição amalgamassem. Tornar-se-iam mais poderosamente perversos compartilhando-se.

De um puxão, ela tirou a luva da mão, expondo os dedos retorcidos e os nódulos de suas articulações. Ela estendeu a mão sobre a superfície do Olho, ainda sem tocar o cristal. Uma vez que tocou o espelho, o condutor se encheu de seu mal, e enquanto ela desfrutava, ele não poderia reverter sua Transição, só conseguiria participar do mesmo mal da noiva e compartilhar sua própria deterioração. Seu coração se partiu ao meio.

Ou ele poderia retroceder e negar-se a tocar o Olho, com o risco da morte instantânea de Mina, e provavelmente a morte de milhares, se o artefato fosse uma espécie de arma de destruição em massa quando estivesse alinhado com a agulha. Ou poderia utilizar sua energia, sua mais forte energia, para tomar todo o mal da Noiva Escura dentro dele, efetivamente sangrar sua energia. Ele ficaria no controle de si mesmo o suficiente para morrer pela espada Amaranthine de Archer.

Ele olhou para sua formosa Mina. Mina, sua esposa e percebeu que realmente não havia escolha. Faria tudo para salvá-la. Amava-a, muito mais do que sua maldita e arrogante pessoa jamais havia amado.

Caminhando para o espelho, Marcus olhou para Mina.

- *Eu te amo, meu amor*. -falou em silêncio, desejando poder gritar as palavras, desejando poder dizer-lhe apenas uma vez, com os lábios apertados nos seus.

- Não, Marcus. Não. - Ela soluçou em suas mãos.

A Noiva Escura agarrou seu pulso.

- Não pode voltar atrás.

Ela era mais forte do que esperava. Puxou sua mão para mais perto. . . Mais perto. . . .

Com a proximidade de Marcus, o espelho emitiu uma brilhante luz verde, hipnótica. Ele já não tentou se libertar.

Um ruído diferente encheu o ar, um zumbido repetitivo, no fundo. . . Whoosh. . . Whoosh.

Mais perto. . . E mais forte. Sombras ondularam sobre ambos, e em toda a superfície do espelho. Enquanto as sombras passavam, os aduladores gritavam e gritavam. Passos soou na torre. Matthews gritou em evidente agonia. Entretanto, Marcus não conseguia desviar o olhar do espelho. A luz o hipnotizava.

- Estou aqui, irmão. - Uma voz de mulher.

A Noiva Escura empurrou seu pulso. Pondo a mão dele em contato com o espelho. Ao mesmo tempo, uma mão empurrou os dois para pressionar-se contra o espelho. Com um grito, a Noiva Escura voou para trás, desaparecendo de vista.

Selene, sua irmã gêmea, tomou seu lugar. Marcus a olhou nos olhos, e por um momento retornou a uma época em que tinham dez anos de novo, sem ninguém exceto um ao outro.

Suas pestanas revoaram e revirou os olhos. . . Novamente se concentrou nele.

- Vá agora. Salve a sua mulher.

Antes que ele pudesse reagir, ela o empurrou liberando-o. Ele cambaleou para trás, enquanto se deixava cair no chão. O que ela tinha feito? Luz. Uma luz se moveu sob sua pele. Calor. Despertar.

Ele olhou para as próprias mãos, sabendo. . . Com a sensação de que algo mudou, de que a deterioração de sua mente e alma foi interrompida ou revertida. Mas havia algo mais.

A Noiva Escura se virou, equilibrando-se sobre ele, segurando-o. Furioso porque sua irmã sacrificou a si mesma, Marcus plantou sua bota contra o centro do peito da brotói. Ela voou para trás e se estatelou contra a parede. A máscara caiu. Ele estremeceu ao ver a cabeça disforme, a pele manchada e seus olhos cegos, com buracos negros como olhos. Ela gritou, mostrando filas e filas de irregulares dentes amarelos. Levantou-se de um salto, e foi até Selene, e arrancou o espelho de sua base.

- Pare! - Marcus se lançou sobre ela, mas era tarde demais. Ela lançou o Olho na noite. O disco brilhando intensamente voou. . . Voou. . . E desceu sobre o rio. A superfície do Tâmisa brilhou tanto como um raio, antes do Olho desaparecer.

- Marcus! - A voz de Archer soou.

Ele se virou. Através da estreita janela da torre, Marcus vislumbrou o balão, tripulado por Leeson e Elena. Archer saltou na torre.

- Reclame-a. O Guarda lhe lançou uma adaga larga, brilhante, e ele se virou nos calcanhares em um segundo.

Marcus a pegou pelo cabo. O calor queimou sua palma da mão. Um sentimento de perplexidade o encheu. Sibilou e apertou forte.

A Noiva Escura se lançou sobre ele, como uma nuvem negra mortal. Ele mergulhou profundamente a lâmina em seu peito. Ela gritou, com um som lamentável. Archer se lançou para frente, com a espada nivelada. Marcus se agachou. A cabeça da Noiva Escura rolou pela torre, até um alto, moreno, guerreiro vestido de couro preto com asas, que tirou uma espada do peito de Matthews e saiu de um círculo de aduladores mortos. Um mestre Raven. Marcus agora entendia como Selene havia chegado à torre.

A Noiva Escura cambaleou alguns passos, caminhando, com seu corpo sem cabeça, e se desintegrou em uma pilha de areia vulcânica preta, sinal do desaparecimento final de um brotói.

Marcus soltou a adaga e olhou as palmas das mãos. Bolhas surgiram em sua pele, em sua pele mortal. Sua irmã tomou a sua Transição sobre si mesma, deixando-o mortal.

O condutor percebeu imediatamente a imortalidade como o estado existente e o converteu em mortal.

- Marcus! - Mina se jogou em seus braços. Ele a envolveu em seus braços, dividido entre a euforia e a dor. Estava preparado para qualquer decisão dela.

O Raven estava agachado no chão, com suas asas escuras abertas. Sustentou a Selene em seus braços. Lançou um olhar frio com seus olhos verdes a Marcus.

Marcus puxou Mina mais para perto, e se ajoelhou ao seu lado.

- Reclama-me. - Sussurrou ela. - Você pode me Reclamar.

- Por que fez isto, Selene? - Exigiu Marcus rouco pela dor.

- Solte-me. - Ela empurrou os braços de Raven com suavidade até que finalmente a deixou em liberdade no chão e se afastou.

Ela levantou a cabeça e a apertou.

- Porque a Noiva Escura era meu objetivo. Minha tarefa. Eu devo ser a única a fazer sacrifícios. - Suas narinas se dilataram. - E Marcus. . . Oh, Marcus, tem alguém por quem viver. Você e sua mulher. - Seu olhar deslizou para Mina. -Toda uma vida mortal de amor é melhor que nada de amor. Nossa mãe sabia. Você também sabe.

Ele sentiu o toque de uma mão no seu ombro. O rosto de Elena, sereno e luminoso, sorriu para ele. Também ela se ajoelhou junto a Selene, com suas saias escuras no chão ao seu redor.

- Pode salvá-la? - Perguntou ele.

- Não. Mas posso protegê-la até que aprendamos como.

Esperança. Era tudo o que ele podia desejar.

- Elena. - Sussurrou Selene, agarrando a mão da Interventora. - Amiga.

A palma da mão de Elena se moveu sobre a de sua amiga, com seus olhos escuros, e prontamente a tensão nos membros da Selene se acalmou. Sua cabeça virou para um lado.

Marcus se uniu a Archer na janela com vista ao Tâmisa.

Um círculo de água brilhou. . . E desvaneceu.

Três dias mais tarde, Marcus e Archer estavam sentados na sala da casa Alexander. Leeson entrou com uma grande bandeja de prata com serviço de chá em seus braços.

Marcus segurava um jornal. Leu o título da capa em voz alta.

- O senhor Trafford e suas duas filhas estão desaparecidos.

- E continuarão desaparecidos. Para sempre. - Archer se levantou e foi até a janela da frente.

- O que as damas estão tramando? Há uma carruagem lá fora. E o senhor D'Oyly Carte está aqui.

Marcus se uniu a ele.

- É uma entrega do Savoy.

- O que é? - Archer entreabriu os olhos.

- Ah. . . Bem, é uma peça de mobiliário do nosso quarto no Savoy. - Marcus encolheu os ombros. - Mina gostou da peça. Portanto. . . Mandei buscá-la.

- Parece muito feliz, Marcus. - Archer pegou em seu ombro. - Muito contente com a perspectiva de viver como um mortal.

Marcus sorriu. Verdade seja dita, estava mais feliz do que jamais foi. Sempre pensou em si mesmo como em um quebra-cabeça sem esperança, com apenas a glória e a fama para conquistar. Mas Mina era a peça que faltava em sua vida. Sua esposa. Sua mulher.

A vida seria perfeita se recuperassem o Olho no Tâmisa, e descobrissem como salvar a Selene. Ele insistiu em cuidar dela, mas os desejos de uma rainha prevaleceram aos do irmão. Depois de ouvir falar sobre o sacrifício de Selene, e do papel fundamental que ela desempenhou no amparo dos cidadãos de Londres, Vitória insistiu em que sua gêmea permanecesse sob o amparo constante na Torre de Londres. Na atualidade, sua irmã estava sendo vigiada a todo o momento não só pelo próprio Raven que estava na torre, mas também pelos oito guerreiros Raven.

Archer se inclinou.

- O que aconteceu, Marcus? O que aconteceu com toda sua arrogância ostensiva? Com sua determinação de ser a maior lenda imortal na história Amaranthine?

- Sou imortal. - Sorriu Marcus. - Imortal da única maneira que me interessa. Viverei nos corações e nas mentes da minha esposa, dos meus filhos e dos meus netos. É suficiente, Archer. É mais que suficiente.

- Então você obteve sucesso nessa vida. - Archer apertou sua mão, agarrando-lhe com força. Suas sobrancelhas se elevaram. - Mas não creio que uma pequena coisa como a mortalidade o impedirá de fazer sua parte. . . Não é?

Mina passou em frente da porta da biblioteca e foi para as escadas. Sorriu, quando ouviu que botas nas escadas atapetadas estavam atrás dela. Lançando um olhar por cima do ombro, virou-se com um sorriso. Em seu quarto, encontrou a entrega do Savoy.

- Um presente? Para mim?

- Para nós. - Sorriu ele.

- O que poderia ser? - Ela rasgou o papel marrom, revelando o divã em que fizeram amor pela primeira vez.

- Que presente mais interessante!

Marcus se inclinou para pressionar um beijo em seus lábios.

- Pensei que iria gostar.

- Acho que devemos utilizá-lo imediatamente.

- Estou de acordo, querida. - Com outro beijo, ele a abaixou sobre o brocado listrado.

- Estou totalmente de acordo.

Fim.

